
«Tudo o que Sarah MacLean escreve é perfeito.» *Booklist*
SÉRIE
HELL'S BELLES
VOLUME 2
SARAH MACLEAN
QUEBRA-CORAÇÕES
TOP SELLER

Table of Contents

Ficha Técnica

Dedicatória

Adelaide

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Epílogo

Agradecimentos

Penguin Random House Grupo Editorial

QUEBRA-CORAÇÕES
Título original: *Heartbreaker*
Texto © 2022, Sarah Trabucchi
Publicado por Avon Books,
uma chancela de HarperCollins Publishers, Nova Iorque.
Todos os direitos reservados.

© desta edição:
2023, PRH Grupo Editorial Portugal, Lda.
Por acordo com Avon Books, uma chancela de HarperCollins Publishers.

Topseller é uma chancela de
Penguin Random House Grupo Editorial Portugal.
Rua Alexandre Herculano, 50, 3.º, 1250-011 Lisboa
correio@penguinrandomhouse.com

Penguin Random House Grupo Editorial Portugal apoia a proteção do *copyright*.
Sem a prévia autorização por escrito do editor, esta obra não pode ser reproduzida,
no todo ou em parte, por meio de gravação ou por qualquer processo mecânico, fotográfico ou
eletrónico, nem ser introduzida numa base de dados, difundida ou de qualquer forma copiada
para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas.

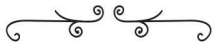
Tradução: Fernanda Semedo
Revisão: Manuela Duarte
Paginação: Aresta Criativa — Artes Gráficas
Capa: Amy Halperin
Ilustração da capa: Alan Ayers
Imagens da capa © Depositphotos Inc.; azzardo © 123RF.COM

1.ª edição: fevereiro de 2023
Depósito legal: 509701/22
ISBN: 978-989-623-872-8

Impressão e acabamento: Printer Portuguesa

Para Louisa, a melhor de todas

Adelaide



Capela de St. Stephen
South Lambeth
Outubro de 1834

Nuvens de tempestade, dizia-se, abençoavam o dia do casamento.

O negrume do céu por cima dos votos de casamento, dizia-se, seria o ponto mais negro de toda a união. Os aguaceiros, dizia-se, levariam de enxurrada a má fortuna no caminho do casal, deixando diante dele unicamente o futuro, pleno de felicidade.

Bem vistas as coisas, dizia-se, o casamento era o mais feliz dos dias — o momento para noivas castas e noivos inexperientes e vestidos novos e famílias a transbordarem de alegria com a perspetiva de duplicarem de tamanho. Qual o problema de haver um pouco de chuva, perante a promessa de tal felicidade?

O mau tempo, dizia-se, seria o pior do dia e da união.

Porém, e se o tempo não fosse o pior do dia? Que seria da união, nesse caso?

Nessa manhã de finais de outubro, enquanto escutava a chuva, que caía a cântaros, e os trovões, que faziam estremecer as traves do telhado, Adelaide Trumbull, diante do altar da capela de St. Stephen, em South Lambeth, envolvida pelo cheiro a incenso e a velas derretidas, no seu vestido roubado durante a noite à melhor modista de Mayfair, considerava a possibilidade de tudo isso que se dizia estar *errado.*

Não havia ponta de vergonha em Adelaide, 21 anos, filha de Alfie Trumbull, um brutamontes com um punho do tamanho da cabeça de um homem. Alfie aplicara afincadamente essa arma de peso assim que crescera o bastante para conseguir desferir um soco, e construíra um pequeno império, por assim dizer, em South Bank, o quartel-general dos Bulls, um bando de ladrões e malfeitores batizado com o nome do homem que os juntara. Adelaide rapidamente aprendera que, se queria sobreviver ao domínio violento do pai,

tinha de ganhar o seu sustento e, aos 6 anos, era uma das melhores carteiristas de South Bank — dona de dedos longos, finos e rápidos que sacavam um relógio de bolso e cortavam uma bolsa sem que o seu alvo desse conta.

Uma princesa dos gatunos.

E quando chegou o momento de casar, não havia qualquer dúvida de que o pai escolheria o noivo — afinal, era esse o papel dos reis. Casar as filhas em troca de território, poder ou um incremento exponencial do seu exército.

Não importava que Adelaide fosse demasiado alta e sem graça, ou que John Scully não tivesse absolutamente nenhum interesse nela. Oh, ele sorria quando ela entrava numa sala, e estivera muito disponível para experimentar o produto, o que o pai, praticamente, insistira em que ela permitisse, e quando falava, fazia-o com a conversa fiada de um homem que sabia que as moscas se apanham com mel. Mas não tinha qualquer interesse em apanhar Adelaide, por isso ela supunha que, assim que fosse apanhada, houvesse muito mais vinagre do que mel.

O que importava era o facto de Scully ser o líder dos Boys, um gangue mais pequeno e mais recente, que começava a ganhar influência em South Bank. Mais anarquia do que organização, os Boys constituíam perigo para os residentes, para os negócios e para o reino que pertencia a Alfie Trumbull — um homem fortemente crente no adágio que diz que devemos manter os amigos perto, e os inimigos ainda mais perto.

Se isso significasse sacrificar-lhes a filha, que assim fosse.

Adelaide não gostava do pai. E duvidava muito que fosse gostar do novo marido. Mas esta era a vida em que tinha nascido e, se tivesse sorte, talvez sobrevivesse melhor ao casamento com um monstro do que a sua própria mãe. Talvez John Scully morresse jovem.

O troar medonho de um trovão levou Adelaide a ponderar que desejar a morte de um noivo na presença do vigário, contrariaria provavelmente a boa sorte concedida pela chuva torrencial que caía lá fora.

Uma gargalhada louca borbulhou de dentro dela. Ninguém reparou.

Ajustou os óculos e levou os dedos ao pescoço, que a gola de renda do vestido que fora feito para outra apertava demasiado.

O padre não parava de falar, as suas palavras uma torrente gaguejada de disparates, nascida, decerto, do medo do que podia acontecer se falhasse em

seguir as instruções.

Adelaide distinguiu qualquer coisa acerca de Canaã da Galileia, enquanto lançava um olhar ao homem que ia desposar — baloiçando para trás e para diante em cima dos calcanhares, como se tivesse outro sítio onde estar. O olhar dela deslizou depois para a mãe dele, sentada no primeiro banco — o que escondia a entrada para a cave onde estavam armazenadas meia dúzia de caixas de armas, aguardando qualquer guerra que Alfie havia de travar a seguir. O olhar da mulher mais velha era severo, como se estivessem diante de um magistrado e não de um pastor.

A atenção de Adelaide passou para os outros da fila. Duas jovens, irmãs de Scully, que pareciam prestes a cair na inconsciência, de tão entediadas. Atrás delas, uma fila de homens. Irmãos de Scully, um de sangue e os restantes de armas. Ao que parecia, seriam, em breve, também seus irmãos. Hediondamente abrutalhados, sobrancelhas que lhes desciam sobre os olhos, bastante pesadas para fazer sombra aos narizes, tantas vezes partidos que *esmagados* descrevia melhor o seu estado. Também estavam inquietos.

Um observador externo poderia pensar que os movimentos eram o resultado do temor coletivo das almas. Que a casa de Deus não era a sua localização favorita num sábado de manhã.

Mas esta não era uma casa de Deus normal, e Adelaide não era uma observadora externa.

O padre continuou, encontrando clareza suficiente para dizer algo acerca do fogo do inferno, que Adelaide achou um tanto despropositado para um casamento, mas talvez ele procurasse conduzir a assembleia para a luz.

Boa sorte para ele.

Mudou de posição, apenas o suficiente para relancear o pai pelo canto do olho. Apenas o suficiente para ver que ele não estava a observar a cerimónia. Ao invés, olhava por cima da cabeça dela, para além do padre, para os vitrais das janelas.

Os seus dedos sapudos tamborilavam sobre o joelho. Os maxilares moviam-se como se mastigasse um lado da língua — um indício de que, como Adelaide aprendera precocemente, ela devia arranjar maneira de escapar da sala, e depressa. Semicerrando os olhos por trás dos óculos, olhou para as botas dele, ainda enlameadas da passagem pelo bairro pobre. Ali, encostado ao tacão de

uma, estava o cabo de madeira do bastão que era a arma preferida do pai.

E foi então que compreendeu que não iria casar-se nesse dia. Não se tratava ali de uma fusão, mas de uma conquista; o seu pai planeava matar o seu noivo.

Voltou rapidamente a atenção para o padre, dominada pelo instinto. Havia um cálice no altar atrás dele. Mas, provavelmente, era feito de peltre. Não era bastante pesado. Não, sair-se-ia melhor com o castiçal de bronze. O pequeno, do lado mais afastado do altar. Ela teria de chegar lá primeiro, subindo dois degraus. *Os castiçais seriam sagrados?* Adelaide baixou as mãos para as saias, começando a ficar muito irritada. Se soubesse que teria de lutar, teria recusado aquele vestido. Rodou um ombro dentro do corpete demasiado apertado. Não tinha hipótese de dar balanço suficiente àquele castiçal para causar dano. E precisava de ser capaz de causar dano.

Que espécie de animais transformavam um casamento numa guerra por território?

E, mais importante, de que é que estavam à espera?

— Se algum dos aqui presentes...

Adelaide revirou os olhos. *Claro.* Ninguém gostava mais de teatro do que um criminoso de longa data, que se julgava um herói.

—... conhece alguma razão para que estes dois não possam unir-se no matrimónio sagrado...

Ao lado dela, Scully mexeu-se, deslizando a mão para dentro do casaco, onde sem dúvida tinha uma faca embainhada. O pai não era o único ávido de sangue.

— Oh, por amor de Deus — murmurou ela.

O padre lançou-lhe um olhar reprovador, como se nenhuma noiva pudesse *sequer* considerar falar naquele momento.

— ... que fale agora, ou cale-se para sempre.

Por um momento, o silêncio abateu-se, longo e pesado, e por um instante Adelaide pôs a hipótese de estar enganada.

Susteve a respiração ao ouvir o estrondo de um trovão que encheu a igreja, reverberando nas pedras seculares.

Começou a guerra.

Os presentes estavam de pé, voavam punhos, desembainhavam-se lâminas, um ou dois alfinetes de cabelo entraram na refrega, tudo pontuado por grunhidos e guinchos.

Adelaide dirigiu-se ao castiçal. Ágil e rápida, como sempre fora — como tinha sido treinada desde os 4 anos. De caminho para esse troféu de bronze, fez a outra coisa que fazia desde os 4 anos — esvaziou algibeiras. Não era tola, sabia que depois daquela contenda podia bem ficar por sua conta, sem nada além de um vestido de noiva roubado e demasiado apertado, e nem uma moeda. Anos na rua tinham-na ensinado a planear a luta e a preparar a fuga.

Pilhou três relógios — um enquanto se esquivava a um soco impressionante — e duas bolsas pesadas, e introduziu tudo nas mangas do vestido enquanto se dirigia ao seu objetivo. Levantando as saias demasiado curtas, subiu os degraus a correr, passou pelo padre, agora acoitado atrás do altar — o sítio mais seguro para um clérigo se esconder enquanto a sua capela emprestada se tornava palco de uma batalha sangrenta.

Um grito veio de trás, demasiado perto, e ela virou-se e viu um dos homens de Scully estender os braços para ela, com o rosto corado.

— Onde é que ias, mulher? — Tentou agarrar-lhe a parte de trás do vestido, mas o tecido estava colado à pele e não cedeu.

Adelaide acelerou e pegou no castiçal, virando-se imediatamente e usando toda a força que conseguiu reunir para o fazer recuar.

— Contigo, a lado nenhum!

Ele gemeu e segurou a arma que ela empunhava, puxando-a para si um momento antes de perder a consciência, mas Adelaide estava preparada e soltou o castiçal enquanto ele caía como uma árvore. Parou por meio segundo — menos — para considerar as suas opções, com a mente disparada. *Ela queria aquela luta?*

Era uma luta dela?

Foi poupada a ter de responder quando uma mão pousou no seu ombro. Antes de poder virar-se e lutar, foi puxada, de costas, através de uma porta escondida atrás do altar.

Esta fechou-se com um pequeno ruído seco e o som da batalha do outro lado desvaneceu-se, abafado pela madeira e pela pedra, pela distância e pela chuva infernal, que batia com força nos vitrais das janelas por cima dela.

Os vitrais cobertos de fuligem mal deixavam passar a pouca luz do céu cor de chumbo. Adelaide pegou na primeira arma que conseguiu encontrar. Virando-se para a porta, brandiu o livro... e baixou-o imediatamente.

A mulher junto da porta sorriu.

— Decidiste não me espancar?

— Calculo que o castigo eterno não seja fácil para aqueles que batem em freiras — respondeu Adelaide.

— E pior ainda para aqueles que batem em freiras com a Bíblia Sagrada.

Adelaide colocou o livro no seu lugar. A freira passou por ela e foi ao outro extremo da sala, de onde tirou, de um armário baixo, um cesto tapado. Pousou-o na mesa entre ambas, ao lado da Bíblia, depois recuou.

Adelaide contemplou o cesto e a mulher, desconfiada.

— A senhora não se parece com nenhuma freira que eu tenha conhecido.

— Já conheceu muitas freiras?

Ela considerou a pergunta. Não conhecera, mas não era essa a questão. Empurrou os óculos no nariz.

— Está a favor de quem?

A mulher ergueu as sobrancelhas.

— Não é óbvio?

— Quero dizer, está pelos Bulls, ou pelos Boys?

A freira inclinou a cabeça.

— Podia fazer-te a mesma pergunta.

Por nenhuns.

Adelaide manteve-se em silêncio.

— Imagina isto, Adelaide Trumbull — disse a freira, com os seus olhos azuis penetrantes e cheios de verdade. — E se eu estivesse por ti?

Adelaide ergueu o queixo. E se houvesse um terceiro caminho? Um caminho melhor?

Impossível. Não havia caminhos melhores para as raparigas nascidas em Lambeth. Nem sequer para as princesas aí nascidas. Especialmente para as

princesas.

Lá no alto, Adelaide encontrou o rosto de uma das figuras no vitral e deu por si a invejar a posição da mulher amortalhada. Inidentificável. Invisível para todos, exceto uns poucos. Sem importância. A chuva embatia na janela, ameaçando despedaçar os painéis de vidro azul, já rachados, que compunham o rosto da figura.

Um grito vindo da outra sala quebrou o silêncio.

— Precisas de um sítio para guardar o teu saque, não precisas? — A freira que não parecia uma freira apontou novamente para o cesto.

Adelaide olhou bem nos olhos da mulher, sentindo o trio de relógios de bolso pesados e quentes de encontro à sua pele, debaixo da manga.

— Qual saque?

A freira ergueu uma sobrancelha cúmplice.

Adelaide aproximou-se do cesto, sem saber o que este ia revelar, e sabendo que, fosse o que fosse, mudaria a sua vida. Possivelmente, não para melhor.

Embora, para ser honesta, as coisas não pudessem ficar muito piores.

Levantou a tampa e viu um pequeno retrato numa moldura de prata redonda. Olhou para a mulher que a observava atentamente do outro lado da sala.

— Eu.

— Para que saibas que o que está lá dentro foi sempre para ti. Adelaide considerou a porta e o que estava do outro lado.

— Sabia o que ele planeava — disse.

O pai. A batalha do outro lado. A guerra que se seguiria.

Um aceno de confirmação.

— Quem mais sabia?

Uma ligeira inclinação de cabeça.

— Isso fica para mais tarde.

— Como sei que o mais tarde existe?

— Como sabes que existe um mais tarde lá fora?

A freira tinha razão. Adelaide meteu a mão no cesto e extraiu uma pilha de roupa. Calças. Uma boina. Camisa, colete e casaco. Um guarda-chuva preto.

— Eles estarão à procura de uma noiva — explicou a outra mulher, erguendo o queixo na direção do altar, onde metade dos músculos de Lambeth tinham já, sem dúvida, pintado de vermelho as pedras da igreja. — Uma noiva com um vestido roubado.

Adelaide compreendeu. A roupa era um disfarce — que nunca resultaria a longo prazo, mas serviria perfeitamente nos trinta minutos seguintes. Nos trinta metros seguintes, depois de ela abrir a porta e sair para a chuva.

Só que...

— Não tenho para onde ir — disse ela, abanando a cabeça. As princesas não saíam dos seus reinos. Quem eram elas sem eles?

A freira apontou para o cesto.

— Tens a certeza?

Adelaide espreitou para o cesto agora vazio e no fundo vislumbrou um pequeno cartão de visita azul, grosso e luxuoso — o papel mais requintado que já tinha visto, com um lindo sino índigo impresso. Embora o retângulo fosse das dimensões de um cartão de visita, não tinha nome. Só aquele sino, e uma morada em Mayfair.

O sino, a morada e, quando o virou, a mensagem.

Está na altura de desapareceres, Adelaide.
Vem visitar-me.

Duquesa

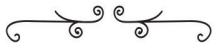
Desta forma, o terceiro caminho abriu-se diante de Adelaide, claro e desimpedido.

E ambicionado.

Afinal, o que se costumava dizer estava certo.

A chuva abençoava um dia de casamento.

Capítulo 1



South Bank
Cinco anos mais tarde

Havia uma série de palavras que Londres poderia usar para descrever Adelaide Frampton.

A norte do rio, em Hyde Park, na Bond Street e nos bailes de Mayfair, quando as pessoas se referiam à prima afastada da Duquesa de Trevescan, o que era raro, usavam palavras como *feia.* Se alguém insistisse, poderiam acrescentar *alta.* Ou, talvez, *vulgar.* Decerto, *solteirona* não estava fora do reino das possibilidades para a mulher de 26 anos que não tinha qualquer esperança de pretendentes, com aquele cabelo ruivo sempre acamado sob uma imaculada touca, aqueles colarinhos altos e *fora de moda,* os vestidos *cinzentões* e o rosto *comum,* sem *rouge* nem *kohl.*

Quase invisível, raramente audível, sem título ou fortuna, nunca gracejando, destituída de encanto ou de qualquer dom extraordinário. *Desinteressante. Simplória. Sem nada de notável e por isso nunca notada,* acolhida em Mayfair apenas graças a um parentesco distante.

A sul do rio, contudo, em armazéns e lavandarias e instituições, nos bairros pobres e nas ruas onde fora criada não como Adelaide Frampton, mas como Adelaide Trumbull, ela era uma lenda. Rapariguinhas de toda a Lambeth aconchegavam-se na cama à noite, ávidas de esperança e da promessa de um futuro, e as suas mães e tias e irmãs mais velhas sussurravam-lhes as histórias de Addie Trumbull, a maior carteirista que South Bank já conhecera — dedos tão rápidos que não fora apanhada uma única vez — e um futuro tão brilhante que combatera na guerra que fundira os Bulls e os Boys, garantindo que o pai se tornava rei de ambos, antes de partir para um futuro longe das nuvens de carvão e da imundície de Lambeth.

Addie Trumbull, prosseguia a história, *deixara de ser princesa e tornara-se rainha.*

É notável como as lendas cresciam sem provas, mesmo em lugares onde o solo era salgado e os campos estavam em pousio. Especialmente nesses lugares.

Não importava que Addie nunca tivesse regressado. A prima de uma amiga da irmã de alguém trabalhava como criada na corte da nova rainha, e vira lá Addie. Era casada com um homem rico e bom, dormia em penas de ganso, usava vestidos de seda e comia em pratos dourados.

Durmam bem, pequeninas; se forem boas e aprenderem cedo a cortar bolsas e a fugir depressa, também vocês poderão ter um futuro como o de Addie Trumbull.

Lenda. Mito. Luminária.

Inimaginável.

Contudo, como em todos os boatos da margem norte do rio, e todas as histórias da margem sul do mesmo, a verdade era um pouco de cada um e muito de nenhum. E, assim, Adelaide permanecia um mistério em ambos os lugares, o que lhe servia muito bem, pois o facto de não ser *notada* nem *imaginável* dotava-a, igualmente, da única qualidade que ela queria ter — invisibilidade.

E assim, eis a verdade: Adelaide Frampton era a melhor ladra que Londres já conhecera.

A sua invisibilidade estava totalmente exposta naquela particular tarde de outubro de 1839 quando, com o Sol outonal a baixar no céu, entrou no armazém que funcionava como quartel-general do maior bando de músculos que podiam ser contratados em Londres, os Bully Boys de Alfred Trumbull. O grupo fora rebatizado na sequência da sua violenta fusão no dia do seu casamento fracassado, com uma justaposição de palavras concebida pelo pai — um homem que sabia muito bem como um presente barato podia atrair homens maus para uma causa.

Tinham passado cinco anos desde a última vez que Adelaide vira o interior do armazém — cinco anos desde que saíra de Lambeth e começara uma nova vida do outro lado do rio —, mas lembrava-se do lugar como se o tivesse visto no dia anterior. Continuava a rebentar pelas costuras com os bens roubados pelo bando — bebidas alcoólicas e joias, sedas e libras esterlinas, e uma coleção de armas de fogo que poderia rebentar com eles todos, considerando a notória falta de sensatez do grupo.

Usando um casaco azul-marinho de golas altas, aprumado sobre uma

camisa escura e saias sem cor, Adelaide atravessou o edifício. As roupas, juntamente com a touca cinzenta e sem adornos que lhe escondia o cabelo, eram concebidas para facilitar os movimentos precisamente durante aquele género de atividade, assegurando que, quando se acoitava nas sombras ou se acocorava atrás dos caixotes de contrabando, desaparecesse por completo.

Três patrulhas diferentes atrasaram a sua passagem até ao piso superior, onde ficava o escritório, agora vazio, do pai. Alfie Trumbull tomava «chá» todas as tardes, às 16 horas, no Wild Pheasant — um bordel que possuía nas sombras do Palácio de Lambeth. A localização do estabelecimento, a poucos metros do sítio onde o arcebispo de Cantuária deitava a cabeça, era sem dúvida parte do seu encanto para Alfie, que sempre se achara o mais superior dos seres.

A primeira patrulha forçara-a a uma paragem rápida atrás das escadas no piso térreo, a segunda fizera-a esconder-se num canto das traseiras do armazém e a terceira quase a apanhara a introduzir-se no escritório do pai, obrigando-a a deslizar entre vários barris grandes de whisky até que eles se fossem embora.

Cinco anos e, enquanto o mundo mudava a grande velocidade fora daquelas paredes, não havia absolutamente nada de diferente nos domínios de Alfie. A mesma escala de patrulhas. Os mesmos esconderijos. As mesmas conversas — um assalto que mandara um rapaz para a mesa do cirurgião na noite anterior mas rendera uma boa maquia.

Adelaide esperou que eles saíssem, grata por o pai continuar a preferir vigilantes com mais músculos do que cérebro. Quando se foram embora, Adelaide entrou no espaço de trabalho e imobilizou-se com a surpresa.

Nem tudo estava igual. O pai comprara uma secretária. Uma secretária com gavetas e cadeados e um lustro que, imaginou Adelaide, lhe daria um grande orgulho sempre que se sentava atrás dela.

Não ia ficar nada satisfeito quando percebesse que os seus cadeados não detinham um ladrão.

Num movimento lesto, Adelaide extraiu uma caixa de rapé do fundo bolso interior do casaco e puxou uma longa corrente de ouro que usava sob a gola da camisa. Na ponta da corrente pendia um estreito tubo metálico, cujo extremo removeu e abriu para revelar as cabeças de uma dúzia de chaves em latão. Em segundos escolheu a adequada e fixou-a no pendente.

Girando a sua recém-criada chave na fechadura da secretária, sentiu prazer

ao ouvir o estalo seco das ganchetas da fechadura no interior e começou a sua busca. Não encontrou o que procurava nas duas primeiras gavetas. Também não estava na última gaveta, trancada, da pesada secretária. Porém...

Extraiu três pesados livros de registos da gaveta, funda e bem apoiada nos rolamentos — o pai não se poupara a despesas — e pousou-os na secretária, calculando o seu peso antes de recuar na cadeira e considerar o exterior da própria gaveta. Um sorrisinho brincou-lhe nos lábios. Afinal, Alfie Trumbull não confiava nos seus rapazes.

Deslizando os dedos sobre a madeira do interior, Adelaide encontrou em segundos o trinco escondido e abriu-o para revelar o compartimento secreto sob o fundo falso da gaveta.

— Aí estás tu — sussurrou triunfante, erguendo o minúsculo caderno preto, tão perfeito que cabia no bolso de um cavalheiro. Abriu-o, confirmando que se tratava do que procurava: as localizações dos 11 esconderijos de munições que os Bully Boys mantinham na cidade, juntamente com os nomes dos Boys responsáveis por cada um, as escalas do render dos guardas e a proveniência de cada uma das armas, tudo meticulosamente registado pelo próprio Alfie Trumbull.

Introduzindo o livro no seu próprio bolso, Adelaide estava a devolver a gaveta à sua posição original quando o seu olhar recaiu noutro item que estava escondido no compartimento secreto.

Um bloco de madeira perfeitamente normal.

Franzindo ligeiramente a testa, pegou-lhe e ergueu o cubo de quinze centímetros. Uma vida de roubos ensinara a Adelaide que as coisas vulgares raramente o eram — especialmente quando o pai as guardava em gavetas de fundo falso —, e assim, fez o que fazia frequentemente quando algo lhe despertava curiosidade.

Levou-o consigo.

A luz esmorecia rapidamente dentro do edifício, por isso trabalhou depressa. Voltou a colocar o fundo da gaveta, devolveu os livros de contas, desmontou a chave e levantou-se, guardando a caixa de rapé e segurando o cubo de madeira debaixo do braço.

— Isso não lhe pertence.

Com o coração quase a saltar-lhe pela boca, olhou para a porta, ao mesmo

tempo que deslizava a mão livre para dentro das saias, até ao bolso falso na coxa onde guardava a faca. Embora preferisse permanecer invisível e não armar confusão nas suas missões, não excluía a hipótese de uma luta com este rufia, se tivesse de ser.

Ele era o oposto de invisível: alto e enxuto, perfilava-se nas sombras, mesmo à entrada do escritório, com uma boina puxada sobre a testa, que fracassava totalmente em esconder as linhas bem definidas da sua cara formosa — um nariz longo e direito e um queixo muito definido, que parecia ter sido afiado pelo melhor dos amoladores.

Este não era um dos rufias do pai.

Mesmo que ela não o tivesse ouvido na sua voz digna, ou não o tivesse visto naquela atitude de quem nunca imaginou que não pertencia a um lugar — ainda que esse lugar fosse um armazém escuro, detido por um criminoso empedernido... mesmo que ele não parecesse ter passado a juventude a aprender esgrima e não luta... era o nariz que o denunciava.

Nunca passara uma única noite com fome. Nunca tivera de lutar pela sua segurança ou pelo seu jantar. Nunca tivera de roubar porque, obviamente, nascera com tudo.

O homem era rico.

E ia fazer com que fossem ambos apanhados.

Adelaide pôs-se de pé e contornou a secretária para se dirigir à porta, recusando-se a olhá-lo ou a dirigir-lhe a palavra, considerando as suas opções. Não podia esfaquear um endinheirado. Mas podia decerto dar-lhe um soco, se ele não a deixasse sair da sala.

Porém, quando chegou à porta, ele travou-a. Não lhe tocou — limitou-se a pôr uma mão na maçaneta e a dizer:

— Mais uma vez, isso não lhe pertence.

— E então? — retorquiu ela. — Pertence-lhe a si?

Ele ficou rígido ao ouvir as palavras, como se estivesse ofendido por ela se dignar responder-lhe. Definitivamente, endinheirado. Sem qualquer direito àquele lugar. E ousava dizer-lhe a ela — Adelaide Frampton, a melhor ladra que Lambeth já vira — o que podia e não podia roubar? O homem devia reconhecer os seus melhores.

— Na verdade, sim.

Surpreendida, ela ergueu o olhar para o seu rosto, para além da barba áspera no queixo e da pala inclinada da boina — uma fraca tentativa de se disfarçar, porque Adelaide reconheceu-o instantaneamente. E conteve um resmungo.

Ele não era só endinheirado. Não era só *um janota qualquer.*

E, definitivamente, não era *formoso.*

O homem diante dela era o Duque de Clayborn. O piorio da aristocracia, altivo, parecendo que tinha um pau de vassoura enfiado no...

— Olá!

O grito veio do outro lado da porta, onde ela viu um vigilante com algum tamanho dirigir-se a eles, fixando nela os olhos brilhantes.

Lá se ia a invisibilidade.

— Caramba, Clayborn — sussurrou ela, apertando a caixa com força. — Tinha de aparecer aqui e fazer com que nos matassem aos dois.

Ele não conseguiu esconder a expressão de surpresa.

— Reconheceu-me?

Claro que tinha reconhecido. Reconheceria *aquele* duque em qualquer sítio. Era impossível não o reconhecer. A última vez que tinham estado assim tão próximos um do outro, encontravam-se a norte do rio, no coração de Mayfair, e ele humilhara cruelmente Adelaide — o género de humilhação que os homens ricos, titulados e arrogantes adoravam infligir com desdém frio às mulheres de posição social muito inferior à deles. Tivera sorte por ela não ter o costume de empunhar a sua faca num jantar.

Contudo, se alguém podia levá-la a fazer uma coisa dessas, era aquele homem.

Severo e frio... e absolutamente incapaz de se manter invisível.

— Vocês aí! Que estão a fazer no escritório do Alfie?

Adelaide não esperou. Partiu imediatamente, esgueirando-se por baixo do braço do duque e fugindo do guarda pelo corredor.

— Merda, rapazes! Há aqui intrusos!

— É a minha deixa — disse ela antes de voar pelas escadas abaixo até ao

primeiro andar do armazém, calculando que tinha menos de um minuto para desaparecer nas sombras. Se pudesse chegar ao extremo do edifício, onde a grande porta estava aberta para a rua que escurecia rapidamente, poderia desaparecer.

Só que não estava sozinha.

O Duque de Clayborn acompanhava cada um dos seus movimentos, de pés ligeiros e com mais rapidez do que ela podia esperar de um homem do seu tamanho, mas não menos difícil de esconder. O que não era problema dela.

Atirou-lhe um olhar.

— Desapareça, duque.

— Nem pensar.

Com um suspiro irritado, Adelaide deitou um olhar para trás de si ao deixarem a escadaria, vendo o seu perseguidor original a meio das escadas e três outros vindos de baixo. Reprimindo uma imprecação, percorreu uma longa fila de caixotes empilhados antes de se esconder atrás de um.

Ele fez o mesmo e agachou-se ao lado dela, mal deixando passar um momento antes de inalar, claramente planeando dizer qualquer coisa.

Adelaide tapou-lhe a boca com a mão, sentindo o tufo da barba de um dia áspero e, ao mesmo tempo, macio nos seus dedos. Não que ela estivesse interessada na sensação dele de encontro aos seus dedos. Se o fogo no seu olhar azul indicava alguma coisa, isso também não lhe interessava. Ele estava aborrecido, sem dúvida, por ela assumir o comando. Bem, teria de se acostumar, se queria sair dali incólume.

Ela abanou a cabeça e apontou para além da pilha de caixotes, onde dois dos guardas de Alfie Trumbull procuravam meticulosamente no corredor. Inclinando-se para ele, perguntou-lhe ao ouvido, quase sem emitir um som:

— Sabe lutar?

Como ela mantinha a mão sobre a sua boca, ele ergueu uma sobrancelha altiva, numa sua resposta ofendida e clara como água. *Claro que sei lutar.*

Provavelmente não lutava nada de jeito — os aristocratas eram geralmente inúteis —, mas não havia escolha. Há dezasseis anos que Adelaide conseguia sempre escapar-se, e não era agora que ia ser apanhada. Os homens aproximavam-se.

Soltando-o, ela moveu silenciosamente a planta dos pés e procurou sob as saias, deslizando a lâmina da bainha dentro da bota com uma mão e segurando o cubo de madeira com a outra. Encostou um ombro à pilha de caixotes que os ocultava.

Cinco metros.

Ele imitou a sua posição, de frente para ela, o ombro encostado à madeira áspera.

Dois.

O couro das luvas dele estalou quando cerrou os punhos. Ia precisar deles. O que estavam prestes a fazer atrairia para ali todos os guardas do local.

Um.

Rezando para que ele soubesse realmente lutar, ela acenou com a cabeça uma vez. Duas.

— Agora — disse ele, apenas mexendo os lábios.

Empurraram em conjunto, fazendo tombar os caixotes na direção do par de rufias que estava quase em cima deles.

Gritos gémeos foram pontuados por um estrondo de fazer doer os ouvidos, mas Adelaide não ficou para contemplar a sua obra. Em vez disso, correu para as escadas defronte do armazém — as que levavam à rua e à liberdade.

Clayborn seguia logo atrás dela e, sem olhar para trás — não tinha tempo — gritou-lhe:

— Isto não é sítio para um duque.

— E é o sítio ideal para uma senhora, não é? — retorquiu ele.

Ela não era uma senhora, mas não o corrigiu, dizendo a si própria que era por estar demasiado ocupada a descer as escadas. Encaminhou-se para a porta, onde dois guardas esperavam. Sem hesitar, bateu na cabeça de um com o bloco de madeira.

— Estava a correr-me muito bem antes de o senhor aparecer. — Baixou-se quando o outro homem atirou com um punho do tamanho de um fiambre à sua cabeça.

Ouviu-o colidir com um baque pesado, e algo que não lhe agradou fê-la virar-se para ver o que tinha acontecido.

Clayborn detivera o golpe com uma das suas grandes mãos.

— Isso não foi muito cavalheiresco — notou, muito calmo, fazendo o brutamontes arregalar os olhos às suas palavras.

— E tens sorte por não teres acertado na senhora. — Rematou a afirmação com um excelente soco que pôs o vilão de joelhos.

Os olhos de Adelaide arregalaram-se de surpresa ante o homem desmaiado.

— E se ele me *tivesse* acertado? — Quando o duque não respondeu, ela acrescentou: — Parece que *sabe* mesmo lutar.

Ele atirou-lhe mais um olhar irritado.

— Eu não minto.

Claro que ele ficou ofendido com aquilo. Honestamente, até admirava que South Bank não tivesse irrompido em chamas com a chegada do Duque de Clayborn, qual anjo julgador.

Ela mal teve tempo para revirar os olhos antes de recomeçarem a marcha para saírem do armazém. Uma vez na rua, Adelaide escondeu-se rapidamente atrás de uma pilha de lixo e devolveu a faca ao bolso da saia, onde tinha uma bainha firmemente apertada à coxa.

Clayborn observou-a e ela fez por ignorar o calor que, estranhamente, emanava do seu olhar frio.

— É a prima da Duquesa de Trevescan, não é?

Ela escondeu a surpresa que sentiu por ele a identificar. Para uma mulher treinada a permanecer não notada e invisível, ser o foco da atenção total do Duque de Clayborn revelou-se perturbador, especialmente quando ficou claro que o seu segredo fora revelado e que ele era muito capaz de voltar a Mayfair e anunciar a toda a cidade de Londres que ela não se parecia nada com a prima de uma aristocrata. Ainda assim, Adelaide manteve o arrojo.

— O que foi? Vossa Graça não tem nenhum fruto notável na sua árvore genealógica?

Ele observou-a por um momento e depois disse:

— Ninguém tão notável como a menina.

Oh. Ela voltaria a estas palavras mais tarde.

Agora, porém, Adelaide tinha outro sítio aonde ir.

— Só o acompanho até aqui. Eles não virão atrás de um aristocrata à luz do dia, mas é melhor apressar-se, se quiser evitar um encontro com a nata de Lambeth.

Antes de ele poder responder, ela desaparecera na multidão da tarde, sabendo que, se *da* fosse apanhada, não haveria misericórdia.

Para Adelaide Frampton, *née* Trumbull, a luz do dia em Lambeth era de pouco conforto, visto que o seu pai e os Bully Boys geriam todo o South Bank, e ela não encontraria qualquer ajuda neste lugar — não por não ter apoiantes, mas por lhes faltar força para desafiar o maior bando londrino de rufias de rua.

Ela compreendia intimamente essa verdade; apenas ganhara força para combater os Bully Boys quando deixara a lama de Lambeth, por isso não censurava aqueles que não tinham meios de fazer o mesmo.

Numa questão de minutos os brutos tombados no armazém transformar-se-iam em meia dúzia lá fora, por isso Adelaide rumou a norte, esperando desaparecer no labirinto de ruas estreitas de South Bank — o labirinto que ela aprendera antes de aprender o próprio nome.

Infelizmente, os seus perseguidores tinham recebido as mesmas lições.

Ela dobrara meia dúzia de esquinas antes de ser encurralada, algures entre St. George’s Circus e New Cut. Um dos homens de Alfie permanecia como uma massiva e silenciosa sentinela de um lado, e dois outros, de facas empunhadas, aproximaram-se por trás.

O grandalhão apontou com o queixo o cubo debaixo do braço de Adelaide.

— Trouxeste uma coisa que não te pertence, rapariga.

Ela levou uma mão à touca, esperando que esta impedisse o seu reconhecimento. Cinco anos não produzem um novo rosto, nem mudam a cor do cabelo.

— Mais do que uma, mas quem é que está a contar?

O companheiro do homem resmungou.

Adelaide apostaria tudo o que tinha em como aqueles dois não faziam ideia do que ela levava. Ela própria não fazia ideia, e era seguramente a mais inteligente dos presentes.

Porém, antes de poder dizer-lhes isso mesmo, o brutamontes atrás dela falou.

— Pousa isso no chão, rapariga, e ninguém se magoa.

Definitivamente, ela não ia devolver aquilo. Adelaide pegou no relógio e viu as horas. Raios. Ia chegar atrasada.

— Acho que, se eu pousar isto, alguém vai definitivamente magoar-se.

O homem sorriu, mostrando a falta de vários dentes, sem dúvida arrancados à pancada.

— Porque não experimentamos para ver?

O trio cercou-a, a sua falta de hesitação deixando pouco tempo a um corpo para calcular o seu próximo movimento — mas Adelaide não era um adversário qualquer. Sabia avaliar, em poucos segundos, a força com que teria de desferir o golpe para abater o Desdentado, quanto tempo demorariam os outros a chegar ao pé dela e o que precisava de fazer para os derrubar. Mediu ângulos, calculou força e previu tempos.

Baixou-se sobre um joelho. Pousou o cubo de carvalho no chão.

— É isso mesmo, amor — disse o Desdentado, agora mais próximo. Ela moveu a mão, procurando o bolso falso nas saias, para extrair a faca amarrada à coxa. E então... — Espera... — disse ele, com um tom de voz diferente. Já não cheio de desdém e desprezo.

Era cheio de outra coisa. De algo muito mais perigoso. *Reconhecimento.*

— Tu és... — começou ele, mas antes de poder terminar o pensamento, soltou-se o inferno.

Ao ver a atenção do Desdentado desviada para a algazarra atrás dela, Adelaide virou-se e descobriu os dois brutos que se dirigiam a ela subitamente à bulha com o Duque de Clayborn.

Raios. Aquele homem tinha uma casa em Mayfair e um assento no Parlamento. Não tinha nada melhor para fazer do que segui-la pelas ruas de Lambeth?

Voltando à situação que tinha em mãos, baixou-se para pegar no bloco de madeira junto dos seus pés, segurou-o com as duas mãos e levantou-o com força para atirar o Desdentado ao chão. Já se afastara a correr antes de ele bater com a

cabeça nas pedras da rua.

Um grito soou atrás dela.

Ela não devia olhar. Não pedira a Clayborn que se envolvesse. De certeza que não precisava de um protetor. Era bem feito para ele.

Além de que ela precisava de sair dali antes que mais alguém a reconhecesse.

Apesar de tudo, olhou, mesmo a tempo de ver um dos Bully Boys desferir um forte murro na cara do Duque de Clayborn.

Este lutou como se a sua vida dependesse disso. E dependia, supunha ela; os homens do seu pai não eram conhecidos pela piedade. Mas o duque fez a sua parte, desferindo golpe após golpe, pondo um dos opositores de joelhos antes de se virar para o outro e lhe dar um violento murro, fazendo o homem perder o equilíbrio e embater na parede mais próxima, onde se afundou lentamente no chão.

Adelaide observou até o corpo tombar, depois atentou em Clayborn.

— Impressionante.

Não conseguia ver os olhos dele nas sombras do final da tarde, mas sentia o seu olhar a examiná-la antes de pronunciar... umas palavras tão calmas e graves que ninguém diria ter acabado de sair de uma rixa num beco.

— Não tem de quê.

Sempre um sacana arrogante. Ela semicerrou os olhos para ele.

— Era para lhe agradecer?

— Sim. — Um músculo tremeu-lhe no queixo ao saltar por cima de um dos seus inimigos, os seus movimentos longos e graciosos. Não que Adelaide reparasse nisso. Nem pensar.

— Pelo quê?

Ele apontou para o chão.

— Não é óbvio?

Ela contemplou o homem que se retorcia aos pés dele.

— Oh, devo agradecer o seu presente? Como se fosse um gato a depositar um rato gordo à porta da minha cozinha?

— Pensei que podia agradecer-me por salvar o seu bonito...

Ela arregalou os olhos quando ele se interrompeu.

— Deveras, Vossa Graça, estáveis prestes a usar linguagem obscena?

Ele olhou-a, carrancudo.

— Confesso que me provoca essa tentação.

Ela gostaria de o tentar.

Mas de onde é que vinha isto?

Ele estendeu uma mão.

— A minha caixa, por favor.

Então, era uma caixa. Claro que era. Ela examinou o objeto, virando-o nas mãos enquanto recuava para a saída do beco, saltando agilmente sobre o corpo deitado de borco do seu oponente, colocando distância entre ambos.

— O que é que contém?

Ele cerrou os lábios numa linha fina e ela ignorou o quanto reparara nisso.

— Nada de importante.

— Alfie Trumbull achou que era bastante importante para a roubar.

— Alfie Trumbull achou que valia bastante dinheiro para a roubar.

Mas Alfie não gostava de roubos. Achava que não valia a pena o risco, em comparação com outros crimes mais amplos e lucrativos. Então, o que quer que estivesse na caixa, *valia* dinheiro. E *muito* dinheiro, se o pai correra o risco de a roubar a um duque.

Mesmo que não valesse dinheiro, trouxera um duque a Lambeth, pelo que, fosse qual fosse o conteúdo, era um segredo que valia a pena possuir.

Como Adelaide ganhava a vida a negociar com segredos de homens poderosos, e estava atualmente muito interessada em segredos adjacentes a este homem poderoso em particular, não desistiria facilmente. Atirou um sorriso de esguelha a Clayborn.

— Em South Bank isso é a mesma coisa, duque. Mas aqui regemo-nos por regras simples. Quem acha, guarda.

Com isto, correu novamente, saindo a grande velocidade do beco — em

direção às docas.

Ele, obviamente, seguiu-a.

— É privado — disse mantendo-se a par dela, as palavras saindo como uma tortura, parecendo ressentido por ter de as dizer. Claro que se ressentia. Este não era um homem que se dignasse partilhar com uma pessoa vulgar como Adelaide.

— Até aí é claro, ou o senhor não andaria furtivamente num armazém bem guardado a brincar aos mascarados. — Lançou-lhe um olhar rápido. — Como pode ter acreditado que não seria detetado?

Ele passou uma mão pela barba.

— Perdoe-me se não sou tão hábil a disfarçar-me como a menina. — Contemplou-a friamente, da cabeça aos pés, embora Adelaide não se sentisse muito fria sob o seu escrutínio. — Pensou que podia simplesmente entrar ali, roubar o chefe de um dos gangues mais poderosos de Londres, e escapar?

— De facto, era precisamente isso que estava a fazer até o senhor me estragar a tarde.

— Eu estava a protegê-la! — gritou ele, tão irritado como ela.

Algo vibrou dentro de Adelaide ao ouvir aquelas palavras, severas e diretas, e deu por si a perguntar-se quando fora a última vez que se deparara com os instintos protetores de um homem. Pela sua experiência, os homens deixavam-na safar-se sozinha. Francamente, não sabia bem qual seria a sensação da alternativa. Estranha. Quente.

Mas *nunca* o admitiria.

— A sério? E como correu? A sua proteção?

— Por acaso não reparou que derrubei vários homens grandes como casas? Ou precisa de óculos novos?

Adelaide ajustou a peça citada, fazendo-a subir pela cana do nariz, e virou à direita, depois rapidamente à esquerda, deslizando para outro beco.

— A minha visão é impecável. — Estava a ficar cansada. As saias eram pesadas e rígidas — mais uma forma de o mundo condicionar as mulheres. Descaiu uma mão para a cintura, onde tinha várias fitas de seda amarradas.

Ele seguiu-a, mantendo-se sem dificuldade a par dela.

— E o que é que... ia utilizar numa casa cheia de rufias depois de os

roubar? — Apontou o cubo debaixo do braço dela. — Fraca escolha de arma.

Ela tinha de se afastar dele. Ele via demasiado. Perguntava demasiado. Devia dar-lhe a caixa e libertar-se dele — era aquilo que ele queria, e a ela não fazia propriamente falta. Só trouxera a caixa porque a intrigara.

O problema era que agora, sabendo que lhe pertencia, intrigava-a ainda mais.

O que era tão irritante como ele, francamente. Enfiou a caixa debaixo do braço e aumentou a velocidade.

— Uma rapariga tem de se desenrascar nestes tempos modernos. Lamento muito, duque, mas tenho de ir a um sítio e não tenho tempo para... si.

Com um puxão, arrancou o último colchete das suas insípidas saias cinzentas, que voaram atrás dela, revelando um par de calças justas, azul-marinho, adornadas com um coldre apertado para a faca e botas altas de couro, libertando-a para uma velocidade sem entraves.

Atrás dela, ele emitiu um som de completa surpresa, e ela teve uma enorme vontade de se virar para ver o choque no seu rosto severo. Resistindo à tentação, Adelaide introduziu-se numa reentrância estreita mais à frente, grata pelo elemento surpresa e pela velocidade adicional que a perda das saias lhe fornecera... ganhara terreno suficiente para derrubar uma pilha de caixotes e deixar para trás o seu cavalheiro desavergonhado.

Não *seu*, propriamente. Ela não queria ter nada que ver com ele.

O palavrão dele seguiu-a — mas ele não.

Triunfante, Adelaide irrompeu da escuridão para o sol de fim de tarde de um Tamisa atarefado, a maré alta e apinhada de barcos e pessoas correndo de um lado para o outro, para acabarem o seu trabalho antes de escurecer. Olhou a montante, aliviada. Afinal, conseguiria comparecer ao seu encontro.

Abrandou o passo, tirando o casaco e a touca, que atirou para trás de uma pilha de caixotes de madeira, e enfiou a caixa de rapé e o livro de Alfie no bolso das calças antes de pôr um boné que tinha preso à cintura. Puxando a pala para os olhos, baixou as ancas e alargou a passada. A mulher de roupa discreta desaparecera, substituída por um vulgar trabalhador das docas, alto e magro e encaminhando-se para a margem do rio, novamente invisível.

Saltou da margem do rio para a embarcação mais próxima — carregada

com uma pilha alta de carvão. Soou o grito surpreendido de um dos homens no extremo do barco, mas Adelaide já saltara para o barco seguinte, carregado com um monte de sacas de argamassa.

Não havia tempo para isto. Não havia tempo para ser perseguida pelos Bully Boys. E certamente não tinha tempo para pensar em queixos bem definidos e duques que saltavam para a refrega.

Não tinha tempo para homens que a distraíam e *causavam* a refrega.

Outro salto. Outro barco, este já sem carga. Não havia trânsito como o do Tamisa na maré alta. E também não havia melhor lugar para desaparecer. Adelaide aprendera isso ainda jovem.

Aninhou-se atrás de uma alta torre de caixotes e consultou o relógio antes de olhar a jusante.

A embarcação de fundo chato balançou quando alguém aterrou no convés.

Adelaide imobilizou-se, retirando a faca da liga na coxa e pousando a carga no chão. Raios! Durante uma vida inteira, fora capaz de desaparecer numa multidão e, de repente, perdera essa capacidade.

O Duque de Clayborn, não sabia como, destruíra-lha — como se, ao reparar nela, tivesse feito com que o resto do mundo também a pudesse ver.

Ajustou a mão na faca e pôs-se à escuta, tentando distinguir os passos pesados do seu perseguidor sobre os sons do trabalho no rio.

Espreitou por detrás dos caixotes.

— Raios — murmurou para si mesma antes de focar os olhos nele, alto e forte e em excelentes condições, tendo em conta que andara em brigas nas docas nos últimos três quartos de hora.

— Falhou a curva para Westminster, duque.

— Hum — disse ele, o som gutural na sua garganta e bastante delicioso, se Adelaide quisesse admitir a verdade. Ela não devia gostar daquilo. Ele era o Duque de Clayborn. Passara um ano a não gostar dele.

Ele avançou para o esconderijo dela e pegou no cubo aos seus pés.

— Roubar é um crime.

— Vai chamar o magistrado?

— Não — respondeu ele em surdina. — Mas o que é que pretendia roubar?

Ele estava bastante perto para lhe tocar, e Adelaide sabia que devia afastar-se. Mesmo que ele não fosse um duque, ainda havia luz do dia e metade do Tamisa podia vê-los.

Mas ninguém no Tamisa estava a observá-los.

— Quem disse que eu estava a roubar alguma coisa?

Havia algo nele. Naquilo. Algo louco, livre e excitante... e perigoso. Ele aproximou-se mais, as palavras baixas e sombrias quando continuou.

— Não precisa de admitir. Reconheço uma ladra quando a vejo. — Estendeu a mão para ela, e ela susteve a respiração, perguntando-se onde é que a tocaria. Qual seria a sensação do couro da luva dele na sua pele.

Mas ele não lhe tocou. Em vez disso, falou baixinho.

— Ruiva.

Por um momento, ela não compreendeu, e então sentiu um puxão na têmpora, onde um caracol de cabelo tinha escapado. Levantou a mão, batendo na dele e entalando o caracol atrás da orelha.

Ele observou os movimentos, com uma expressão indecifrável, e Adelaide ruborizou com a sua descoberta e a súbita compreensão de que ele estava perto e quente e cheirava a lavado, como limão — um cheiro que não vinha de South Bank.

Não era um cheiro para Adelaide.

Adelaide Frampton era uma mulher para os dias de trabalho, e compreendia muito bem o que aquilo significava. O que podia reivindicar. Este homem não era para ela, o que o tornava uma cruel tentação, como os doces, as bolsas e os relógios de bolso. Como tudo isso combinado. Demasiado para uma ladra resistir.

Então inclinou o rosto para cima e roubou-o. Por um momento. Um segundo.

Tencionando devolvê-lo.

Mas não foi um segundo. Oh, podia ter sido, quando ele ficou paralisado, tenso, no momento em que os lábios dela tocaram os seus. Inspirou — a respiração dela — e ela perguntou-se se teria cometido um erro. Perguntou-se se

ele iria segurá-la por um braço e empurrá-la.

Não ficaria surpreendida. Beijar em plena vista de Londres não era para Adelaide Frampton, rapariga insignificante e feia. Nem para Addie Trumbull, lenda inimaginável.

Porém...

Quando ele lhe pôs uma mão em cima — segurando firmemente o cubo de madeira na outra — não foi para a empurrar. Oh, por um momento ela sentiu a hesitação no seu aperto, como se ele estivesse a ponderar. Mas depois... assumiu o comando.

O seu braço forte enrolou-se-lhe na cintura, prendendo-a de encontro a si enquanto levava a mão ao seu rosto, roçando-lhe a linha do queixo com o polegar enluvado que foi subindo numa carícia pela bochecha, ao mesmo tempo que lhe virava a cara para ter um melhor acesso à sua boca.

De repente, parecia muito que ele era o ladrão e ela era o prémio.

E ali, nas margens do rio Tamisa, com toda a população trabalhadora de Londres a assistir, Adelaide deixou-o roubar, cedendo àquele beijo que ela iniciara e a que ele correspondera — um beijo como nenhum que já experimentara.

Aquele homem severo e inflexível beijava como um sacana treinado e de nível superior.

Não que Adelaide se queixasse.

Ao invés, pressionou-se mais contra ele, pondo-lhe uma mão no peito, quente e mais largo do que parecia dentro do colete e da camisa. Ela suspirou ao sentir a sua respiração. Ao sentir o pesado tufo de barba que lhe tornava áspera a linha do queixo. Ao sentir os seus lábios, cumprindo a tentação que tinham prometido.

Ele tirou partido daquele suspiro, gratamente, roçando a língua sobre os seus lábios abertos, sugando-lhe o lábio inferior entre os seus, provocando-o com os dentes antes de o acalmar com a língua e lamber dentro dela — só uma vez, como se soubesse que não devia. Como se não conseguisse resistir.

Tal como Adelaide sabia que não devia.

Tal como Adelaide não podia resistir.

Que se danasse a luz do dia; que se danassem as docas; que se danasse o duque.

Um sino soou à distância.

Raios.

Ela pôs fim ao beijo mal ouviu o som, e ele soltou um gemido de desprazer do fundo do seu peito, enquanto perseguia os lábios dela por um instante, como se o seu recuo tivesse sido um erro.

De certeza que parecia ter sido um erro.

Porque, de repente, ele não parecia muito um duque.

Talvez fosse o pôr do Sol — a forma como a luz dourara todo o rio, roubando a realidade e não deixando mais que este homem, que curiosamente era muito mais do que um duque engomado e desagradável. Alto, impossivelmente bonito e que a beijava como se não tencionasse parar, nunca.

O que, para ela, estaria muito bem.

Adelaide ajeitou os óculos, entortados pelo abraço, e perguntou-se se estaria a enlouquecer, porque tinha na ponta da língua a sugestão de ele não parar, quando ele disse:

— Eu não devia ter feito isto.

A luz mudou, trazendo a realidade de volta, juntamente com a desagradável confirmação do que Adelaide sempre soubera. Que ela era Adelaide Frampton, e ele era o Duque de Clayborn, e o que quer que aquilo fosse... era um enorme erro. Para ambos. Um erro que, se fosse descoberto em Mayfair, arruinaria mais do que as perspetivas de Adelaide em relação a convites para jantares.

Felizmente, ela tinha uma forma infalível de manter o homem calado.

Passou as pontas dos dedos pelos lábios dele, agradada pela forma como ele fechou os olhos ao toque, as suas pestanas negras impossivelmente longas.

— Não — disse ela baixinho, quase triste. — Não devia. — E então libertou-se do seu abraço, passando a mão pelos músculos fortes do seu antebraço até à curiosidade de madeira nas suas mãos — a que ela já roubara e, por conseguinte, era por direito sua.

Tirando partido da surpresa dele, reclamou-a e saltou para a amurada da barcaça, enquanto as águas negras e revoltas do Tamisa corriam, ameaçadoras,

alguns metros mais abaixo. Mesmo sem as suas saias, o rio levá-la-ia.

— Que... — A pergunta dele transformou-se num grito rouco quando ela saltou. — Não! Adelaide!

Ela aterrou no convés de um pequeno barco de rio quando ele gritou a última palavra. O homem de ombros largos ao leme do seu novo transporte afastou-se do outro barco com um longo pau, pondo demasiado rio entre ambas as embarcações para alguém a poder seguir.

Mesmo um homem com pernas tão compridas como as de Clayborn.

Ela agradeceu com um aceno ao capitão do barco e este inclinou o chapéu na sua direção. Nenhum disse o nome do outro. Havia demasiados pares de olhos atentos sobre o rio.

E, em particular, um par lá em cima.

Ele chamara-lhe Adelaide.

Adelaide mergulhou sob o toldo que protegia o resto do barco do mundo em geral. Precisou de todas as suas forças para resistir a olhar para trás. Para se impedir de confirmar que ele estava a vê-la.

Para sentir a sua atenção mais uma vez.

Era bom ser notada.

Capítulo 2



Adelaide baixou a cabeça para entrar na cabina mal iluminada do pequeno barco de rio, que transmitia a todos a aparência de estar entretido nos negócios fluviais nessa tarde: a entregar carvão, cereais ou qualquer outra carga normal. Visto de fora, não havia a possibilidade de a minúscula embarcação albergar uma única coisa interessante, e muito menos quatro.

Contudo, como aquele dia já revelara, as aparências iludiam.

No seu interior não havia qualquer pilha de carga a caminho de Richmond. Nenhum carvão para ser entregue nas mansões palacianas a leste da cidade. Nenhum pacote para ser descarregado nas docas de Londres.

Ao invés, o barco exibia uma sala luxuosamente mobilada, com biombos que ocultavam de todos os olhares as sedas e os cetins pendendo das paredes, a mobília impressionante e as almofadas fofas que preenchiam o espaço, tornando-o o veículo ideal para percorrer a cidade silenciosamente e sem ser notado, não permitindo perceber que se encontravam lá dentro quatro das mulheres mais poderosas de Londres.

Claro que, para começar, a maior parte da população de Londres não reconheceria que as quatro mulheres em questão eram poderosas, e as mulheres em questão não tinham qualquer intenção de os corrigir.

As expetativas baixas eram uma excelente cobertura para o secretismo.

— Um *timing* impecável, como sempre — disse Adelaide, extraindo do bolso o caderno que surripiara aos Bully Boys. Pousou-o na mesa baixa antes de tombar num canapé à entrada da cabina e aceitar uma chávena de chá de Lady Sesily Calhoun, sua amiga e confidente — e mulher do capitão do barco.

— Tens a certeza quanto ao *timing?* — perguntou Sesily com um ar casual.

Adelaide bebeu chá.

— De que foi impecável? Tenho.

— Se uma pessoa desejar escapar, suponho que seja — começou Sesily. — Mas devo dizer-te...

— Não parecia que desejasses escapar, Adelaide. — Quem concluiu foi Lady Imogen Loveless, fazendo os seus selvagens caracóis pretos tremerem de

excitação quando se chegou para a borda do seu assento do outro lado da cabina.

Elas tinham visto o beijo. Adelaide bebeu mais um gole de chá, pensando na resposta, e finalmente decidiu-se por um tépido:

— Não percebo o que queres dizer.

Devolveu a chávena ao pires, e inclinou-se para a frente, admirando teatralmente a pasta azul em cima da mesa, marcada com um ornamentado sino índigo. Abriu-a e analisou o documento que encontrou lá dentro — um dossiê completo sobre um tal Lorde John Carrington, por coincidência, o irmão mais novo de um certo Henry Carrington, Duque de Clayborn, que Adelaide acabara de beijar nas docas.

Sendo *por coincidência* a parte mais importante. Não havia razão para discutir aquele beijo com as amigas. Nunca. Não tinha nada que ver com o dossiê nas suas mãos.

Ou era assim, ou elas nunca mais se calariam com aquele seu momento de fraqueza. Porque fora precisamente isso. Claramente. De facto, ela só estava a examinar o dossiê para se recordar de quem era o irmão de Clayborn. Não estava, de todo, a procurar informações sobre o duque.

Para que as quereria?

O seu coração começou a bater com força e ela esforçou-se por manter um tom calmo.

— Que horas são?

— Tempo suficiente para chegar lá — disse Sesily, afastando qualquer manobra de diversão que Adelaide pretendesse executar. — Quem era aquele?

Parecia impossível que não o tivessem reconhecido. A sua barba de um dia não era bastante para ocultar a sua verdadeira identidade, e ela reconhecera-o instantaneamente. *Tal como ele a reconhecera.* Mesmo assim, ela respondeu com descaro.

— Quem era quem?

As amigas nem fingiram ter ouvido a pergunta. Claro que não. Tinham visto demasiado. Compreendido demasiado. Afinal, não era esse o seu trabalho?

— Não era um Bully Boy — disse Imogen.

Adelaide estremeceu.

— Claro que não. — Ele tinha dito que estava a protegê-la.

— Um velho amigo? — sugeriu Sesily.

— Claro que não — respondeu Adelaide e, até aí, era verdade. Ela e o Duque de Clayborn não tinham trocado mais de 20 palavras na margem norte do rio e, durante esses breves e horríveis momentos, ela jurara nunca ser amiga de um homem tão hediondo. De facto, passara uma quantidade anormal de tempo a tentar descobrir segredos que pudesse usar contra ele.

Tinha a impressão de que os únicos segredos dele não eram verdadeiramente seus, mas sim do seu irmão, enumerados no dossiê que tinha na mão. Adelaide folheou dramaticamente o dossiê, como se não o soubesse já de cor.

— Não era... ninguém.

As duas amigas pestanejaram para ela, antes de Sesily desatar a rir.

— Devemos acreditar que tu, Adelaide Frampton, beijaste um qualquer?

— Por... nenhuma razão? — acrescentou Imogen.

— Em plena luz do dia? — Novamente Sesily.

— Ao lusco-fusco, na verdade — interrompeu Adelaide.

— Enquanto esperavas que te fôssemos buscar? — replicou Imogen. — Depois de teres cometido uma espécie de crime leve?

Adelaide pousou a chávena e levantou-se, tirando o boné e abrindo os botões do colete justo que as costureiras do grupo tinham criado para ela.

Sesily observou-a por um momento antes de acrescentar:

—... de calças.

Adelaide ajeitou os óculos.

— Estou perfeitamente bem tapada.

— Oh, sim, ninguém sequer pestanejaria ao ver uma senhora correr pela margem do rio de calças — brincou Sesily com um sorriso malicioso. — Especialmente se ela estiver a beijar um homem bonito ao lusco-fusco.

— Porque o fariam? — brincou Adelaide. — De certeza que tu já fizeste tudo isso.

O sorriso de Sesily aumentou, revelando uma fila de brilhantes dentes brancos.

— De facto, fiz. Mas, de mim, é o que se espera.

Era verdade. Sesily era um escândalo conhecido. Filha de um conde recente e

da sua condessa imprudente e, até há alguns meses, solteira, 30 anos, rica, bonita e com a absoluta temeridade que qualquer mulher merecia reivindicar. Claro que a sociedade não gostava de mulheres temerárias, por isso tinham passado anos a tentar derrubar Sesily, chamando-lhe *Sexily* pelas costas... sem perceber que o epíteto apenas lhe conferia mais liberdade. Mais poder.

Porém, a outra mulher já não beijava homens bonitos ao lusco-fusco. Beijava *um* homem bonito. Caleb Calhoun, que capitaneava o barco.

Adelaide enfrentou a amiga com um olhar.

— Acreditas que eu estava naquela doca, à espera de que vocês chegassem, e pensei, *Então, Adelaide, o que é que a Sesily faria agora?*

— Nesse caso, fizeste absolutamente o que estava certo — retorquiu Sesily, rindo.

— Se vocês as duas já acabaram — disse uma nova voz vinda do outro canto da cabina, a Duquesa de Trevescan, conhecida simplesmente como A Duquesa em muitos dos círculos mais requintados de Mayfair, como se fosse a representação singular do título — beleza, graça, dinheiro, poder... e um duque ausente que não se importava minimamente com o que a mulher fazia com os dias dela ou os fundos dele, como provava o barco no qual viajavam naquele preciso momento.

Adelaide virou-se para a duquesa, e o seu olhar recaiu no jornal nas mãos da outra mulher, ornamentado com um título arrojado que dizia:

JUSTIÇA DE SAIOTES? OU VIGILANTES BONITAS?

— Pelo que vejo, ainda nos atribuem os crimes que ocorrem em Londres — disse Adelaide. — Por isso está tudo bem com o mundo. — Após vários anos a trabalhar fora do radar dá Scotland Yard, o quarteto causara uma pequena cena em Whitehall um ano antes, atraindo a atenção da Polícia Metropolitana e, por extensão, dos jornais. Decerto não havia ninguém que apreciasse mais um rumor acerca de senhoras causando sarilhos do que os homens dos jornais.

— Hoje não são *crimes* — disse a duquesa. — É um crime em particular.

— Qual deles?

— O tombo do Lorde Draven no baile de Beaufetheringstone. Era uma forma gentil de se referir a uma queda de três andares para a morte. — Ao que parece, uma mulher foi vista a fugir da cena — continuou a duquesa. — Como

todas sabemos.

Tratava-se de Lady Helene, filha do Marquês de Havistock, que *também* estivera na cena do crime que deixara Lorde Draven — um homem odioso e desagradável — morto e bem morto nas roseiras premiadas de Lady Beaufetheringstone havia duas semanas.

O pai da senhora, porém, não *estivera* simplesmente presente na cena. Tinha cometido o homicídio. Esse homem maléfico vinha de uma família aristocrata que construíra uma fortuna através do tratamento cruel de pessoas por todo o globo. Só em Londres, estava envolvido em várias prisões privadas que exibiam condições abomináveis e meia dúzia de fábricas que pediam os seus trabalhadores «emprestados» às instituições de South Bank, forçando-os a trabalhar em situações insuportáveis. *Trabalhadores.* Não eram trabalhadores. Eram crianças — vulneráveis e esquecidas... consideradas descartáveis por homens como Havistock.

Como muitos outros, o Marquês de Havistock há anos que constava da lista de Adelaide. Ela aguardava que o homem fizesse alguma coisa que lhe valesse prisão por muito tempo, e tinha acontecido. Embora a maior parte da aristocracia ignorasse alegremente a verdade acerca da forma como Havistock construíra a sua fortuna, não poderiam tolerar o homicídio de um deles, perpetrado por um deles.

O grupo apenas precisava de provas — que Lady Helene, a própria filha de Havistock, seria capaz de fornecer, assim que fosse libertada da gaiola dourada que era a casa do seu pai em Londres.

Era aqui que Adelaide e as outras entravam.

— Então eles pensam que fomos nós que empurrámos o Draven.

— Quando a duquesa confirmou com um aceno de cabeça, Adelaide acrescentou: — E foste tu que asseguraste isso.

— Visitei o casal West na quinta-feira passada.

Duncan West, proprietário do *News of London*, e a sua mulher, que conhecia tudo e toda a gente que se podia desejar conhecer em Inglaterra.

— Pode ter-me escapado que ouvi dizer que não foi só uma mulher vista a fugir da cena, mas uma matilha delas.

Sesily ergueu uma sobrancelha.

— Decerto podemos arranjar um coletivo melhor do que *matilha?* — Fez uma pausa. — Bando? Enxame?

— Um grupo de gafanhotos chama-se uma nuvem — sugeriu Imogen.

Sesily ergueu as duas sobrancelhas.

— Isso já posso apoiar.

Adelaide riu, mas manteve a sua atenção na duquesa.

— Bem, nessa noite pilhei o bolso do Havistock. Foi quando tivemos acesso à contabilidade das suas empresas. — Um caderninho, parecido com o que acabara de roubar em Lambeth, e que o marquês raramente perdia de vista, com informações sobre cada uma das suas cinco fábricas, incluindo contagens de trabalhadores, fundos pagos às instituições pelo dia de trabalho de cada um, e outras coisas.

— E não surgiu nada em relação a isso em Whitehall — disse Sesily. — O Havistock, sem dúvida, decidiu não reportar o nosso crime menor para se manter livre das atenções quanto ao seu crime maior. Sinceramente, sinto-me um pouco ofendida. Se queremos ver-nos livres de alguém, fazemo-lo publicamente. Não atiramos as pessoas da varanda.

Adelaide concordou. O grupo podia regozijar-se com a punição dos homens que tinham prazer em castigar os que tinham menos poder, mas fazia tudo o que era possível para evitar um julgamento por homicídio.

— No entanto — continuou a duquesa —, os jornais gostam de histórias de mulheres misteriosas e rejeitadas.

Adelaide riu desdenhosamente.

— Como se a única maneira de ver a verdade do mundo fosse ser rejeitada por um homem.

— Como se ser rejeitadas nos tornasse misteriosas — acrescentou Sesily.

— Nós somos misteriosas? — perguntou Imogen.

— Não, se tu estiveres envolvida, Imogen — respondeu Adelaide.

Imogen, louca por explosivos, sorriu abertamente.

— Gosto de fazer uma grande entrada.

— Gostas de fazer uma *cena* — disse a duquesa. — A tua sorte é que ninguém te toma por alguém realmente capaz de o fazer.

Adelaide não conseguiu deixar de sorrir ao ouvir as palavras. Ninguém esperava que fossem as mulheres a causar verdadeiros danos.

Ninguém esperava nada das mulheres, ponto final.

— A questão é que — continuou a duquesa — o Havistock, além de estar zangado, é astuto, e não creio que descanse enquanto não descobrir quem o viu matar o Lorde Draven. E essa pessoa está em perigo. Não importa que a Lady Helene seja filha dele; ele vai eliminá-la se descobrir o que ela viu. E se descobrir que ela fugiu... não olhará a meios para a recuperar.

Adelaide estremeceu às palavras, tremendo mesmo com o que veio a seguir.

— Ou para a silenciar.

O quarteto ficou silencioso. Tinham passado anos a lutar contra o pior de Londres — aqueles que usavam perniciosamente o dinheiro e o poder para manter subjugados os mais fracos — e, durante esse tempo, tinham lutado contra inúmeros homens que não teriam qualquer escrúpulo em fazer desaparecer um filho para conservar o seu poder.

Lady Helene sabia do que o pai era capaz e fora ter com elas, seguindo a rede de sussurros acerca do misterioso quarteto de mulheres que aplicavam justiça aos homens demasiado poderosos para os canais regulares.

Tal como dezenas de outras jovens antes dela que tinham testemunhado eventos horrendos, Helene estabelecera contacto através de um criado de confiança, que contactou outro e outro até chegar à Duquesa de Trevescan, que se pôs imediatamente em ação e garantiu que a jovem nunca mais tivesse de dormir debaixo do teto do pai.

A duquesa respondera imediatamente à missiva, instruindo a senhora para estar preparada precisamente às 19 horas desse dia. Lady Helene devia aguardar, de mala na mão, a sua remoção da Casa de Havistock.

Como manobra de diversão, Adelaide encontrar-se-ia ao mesmo tempo com a mãe da jovem, garantindo que Lady Helene teria algum avanço antes de toda a Casa de Havistock começar a procurá-la. Incluindo o seu terrível pai.

Claro que, quando Londres percebesse que ela tinha desaparecido, a rapariga estaria alegremente escondida, mesmo debaixo do nariz da sociedade, na residência de Mayfair da duquesa, e nenhum aristocrata desconfiaria que ela prestaria depoimento enquanto testemunha na Scotland Yard e teria longos e adoráveis almoços com o homem a quem estava prometida. Entretanto, a duquesa, Sesily, Adelaide e Imogen concluíam o trabalho de meses para apresentar o seu pai à justiça.

Tudo seria resolvido em dez dias, se corresse conforme os planos, e correria. Nenhum plano se atreveria a desafiar a duquesa.

— Agora. Em que ponto estamos? Adelaide, parto do princípio de que a tua

visita aos Bully Boys foi um sucesso?

Adelaide pegou no caderninho em cima da mesa e atirou-o à duquesa, que o apanhou com facilidade.

— Bom trabalho — disse a duquesa, folheando as notas garatujadas enquanto Imogen se inclinava para levantar o cubo da mesa e Sesily ajudava Adelaide com as roupas.

— Imagino que o Alfie Trumbull não gostará de perder a localização de cada esconderijo de armas num raio de vinte milhas. — Ergueu o olhar. — Não tiveste problemas?

— Algumas surpresas, mas nada que não conseguisse resolver.

A duquesa semicerrou os seus olhos azuis.

— Que género de surpresas?

O *Duque de Clayborn estava lá.*

Ela devia dizê-lo. Era importante. Ele não era tolo. Ela roubara-lhe o misterioso cubo de madeira e ele não tardaria a começar a fazer perguntas acerca dela, tentando compreender a amplitude dos seus assuntos em South Bank — perguntas que as poriam a todas, e ao seu trabalho, em perigo.

A caixa compraria o seu silêncio apenas durante algum tempo.

Todavia, por alguma razão, quando Adelaide abriu a boca, apenas disse:

— O Alfie tem uma secretária nova, com trancas e gavetas de fundo falso.

— A sério? — troçou a duquesa. — Se não tiver cuidado, ainda pensam que é um homem de negócios. Mais alguma coisa?

— Os Bully Boys perseguiram-me.

Com toda a sala em silêncio, o único som era o do colete de Adelaide a deslizar; as outras mulheres olhavam-na como se ninguém ali tivesse alguma vez considerado a possibilidade de Adelaide ser vista. Perseguida. Apanhada.

Notada.

Até Imogen interrompeu a sua inspeção da caixa de madeira.

— Como assim, *perseguiram?*

Adelaide fingiu não notar a surpresa da amiga, encolhendo um ombro esguio.

— Eles viram-me. Perseguiram-me. Escapei.

Mais silêncio. Depois, Sesily disse:

— Eles *viram-te?*

Adelaide despiu a camisa pela cabeça, trocando-a rapidamente pela combinação que Sesily lhe entregou.

— Sim. Como já notaram, estávamos em plena luz do dia.

— Pensei que era lusco-fusco? — comentou a duquesa, seca como areia.

— Mas tu és... *tu* — disse Sesily, avançando para lhe ajustar as fitas do corpete sobre a peça de roupa interior. — Ninguém *te vê,* Adelaide.

— Bem, hoje viram — respondeu Adelaide, desagradada com o calor que lhe inundou as bochechas ao ouvir aquelas palavras. — Hoje eu fui... — Fez uma pausa, considerando os eventos. Ela tinha sido distraída. Por um homem. Falara com ele. Aceitara a sua ajuda. Desfrutara dela, para ser honesta. E depois fizera a coisa menos típica de Adelaide que se podia imaginar: beijara-o. Sem pensar nas repercussões. Sem pensar, de todo. Empurrou os óculos no nariz. — Hoje não fui eu.

— Também diria que não — concordou Imogen, devolvendo a sua atenção ao cubo de madeira.

— Eu disse-te que as tarefas eram muito próximas uma da outra — disse a duquesa, virando-se com um monte de seda nos braços. — Podíamos ter enviado a Imogen.

Aproximando-se, a duquesa desdobrou a seda preta, revelando um luxuoso vestido. Adelaide tirou os óculos e atirou-os para uma cadeira próxima antes de levantar os braços e deixar que Sesily e a duquesa lhe enfiassem a peça de renda preta pela cabeça, falando através da crinolina e dos saiotes.

— A Imogen podia ter sido vista.

— Oh, ao contrário de ti, que te moveste como o nevoeiro? — retorquiu Imogen.

Ela tinha-se movido como o nevoeiro. Não tinha culpa que Clayborn tivesse *aparecido* ali. Sem ser convidado. Espreitou pelo decote do vestido.

— Serias vista quando fizesses explodir o edifício, Imogen.

Imogen Loveless era o género de mulher em que as pessoas reparavam porque era impossível não reparar nela. Era um diabrete rodopiante — um livro que podia mesmo ser julgado pela capa. Baixa e roliça, com uma cabeça coberta de desalinhados caracóis pretos e um gosto por experiências de química que tanto podiam salvar o dia como destruí-lo, Imogen era uma amiga, alternadamente, excitante e absolutamente aterrorizadora.

Escusado seria dizer que era uma delícia nas festas.

— Os explosivos podem ser uma manobra de diversão útil! — disse Imogen, brandindo a caixa na direção de Adelaide. — O que é isto?

Adelaide estendeu a mão enquanto Sesily começava a apertar os laços nas costas do vestido.

— Dá-me isso.

O olhar de Imogen iluminou-se.

— O que é? — Entregou a caixa a Adelaide, que imediatamente a revirou, considerando o cubo simples de carvalho por todos os ângulos.

Por cima do ombro, Sesily disse:

— Parece um brinquedo de criança.

Era verdade. Um simples bloco de madeira, com quinze centímetros de cada lado, sem fechadura, tranca ou abertura visível, sem qualquer indício de qual era a parte de cima ou a de baixo, ou do que continha.

— Não é.

— Como sabes?

Porque pertence ao Duque de Clayborn.

Mais uma vez, não o disse.

— Porque o Alfie Trumbull não tem razões para guardar um brinquedo de criança no fundo falso da gaveta da sua secretária. Apostaria tudo o que tenho em como contém algo de valioso. — Era uma aposta segura, porque os segredos pertencentes a um dos aristocratas mais respeitados e poderosos de Mayfair eram uma das moedas de troca mais valiosas do mundo. O que Adelaide mais gostava era de um enigma, e este era magnífico. Revirou o cubo nas mãos.

— A questão é, como é que se abre? — perguntou Imogen.

— Não sei — confessou Adelaide. Mas *descobriria.*

— Não pode ter sido feito por um Bully Boy — disse Sesily, as palavras distantes enquanto Adelaide premia e puxava a caixa, sem resultados.

— Raios — protestou. Sesily arrepanhara-lhe o cabelo num rolo cruelmente firme, espetando os ganchos o mais apertado e longe que conseguia. — Ai! Calma, Sesily.

— Não consigo evitar — disse a outra mulher, enfiando mais um gancho no

cabelo indomado de Adelaide. — Estava tudo a cair.

As bochechas de Adelaide aqueceram com as palavras. Com a memória do olhar de Clayborn sobre o caracol que se soltara da sua touca. Com o alívio suave na sua voz quando sussurrara: *Ruiva,* como se tivesse esperado toda a vida para saber de que cor era o cabelo dela.

— Podíamos fazê-lo explodir — sugeriu Imogen.

— Acho que queremos saber o que está dentro de um recipiente tão curioso — disse a duquesa, devolvendo os óculos a Adelaide. — Algo tão importante que os Bully Boys acharam que merecia ser escondido.

— Que merecia ser roubado, para começar — disse Adelaide, as palavras urgentes e ansiosas. — E é por isso que vou abri-lo. — Ela queria abrir aquele objeto. E depois queria dirigir-se à casa de Clayborn em Mayfair e exibir a sua capacidade. Imaginava que ia chocá-lo novamente, como fizera com aquele beijo.

Aquele beijo.

O beijo que ele considerara um erro, recordou ela antes de erguer novamente o olhar e perceber que as três amigas estavam a observá-la.

— Apenas por curiosidade — acrescentou, apesar de nenhuma das três parecer convencida.

— Bem — disse a duquesa, avançando e entregando a Adelaide um novo par de luvas, esperando que ela as calçasse antes de seguir os movimentos com um abotoador. — Devemos voltar ao mistério do cubo de madeira quando tivermos terminado a nossa missão atual, à qual eu gosto de chamar *Protegendo Lady Helene do seu Odioso Pai, E Mantendo-a Segura Até Podermos Entregá-lo à Scotland Yard.*

— Não é o mais divertido dos títulos — comentou Sesily.

— De acordo — replicou Adelaide. — Não fica exatamente na ponta da língua.

— No entanto, estou ansiosa pela parte em que vou surpreender o Tommy — disse Imogen alegremente.

Adelaide sorriu enquanto a duquesa lhe abotoava as luvas.

— Não me parece que o inspetor aprecie que lhe chames Tommy, Imogen.

— Disparate — retorquiu Imogen. — Agora somos bons amigos. Estou a pensar em convidá-lo para jantar.

— Explodiste a cela dele, Im — disse Sesily, com a boca cheia de um bolinho que tinha encontrado por ali.

— E pensa na forma como ele vai regalar outros com essa história! Foi praticamente uma dádiva.

— Se é isso que achas — disse a duquesa com uma gargalhada. — Espero que possamos tratar deste particular... problema... sem atrair a atenção do *Tommy...* ou dos outros.

Imogen sorriu.

— Darei o meu melhor.

— Muito bem, então. Vamos ser rápidas. A Adelaide sai do barco, a Helene entra. — A duquesa olhou para Adelaide. — Já está uma carruagem a caminho para te retirar da casa quando a tua visita tiver acabado. Lembra-te, não queremos arruinar o rapaz. Só queremos que ela testemunhe.

Adelaide assentiu enquanto Sesily lhe colocava um chapéu preto na cabeça, escondendo-lhe cada labareda errante de cabelo que pudesse soltar-se ou revelar demasiado.

— Já fizemos isto dezenas de vezes.

Houve um movimento na entrada da cabina, preenchida totalmente pelo marido de Sesily. Adelaide viu algo que não conseguiu compreender no olhar do homem alto.

— Caleb?

— Chegámos — disse ele, calmamente.

Sesily avançou para ele como um íman, como se não tivesse outra escolha além de se juntar a ele quando ele aparecia, aninhando-se nos seus braços num cumprimento. Embora Adelaide tivesse visto aqueles movimentos uma centena de vezes ao longo do último ano, desde que os dois se tinham casado, nessa noite ficou a pensar nisso.

A pensar como seria vivê-lo — só uma vez, sentir que tinha outra metade. Um par.

Que. Disparate.

Obrigou-se a abandonar a fantasia. Não tinha tempo para devaneios.

Endireitando os ombros, pegou no dossiê. Quando saísse daquela cabina, já não seria Adelaide Frampton, os dedos mais leves de Londres.

Seria uma pessoa completamente diferente — mais valiosa para as mulheres

da sociedade de Londres do que diamantes ou sedas ou mesmo o último mexerico. Mais perigosa para os homens, também.

— Mas... — disse Caleb, a sua voz baixa transportando-se pelo espaço. Todas o olharam. — A rapariga... não está aqui.

Capítulo 3



Henry Carrington, sexto Duque de Clayborn, não gostava de ser convocado.

Nos seus 36 anos sobre esta terra, descobrira que poucas coisas boas vinham dessa experiência.

Aos 10 anos, quando estava em Eton, fora convocado a casa, em Sussex, para o nascimento do seu irmão mais novo, Jack, e a subsequente morte da mãe, quatro dias depois. Aos 17, fora convocado novamente à propriedade para descobrir que o pai morrera e ele fora feito duque.

Depois disso, as convocatórias chegaram mais frequentemente — levando-o a casa por uma série de razões. Aos 20, uma seca ameaçou as colheitas. Aos 22, um surto de garrotilho arruinou os estábulos na mansão Clayborn. Aos 23, 25 e 29 foi convocado à escola de Jack para lidar com os comportamentos erráticos do jovem Carrington (impossível).

A sociedade também gostava de o convocar — afinal, não era todos os dias que um duque aparecia num baile/almoço/jantar/serão musical/dança rural/chá. Também não era todos os dias que um duque nascia da maneira que Clayborn nascera — imbuído desde o útero com um sentido de implacável responsabilidade, que ele ostentava com a arrogância clássica. Rígido, cortês, de maneiras impecáveis.

Felizmente, tendo adquirido a reputação de par do reino respeitável e sendo um dos poucos membros ativos da Câmara dos Lordes que tentava efetivamente servir o povo e Sua Majestade, poucos se atreviam a convocá-lo.

Aparentemente, ninguém informara a Marquesa de Havistock desse facto. A idosa aristocrata, casada com um homem desprezível que merecia um túmulo precoce, convocara secamente Clayborn para as 19 horas dessa tarde, o que explicava a disposição particular do duque ao chegar à sofisticada mansão nas margens do rio Tamisa.

A sua disposição não tinha nada que ver com a nódoa negra que lhe florescia na bochecha acabada de barbear, nem com o facto de, há menos de duas horas, ter voltado a perder os seus bens roubados. E sobretudo, não tinha nada que ver com a intrigante ladra que os levara.

A menina Adelaide Frampton, que vira passar por si quando estava no

exterior do altamente vigiado e protegido quartel-general de Alfred Trumbull, perguntando-se como conseguiria entrar e recuperar a sua enigmática caixa. A senhora não tivera qualquer dificuldade em concretizar o mesmo plano — entrara diretamente no armazém, arrombara a fechadura de uma gaveta de secretária bem segura e roubara a única coisa que tinha algum valor para ele. Tudo sem ser notada.

Como é que o mundo em geral não notava Adelaide Frampton no momento em que ela entrava numa sala, era algo que nunca compreenderia.

Toda a gente em Londres a considerava uma menina calada e modesta — uma folha infeliz no ramo familiar da Duquesa de Trevescan, uma das figuras mais poderosas da aristocracia. Nos últimos cinco anos, Clayborn ouvira uma dúzia de histórias acerca do passado de Adelaide. Era um pobre ratinho do campo, chegada sem mais que a roupa do corpo. A filha de um vigário, órfã demasiado jovem. A dama de companhia de infância da duquesa — uma prima muito afastada. O mais provável era que fosse a filha de uma criada.

As histórias eram múltiplas e breves, e contadas sempre com um laivo de surpresa ou desdém, como se fosse inacreditável que alguém desejasse realmente saber alguma coisa sobre Adelaide Frampton.

As histórias também eram inexatas, o que ele já sabia há um ano — bastava olhar para Adelaide Frampton para o saber. No ano que passara desde que a tinha descoberto, Clayborn vira-a roubar os bolsos de meia dúzia de aristocratas à vista de toda a cidade e repreender um conde que acabara em Newgate pouco depois — um homem monstruoso que nascera com poder e privilégio e nunca vira uma mulher fazer-lhe frente.

Se Clayborn fosse homem de jogos de azar, teria apostado toda a sua fortuna na hipótese de Adelaide ter muito que ver com essa prisão em particular.

Nessa tarde, vira-a levar os seus próprios pertences do armazém do famoso gangue de South Bank. Se não estivesse tão preocupado com a segurança dela, teria ficado impressionado.

O duque de Clayborn era um homem que compreendia as circunstâncias do nascimento, e não havia qualquer possibilidade de Adelaide Frampton ser filha de um vigário, uma moça do campo ou prima de uma duquesa.

Como é que ninguém, em ambas as margens do Tamisa, parecia reparar nela, era um perpétuo enigma. Clayborn não conseguia deixar de a notar. Reparava nela constantemente. Em salões de baile, quando ela aparecia com as suas estranhas amigas, em jantares, quando era a mais calada da sala, e nos seus

passeios matinais através de Hyde Park. Há anos que ele conseguia distinguir Adelaide Frampton numa multidão. Caramba, não conseguiria não a reconhecer.

A questão era que, desde então, ele reparava nela livremente. O que não lhe agradava muito, porque a mulher nunca parecia dar por ele. Irritante, isso.

Ela notara-o nessa tarde. Falara com ele. Lutara com ele. Roubara-o.

Beijara-o.

E, como se não bastasse, tinha a sua caixa.

Ele tinha de a recuperar. Caramba, estaria à procura dela neste momento, se não estivesse no vestíbulo da Casa de Havistock... convocado.

Mas a mensagem era clara.

Clayborn,
Temos de falar do seu irmão.
Recebo-o às 19h00.

Olivia, Lady Havistock

Clayborn esperava esta convocatória em particular há vários meses, pois Jack apaixonara-se, como ele descrevia, *profunda e irrevogavelmente*, por Lady Helene. Como se estivesse numa comédia de Shakespeare e um homem com cabeça de burro o tivesse atingido com uma seta.

Clayborn inclinou a cabeça.

Era algo deste género; ele sempre fora melhor a matemática.

A questão era que Jack estava apaixonado e Lady Helene parecia, curiosamente, desejosa de se submeter à sua surpreendente afeição. Como Clayborn não tinha visto Jack beber ou jogar ou mesmo fumar nos últimos meses, estava inclinado a apoiar o casamento dos dois.

No entanto, 36 anos a receber convocatórias fizeram-no pensar que a Marquesa de Havistock podia ter uma opinião diferente sobre o assunto.

Seguiu um criado de libré pelos corredores da mansão até uma sala ricamente mobilada, a que não faltava uma pequena e elaboradamente esculpida secretária que fora claramente escolhida pela aparência mais do que pela função. No entanto, a Marquesa de Havistock estava sentada atrás dela, como um juiz no tribunal — um efeito que era acentuado pela sua impressionante beleza. Apesar do que não podia ser um casamento fácil com um homem desprezível, ou da

produção de seis filhos com o mesmo, a marquesa conseguira evitar o envelhecimento que atacava a pele clara de outras, e o seu rosto não exibia mais do que alguns graciosos sinais da idade.

— Clayborn — disse ela mal ele entrou na sala, proferindo o nome como se estivesse com uma pressa terrível e ele a estorvasse. — Ainda bem que veio.

Desejando estar em qualquer sítio menos ali, Clayborn conhecia o papel que tinha de representar, por isso atravessou a sala e fez uma pequena vénia sobre *a* mão da marquesa. O verdadeiro cavalheiro ter-lhe-ia dito que gostava imenso de receber as suas convocatórias, mas uma vénia era o máximo que Clayborn conseguia.

— Li acerca da sua... *exibição* na Câmara dos Lordes na semana passada — prosseguiu ela, o desdém escorrendo de cada palavra ao referir o momento em que ele perdera a cabeça perante a assembleia enquanto tentava movê-los à compaixão por alguém que não fossem eles mesmos. — Que bom samaritano me saiu, falando de... o que era? Um trabalho qualquer?

— Trabalho infantil — respondeu ele, frio como gelo. O género de trabalho a que o marido dela recorria sem hesitação nem consciência. O género de trabalho que rendia ao marquês dinheiro suficiente para contratar um bando de ladrões a fim de destruir o futuro de Clayborn no parlamento.

Claro que agora o item roubado e a informação que este continha estavam nas mãos de uma ladra muito mais interessante e com quem tinha muito mais vontade de negociar.

— Ah, sim — prosseguiu a marquesa, como se todo o tema fosse algo fora do seu alcance. — Sabe que o Havistock nunca me fala das coisas que vocês, *homens,* debatem.

— O trabalho infantil não devia ser debatido apenas por homens. Clayborn virou-se ao ouvir as palavras, e foi então que se apercebeu da presença de uma mulher sentada ali perto, com uma cascata de saias de seda preta, luvas até ao pulso, botas imaculadamente envernizadas, um pequeno chapéu e um meio véu.

Ficou paralisado, com um choque demasiado familiar, percorrendo-a com os olhos, registando a sua coluna direita, a dobra aprumada da sua cintura sob o corpete, a pele sardenta do peito por cima do decote do vestido, a coluna longa do seu pescoço, o queixo definido e os lábios cheios — lábios que ele conhecia infimamente desde essa tarde.

Lábios que pertenciam a Adelaide Frampton. Lábios presos ao resto do corpo de Adelaide Frampton.

Se ele fosse outro homem, as suas sobrancelhas podiam ter-se erguido de surpresa. Mas ele era o Duque de Clayborn, e a surpresa nunca era para revelação pública.

Que raio fazia ela aqui?

Ela não se mexeu, e ele não conseguiu ler os seus enormes olhos castanhos escondidos atrás do véu curto. Teria feito tudo para ver aqueles olhos expressivos. Era um disfarce inteligente — escondia-lhe os óculos que teriam facilmente revelado a sua identidade. Ainda assim, ele teve o instinto louco de lhe arrancar o ridículo chapéu preto da cabeça e soltar-lhe o cabelo que ela normalmente mantinha firmemente preso. O cabelo ruivo e fogoso que ele descobrira nessa tarde.

Era, decididamente, um instinto muito pouco típico de Clayborn.

Muito à semelhança de todos os outros que ela lhe provocava.

— Nem sequer devia ser um debate — continuou ela, enquanto ele ignorava o latejar selvagem do seu coração. — *Um flagelo. Algo que devíamos relegar e trancar nas trevas do passado.* — Fez uma pausa. — Não foi isso que disse no seu discurso da semana passada, Vossa Graça?

— É verdade — confirmou ele. Como é que ela sabia?

— Está equivocado, obviamente.

A marquesa soltou um suspiro chocado quando as sobrancelhas de Clayborn se ergueram. Não era um comentário que ouvisse muitas vezes.

— Diga-me como.

— Quando banimos os pecados para o passado, não devemos trancá-los. Devemos mantê-los por perto, a fim de que a sua memória nos recorde que não devemos deixá-los ver novamente a luz do dia.

Como é que alguém podia não reparar nela?

— Bem, não tenho a certeza se devemos chamar-lhe um pecado. O meu marido diz-me que as crianças são bem recompensadas pelo trabalho. E isto impede-as de desenvolver um gosto pela ociosidade.

Era um argumento repugnante, que Havistock apresentara uma dúzia de vezes no debate na Câmara dos Lordes. Clayborn mordeu a língua em vez de repreender a mulher atrás da secretária, que, aparentemente, era tão odiosa como o marido.

Adelaide Frampton não teve a mesma hesitação.

— Francamente, esgrimir esse argumento numa casa criada para a ociosidade, com fundos ganhos pelo trabalho dessas crianças e outros por todo o mundo, é... — Fez uma pausa e ele imaginou que ela procurava uma palavra que pudesse usar junto de companhia polida —... muita lata.

Os olhos da marquesa quase lhe saltaram da cabeça.

— Madame. *Está a pisar o risco.*

Uma resposta chegou aos lábios de Clayborn — palavras que mandassem a duquesa ter cuidado com o tom. Que respeitasse os melhores que ela.

Contudo, antes de poder falar, a menina Frampton disse:

— Não fomos apresentados.

O silêncio tombou até a duquesa se recompor e dizer:

— Bem me pareceu que não se conheceriam.

Porque não? Adelaide Frampton era presença habitual em bailes e jantares, festas e recitais.

Antes de ele poder referi-lo, a marquesa continuou:

— Os homens fazem tudo o que é possível para evitar as partes complicadas da vida, não é?

Clayborn partiu do princípio de que a pergunta era retórica.

— Esta, caro rapaz — continuou a marquesa —, é a Quebra-Casamentos.

Mais uma surpresa para esconder.

Em geral, Clayborn fazia tudo o que podia para se manter fora dos mexericos e discussões da sociedade. Oh, assistia a bailes e aparecia no seu clube e mostrava-se nas corridas, mas isso tinha que ver com política e propriedade, não com prazer. Mesmo assim, era preciso ter nascido debaixo de uma pedra para não ter ouvido falar da Quebra-Casamentos.

Contratada pelas mulheres da sociedade para verificar o *pedigree* dos homens que desejavam casar com as suas filhas. Sussurrava-se sobre a Quebra-Casamentos em toda a Mayfair, sempre que uma joia da sociedade era cortejada por um homem menos que ideal. *Pobre rapariga,* sussurrava-se por trás dos leques. *Alguém devia chamar a Quebra-Casamentos.*

E quando ela era chamada, normalmente para confirmar uma suspeita já existente, descobria tudo — medos de infância, erros de estudante, fraquezas de adulto. Relatório completo de dívidas. Redes de amigos e conhecidos dos

negócios. Amantes. Filhos ilegítimos. Vícios incuráveis.

Não havia segredo que a Quebra-Casamentos não conseguisse descobrir. Era uma lenda para as mulheres de Mayfair... e uma inimiga para muitos dos seus homens.

E ninguém sabia o seu nome. Pelo menos, ninguém admitia sabê-lo, apesar de os homens solteiros de Londres estarem dispostos a praticamente tudo para o obterem. A verdadeira identificação da Quebra-Casamentos era o segredo mais bem guardado das suas congéneres de saias, até este momento, em que o Duque de Clayborn descobria a sua identidade.

Um arrepio de excitação percorreu-o ao tomar consciência de que, subitamente, o campo que se estendia entre ele e a menina Adelaide Frampton estava outra vez nivelado. Ela julgava-se disfarçada, nunca imaginando que ele a observara tempo suficiente para que um véu funcionasse como uma barba de um dia — praticamente, não disfarçava nada.

Sem mostrar nenhum dos seus pensamentos, Clayborn virou-se no seu assento, perfeitamente consciente de que as pernas da cadeira eram frágeis como paus de fósforo, para examinar a mulher de preto.

— A Quebra-Casamentos? — perguntou ele, desejando que o seu tom acalmasse, apesar de ter quase uma dúzia de perguntas na ponta da língua. — Essa é uma designação formal? Um cargo atribuído pela rainha?

Lady Havistock riu-se. Adelaide não, e Clayborn maravilhou-se com o seu comportamento tranquilo e frio.

— Acredito que está prestes a perceber a sua importância, duque.

Ele recostou-se na cadeira, calado, e desagradado pela indiferença que ela manifestava na sua presença. Antes não fora nada indiferente; porque é que agora estava tão controlada?

Adelaide baixou a mão para um pequeno saco aos seus pés, onde quase não cabia uma folha de papel, e extraiu um dossiê azul, com um grande sino índigo na capa.

O coração de Clayborn começou a bater com força.

— O que é isso?

— Isto — disse ela, as palavras medidas e cuidadosas ao pousar o dossiê no colo, pondo-lhe em cima uma mão enluvada, revestida de uma magnífica renda, negra como a noite — é o dossiê do seu irmão.

Clayborn chegou-se para a frente.

— E o que contém?

Lábios cor-de-rosa encurvaram sob o véu.

— Tudo.

O que é que ela sabia?

Teria aberto a caixa? Tão rapidamente? Não. Mal tivera tempo para mudar de disfarce — era impossível imaginar que tivesse descoberto o truque para abrir a caixa quebra-cabeças. Que compreendesse o que estava lá dentro.

Não obstante, mesmo sem a sua propriedade roubada, a ideia de que um tal dossiê existia — algo que podia assombrar Jack para o resto dos seus dias —, e que uma tal coisa estava nas mãos de Adelaide Frampton e quem quer que trabalhasse com ela — era... perturbador, para dizer o mínimo. O que é que continha? Acerca de Jack? Acerca *dele?* E quem encomendara esse dossiê?

A resposta era clara: o Marquês de Havistock. Outrora amigo do seu pai, agora inimigo acérrimo. O homem que desceria a qualquer nível para destruir Clayborn, incluindo, aparentemente, arruinar as hipóteses do seu irmão com a mulher que amava.

O homem que contratara Alfie Trumbull para lhe roubar a caixa quebra-cabeças, agora nas mãos de Adelaide Frampton.

Não por muito tempo.

Ela abriu o dossiê.

— John, o seu irmão dez anos mais novo.

Raios. Jack era tolo, mas não era mau, e forneceria herdeiros à linhagem. Não merecia o que quer que aquilo fosse — especialmente se fosse uma mensagem concebida para silenciar o próprio Clayborn. Nas mãos do marquês, seria usada para silenciar Clayborn no Parlamento e obstaculizar a sua tarefa de acabar com o trabalho infantil. Para manter os cofres de Havistock cheios de ouro produzido às custas dos que não se podiam defender.

Que fossem contra ele, se quisessem. Mas ela não arruinaria Jack. Não, se ele pudesse fazer algo contra isso.

Passou o polegar ao longo da ponta do dedo indicador, o único movimento que se permitiu, resistindo à urgência de se aproximar dela. De inclinar o pescoço. Ignorou o bater descompassado do seu coração. *O que é que ela sabia?*

— Tenho a certeza de que pretendia referir-se a ele como Lorde Carrington.

Os lábios dela cerraram-se perante a fria correção.

— O nariz dele é tão direito como o seu?

O *quê?*

Antes de ele poder colocar a pergunta em voz alta, ela continuou com casualidade:

— É difícil acreditar que seja, tendo em conta as suas companhias.

— Eu sabia! — interrompeu Lady Havistock. — Um canalha! *Como se a mulher não fosse casada com um bem pior.*

Clayborn não teve de enunciar o pensamento, porque Adelaide antecipou-se.

— Não se pode dizer que metade dos homens de Mayfair não mereçam o adjetivo, mas sim. Parece que este tal Carrington...

— *Lorde* Carrington — corrigiu ele, olhando Adelaide com o máximo de desdém que conseguiu reunir. Ela saberia no que se estava a meter? Que espécie de arma o seu dossiê podia ser?

Não podia saber. Ele observara-a junto da aristocracia durante o último ano. Durante mais tempo, ainda. Testemunhara o desprezo nos seus olhos enquanto os observava dos cantos dos salões de baile. Uma vez vira-a pilhar o bolso de Havistock. Não podia estar coligada com o homem.

Que se passava, então?

Ela ficou calada por um momento e ele deu por si perversamente satisfeito por tê-la perturbado.

— Lord *Carrington* — recomeçou ela —, como tantos outros janotas antes dele, tem muito jeito para acumular enormes quantidades de dívidas em espaços de tempo extremamente curtos.

Ter-se-ia esquecido de que estava numa casa que era propriedade de um janota? Que havia outro janota na sala? E não era um janota qualquer, era um *duque*.

Clayborn conteve um som de desprezo instintivo. Ele não era o género de homem que exibia o seu título aos outros. Menos ainda o usava para impressionar. Passara toda a vida a tentar viver de acordo com as expetativas do maldito título. A tentar merecê-lo. Mas esta mulher amarrara-o com nós, com o seu vestido preto e a sua coluna direita e aquele cabelo ruivo flamejante que, mesmo neste momento, ele desejava soltar, e aquela bonita pasta azul que o ameaçava com todos os segredos que ela podia saber.

Segredos que ela já tinha na sua posse, porque ele beijara-a em vez de lhe

tirar a caixa e se ir embora. *Aquele beijo.*

Tinha sido um erro. Obviamente. O Duque de Clayborn não tinha por hábito beijar mulheres em navios de mercadorias. E, decerto, não mulheres como aquela, que ameaçavam o seu futuro de uma dúzia de formas diferentes.

— Que género de dívidas? — perguntou a marquesa, nada ofendida com o claro desdém que a menina Frampton sentia pela aristocracia.

— Do género vulgar. — Debitou a lista, calma, interminável e sem surpresas; tudo o que Clayborn sabia acerca do irmão. — É um jogador inveterado, tendo perdido milhares de libras em vários casinos por toda a cidade de Londres. — Olhou para Clayborn. — A sua sorte é que continua a ter-lhes acesso porque é sabido que o duque paga regularmente as dívidas do Lorde Carrington.

Era tudo verdade. Jack era jovem, rico e sem propósito na vida. Pelo menos, tinha sido. Clayborn recostou-se na cadeira e observou-a.

— Há três meses que o meu irmão não põe os pés num antro de jogo.

— O Carrington gosta de beber.

— Já deixou.

Ela cerrou os lábios numa linha direita.

— E de mulheres.

Aos 26 anos, sim, o irmão tinha tido a sua boa dose de diversão.

— Mais uma vez, já se deixou disso.

— Quando?

— Há três meses.

Clayborn teve a impressão de que o olhar dela lhe lançava facas.

— Julgo que devemos supor que foi também aí que deixou de beber?

— De facto, assim foi.

Houve uma pausa enquanto ela o observava, e ele resistiu ao desejo de lhe arrancar o véu dos olhos.

— Porquê? Que aconteceu há três meses?

O duque nem hesitou.

— Apaixonou-se.

Ela aliviou um pouco o aperto dos lábios por baixo do véu, e repetiu:

— Apaixonou-se.

— Exatamente — disse ele, como se bastasse.

— Bem, isso é querido, mas irrelevante para o meu relatório sobre este noivado em particular. — Pousou uma mão enluvada sobre a outra em cima da pasta azul e devolveu a sua atenção à marquesa, que permanecia sentada como uma estátua, sendo o único sinal de que ouvira aquela litania de itens o aperto dos dedos nas suas mãos unidas.

Após um longo momento, a mulher mais velha disse:

— Diga lá, então? Na sua opinião, ele vai fazer-lhe mal?

Adelaide hesitou e Clayborn cerrou os dentes, a vibrar de raiva no interior. O irmão era muitas coisas, e podia por vezes ser um completo idiota, mas nunca levantaria a mão a uma pessoa mais fraca do que ele.

— *Não* o fará — declarou ele. — O meu irmão é um homem mudado. Ama a Lady Helene, facto que conheceria se tivesse tentado produzir o seu relatórios com mais do que um punhado de registos das casas de jogos. Ele *nunca* lhe faria mal.

Um instante de silêncio, e depois ela disse:

— Fala como um homem que nunca considerou o papel da mulher no casamento. — As palavras foram um golpe de desdém, e a temperatura da sala pareceu aumentar duramente no seu rasto. — Uma mulher não pode comer amor. Não pode vesti-lo. Não pode viver nele.

— Até custa acreditar que lhe chamem Quebra-Casamentos.

— Até custa acreditar que o senhor seja um homem adulto — retorquiu ela. — Porque acreditar no amor é para os contos de fadas e as crianças.

Ele ergueu as sobrancelhas.

Quem é que aquela mulher pensava que era?

Ignorando-o, ela virou-se para a marquesa.

— Na minha opinião, minha senhora, a pior caraterística do homem é a sua falta de juízo, que podia perfeitamente ter um impacto na felicidade da Lady Helene no futuro. Estou menos preocupada com a sua incapacidade de se manter livre de dívidas...

— Eu estou bastante preocupada com as dívidas! — A marquesa guinchou a palavra, como se fosse um crime semelhante ao homicídio. Como se fosse acompanhado de uma sentença de morte.

E, para as pessoas endinheiradas, era — especialmente quando o devedor

em questão estava para casar com a sua filha. O amor era para esquecer — ninguém esperava que as filhas tituladas amassem os maridos. O casamento, para elas, era uma proposta de negócios. A fusão de famílias. Como se duas grandes nações estivessem a juntar forças.

— Oh, com um... — começou Clayborn, quase não conseguindo conter um comentário grosseiro. — Mesmo que eu não tivesse total conhecimento da quantidade e localização de cada cêntimo das finanças do meu irmão, devo recordar-vos de que o Jack é meu herdeiro, e não tenho problemas em pagar as minhas dívidas.

— Oh, por favor — disse Lady Havistock, de repente cheia de toda a determinação que enche as mães nos preparativos de um casamento. — Ele não será seu herdeiro por muito tempo. O senhor não tardará a perceber que está a ficar demasiado velho para arranjar uma noiva jovem que realmente o queira, e vai agarrar a primeira cara bonita que vir.

Bem. Clayborn poderia muito bem dispensar o comentário do *demasiado velho*. Ele não tinha qualquer intenção de agarrar nenhum género de cara, bonita ou outra, mas não o disse.

Nem quando Adelaide Frampton decidiu oferecer a sua opinião.

— A senhora tem toda a razão, duque. É surpreendente que eu ainda não tenha compilado um dossiê sobre si, com essa sua inabalável crença no amor... decerto haverá por aí uma mulher desejosa de conquistar o seu coração?

— Na verdade, tenho passado a maior parte do meu tempo sobre a terra a esquivar-me a mulheres que desejam conquistar o meu coração. — O silêncio seguiu-se às suas palavras — palavras que o faziam parecer uma besta completa — e, pela primeira vez na sua vida, o Duque de Clayborn sentiu-se aquecer com... caramba, seria embaraço?

Recusou-se encará-la, àquela mulher enfurecedora que o pusera de cara à banda duas vezes nesse dia. Nem mesmo quando ela disse, numa voz seca como areia:

— Francamente, custa-me acreditar que tenha sido bem-sucedido.

Ele levantou-se da cadeira. Tinha de sair daquela casa. Afastar-se daquela mulher.

— Lady Havistock — começou —, se me chamou aqui para me pressionar a pôr fim à corte que o meu irmão faz à sua filha com qualquer informação que esteja no dossiê dele, asseguro-lhe que perdeu o seu tempo e o meu.

» O meu irmão tem 26 anos, e quaisquer que sejam os seus fracassos ou sucessos, ele é mais do que um conjunto de acusações numa folha de papel. Recuso-me a alinhar neste jogo de segredos e mentiras. Se eles decidirem casar, a Lady Helene e o Jack têm o apoio total do Ducado.

— Francamente, Clayborn, quer atirar a minha filha aos lobos?

Num feito que lhe exigiu muita força, ele refreou-se de notar que Lady Havistock e Adelaide Frampton eram muito mais parecidas com lobos do que o seu irmão, que apenas desejava casar com a mulher que amava.

Ao invés, ignorou a pergunta e virou-se para sair, dando apenas três passos antes de uma voz fria o deter.

— Visto insistir que o seu irmão tem tido um comportamento impecável nos últimos três meses, Vossa Graça, talvez possa explicar porque é que, há duas semanas, ele se aliou a um grupo de homens em South Bank que são do mais imprudente possível?

Ela referia-se aos Bully Boys. Homens com quem o próprio Marquês de Havistock se associava, desejou Clayborn acrescentar. Sim, os Bully Boys geriam os casinos de terceira categoria que Jack frequentara nos pontos mais baixos da sua vida, mas também eram brutos a contrato, sem qualquer código e dispostos a fazer tudo por um preço.

Os Bully Boys, que eles tinham combatido juntos, ombro a ombro, nessa mesma tarde.

Virou-se para trás.

— Está enganada. O Jack não se aproxima de South Bank há meses. — Quando ela não respondeu, ele cerrou dolorosamente os maxilares. — Diga-me, então...

Ela consultou a sua pasta.

— Há treze dias, o seu irmão participou numa noite de combates num ringue clandestino.

— O *quê?* Porquê?

— Pela mesma razão que a maioria o faz, presumo. Dinheiro. — Verificou no dossiê. — Lutou sete vezes e... venceu seis. Impressionante.

Impossível. Ele teria notado as consequências de uma luta de mãos nuas no irmão. Quando fora a última vez que tinha visto Jack? Há mais de duas semanas.

Ainda assim, Clayborn abanou a cabeça.

— A sua informação é incorreta. Se o meu irmão estivesse em sarilhos, viria ter comigo.

— Vossa Graça — disse a Quebra-Casamentos, num tom frio como gelo. — Julgo que esta audiência decorrerá muito melhor se aceitar que a minha informação nunca é incorreta.

Está *na altura de te desenvencilhares sozinho, Jack.*

As suas próprias palavras sussurraram através dele. As palavras que lhe dissera, fria e paternalmente, há três meses. *Se queres casar com a rapariga, tens de provar que podes cuidar dela.* Lady Helene, pequena, de rosto fresco, ainda mal saída dos bibes, na sua primeira temporada social.

Estavam à porta de um casino de South Bank, onde Jack mais uma vez perdera a sua mesada para a promessa de uma fortuna fácil. Esta é a *última dívida que pago.*

E se tivesse havido problemas e Jack não o tivesse procurado?

Apesar do que tinha dito — por mais que tivesse feito o papel de severo irmão mais velho — Clayborn teria intervindo, porque era isso que os primogénitos faziam. Mesmo que tomasse decisões estúpidas por razões estúpidas, Jack era sua responsabilidade. Estava ao seu cuidado.

Como sempre estivera.

Contudo, nesse momento, ele soube a verdade. A informação de Adelaide Frampton não era incorreta. Algo correra mal. Jack tinha precisado de ajuda. Em vez de recorrer ao irmão, recorrera aos Bully Boys. E eles tinham cobrado o seu preço. Conheciam Jack e as suas fraquezas. E não tinham medo de as explorar. Assim como não hesitariam em explorar as de Clayborn. Sabiam que ele era a via para os fundos de Jack, e estavam dispostos a tudo para manter essa via aberta.

Incluindo aceitar a tarefa de roubar os seus segredos, segredos que estavam agora na posse daquela mulher, que fazia carreira na revelação dos segredos dos homens poderosos ao mundo.

Ele tinha de recuperar aquela caixa. Juntamente com aquele ficheiro no colo dela, que continha sabia-se lá o quê.

E tinha de falar com Jack.

— Senhor, compreendo que o novo passatempo do seu irmão foi um choque, mas a diferença entre três meses atrás e duas semanas atrás é...

Ela interrompeu-se, e o ar quase crepitava em torno dela. Examinou mais uma

vez as notas na sua pasta antes de se virar para o fitar. Clayborn tinha a respiração suspensa no peito. Que mais sabia ela? Que mais vinha aí, e quem seria afetado por isso?

— Sabe onde está o seu irmão neste momento?

— Não sei.

— Não acredito em si — disse ela, provocando um gritinho chocado na marquesa.

— Eu não minto. — Era a segunda vez que lhe dizia aquilo no mesmo dia.

— Mas, neste caso não está a dizer a verdade toda, pois não?

Como é que ela sabia?

— Já ouvi o suficiente — interrompeu a marquesa, pondo de pé o seu corpo minúsculo. — Não estou particularmente interessada no paradeiro do canalha. Ele não deve voltar a aproximar-se da minha Helene. De facto, partilharei alegremente estas informações em todo o lado. As jovens senhoras da sociedade devem saber a verdade. Uma coisa era se ele fosse duque e ela fosse feita duquesa com o casamento. Mas um segundo filho? Que passa as noites a lutar como um cão? — Virou-se para Clayborn. — Eu quase não consigo pensar nisto e o senhor permite esta... esta *mancha* no seu nome?

Clayborn mordeu a língua, resistindo à vontade de notar a ironia de que uma mulher casada com o Marquês de Havistock considerasse as dívidas e as lutas ilegais uma mancha, enquanto fazia vista grossa à miríade de crimes repugnantes e gananciosos do marido.

— O meu irmão ama a sua filha, Lady Havistock. E ela também o ama.

— Amor! — A marquesa cuspiu a palavra. — Esse homem vendeu à minha Helene uma falsa lista de bens, Clayborn. Disso não há dúvida. Ela é uma rapariga com a cabeça no lugar, e *nunca* se casará com o inútil do seu irmão sabendo disto. Nem agora, nem *nunca!*

A jura foi ficando mais sonora, até que as últimas palavras de Lady Havistock ecoaram na sala, fazendo ricochete no mogno e nos dourados, sob o olhar desdenhoso dos antepassados de Havistock. Ela encaminhou-se para a porta da sala, abrindo-a para gritar uma ordem para a casa.

— Alguém vá chamar a Helene. Imediatamente.

Clayborn suspirou. Não havia hipótese de *aquilo* acabar bem. Que talento

tinham aquelas mulheres para lhe estragar o dia!

— Garanto-lhe, Lady Havistock, que o que quer que tenha acontecido entre o meu irmão e a sua filha, ela foi uma participante ativa e de boa vontade.

Não era a coisa certa a dizer.

— Não me agrada essa insinuação. Se eu fosse um homem, punha-o na rua. — Virou-se para a sua Quebra-Casamentos. — Espero que não se importe de ficar connosco um pouco mais, madame. Gostava que a Helene ouvisse as notícias diretamente da sua boca.

Clayborn cerrou os punhos juntos atrás das costas.

— Há um problema com esse plano, minha senhora.

Adelaide Frampton olhou-o e ele deu por si, mais uma vez, a desejar fazer uma série de coisas àqueles olhos. Conhecer os seus pensamentos.

A marquesa semicerrou os olhos.

— Que problema?

Bateram à porta, e o criado que conduzira Clayborn à sala entrou em silêncio, com uma folha de pergaminho dobrada na mão enluvada.

— *Ma'am* — disse baixinho, baixando a cabeça em deferência.

— Que é? — A marquesa estava claramente farta.

A garganta do criado mexeu, mas ele não disse nada.

A pulsação de Clayborn latejou-lhe nos ouvidos.

— Que é isso? — perguntou a marquesa, as suas palavras novamente agudas e tensas. Como se já soubesse o que era.

Não teve de ler, contudo, porque Adelaide Frampton se levantou da cadeira e disse o que todos sabiam ser verdade.

— Apostaria que é uma carta da sua filha, informando-a dos seus planos.

A marquesa virou uns olhos muito chocados para a sua Quebra-Casamentos.

— Que planos?

Ela sabia mesmo tudo.

— Duque? — inquiriu a Menina Frampton. Pôs-se de pé, e o restolhar das suas saias de seda soou como um tiro, no silêncio chocado que pontuava as suas palavras.

Por um momento, ele foi distraído por aquelas saias. Pela sua forma alta e esguia — uma forma que ele conhecera intimamente ainda não havia três horas,

quando esta estivera encostada com força ao seu peito. Pelo cheiro suave dela — tomilho e chuva fresca e segredos — o cheiro que ele associaria para sempre a sarilhos.

— Onde está a minha filha?

Ele precisou de todas as suas forças para não estremecer às palavras agudas da marquesa.

Como é que ela sabia?

Adelaide respondeu, como se ele tivesse feito a pergunta em voz alta.

— Ainda não percebeu, Vossa Graça? Eu sei tudo.

A profunda arrogância das palavras não devia tê-lo intrigado. Não devia tê-lo tentado. O irmão estava em fuga com uma senhora solteira, e Clayborn tinha de resolver o problema o mais depressa possível.

Não tinha tempo para reparar nesta mulher que virara o seu dia do avesso, e provavelmente mais do que isso. Com um suspiro, meteu a mão no bolso e consultou o relógio antes de responder à marquesa.

— Se tudo tiver corrido bem, ela vai a caminho de Nottingham.

Algo mudou na postura de Adelaide. Suavizou. Soltou-se. Como se sentisse alívio.

Ela não sabia antes, mas sabia agora.

E estava aliviada por a senhora ter partido. *Porquê?*

— Por que raio iria para lá?

Adelaide e Clayborn viraram-se, surpreendidos, para a anfitriã, que acabara de usar linguagem muito imprópria para uma marquesa.

— Porque fugiram para casar — respondeu Adelaide.

— Casar! — A marquesa gemeu a sua angústia. — Onde?

— Julgo que vão para o mesmo sítio que todos os casais que querem casar rapidamente.

— Gretna Green? — Lady Havistock estava efetivamente a gemer.

— Gretna Green — confirmou Clayborn, sentindo subitamente que podia recuperar o controlo da situação.

— Pouco original, mas eficaz — acrescentou a menina Frampton. — A não ser, claro, que tenha alguém disponível para os seguir.

Lady Havistock atentou nas palavras e virou-se para Adelaide.

— A senhora! Paguei-lhe principescamente para romper este noivado, e é isso que vai fazer!

— Vou preparar imediatamente a minha carruagem, minha senhora. — Um aceno firme e um sorrisinho pontuaram as palavras, como se aquele tivesse sido sempre o plano dela.

O *que é que ela estava a tramar?*

A mulher tinha um dossiê sobre o seu irmão, estava na posse do segredo de família de Clayborn, e tinha planos para sair da cidade com ambos. O que aconteceria por cima do seu cadáver. Nem pensar em deixá-la ir sozinha.

— Consegue fazê-lo? — perguntou Lady Havistock, cética.

Oh, aquilo não agradou a Adelaide.

— Minha senhora, segui 11 casais até à fronteira durante a minha carreira de Quebra-Casamentos, e nunca nenhum me escapou — disse Adelaide, com um inconfundível laivo de irritação no tom. Guardou o dossiê na sua pasta antes de se endireitar e encarar a marquesa do outro lado da secretária. — Não tenciono começar agora. A sua filha estará de volta a Londres num prazo de dez dias. O seu trabalho, neste momento, é garantir que ninguém descubra que ela partiu.

Lady Havistock assentiu com a cabeça, parecendo aliviada.

— Helene está de visita a amigos no campo.

Os lábios de Adelaide encurvaram.

— Que maravilhoso para ela. — Atravessou a sala em direção a ele, junto da porta, com o olhar oculto pela rede do véu. *Arranca-o.* O chapéu ocultava o vermelho brilhante do seu cabelo. *Tira-lho.* Os lábios, cor-de-rosa e macios, tinham o sabor da luz do sol e da chuva. *Beija-os.* Era bastante alta para isso não ser tarefa árdua.

— Nunca vi um nariz tão direito — disse ela. Ele franziu a testa, surpreendido e confuso. Que lhe interessava a ela o seu nariz? Antes de ele poder perguntar, ela respondeu, simplesmente: — É difícil acreditar que algumas pessoas atravessem a vida sem os partir.

Ficou silenciosa por um momento, como que a avaliá-lo, e então aproximou-se, e a respiração dele prendeu-se-lhe no peito com a proximidade, o que era totalmente inapropriado, considerando que eram estranhos.

No entanto, não completamente estranhos.

Como se agisse pela vontade dele, a mulher levantou uma mão e procurou

um ponto mole no cimo da sua bochecha.

Lady Havistock soltou um gritinho. Mesmo ela, que não hesitara em convocá-lo a sua casa, nunca teria sonhado em tocar-lhe. Era, simplesmente, algo que não se fazia. Aparentemente, ninguém informara disso Adelaide Frampton, porque ela tocou-lhe.

Não. Não lhe tocou, propriamente. Mas ali, no espaço entre a sua luva e a pele dele, o calor dela era elétrico. A ameaça de toque mais poderosa do que o próprio toque.

Ele demorou mais tempo do que devia a perceber que ela deixara a mão a pairar sobre a ferida que ele fizera nesse dia. O murro que não acertara em cheio, dado por um dos Bully Boys no beco entre o armazém e a margem sul do Tamisa.

A respiração dele ficou presa na garganta.

— Tem de mandar alguém examinar isso. — As palavras foram demasiado doces, considerando o local onde se encontravam. Demasiado privadas. Sentiu um impulso de prazer por aquela mulher que era cada vez mais enlouquecedora.

Com um aceno para Lady Havistock, ela desfilou diante dele, deixando atrás dela o seu cheiro, o seu calor, a deslizar lentamente de encontro a ele, bastante longo para lhe prender a língua. Junto da porta, ela olhou por cima do ombro.

— Suponho que tenciona seguir-nos?

Ele pigarreou, a única indicação da forma inapropriada como lhe reagia. *Seguir quem?*

O irmão. Lady Helene. Gretna Green. Ela.

— Sim.

— Certo. — Ensombrada por aquele véu infernal, ela sorriu. Porque é que aquilo lhe agradou tanto? — Nesse caso, será uma corrida.

Capítulo 4



Nessa noite, depois de o Sol desaparecer por trás dos telhados de Covent Garden, Adelaide preparou a carruagem onde viajaria para a Escócia. Não era a primeira vez que viajava assim, ao abrigo da noite. Não era a primeira vez que rumava a norte para impedir um casamento insensato. Não era a primeira vez que o faria sozinha, apenas com um cocheiro a reboque — as carruagens moviam-se mais depressa com poucos passageiros e Adelaide era adepta da invisibilidade.

Era, contudo, a primeira vez que estava entusiasmada com isso. *Nesse caso, será uma corrida.*

A expressão do Duque de Clayborn quando ela o dissera, como se tivesse esperado toda a vida por um tal desafio, tinha sido suficiente para lhe fazer disparar o coração.

O duque era o género de homem que adorava defrontar-se com mulheres como Adelaide Frampton. O seu snobismo e mania de superioridade tornavam-no profundamente desagradável — quantas vezes mencionara ele o seu título nessa tarde?

Podia fazer uma pessoa sentir que não era bem-vinda apenas com um olhar frio, que Adelaide conhecera em primeira mão, pois recebera vários olhares desses no último ano. À distância, claro. O Duque de Clayborn não se dignaria aproximar-se dela.

Em público, pelo menos.

Ou melhor, perante o público de Mayfair.

Aparentemente, o público de South Bank era diferente. Perante o público de South Bank, ele aproximara-se tanto dela que a beijara. Não que ela tivesse voltado a pensar nesse beijo. Era algo de perfeitamente olvidável.

Assim como a sensação dos braços dele, parecendo aço em redor dela. A aspereza da sua barba de encontro à pele. O rugido baixo de prazer vindo do fundo do seu peito.

Olvidável. Tudo aquilo.

Não fora isso que ele dissera depois de tudo acabar?

Não... dissera algo muito pior. Dissera que tinha sido um *erro.*

Ignorando a vaga de calor que a inundou como resultado da memória embaraçosa, Adelaide guardou rodas sobresselentes para a carruagem e um cesto de comida no interior do veículo, equilibrando cuidadosamente o peso enquanto verificava a lista de itens dos seus preparativos, trabalhando rápida e eficientemente, ansiosa por se fazer à estrada.

Dentro do bolso, uma lista de estábulos com cavalos robustos.

Com ânsia de ganhar.

Um mapa de estalagens seguras para mulheres que viajassem sozinhas. Um saco de viagem com roupas, medicamentos e a caixa inviolável de Clayborn.

Mal tinham passado seis horas desde que ele se introduzira na sua vida com a rixa no beco e a sua comparência na Casa de Havistock e a sua insistência em segui-la para a Escócia e os seus o *meu irmão ama a senhora.* Como se isso importasse.

E o seu corpo longo e musculoso e os seus desnecessariamente tentadores beijos.

Que ela já tinha esquecido.

Adelaide clareou a garganta e verificou o compartimento traseiro da carruagem, confirmando cuidadosamente que tinha tudo de que precisava para a viagem. Era uma lição que lhe ficara da infância, quando aprendera a cortar bolsas.

A velocidade não te serve de nada se não tiveres um plano. Eram as palavras do pai, pontuadas por um torção no pulso, castigando-a por ter precisado de duas tentativas com as cordas de uma bolsa para ter sucesso.

O tempo a mais que perdesse aqui, no beco atrás do seu alojamento, seria poupado na sua corrida para norte.

Sabia que cada minuto contaria na sua tentativa de chegar junto de Helene e Jack, onde quer que eles estivessem, antes de Clayborn. Ele não lhe parecia o género de homem que levava a competição com ligeireza. O que funcionava bem para Adelaide, que não era o género de mulher que perdia.

Estaria a mentir se dissesse que não ficara um tanto entusiasmada por ele ter aceitado o desafio. Há muito tempo que sentia ter um competidor à altura dela, na batalha. E não havia nada como esta batalha — correr para encontrar uma rapariga que estava em risco. Protegê-la daqueles que lhe fariam mal. Garantir que ela pudesse ter um futuro, livre e sem compromissos.

Que dádiva para uma mulher no mundo.

Satisfeita com o seu trabalho, Adelaide endireitou-se e fechou o compartimento.

— Então, a rapariga fugiu para Gretna Green.

Ela virou-se e viu a Duquesa de Trevescan aproximar-se, vinda da porta traseira da taberna que confinava com o beco — a taberna por cima da qual Adelaide vivia.

Adelaide ajeitou as saias.

— Como tantas outras antes dela, escolheu a esperança de segurança em vez da sua promessa.

— Achas que ela casa com o rapaz só para escapar ao pai?

— Acho que qualquer mulher com um cérebro na cabeça que escolhe o casamento em vez da liberdade, o faz por uma razão. — Adelaide apertou a cilha num dos cavalos cinzentos da parelha que escolhera para a primeira parte da viagem antes de se dirigir para a frente da carruagem para verificar freios e cabrestos.

— Tão cínica.

Adelaide lançou um olhar à amiga.

— Desde quando acreditas no amor?

Há muito tempo casada com um duque que nunca saía da sua propriedade nas Ilhas Scilly, a Duquesa de Trevescan era mais uma viúva alegre do que uma duquesa, deliciando-se com o que só podia ser o melhor dos casamentos — aquele que incluía um marido ausente. A duquesa passava os dias a diminuir a vasta fortuna do duque, vivendo na sua enorme casa e aumentando a sua vasta rede de informadores — tudo ao serviço de um bem maior destruir os piores homens de Londres.

— Oh, acredito nele — disse a duquesa, aproximando-se. — Acredito que é uma autêntica trapalhada, o que me leva *também* a acreditar que a rapariga o ama, porque o nosso plano foi por água abaixo. — Pousou uma mão no nariz de um dos cavalos, baixando a voz para mimar o animal. — Acho que não podemos realmente censurá-la. Se ele for charmoso e bonito.

— É? — Adelaide moveu-se para o lado da carruagem.

— Charmoso?

Adelaide inspecionou uma roda da carruagem que já inspecionara duas vezes antes.

— Bonito.

Uma das sobrancelhas da duquesa ergueu-se num arco perfeito.

— Acho que deve ser, se for parecido com o irmão. O Clayborn pode ser insuportável, mas não é a pior coisa que já vi.

Adelaide ficou grata por a escuridão lhe esconder o rubor.

— Não reparei.

Face ao silêncio que se instalou, ela agachou-se, espreitando a escuridão de breu por baixo da carruagem, como se houvesse lá algo de muito importante, sentindo subitamente que tinha dito a coisa mais errada de todas.

A duquesa deu uma pequena gargalhada.

— Sem dúvida que reparaste, Adelaide.

Ela suspirou e levantou-se, encarando a amiga.

— O homem é arrogante e altivo. É horrível e vou adorar derrotá-lo na corrida para norte.

Algo se iluminou no olhar da duquesa.

— Estás à procura de sangue.

— Ele merece uma boa lição. Não tem nada que o recomende: é pomposo, empertigado, rígido, desagradável... pomposo.

— Disseste pomposo duas vezes.

— Porque ele é duas vezes mais pomposo do que qualquer outro par do reino — respondeu ela. — Mas a questão é, tudo isso diminui muito qualquer valor encontrado na sua cara bonita ou nos seus lábios decididamente atípicos de um duque.

A duquesa ergueu as sobrancelhas.

— Lábios atípicos de um duque?

Adelaide agitou uma mão.

— Percebes o que quero dizer.

A duquesa inclinou a cabeça.

— Passaram muitos anos desde que estive em contacto com os lábios de um duque, por isso terei de acreditar em ti.

Adelaide ignorou o tom provocador da amiga e o silêncio que se prolongou enquanto a duquesa a observava com curiosidade, sem dúvida pensando no que ia dizer a seguir.

Encostando-se à carruagem, decidiu mudar de tema, pelo que Adelaide ficou imensamente grata.

— Então, se tivesses de apostar, o que é que a rapariga vai fazer?

— Uma idiotice — disse Adelaide sem hesitação.

A duquesa riu-se.

— Certo, mas explica-me melhor.

— Há duas semanas, a Helene viu o pai matar um dos seus pares.

— Isso já sabemos.

— Veio contar-nos, mas não foi só a nós que contou.

A duquesa acenou com a cabeça, compreendendo.

— O noivo.

— Que, em vez de pedir ajuda ao seu irmão poderoso, arrogante, irritante, pomposo e anjo julgador, decide tomar o assunto nas suas próprias mãos e...

— Temos de voltar a essa do *anjo julgador* — interrompeu a Duquesa.

Nem pensar.

—... e recorre ao ringue de lutas do Alfie Trumbull para fazer algum dinheiro rápido e tirar a rapariga da cidade.

— Eles não estão a fugir para casar — acrescentou a duquesa, compreendendo. — Estão somente a fugir. Perseguidos pela Quebra-Casamentos, o Duque de Clayborn, e... se tiverem azar, o monstro do pai dela.

— Um açougueiro, um padeiro e um fabricante de velas[1] — Adelaide fez uma pausa. — Eu, claro, sou o fabricante de velas. Muito inteligente, sem dúvida.

O riso da duquesa precedeu a abertura da porta traseira da taberna, deixando sair o burburinho da multidão lá dentro e revelando a proprietária do estabelecimento. Maggie O'Tiemen depositou um barril vazio e deixou a porta fechar atrás de si ao aproximar-se. Falou numa voz baixa, enriquecida pelo som da costa de Galway da sua juventude.

— Tudo bem, meninas?

Adelaide sorriu. Só Maggie se dirigiria assim a uma duquesa e a uma ladra, mesmo encontrando-as no beco atrás da sua taberna, claramente a tramar alguma coisa.

Maggie era uma mulher negra que, assim que tivera oportunidade trocara a

Irlanda por Londres, onde chegara com a roupa que tinha no corpo para construir uma vida nova num sítio onde pudesse viver livremente como mulher e assumir o seu eu verdadeiro. Sabendo como sabia o que o mundo podia fazer àqueles que desejavam viver com autenticidade, construíra um refugio seguro ali, nos recantos sombrios de Covent Garden — uma taberna conhecida apenas como The Place. As regras eram simples: se fosses uma mulher e conseguisses descobri-lo, o The Place recebia-te, como quer que chegasses, quem quer que amasses.

O The Place não era diferente do palácio que se erguia a pouco mais de um quilómetro a oeste; em ambas as localizações, as mulheres reinavam.

Quem perguntasse a Adelaide, contudo, ficaria a saber que ela preferia mil vezes Maggie à rainha Vitória porque, na casa de Maggie, qualquer mulher podia ser rainha. Adelaide ainda se lembrava da sua primeira vez no The Place — a primeira vez que se sentira em casa nas semanas seguintes à sua fuga de South Bank.

Maggie tinha visto o seu medo, a sua insegurança. O pânico de Adelaide por poder ter de voltar e enfrentar a fúria do pai e a censura do mundo de que tentara escapar. Tinham-se tornado grandes amigas — duas mulheres nascidas para uma vida que não era para elas. Destinadas para mais. Uma semana depois, Adelaide estava a viver nos quartos por cima da taberna, trabalhando para a duquesa, parte de um mundo novo e vibrante que ela nunca imaginara.

— A fazer planos? — perguntou Maggie.

— Sempre — respondeu Adelaide.

Maggie empinou o queixo na direção da duquesa.

— É habitual que os faça, não?

A outra mulher inclinou a cabeça.

— Esta noite, não. Esta noite é a Adelaide que está a organizar a batalha.

Batalha. Outra vez essa palavra. A promessa do formidável oponente que enfrentaria ao longo do caminho. A sua pulsação acelerou, preparando-a para o que se seguiria.

— Viu os jornais esta semana, duquesa? — perguntou Maggie.

Um fantasma de sorriso brilhou no rosto da duquesa.

— Na verdade, vi.

Maggie riu-se, o som quente e profundo.

— Calculei que ficasse satisfeita com isso.

— Com o quê? — perguntou Adelaide. — Há quem não se possa dar ao luxo de preguiçar lendo os jornais, sabes?

— Pobre querida — brincou Maggie. — O *News* traz bisbilhotices acerca da Scotland Yard.

Adelaide virou-se para a duquesa.

— Que bisbilhotices?

A outra mulher fingiu que limpava uma mancha invisível na manga.

— É importante notar que são simples mexericos. Uns disparates sobre o falecimento do Lorde Draven. — Lançou um olhar a Maggie. — Com o qual não temos *nada* que ver.

Maggie assentiu com a cabeça.

— Não pensei que tivessem. Faltou-lhe o vosso requinte.

Adelaide não era tola. Sabia, como toda a gente, que as coscuvilhices nunca eram inteiramente falsas; pelo menos, quando eram reportadas pelo *News.*

— Conta-me.

— Fontes dentro da Scotland Yard revelaram que o inspetor Peck tem um nome para o grupo que provocou ali uma explosão no ano passado.

O *grupo.* Isso tinham sido elas. Adelaide sorriu.

— Provocaram, *alegadamente.*

A duquesa baixou a cabeça em concordância.

— Exato. Alegadamente. Não havia nada naquela prisão que não pudesse ter entrado em combustão espontânea.

— Vá, continua. O que é que ele chama a esse *grupo?*

Maggie e a duquesa exibiam sorrisos a condizer. De orelha a orelha.

— *Hell's Belles.*

Adelaide não pôde conter a gargalhada que irrompeu de dentro dela ao ouvir o nome.

— Isso é... — Abanou a cabeça. — Perfeito, não é?

Maggie riu, alto e descaradamente.

— A Imogen sabe?

A duquesa confirmou.

— Disse-me que vai fazer uma visita ao inspetor Peck, para o elogiar pela

sua criatividade.

Adelaide riu-se da ideia — a última vez que Imogen e Thomas Peck tinham estado junto um do outro, a Scotland Yard fora abalada por uma explosão.

— Imagino que o Peck não a deixará aproximar-se novamente daquele sítio. — Fez uma pausa. — *Hell's Belles.* Perfeito.

E então, como que convocado pelo nome, um sino soou na escuridão, muito lá em cima. Um vigia no telhado, anunciando que algo não estava bem.

Com o trio agora silencioso, não havia nada além do vento fresco de outubro a chicotear em torno delas.

O olhar da duquesa recaiu na abertura do beco, por cima do ombro de Adelaide.

— Noite quente.

— Anormalmente quente — acrescentou Maggie, movendo-se para ficar ombro com ombro com a duquesa, deslizando a mão para as saias, que Adelaide sabia esconderem uma faca.

Adelaide agachou-se lentamente, procurando a sua própria faca, guardada na bota. Contudo, antes de a apanhar, a duquesa disse alto e com vivacidade, como se estivessem em todo o lado menos num beco traseiro de Covent Garden a meio da noite:

— Vossa Graça! Que surpresa maravilhosa.

Adelaide gelou, depois deu meia-volta.

E era mesmo o Duque de Clayborn quem se aproximava, com aqueles olhos azuis no seu bonito rosto iluminados pela luz das lanternas que baloiçavam na parte de trás da carruagem.

Mas que raio? Porque é que ele estava ali?

Porém, ela nunca lhe daria a satisfação da sua surpresa. Ao invés, empurrou os óculos mais para cima no nariz e lançou-lhe um olhar frio.

— Está um pouco longe de Mayfair, não é verdade, duque? — Fez uma pausa, e depois acrescentou: — Mas claro! Depois dos sítios onde já esteve hoje, porque não experimentar Covent Garden?

— Admito que vi uma boa parte da cidade — disse Clayborn, parando a alguns metros de distância. As sombras do beco pintavam linhas duras no seu rosto aristocrático. — O seu olhar absorveu a cena: o trio de mulheres num beco escuro atrás de uma taberna lendária. — Minhas senhoras — continuou, oferecendo uma pequena vénia cavalheiresca, como se estivessem num salão de

baile e não num beco. — Vai de viagem, menina Frampton?

Ele sabia.

Ela ergueu o queixo na direção dele.

— Para norte.

— Que interessante. Também vou nessa direção. — Ele sabia precisamente para onde ela ia. O que significava que o véu não a escondera absolutamente nada na Casa de Havistock, e ele percebera desde o início quem ela era.

Ela devia ter ficado chocada com a revelação. Zangada. No mínimo, frustrada. Ao invés, deu por si... excitada.

Um adversário à altura.

E um adversário perigoso, pois conhecia a verdadeira identidade da Quebra-Casamentos — uma informação que metade de Londres pagaria bom dinheiro para obter. Ela teria de lidar com isso, a dado momento. Mas a caixa guardada no saco na sua carruagem era quanto bastava, para já, para garantir o seu silêncio. Até os duques arrogantes compreendiam que a informação era uma moeda de troca, e que a revelação exigia uma retribuição à altura.

— Admito, Duque — disse ela —, que não esperava que soubesse onde me encontrar.

— Acho que ficaria surpreendida com o quanto sei acerca de si.

— Ui — disse Maggie muito baixinho.

De facto.

— Adelaide Frampton, uma prima da Duquesa — olhou para a duquesa em questão. — Alojada por cima do The Place.

— Que lugar?[2] — perguntou Maggie num tom divertido. Era a sua pergunta favorita.

Ele ergueu um canto da boca, divertido.

— O seu lugar, suponho eu, menina O'Tiemen.

Maggie empinou o queixo.

— Sabe mais do que eu, Duque.

— Maggie, apresento-te o Duque de Clayborn — disse Adelaide.

— Encantada — disse Maggie quando ele fez uma vénia na sua direção.

— Não tenhas tanta certeza — disse Adelaide, acrescentando: — Não gosto que as pessoas saibam os meus segredos, duque... e o senhor descobriu vários, e

demasiado depressa.

Ele aproximou-se, movimentos longos e naturais, diferentes do que tinham sido nessa tarde. Este não era, obviamente, o mesmo homem. Ele já não estava de pé atrás. Agora, estava a liderar o ataque.

— O sentimento é mútuo. Também não gosto dos segredos que tem.

— E que segredos são esses? — perguntou a duquesa, com demasiado descaso.

A atenção de Clayborn dirigiu-se para a outra mulher antes de repetir:

— Não me agrada que as pessoas saibam os meus segredos.

— Não se preocupe, duquesa; conto-lhe mais tarde — prometeu Adelaide, sem desviar os olhos dele.

O olhar de Clayborn lançou-lhe chispas, e a duquesa soltou um «mmm», como se não esperasse nada menos. E não esperava. A mulher detinha um negócio de recolha de informação sobre os homens mais poderosos de Londres. Estaria particularmente interessada no facto de Adelaide acreditar que o Duque de Clayborn era o proprietário da caixa que ela roubara nessa manhã.

Se bem que Adelaide ainda não tivesse adivinhado porque é que os Bully Boys estariam interessados em algo tão estranho. Examinou-o no escuro — não era de todo o género de homem que passasse tempo com os Bully Boys. Demasiado íntegro. Demasiado imaculado. No ano que passara desde que ela começara a reparar nele, nunca o vira com outro ar que não fosse o de duque. Pelo menos, até essa tarde. Com barba e .desferindo socos como o melhor lutador das docas, e beijando como um, além disso.

Ele não devia gostar de procurá-la. Não devia sequer pensar nela. No entanto, disse:

— Tem uma coisa que me pertence.

A *caixa.* Ela inclinou a cabeça na sua direção.

— E que coisa é essa?

O olhar dele brilhou à luz do candeeiro, irritando-a. Este homem que não mentia teria de revelar a existência da sua propriedade roubada, ou então mentir. E ele não gostava disso.

Ótimo. Ela também não gostava muito dele.

— O seu dossiê.

A duquesa emitiu um som do fundo da garganta ao ouvir as palavras,

exatamente ao mesmo tempo que Adelaide dava uma gargalhada triunfante.

— Não há absolutamente nada nesse dossiê que lhe pertença.

— É informação acerca da *minha* família.

— Ah, mas nunca ouviu dizer? Quem acha, guarda.

Ele semicerrou os olhos ao eco das palavras que já tinha ouvido, mais cedo. Ela avançou para a carruagem e largou outra bomba.

— Mesmo que o item tenha sido antes propriedade de um *duque.* Um golpe. Uma ênfase muito ligeira no seu título, como se ele tivesse vergonha de o ter brandido como uma arma algumas horas antes.

— Não pode pensar que vou simplesmente permitir-lhe que fique com ele — disse, avançando para ela, parando apenas quando Maggie e a duquesa se interpuseram entre os dois.

Os janotas eram todos iguais.

— Não se trata de *permissão.* Agora é meu.

Um músculo tremeu na bochecha dele.

— Quanto quer por ele?

— O que o faz pensar que lho venderia?

— É o seu trabalho, não é? Coligir estas informações e vendê-las a quem der mais? Não rompe casamentos por generosidade — se o fizesse, não poria os pés na Casa de Havistock, visto o Lorde e a Lady Havistock exemplificarem o pior da aristocracia, não acha? Não pode dizer que quer salvar as mulheres do mundo.

Ele pretendia insultá-la, mas não resultou.

Poucos tinham, alguma vez, percebido a verdadeira estratégia da Quebra-Casamentos. À superfície, ela parecia escolher os seus clientes sem critério — disponível em todas as circunstâncias, todos os escândalos com o mesmo valor. Mas os escândalos não tinham todos o mesmo valor, nem as casas a que ela acedia. Ao contrário, ela escolhia os escândalos que causavam mais impacto nas famílias mais poderosas da sociedade, protagonizados por homens poderosos e com demasiado a perder. Através do seu trabalho, podia aceder a uma rede de esposas e filhas e irmãs, que sabiam sempre mais do que os homens imaginavam, e muitas vezes estavam dispostas a partilhá-lo para se redimirem do pecado supremo... a ligação com um homem mau.

As *Belles* existiam para as ajudarem a redimir-se. E para derrubarem o pior

dos homens. O Marquês de Havistock era um dos piores dos piores — mau para a família, cruel para o mundo e, ainda por cima, assassino. Adelaide deleitar-se-ia com a sua queda.

— Não está à venda. — Fez uma pausa. — Ainda menos para si. Um instante, enquanto ele controlava a irritação.

— Disse que queria fazer uma corrida comigo. Ela nem pestanejou à mudança de tópico.

— Disse. E atrevo-me a dizer que já tenho avanço.

— Se eu ganhar, tem de mo devolver.

— Só entro em competições com adversários à altura.

— Que quer dizer com isso?

— Dê provas, e veremos. — Ele aguardou que ela continuasse. — Ganhe a primeira etapa.

A satisfação perpassou-lhe o rosto. Homem arrogante.

— Combinado. Diga o local.

Então Maggie riu-se, ligando os pontos. Ou os postos de muda de cavalos, como era o caso. Trocaram um olhar antes de Adelaide devolver a sua atenção ao duque.

— Que desafio apresenta isso?

A Duquesa de Trevescan observou Clayborn por cima do ombro de Adelaide.

— Tem aí uma nódoa negra feia, Clayborn — disse ela, a sua atenção passando do rosto dele para o de Adelaide ao perguntar: — De onde é que isso veio?

Adelaide ergueu uma sobrancelha.

— Estás surpreendida por alguém querer atirar o janota ao chão?

Maggie tossiu para dissimular o riso e a duquesa sorriu.

— Não conheço um único duque que não mereça uma coça, agora que penso nisso.

— Sim, bem... este obteve hoje a sua. — *Enquanto lutava ao lado dela.*

Adelaide ignorou a ideia e os laivos de culpa que a acompanharam, fazendo em vez disso questão de olhar por cima do ombro para ele, notando que o seu olhar frio não revelava nada da reação dele às suas palavras. Aquilo não lhe

agradava. Tinha vontade de o chocalhar. Encontrou os olhos dele — de um azul desconcertante sob a luz débil.

— É melhor eu ir andando, duque. O seu irmão não se vai encontrar sozinho.

Virou-lhe as costas, acenando para a cabina onde Marcus, o cocheiro que conduziria na primeira parte da viagem, mantendo-a escondida dos olhos atentos de Londres, já estava sentado, pronto para distância e velocidade. Quando mudassem de cavalos, Marcus voltaria à cidade e ela ficaria sozinha numa carruagem leve e rápida... imbatível.

Em silêncio, Clayborn observava-a.

— Até amanhã, então — disse ele.

— Não vou suster a respiração.

Ele virou-lhe as costas, enfiando as mãos nos bolsos e, de repente, por um momento, o homem das docas tinha voltado. Descontraído, gracioso e tentador.

Não. Os duques não eram tentadores. Este decerto não o era.

Nem mesmo quando disse em surdina:

— Veremos.

Nem mesmo depois de se virar e percorrer o beco, desvanecendo-se na escuridão, dando-lhe a louca sensação de ser ela que estava a ficar para trás.

Após um longo momento, soou o assobio baixo de Maggie.

— Não me importava que esse homem se escondesse na minha carruagem.

Adelaide fez uma careta, mas o riso da duquesa foi pontuado pelo rumor de conversas e gargalhadas vindos da taberna.

— Só digo isto — acrescentou a duquesa maliciosamente. — Aqueles lábios não são como quaisquer lábios ducais que eu já tenha visto. Não admira que estivesses a beijá-lo à luz do dia esta tarde, Adelaide.

As bochechas de Adelaide ficaram a arder. Raios. Devia saber que elas perceberiam. Lançou um olhar à amiga.

— Vieram cá fora por uma razão?

— De facto, viemos — disse a duquesa, com um ar austero. — Irritaste os Bully Boys, Adelaide. Foste vista e fugiste, e o Alfie não gosta que façam dele parvo. O Danny já anda por aí a farejar. À tua procura.

Adelaide encurvou um lábio. Danny Stoke era o braço direito de Alfie Trumbull — que ele enviava para tratar de negócios sujos importantes o

suficiente para exigirem um pouco de requinte. Era da idade de Adelaide e Alfie referia-se-lhe regularmente como o . filho que nunca tinha tido.

O que nunca incomodara Adelaide, que desejava regularmente também ser a filha que o pai nunca tinha tido.

O aparecimento de Danny não era uma surpresa. Ela sabia que tinha sido reconhecida ao fugir do armazém — por culpa de Clayborn. E Alfie não suportaria que se levantasse a mais ínfima hipótese de a sua há muito perdida filha — de quem já se falava em Lambeth — voltar para o roubar.

— O Alfie quer punir-me — disse ela, deixando que o sotaque de South Bank se infiltrasse nas suas palavras.

Maggie assentiu com a cabeça, os seus olhos negros agora sérios.

— Anda a fazer perguntas, pelo menos.

— Mas não as fará por muito tempo, pois não?

Os Bully Boys não eram conhecidos pelo tato nem pela gentileza. Agiam com força bruta, e o The Place já tinha sido vítima.

— Terão de vir armados até aos dentes se nos quiserem atacar aqui novamente — disse a duquesa. O The Place estava fortemente protegido por vários níveis de segurança, tanto dentro como fora da taberna. Nem mesmo os Bully Boys cometeriam a estupidez de o atacar. — Mas eles não nos querem a todas esta noite.

Adelaide fitou a porta fechada da taberna.

— Só a mim.

Contudo, ela preferia morrer a pôr estas mulheres ou as que estavam no interior do The Place em perigo. Se os Bully Boys tinham informação acerca dela, aquela era a sua batalha. Sozinha. Olhou para as amigas, aquelas mulheres que anos antes lhe tinham oferecido um novo caminho, um recomeço.

— E vocês? Se eles pensarem que estão a esconder-me...

Ambos os queixos se levantaram em desafio.

— Eles que venham — disse Maggie.

A duquesa avançou, segurando Adelaide pelos ombros.

— Nós avisamos-te. Mantém-te nos lugares seguros. Aqueles onde as

paredes têm ouvidos nossos. — Uma vasta rede de tabernas e estalagens ao longo das estradas britânicas, geridas por uma delas, Mithra Singh, uma panjabi com um dom para fabricar cerveja e segredos. — E mantém-te alerta.

Tal como em toda a sua vida.

Adelaide praguejou rudemente, sabendo que estavam cobertas de razão e odiando que estivessem cobertas de razão, ao mesmo tempo. Sem escolha, virou-se para a carruagem. Acenou a Marcus, que pôs a mão na pala do chapéu, em reconhecimento, enquanto ela se dirigia ao habitáculo escuro.

A duquesa seguiu-a, segurando a porta antes de Adelaide poder fechá-la atrás de si.

— Dez dias não é muito tempo. — Quando Adelaide não respondeu, a mulher que se orgulhava de estar sempre um passo à frente insistiu, num tom seco com um toque de divertimento. — Quase tenho pena de não ir contigo, Adelaide. Gostaria muito de assistir ao desenrolar deste jogo.

— Não é um jogo — respondeu Adelaide asperamente. — Uma rapariga está sozinha, possivelmente perseguida pelo seu pai assassino, tendo apenas um aristocrata inútil para garantir a sua segurança, e eu estou a monte. — Mordeu a língua antes que acrescentasse: *Com o Duque de Clayborn.*

— Vais encontrá-la, como sempre fazes — asseverou a duquesa simplesmente. — Vais encontrá-la, trazê-la de volta em segurança, e mantê-la-emos segura depois disso. Se ela ama o rapaz, poderá acabar por ficar com ele. Mas, neste momento...

—... temos outros planos — completou Adelaide. Arruinar um aristocrata. Expô-lo por homicídio. Fazer justiça.

— Essa será a parte fácil.

Adelaide ergueu as sobrancelhas.

— Então qual é a parte difícil?

A duquesa e Maggie partilharam um sorriso antes de Maggie responder:

— O jogo com o duque.

A resposta vibrou dentro dela.

— Não haverá nenhum jogo com o duque.

— Claro que haverá — disse a duquesa. — E se bem te conheço, estar a

monte com aquele duque a perseguir-te, vai tornar-se o teu jogo favorito.

Adelaide não gostava do que aquele duque fazia. Mesmo assim, perguntou:

— Que jogo é esse?

— Do gato e do rato.

Maggie riu-se do outro lado da porta da carruagem, a sua voz rica transportada pela escuridão.

— Quem é o gato e quem é o rato?

— Olha para ela: Adelaide Frampton, um génio solitário com um sentido de justiça maléfico e talento para o furto. — A duquesa sorriu aquele sorriso que indicava que tudo decorria conforme o plano. — Claro que ela é o gato.

[1] Referência a uma canção de embalar inglesa. [N. T.]

[2] The Place pode ser traduzido por «o Lugar», daí a pergunta bem-humorada. |N. T]

Capítulo 5



Clayborn conseguiu chegar à estalagem de muda Hawk and Hedgehog na noite seguinte, coberto de lama e cheio de frustração.

A taberna estava quente e barulhenta, e teve de se encolher para entrar ao mesmo tempo que outro cliente saía para a tempestade fria lá fora. Levou um momento a registar a forma como o volume de som na sala acalmou, enquanto os seus olhos se ajustavam ao interior iluminado, banhado de luz dourada.

Atraiu a atenção da maior parte das pessoas lá dentro — uma vasta secção cruzada de viajantes e locais. Um grupo de mulheres com vestidos de trabalho ria numa mesa afastada. Um par de jovens estava de pé no bar, sujando o chão de carvalho gasto com as suas botas enlameadas. Um agricultor de rosto redondo e pele escura, grande como uma casa, tinha uma beleza roliça encostada a si. E, atrás do balcão, uma taberneira rechonchuda, de brilhantes cabelos pretos, pele de porcelana e a boca revirada para cima, como um laço. Ele cruzou os seus com os olhos escuros e de pálpebras descaídas da mulher, notando o divertimento dela ao reconhecê-lo, como se soubesse alguma coisa que ele não sabia.

Ou, melhor, como se soubesse o que ele não queria que ela soubesse.

Perdera Adelaide.

Sabia que não devia pensar nela de uma maneira tão informal. Ele era um duque, afinal, e ela uma mulher que mal conhecia, por mais que pensar nela o fizesse imaginar algo diferente. E só Deus sabia quanto tinha pensado nela nas últimas 24 horas.

Pensara nela ao deixar Londres para trás, vendo a madrugada romper a leste, certo de que em poucas horas apanharia a sua carruagem, maior e mais pesada. Pensara nela quando os céus se abriram e ele baixou o chapéu sobre a testa, encurvando os ombros e recusando-se a procurar abrigo. Os pensamentos tinham passado da irritação à frustração antes de se demorarem num catálogo das suas caraterísticas. Os seus olhos castanhos, brilhantes de conhecimento por trás daqueles óculos de aros metálicos. O queixo atraente, erguido em desafio. As bochechas, vivas com o frio da tarde de outubro... ou algo mais? Também estavam rosadas quando a beijara. Rosadas como os lábios.

O seu pensamento tinha-se demorado naqueles lábios por mais tempo do que

devia, enquanto a sua parelha de cavalos rumava a norte. Enquanto ele iniciava a busca, horas depois do início da viagem, procurando qualquer sinal da sua proprietária.

Adelaide Frampton tinha desaparecido.

Não havia sinal dela na Tipped Pheasant, em Hanslope.

Nem na Cock and Canary, em Wilton.

Havia quatro rufias bêbados em Shawell, na Singing Stone Inn, demasiado embrenhados nas bebidas para serem de alguma utilidade.

Então, quando chegou ao acesso que levava à Hawk and Hedgehog, Clayborn estava pronto para uma refeição, um banho e uma cama onde pudesse descansar da irritação que sentia por ela, tal como prometera, o ter vencido. Nunca mais poderia vangloriar-se dos seus dotes de condutor.

E agora, para piorar as coisas, uma taberna cheia de gente olhava para ele.

Clayborn empertigou-se, endireitando os ombros e a coluna ao tentar não reparar que a sala reparava nele. Afinal, ele era um duque. Era frequente as pessoas repararem nele, mas em geral faziam-no com admiração.

Este grupo, pelo contrário, fitava-o como se ele fosse uma curiosidade — uma criatura pesada e lenta, saída de um romance de Mary Shelley. O canto da sereia da comida quente e do sono era mais poderoso do que o desejo de se retirar, contudo, e ele aproximou-se da proprietária da taberna.

— Boa noite, viajante. — Indicou-lhe um lugar no extremo do balcão. — Cerveja? Comida?

Clayborn apontou na direção do barril de cerveja atrás do balcão.

— Obrigado.

— De nada — disse ela, virando-se para servir um *pint,* pousando-a no mogno brilhante diante dele. — Vossa Graça.

Ele olhou-a nos olhos.

— Está mais informada do que eu.

Ela sorriu.

— A sua carruagem mostra o brasão ducal. Devia ter cuidado com isso, sabe... é um prémio para uma salteadora. — Antes de ele poder questionar a palavra, ela acrescentou: — Ainda que, para ser honesta, mesmo parecendo que a estrada o atirou pela porta, tresanda a título.

Aparentemente, o título não era muito importante no Hawk and Hedgehog.

— Devo pedir desculpa?

— Não vejo porquê — respondeu ela pragmaticamente. — Não tem culpa do seu nascimento.

As palavras ecoaram através dele, verdadeiras e de alguma forma impossíveis de acreditar, mas ele não tinha razões para discutir o tema com esta mulher, por mais acolhedora que ela parecesse.

— Queria um quarto, por favor. E um banho. E uma refeição. Ela sorriu, um grande sorriso aberto, como se ele tivesse dito algo extremamente divertido.

— Deus é testemunha de que o dinheiro de um duque se gasta tão bem como o de qualquer outro.

Clayborn reconhecia uma indireta quando a ouvia, e procurou no bolso, preparado para pagar qualquer taxa adicional que aquela mulher de negócios astuta pedisse para ceder um quarto a um aristocrata nessa noite.

Mas o seu bolso não tinha nada além de um buraco de sete centímetros no pano. A bolsa desaparecera.

Olhou os olhos brilhantes da taberneira, a suspeita despontando ainda antes de ela inclinar a cabeça.

— Algum problema, Vossa Graça?

Ela sabia perfeitamente qual era o problema.

— Suponho que não pratica o crédito.

Ela susteve dramaticamente uma respiração.

— Pela minha experiência, os ricos nunca pagam as suas dívidas.

Os risos espalharam-se pela sala, mas quando ele olhou em volta para os confrontar, a audiência parecia completamente absorta nos seus próprios assuntos. Mentirosos. Ele nunca conhecera um grupo de pessoas mais interessadas nele.

Clayborn conteve uma imprecação quando uma voz disse, junto ao seu ombro.

— Eu pago pelo duque, Gwen.

Aqueceu ao ouvir as palavras.

Não a tinha perdido.

O triunfo fervilhou através dele, apesar de ciente da tolice que era sentir-se assim. Caramba, ela não era propriamente um tesouro inestimável. E, contudo, virou-se como se ela fosse exatamente isso, esforçando-se por não se esquecer de que Adelaide Frampton era uma mulher problemática, obstinada e rebelde, além de ladra.

Ela parecia ter viajado tanto tempo quanto ele, o seu rico vestido verde de viagem sob uma capa preta, húmida de chuva, a bainha das saias enlameada. Viu-lhe as bochechas vermelhas, do ar frio da noite, quando ela tirou os óculos e limpou as lentes embaciadas pela atmosfera quente do pub. A única coisa que parecia impecável era a única que ele queria ver desalinhada — o cabelo, bem apanhado e escondido pela touca que o privava do brilho acobreado que o tentara nas docas.

Ela devia estar com uma aparência terrível — despenteada e desalinhada, a precisar de um espelho e de uma bacia de água. Afinal, desde que conhecia Adelaide Frampton — que a observava nos bailes de Mayfair e nos barcos de South Bank, nunca a vira descontrolada.

Ela devia parecer deslocada.

Pelo contrário, parecia no seu elemento. Ela parecia pertencer aqui, a esta taberna cheia de ladrões.

Também não ajudava o facto de ela estar a sorrir-lhe, como se guardasse uma vida inteira de segredos. O que, naturalmente, era verdade, porque independentemente da sua aparência exterior, Adelaide Frampton estava sempre um passo à frente de toda a gente.

Mas não dele, porém. Não naquele momento.

— Ganhei.

Ela não se apressou a responder.

— Ganhou?

— Era uma corrida. E a senhora acabou de chegar.

— Acabei?

Ele não gostou do tom condescendente.

— Não estava aqui quando eu entrei.

— Não estava? — perguntou ela.

— Eu teria reparado em si.

Algo mudou nos olhos dela, o seu calor vivo e provocador tornando-se escuro e profundo, dando-lhe vontade de os explorar.

— Hum — fez ela, num sorriso cúmplice na direção da proprietária do estabelecimento. Puxou o capuz para trás, deixando-o descair sobre os ombros, atraindo novamente a atenção para a touca. Para o que esta escondia.

— O que é que ele te deve?

— A cerveja — respondeu Gwen, apontando o copo com o queixo. — E uma refeição.

Adelaide assentiu com a cabeça e extraiu uma bolsa da capa. Clayborn protestou imediatamente.

— Não. Não posso aceitar dinheiro de... — Interrompeu-se quando a viu abrir a bolsa de pele. A bolsa de pele que conhecia bem. Os dedos longos e ágeis mergulharam lá dentro para extrair uma nota de libra.

— Isto deve chegar. E o mesmo para mim.

Devia chegar para cobrir refeições e cervejas para todos os presentes, mas a questão não era essa.

— A minha bolsa do dinheiro. Roubou-ma!

Ela virou-se para o encarar.

— Essa é uma acusação muito grave.

— E não há hipótese de negar, sua ladra. Essa bolsa é minha.

— Tem a certeza? — Os seus lábios carnudos encurvaram enquanto ela sopesava as moedas. — Parece-me minha.

Ele semicerrou os olhos para ela.

— Quem acha, guarda?

— O senhor aprende depressa — respondeu-lhe, antes de deslizar a bolsa através do mogno polido na direção dele. — Fiquei entediada enquanto esperava por si.

— Isso é uma desculpa? — perguntou ele, ignorando o prazer que sentiu ao saber que ela o esperara. Não devia importar-lhe se ela tinha esperado por ele ou não. A única coisa que importava era que ela não chegasse a Jack e Helene antes dele.

Contudo, quando Adelaide ergueu ligeiramente um ombro, ele descobriu que aquilo lhe agradava mais do que devia. E quando ela disse, «mãos ociosas,

como se costuma dizer» agradou-lhe *muito* mais do que devia, porque o fez pensar em todo o género de formas em que ela podia manter ocupadas essas mãos ociosas, sem ser roubar-lhe a carteira.

Pigarreou. Havia obviamente algo no ar daquela taberna à beira da estrada que o fazia esquecer que ele e Adelaide Frampton não se davam. Pegou na bolsa e meteu-a no bolso que ela não estragara.

— Não a senti.

— Claro que não — disse ela, muito ofendida. — Eu cheguei a ser a melhor carteirista de Londres.

— Peço perdão — disse ele. — Não tinha conhecimento da sua posição na realeza dos pilha-carteiras.

— Um pouco de deferência não seria inapropriado.

— E se em vez disso eu lhe pagasse uma refeição?

— Receio que tenha de ficar para outra altura, visto que já paguei a sua. — Passou diante dele, inebriando-o com o seu cheiro a tomilho e a chuva fresca enquanto atravessava a sala até uma mesa no canto oposto.

Ele não devia segui-la.

Devia sentar-se sozinho, comer o seu jantar e retirar-se para o seu quarto para se levantar cedo e ganhar avanço sobre ela. Mas «dever» já não era aplicável para o Duque de Clayborn. Não, quando o «ter de» o dominava. Quando o «precisar» o empurrava atrás dela, como um cão pela trela.

Ela sentou-se numa cadeira do outro lado da mesa, deixando-o de costas para a sala, sentindo o calor inconfundível de dezenas de olhos curiosos.

— Os duques são uma visão rara nestas paragens — disse Adelaide.

— Somos assim tão óbvios?

Ela riu-se, e o som cheio e quente afetou-o como se fosse um toque físico. Remexeu-se no assento.

— Não pode acreditar que passa despercebido.

— Na verdade, posso.

Outra gargalhada, esta mais viva.

— Em toda a sua vida, nunca passou despercebido.

— Passei perfeitamente bem ontem à tarde.

Ela lançou-lhe um olhar incrédulo.

— Nada disso.

— Porque não?

Ela contou as razões pelos dedos.

— Anda como um duque. Fala como um duque. Veste-se como um duque.

— Não estava vestido como um duque! Estava em mangas de camisa e sobretudo, botas de trabalho e um boné. Não me barbeei!

Ela olhou-o.

— E até a sua barba de um dia era perfeita. Macia e brilhante e exatamente da forma como a barba de um duque devia ser, se ele permitisse a alguém, além do seu valete, vê-la.

Ele não conseguiu deixar de erguer uma sobrancelha.

— Mada, era?

Ela corou. *Triunfo!*

— Não pude deixar de o notar enquanto garantia que estivesse quieto. Nem sequer se conseguiu esconder como uma pessoa normal.

— Ah — disse ele, ainda desfrutando do momento.

Ela passou o olhar pela cara dele.

— A sua barba cresce depressa.

Ele passou uma mão pela bochecha, que exibia a barba de um dia.

— Barbeio-me duas vezes por dia.

Ficaram em silêncio por um momento, trancados num olhar, antes de perceberem ao mesmo tempo que não deviam estar a discutir o ritmo de crescimento da barba dele. Gwen voltou, com dois pratos a transbordar de comida. Pousou-os na mesa, olhou para ele e depois para Adelaide.

— Vejo que ele te perdoou.

Adelaide sorriu e ajustou os óculos, com uma bonita covinha a surgir-lhe na bochecha. Como é que ele não a tinha visto antes?

— Ele gosta de um desafio.

A dona da taberna sorriu.

— Bem, sem dúvida que vocês lhe arranjaram um.

Clayborn olhou para Gwen.

— Vocês?

A mulher ignorou a questão e meteu a mão no bolso do avental, extraindo um quadradinho de papel que passou a Adelaide.

— Chegou pela porta da cozinha ainda não há cinco minutos.

— Hum — disse Adelaide, deslizando um dedo sob o selo de lacre. — É tarde.

Enquanto Adelaide lia a mensagem, Clayborn inclinou-se para a frente. Antes de poder decifrar qualquer palavra, os dedos longos voltaram a dobrar o papel e a guardá-lo nas pregas da saia.

— Obrigada, Gwen. Afinal, parece que sempre vou passar aqui a noite.

Ela não planeara ficar ali aquela noite?

— Está a chover a cântaros — disse, a surpresa transparecendo nas suas palavras. — Decerto não estava a pensar viajar nestas condições.

Adelaide olhou para ele.

— Se o seu irmão tencionasse viajar, sim, fá-lo-ia. Mas o Lorde Carrington e a Lady Helene instalaram-se numa pousada a duas horas de viagem. Com este tempo, serão pelo menos quatro horas, o que significa que eu... — olhou finalmente a pilha de comida que tinha à frente —... posso desfrutar do bife e da empada de cerveja da Gwen, enrolar-me na cama e compensar o tempo amanhã.

— Ah, pois podes. — Gwen riu-se e acenou a um rapazinho de cabelo preto que estava perto. — Vou mandar o Wei trazer os teus sacos para cima.

— Pagarei pelo meu quarto, se aceitar, menina Gwen — disse ele para a proprietária antes de lançar um olhar frio a Adelaide. — Agora que tenho o meu dinheiro de volta.

Gwen ficou instantaneamente séria.

— Lamento, mas não temos quartos, duque.

Clayborn juntou as sobrancelhas.

— Tinha um ainda não há cinco minutos, quando entrei...

— Pois, mas na altura o senhor não tinha dinheiro. Por isso aluguei-o.

Ele olhou em volta da sala, examinando o conjunto de rostos — imutável desde que ele chegara.

— A quem?

O silêncio caiu, e a compreensão chegou pesada e rápida. Ele olhou para Adelaide, que parecia o gato que comera as natas.

— O pássaro que acorda primeiro é o que come a minhoca, como se costuma dizer.

— Devia ficar ofendida por comparares os meus quartos a minhocas, Adelaide Frampton — disse Gwen antes de voltar a olhar para Clayborn. — Há um palheiro quente no estábulo, se quiser.

— Nem um quarto disponível — disse ele, virando-se para Adelaide. — Imagine uma coisa destas.

Ela encolheu os ombros e levantou o garfo, introduzindo-o na massa folhada da empada diante dela.

— Um quarto disponível, na verdade. O último quarto. O meu quarto.

Não apenas o último quarto. A última cama.

A cama dela.

Onde ela dormiria sem ele. Enquanto ele dormia...

— Os estábulos, então, duque? — perguntou Gwen, e Clayborn teve a impressão distinta de fazer parte de um jogo — *Brincar com o Duque.* Aquilo não lhe agradou nada.

Tal como não lhe agradou a forma como Adelaide Frampton o observava, como se esperasse que ele protestasse. Como se esperasse que ele fizesse o seu papel, demasiado imaculado e perfeito para uma noite de desconforto.

— Os estábulos servem — disse ele, desfrutando da surpresa que brilhou nos olhos dela ao ouvir a resposta.

— Excelente. Vou acrescentar isso à sua conta.

— Devo pagar um extra pelo feno, imagino.

Gwen piscou-lhe o olho com malícia.

— Macio como penas de ganso, garanto-lhe.

— Apenas o melhor para a pele macia do duque — disse Adelaide, curvando os lábios num sorrisinho malicioso.

Ele não devia deixar que ela o provocasse. Não devia ter deixado que ela atraísse o seu olhar para outra pele, uma extensão bonita e aveludada acima do decote do seu vestido de viagem. Não devia ter deixado que as suas palavras insinuassem quão macia seria.

A porta da taberna abriu-se atrás dele, deixando entrar o frio do vento e da chuva lá fora, recordando-o de que as estradas tornariam interminável uma viagem noturna para outra pousada. O palheiro da Hawk and Hedgehog era melhor do que nada.

— Tenho a certeza de que fico bem, Gwen. Obrigado.

Gwen soltou uma gargalhada grande e viva, deu-lhe uma palmadinha no ombro e olhou para Adelaide.

— Não é o pior duque que já tive aqui, é o que te digo.

Adelaide ergueu uma sobrancelha na direção dele.

— Dá-lhe tempo.

Com mais uma gargalhada, Gwen desapareceu em direção ao bar e Adelaide levantou o garfo, espetando-o numa batata redonda que meteu na boca. Observou-o a comer, seguindo os seus movimentos por um longo momento antes de ele se sentir desconfortável sob o seu olhar.

Ele pousou o garfo.

— O que é?

— Porque é que vai atrás do seu irmão e da Lady Helene?

A pergunta foi uma surpresa — o género de pergunta tão rápida e inesperada que conseguia obter a verdade.

— Porque o meu irmão merece ser feliz.

Ela esperou por mais.

— Assim tão simples?

— Tem de ser mais complicado?

— Não sei — disse ela. — Não tenho um irmão.

— Ninguém para a ensinar a trepar a uma árvore?

— Não havia muitas árvores no sítio onde cresci — disse ela em surdina, e ele ficou a pensar nas palavras.

— Quer dizer que não é prima da duquesa, nem filha de um vigário que vive longe?

Ela sorriu.

— Um mau exemplo de filha de vigário, de facto, se pensarmos no dia de ontem.

— Se pensarmos no dia de ontem, imaginaria que foi criada em South Bank.

Ao vê-la voltar a atenção para a comida, levando algum tempo a compor a garfada perfeita, ele pôs a hipótese de ter acertado. Teria ela sido criada ali? Parecia impossível que qualquer outra coisa fosse verdade — pela forma como ela se escapulia para dentro e para fora de becos, como se tivesse o mapa do sítio gravado na pele.

Mastigando pensativamente, ela respondeu, por fim:

— Não tenho um irmão, nem árvores, mas tive muitos telhados, e ainda mais crianças desejando mostrar a sua capacidade de os subir. Afinal, os telhados e as árvores não são assim tão diferentes. De ambos se tem uma vista melhor.

Uma visão surgiu — Adelaide Frampton num telhado de Londres, o Sol a pôr-se no horizonte, transformando o seu cabelo ruivo numa labareda. E então, involuntariamente, a visão mudou e Clayborn estava ali, estendendo a mão para ela. Puxando-a para si. Reclamando o seu lábio inferior cheio com uma mordida suave, antes de lhe lamber o interior da boca. Ele ficou instantaneamente duro com *a* imagem, sabendo que a realidade a suplantaria.

No entanto, nunca o confirmaria. Pigarreou, procurando afastar os pensamentos pecaminosos. Ela merecia melhor do que beijos nas docas. Do que fantasias em tabernas de beira de estrada. Do que ele podia oferecer-lhe. Este não era o momento de imaginar Adelaide Frampton nua no cimo de um telhado.

— Mas fê-lo? — perguntou ela.

Ele pestanejou. Pigarreou novamente.

— Perdão?

Ela ergueu as sobrancelhas, no que podia ser um sorriso cúmplice.

— Ensinou o seu irmão *a* trepar às árvores?

— Ah. Não. — Ele fez uma pausa. — De facto, o Jack caiu de uma árvore aos 8 anos e partiu um braço.

— E onde estava o senhor?

Ele estava dentro de casa. A estudar. Desejando impressionar o pai que, nessa altura, já tinha morrido há um ano. Desejando, já nessa altura, corresponder às expetativas do seu legado.

Como tal, não vira Jack cair da árvore. Não ajudara a levá-lo para dentro de casa.

— Só soube o que acontecera depois de ele ir ao médico. — Jack voltara para casa com o braço engessado, um sorriso de bravura no rosto, pronto para

qualquer aventura imprudente que viesse a seguir. Não ficara minimamente desapontado. Mas Clayborn, sim. — Eu devia ter... — Fez uma pausa, vendo-a mastigar um pedaço de bife pensativamente, olhando-a com aqueles enormes olhos castanhos que, mesmo por trás dos óculos, pareciam ver tudo e, de alguma forma, não julgar nada — e ele percebeu que não podia parar. — Eu devia ter prestado mais atenção. Devia ter cuidado melhor dele.

— O senhor tinha... o quê, 18 anos? — aventou ela, e ele olhou-a imediatamente, espantado por ela saber, antes de se lembrar que era óbvio que sabia. Devia estar no seu dossiê. Um facto básico acerca de Jack. Da família.

Que mais sabia ela?

Antes de poder perguntar, ela continuou.

— Ainda mal era um homem.

— Era bastante homem para deter o título. Gerir a propriedade — disse ele, ciente da entoação fria nas suas palavras. Sabendo que era desagradável. Foi talvez por isso que disse o resto. — Homem bastante para ter a obrigação de cuidar melhor dele. — Fez uma pausa. — Então e agora.

Caramba! De onde tinha vindo aquilo? Algo flamejou nos olhos dela.

Algo compreensivo. Algo como piedade. Raios! Ele não queria isso.

Não digas nada, pediu-lhe ele, mentalmente. Não teve sorte.

— Ele merece felicidade. — Ela repetiu as palavras e ele assentiu com a cabeça, antes de ela acrescentar: — Por isso segue-o, e tenta impedir-me de revelar os seus segredos.

— Não há segredos naquela pasta que possam impedir o seu casamento — disse Clayborn. — Nada que o impeça de ter um futuro sólido e seguro como marido da Lady Helene.

— Porque ele é seu herdeiro.

Ele assentiu com a cabeça.

— Porque ele é meu herdeiro.

Ela espetou outra batata no garfo e agitou-o na direção dele, enquanto perguntava:

— Porque tem tanta certeza de que não se casará e terá o seu próprio herdeiro?

Não o permitirei.

O regresso de Gwen livrou-o de ter de dar uma resposta diferente. A taberneira, desta vez mais amigável, passou as mãos pelos ombros de Clayborn como se ele fosse tudo menos um duque.

— Oh, tenho a taberna cheia esta noite. A chuva trouxe toda a gente à procura de calor. E também estão conversadores; tantas perguntas.

Ele ficou tenso com a familiaridade e ergueu o olhar para a mulher, com uma anca encostada firmemente ao ombro dele. Antes de poder insistir na decência, ela virou as costas ao resto da sala e inclinou-se, fingindo que limpava a mesa de mogno.

— Não os posso censurar. Está calor aqui, não está, Adelaide?

Não estava calor. Absolutamente nenhum.

A atenção de Adelaide desviou-se dele — alguma vez alguém o teria examinado tão atentamente? — e concentrou-se na porta, por cima do seu ombro. Algo se alterou nos seus profundos olhos castanhos, algo que o resto da sala não estava em condições de notar. Apenas ele o notava, porque tinha o hábito terrível de reparar naquela mulher.

— Que género de perguntas? — Soou descontraída, mas não o estava.

— Pessoas à procura de quartos. Querendo saber se tenho espaço nos estábulos. — O olhar que lançou a Adelaide era significativo o bastante para Clayborn se interrogar. — As mesmas perguntas que estavas a fazer.

O olhar de Adelaide afastou-se novamente, olhos castanhos atentos por trás dos óculos, examinando a sala antes de assentarem algures atrás dele, na direção do balcão.

Ele ia virar-se, para ver o que roubara a atenção dela, porém, colocando uma mão sobre a dele, ela deteve-lhe o movimento. A atenção dele foi capturada por aquele toque. Subjugado pela sensação daqueles dedos macios e quentes sobre os seus, quase se esquecia de respirar. Um impulso selvagem exigia-lhe que levantasse a mão dela e a beijasse. Que passasse a língua nos nós dos dedos. *Mais.*

Remexeu-se no assento, impedindo que a fantasia escapasse dele. Que subisse as escadas até um quarto tranquilo e uma cama quente. Uma almofada decorada com as labaredas do cabelo de Adelaide.

— Clayborn — sussurrou ela, exigindo a sua atenção. Ele concedeu-lha

quando ela o soltou para se cobrir com o capuz, ficando com o rosto escondido pelo tecido grosso. — Vem comigo para o meu quarto?

Mas que raio? Os barulhos na taberna tornaram-se discordantes, fervilhando na cabeça dele. Devia tê-la percebido mal.

Até Gwen parecia chocada com a sugestão.

— *O quê?*

— Não digas à duquesa. — Adelaide já estava em movimento, levantando-se da mesa, obrigando Clayborn, por uma questão de boas maneiras, a imitá-la.

A outra mulher ficou boquiaberta por um momento.

— A minha boca é um túmulo, obviamente.

— O que é que a duquesa tem que ver com isto? — perguntou ele.

— Ela gosta de segredos.

Este convite era digno de um segredo. Uma noite no quarto dela. Sozinhos. Só os dois. O barulho voltou, nublando-lhe os pensamentos. Mas o desejo... esse não o abandonara.

Contudo, ele começou a resistir.

— Eu não posso... isso seria...

— Indecente — concluiu Gwen por ele, e ele ficou ao mesmo tempo grato e irritado pela palavra.

— Pois. Isso.

Adelaide pôs-se de pé, ajeitando as saias.

— Alguma vez me conheceste preocupada com a decência, Gwen? Estará demasiado calor nos estábulos e o duque precisa de uma boa noite de descanso, se quiser andar a par comigo.

Clayborn apostaria toda a sua fortuna em como não estava calor nos estábulos, tendo em conta o frio cortante que invadia toda a taberna sempre que a porta se abria.

— Ah — disse Gwen, como se tivesse sido tola por não ter pensado nisso. — Tens razão. Está demasiado quente para aristocratas sensíveis.

— Não sou sensível — retorquiu ele.

— Disparate. Todos os aristocratas são sensíveis. — Adelaide virou-se para a

outra mulher, com o olhar firme. — Tomas conta da carruagem dele?

Gwen já avançava para o balcão, onde o rapaz a que chamava Wei aguardava as suas próximas instruções. Clayborn olhou para Adelaide.

— Qual é o problema com a minha carruagem? É uma caleche nova.

— Hum, e bonita — disse ela, erguendo o prato da mesa e metendo-lho nas mãos. — Concebida para velocidade na cidade, mas sem robustez para estes sítios. E ornamentada com o selo ducal.

— Claro que sim — disse ele. — Pertence a um duque.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Devo ajoelhar-me em deferência?

Ele mordeu a língua diante daquelas palavras provocadoras. À imagem que estas convocavam — extremamente indecente. Já para não dizer indesejada, considerando a língua afiada dela.

Não penses na língua dela.

— Os duques não dormem em palheiros. Deve partilhar o meu quarto. E devemos retirar-nos *agora.*

Ele não a seguiu quando ela pegou no seu próprio prato e avançou para a escadaria das traseiras. Quando ela reparou, virou-se, o capuz da capa escondendo-lhe os olhos quando chamou:

— Vossa Graça?

O título soltou-o. Ele endireitou a coluna. Algo tinha mudado, e ela escondia-lho. Examinou a taberna, não vendo nada de anormal. Um recém-chegado ocupara um lugar ao balcão, de costas para eles. O agricultor e a sua beldade tornavam-se cada vez mais indecentes. O trio de jovens mulheres no canto ria e gritava a pedir mais cerveja.

Ela abanou a cabeça, olhando para Gwen.

— Está demasiado quente aqui em baixo.

Gwen assentiu.

— Sabes como são as lareiras, incapazes de manter um sítio confortável.

— Não está absolutamente nenhum calor aqui — disse ele, sentindo que se encontrava num palco e tinha esquecido as suas deixas.

— É assim que as pessoas se sentem por vezes, quando estão extremamente quentes — disse Adelaide, afastando-se da mesa. — Confundem o calor com o frio.

— Isso é o contrário do que acontece — disse ele. — As pessoas confundem o frio com o calor. Tiram a roupa e morrem por exposição ao frio.

— O homem está a falar em tirar a roupa, Adelaide. É melhor que o leves para cima, antes que ofenda toda a gente — interrompeu Gwen.

Ele tinha a certeza de que isso era impossível. Embora não devesse estar a falar de roupa junto de mulheres. Era, simplesmente, algo que não se fazia.

Nada disto se fazia, agora que se punha a pensar.

Imobilizou-se. Por mais jogos que fizesse, continuava a ser o Duque de Clayborn. O que significava que, quando não se devia fazer alguma coisa, *ele* não a fazia.

Adelaide quase não se virou, mantendo o rosto na sombra do capuz. *Escondida.* De quê? *De quem?* Um dia, ele teria a possibilidade de olhar esta mulher à plena luz do sol, sem barreiras entre eles, e de fazer-lhe perguntas a que ela responderia.

— Agora, duque.

Ele pestanejou, desacostumado de receber ordens.

— Agora?

— Agora — repetiu ela baixinho, antes de avançar e desaparecer na multidão, em direção às escadas que levavam aos quartos da estalagem.

Ele não devia estar a fazer nada disto.

Não devia estar a comer com ela, a conversar com ela, ou a segui-la de estalagem em estalagem.

E menos ainda devia estar a atravessar uma taberna, no encalço dela, e a subir uma escadaria que o conduziria a quartos privados.

Um quarto. Um único quarto privado. *E uma cama.*

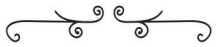
Mas a maldita visão estava de volta. Aquela cama. Adelaide deitada nela, o cabelo espalhado em ondas sedosas. E era difícil recusar uma oportunidade de a ver tornar-se realidade. Mas ele recusá-la-ia.

Assim que encontrasse as palavras. Assim que acabasse de o imaginar.

Mas havia mais pessoas na taberna do que inicialmente pensara, e ela já tinha desaparecido, esperando que ele a seguisse.

Não, veio um sussurro do fundo da sua cabeça. *Não tinha desaparecido.* Tinha *fugido.* O que significava que alguém a perseguia. Alguém, além dele. E ele não o toleraria.

Capítulo 6



Quando chegaram ao topo das escadas da Hawk and Hedgehog, Adelaide disse a si mesma que o seu coração estava disparado devido ao risco de ser descoberta lá em baixo.

Alfie Trumbull não construíra uma das maiores quadrilhas criminosas de Londres sem ter meios para localizar pessoas fora da cidade. Se alguém procurasse uma solução pouco agradável para um problema, os Bully Boys tratavam do assunto — por um bom preço.

Assistir a construção do império do pai inspirara Adelaide a propor a ideia de uma rede de tabernas seguras a duquesa e às *Belles.* Agora, mais de 20 chamavam patrona a Duquesa de Trevescan e eram fornecidas por Mithra Singh e a sua equipa de cervejeiros e mensageiros.

O homem que fazia perguntas lá em baixo — quer trabalhasse para Alfie, quer não —, inquietara Gwen, e quando ela mencionara que estava a fazer as mesmas perguntas que ela, a mensagem foi clara. O homem na taberna perseguia Helene e Jack, tal como Adelaide. O que ele não tinha era a rede de batedores de Adelaide, nem o conhecimento de que o casal estava duas horas a norte.

Adelaide, por outro lado, sabia agora que ela e Clayborn não estavam apenas a competir um com o outro para chegar a Gretna; estavam a competir com os homens contratados por Havistock. Qualquer perseguidor competente sabia que Helene estava com John Carrington, irmão do Duque de Clayborn. E, por isso, Clayborn tinha de se manter também fora da vista dos homens que perseguiam Helene.

Além disso, se ele fosse visto com eh, seria muito fácil identificá-la como a Quebra-Casamentos.

Francamente, os aristocratas tornavam tudo mais difícil.

Especialmente os aristocratas como o Duque de Clayborn, que atraíam a atenção com os seus ombros largos e a sua atitude — como se todo o mundo devesse dobrar-se à sua vontade se assim o entendesse.

Gwen alimentaria o batedor, dar-lhe-ia água e dir-lhe-ia a verdade — que não

havia um quarto livre nesta estalagem desde manhã, e que não vira nenhum casal que se dirigisse apressadamente para Gretna Green. Nos estábulos, o selo na carruagem do duque já tinha sido enlameado, garantindo que ninguém o notaria no escuro.

Santo Deus. O homem nem conseguia viajar discretamente.

E achava que conseguia *passar despercebido.*

O coração voltou a disparar quando chegou ao cimo das escadas e virou para o seu quarto, protegida do resto dos hóspedes. Desta vez, disse Adelaide a si própria, devia ser do esforço físico. Não tinha comido muito nesse dia, e estava cansada da viagem.

Não era, de certeza, por causa da companhia.

Nem era por, depois de a porta se fechar com um estalido baixo, eles estarem completamente sozinhos, sem receio de serem descobertos.

A primeira vista, o quarto parecia normal, pronto para qualquer viajante que aparecesse. Mas, como em todas as estalagens apoiadas pela duquesa, havia pouco de normal nele, situado diretamente por cima da sala de jantar da estalagem, com uma grande janela que oferecia uma vista desimpedida para o caminho de acesso.

O quarto, como 20 outros em tabernas espalhadas por toda a Inglaterra, nunca era oferecido a viajantes de passagem, a não ser que estes chegassem apresentados pela própria duquesa... ou fossem um dos seus tenentes de confiança.

Adelaide podia ter chegado muito depois de o Duque de Clayborn ter obscurecido a porta do Hawk and Hedgehog, que ele teria, ainda assim, sido remetido para os estábulos.

Como devia ter sido nessa noite.

Sozinha, ela teria ficado no salão da taberna, invisível. E mesmo que fosse notada, não tinha dúvidas de poder esconder-se — de se manter em lugares seguros, confiando que todos os proprietários de tabernas dali até à Escócia saberiam despistar quem quer que surgisse em busca dela — até os Bully Boys —, mantendo-a invisível.

Contudo, o Duque de Clayborn não podia esconder-se. Era um cavalo num rebanho de ovelhas. No momento em que fosse visto, quem perseguisse Lady Helene saberia que estava no caminho certo, o que tornaria tudo muito mais difícil, por isso Adelaide não teve escolha. Tinha de o manter por perto.

Fora por essa única razão que o convidara a subir.

Dentro do quarto, despiu a capa, que pendurou num gancho na parede oposta, e tirou-lhe o prato das mãos para ele poder fazer o mesmo. Depois de pousar a comida numa mesa ali posta, virou-se e viu-o de costas para a porta.

— Não tem fome?

— Não.

Ela encolheu os ombros e tirou uma cherivia assada do prato. Deu-lhe uma dentada e mastigou lentamente.

— Imaginei que preferisse comer a sua refeição com alguma privacidade.

— Não desta forma. Não consigo.

Ela era um erro.

Adelaide tentou não se ofender com as palavras.

— Então esteja à vontade, duque. Volte para a sala de jantar. — Ele ficou quieto e calado, e ela acrescentou. — Quanto a mim, vou comer. Foi um dia longo, e para si foi mais longo ainda. Sugiro-lhe que faça o mesmo.

Pegou no seu prato, empoleirou-se no banco da janela atrás da mesa e, através do vidro salpicado de chuva, pôs-se a observar o caminho de acesso, onde não se viam moços de estábulo nem viajantes. Teriam sorte se as estradas estivessem transitáveis de manhã.

— Se pensa ofender-me com a sua falta de companheirismo, garanto-lhe que não é possível. Passei a vida toda a comer sozinha, e em fuga.

Voltou à sua empada e deu uma enorme dentada, perguntando-se se, antes dessa noite, o duque alguma vez vira uma mulher comer fora de uma sala de jantar.

— Porquê?

Ela engoliu a comida deliciosa e disse para o prato:

— O monstro fala!

— Outra vez Shelley — resmungou ele.

Então ela olhou-o, curiosa.

— Outra vez?

— Porque é que passou a vida a comer sozinha?

Adelaide não gostou do tom da pergunta. Podia aceitar se denotasse alguma espécie de piedade, como se a opinião dele acerca dela fosse pior por causa

disso. Isso teria ativado o seu orgulho e instinto de preservação. Não teria pestanejado se a pergunta estivesse cheia de desapreço, como se estar sozinha fosse um defeito. Porém, não denotou qualquer censura. Apenas... uma pergunta.

E ativou algo que Adelaide odiava.

Vergonha.

— Não me importo — disse ela.

— Está bem.

— Não importo mesmo — insistiu ela, como se precisasse de provar alguma coisa. — Estou acostumada a fazer as coisas sozinha. Prefiro, sinceramente.

Ele estava a observá-la atentamente e, embora a procurasse, ela não viu censura na sua atenção.

Encolheu os ombros e preparou mais uma garfada de empada.

— Comer sozinha é preferível a partilhar uma refeição antes de ser abandonada. Sozinha, não existe transação. Nunca se tem medo de não estar à altura.

Fez-se um longo silêncio — tão longo que Adelaide se sentiu embaraçada, por isso ocupou-se com a comida. Após o que parecia uma eternidade, ele desencostou-se da parede e atravessou a sala, juntando-se a ela, e dando várias garfadas em silêncio antes de falar.

— É difícil acreditar que alguém possa pensar que a menina não está à altura.

O calor do embaraço tornou-se calor de um género diferente. — Tem de dizer isso. Para si, é o meu quarto ou os estábulos.

Quando ele sorriu, agradou-lhe demasiado. Tanto que parou imediatamente com aquilo.

— Seja como for, também tomo muitas refeições com outras pessoas. Com amigos. Até já estive em jantares consigo. Embora provavelmente não se lembre.

— Claro que me lembro. — Falou num tom completamente diferente. Afronta. Irritação. Ofensa.

— Eu... — começou ela, e depois parou. — Estou surpreendida. O senhor não foi exatamente delicado comigo.

— Menina Frampton — disse ele, e ela não deixou de desdenhar da formalidade, visto estarem num quarto de cama, numa estalagem de muda, a quilómetros de distância de alguma coisa. A formalidade bem podia ser atirada

pela janela. — Impedi-a de fazer um inimigo poderoso. O Lorde Coleford era um homem perigoso.

Ela riu-se.

— Julga que eu não sabia?

— Sei que sabia. Sempre suspeitei que é por sua causa que ele vai passar o resto dos seus dias em Newgate.

— O homem matou *várias* das suas mulheres. É por *isso* que vai passar o resto dos seus dias em Newgate.

— Graças a si e às suas... como é que se intitulam?

Ela hesitou, não gostando da forma como ele a notava. Não estava acostumada a isso.

— Não sei... a quem se refere?

— Eu vi-vos — disse ele. — Naquela noite, no jantar, estavam só três. A Lady Imogen não estava lá. Mas, muitas vezes, são quatro. E então, na noite passada, ocorreu-me que talvez fossem mais.

Eram mais. A duquesa. Imogen. Sesily. Maggie. As outras.

— São minhas amigas. — A Scotland Yard chamava-lhes *Hell's Belles.* Os jornais tinham vários nomes para as designar. O gangue da gaze. Caos de crinolina. Motim da musselina.

— São diferentes de todas as amigas que eu conheço — disse ele. — Parecem mais o género de amigas que destroem um conde por capricho.

— Não foi um capricho — disse ela, sabendo que não devia sequer começar a confirmar a teoria dele. Sabendo que arriscava mais do que era razoável, mais do que ela própria.

— Não, também não achei que fosse. Imagino que tudo tenha sido bem planeado. Discretamente — disse ele. — Sem necessidade de bonitos discursos parlamentares.

— Discretas até precisarmos de fazer barulho suficiente para criar uma mudança — concordou ela. Olhou-o nos olhos. — Mas bastante barulhentas para si.

Este homem, que via tudo. Que notava tudo.

Que a notava.

— Os seus segredos estão em segurança comigo — disse ele, com algo que

parecia admiração nos olhos, e ela acreditou. Apesar de não dever.

Ele era perigoso.

— Contudo, não estou certo de compreender o alcance de tudo isso.

— É amizade — disse ela firmemente. Adelaide nunca tinha falado a ninguém acerca das amigas, e não devia querer fazê-lo. Não devia querer que ele compreendesse. Mesmo assim... — Elas foram as primeiras pessoas a fazer-me sentir... que não estava sozinha. Dificilmente estou ao nível delas: não tenho um título, como a duquesa, não sou rica, como a Sesily, não... bem... na verdade, ninguém é como a Imogen.

— A Lady Imogen é mais uma desastrada.

— Ela é brilhante. — Adelaide sorriu, pensando na sua amiga louca.

— Uma coisa não exclui a outra — disse ele, e havia um meio sorriso na sua voz.

Resistindo à urgência de dizer mais, Adelaide clareou a garganta e ajeitou os óculos.

— Não sei o que pensa que notou.

Um sorriso secreto brincou nos lábios dele.

— Notei que quando os homens poderosos caem, vocês estão sempre por perto.

Claro que notara.

— Isso não o preocupa? O senhor é um homem poderoso.

Ele observou-a por um momento antes de responder.

— Não estou preocupado. Mas sinto que, se estivesse, teria boas razões para isso, visto que romper noivados não é, de longe, a coisa mais perigosa que faz, menina Frampton. — E acrescentou: — Embora neste momento ande a correr a Grã-Bretanha, sozinha, para fazer precisamente isso.

— Sozinha, não — disse ela, sem pensar. Depois de as palavras saírem, corou, baixou a cabeça e enfiou na boca uma garfada de comida, sabendo que ele a observava atentamente. Ignorando o prazer que ameaçava dominá-la sob o seu escrutínio.

— Quer que lhe diga que mais penso? — disse ele, continuando quando ela

assentiu com a cabeça. — Acho que não está a persegui-los para impedir o casamento. O meu irmão pode ser um idiota, por vezes, e podemos chamar-lhe estúpido outras vezes, mas nunca magoaria a Helene. — Ele avançou, então, como se a sua certeza o impelisse para ela. — E acho que o sabe.

Ela conteve a surpresa.

— Porque acha isso?

Ele ergueu uma das suas sobrancelhas pretas.

— Eu presto atenção, Adelaide Frampton. E quando ouviu dizer que o meu irmão e a Lady Helene iam de Londres para Gretna, não ficou chocada, nem zangada, nem assustada. Ficou *aliviada.* — Ele tinha razão. Ela ficara aliviada. E ele reparara. — Um dia, espero que consiga dizer-me porquê — concluiu ele. — Mas não espero que alimente essa esperança neste momento. Nem estou a pedir-lhe dinheiro ou poder ou vingança. Ao invés, estou a pedir-lhe que me deixe jantar consigo. Para que nenhum de nós esteja sozinho.

Tendo passado dois dias a pensar que o homem era perigoso, foi naquele momento que ele se tornou mais aterrorizador — quando lhe ofereceu algo a que ela não pôde resistir. Companheirismo.

Comeram juntos, os sons do salão da taberna lá em baixo como um zumbido distante no espaço. Adelaide observou-o pelo canto do olho até não conseguir continuar em silêncio por mais tempo.

— Na Casa de Havistock, disse que o John é o seu herdeiro.

Ele olhou-a, os seus olhos como um límpido dia azul.

— O Jack é o meu herdeiro.

— Porque não tem planos de casar.

— Correto.

— Porquê?

Era a pergunta a que ele evitara responder lá em baixo. Clayborn recostou-se na sua cadeira e observou-a por um momento.

— Está a oferecer-se?

— O quê? Não. O quê? — Ele não podia realmente acreditar que ela o fizesse...

— Adelaide — disse ele com um sorriso divertido que ela odiou e adorou. — Estava a brincar, mas obrigado por me pôr no meu lugar, com um golpe cruel no

meu orgulho.

— Não quis dizer que o senhor não é casável — apressou-se a dizer.

— Obrigado.

— Afinal, é um duque.

Ele assentiu com a cabeça.

— Pois sou.

— Um duque que acredita no amor... ou assim o diz. — O que o transformava na coisa mais próxima que Adelaide vira de uma criatura mitológica.

— Acredito que o meu irmão ama a Lady Helene, sim.

— E isso é suficiente?

— Visto que a senhora corresponde ao seu amor, farei tudo o que estiver ao meu alcance para garantir que vivam felizes para sempre. — Disse-o com uma certeza firme, como se fosse um simples facto.

Era a coisa mais generosa que ela já ouvira alguém dizer, e talvez fosse isso que a levou a perguntar:

— Porque é que acredita nisso?

Ele voltou à sua comida, falando para o prato.

— Porque o testemunhei.

A honestidade da confissão exigiu a pergunta seguinte. Era a única explicação para a fazer.

— E não deseja isso para si? — O silêncio caiu entre ambos, carregado de alguma coisa que Adelaide não conseguiu identificar. Algo que a deixou quente e desconfortável, como se tivesse ultrapassado um limite. Que, obviamente, ultrapassara. Se o Duque de Clayborn desejava ou não amor, era algo que não lhe dizia respeito. — Bem — concluiu, quando se tornou claro que ele não ia responder. — Tenho a certeza de que uma quantidade de meninas puras e perfeitas casaria alegremente consigo e produziria um bando de herdeiros.

— Prefiro manter-me fora das vistas da Quebra-Casamentos.

A ligeira provocação nas suas palavras libertou-a dos nervos e fê-la voltar ao normal. O que quer que *normal* significasse quando ela estava junto dele.

— Há alguma coisa que eu deva saber acerca de si, Henry Carrington, Duque de Clayborn, impecavelmente educado, extremamente erudito, atraente o bastante para remeter as jovens de Mayfair aos seus sais de cheiro, e um

verdadeiro herói para as pessoas comuns?

Ele juntou as sobrancelhas.

— Não me chame isso.

— Atraente?

— Herói. — Havia repugnância nas suas palavras.

— É o que os jornais lhe chamam — disse ela. — Adoram as suas palavras bonitas. Dizem que o senhor vai mudar o mundo.

— Um propósito digno, não acha?

— Absolutamente — concordou ela. — Mas não pode fazê-lo a partir do parlamento.

— Não gosta de política.

— Sou uma mulher viva no mundo, Vossa Graça. A minha existência é política, quer eu goste, quer não. Não é da política, mas dos políticos.

Ele assentiu com a cabeça.

— Não acredita que possamos fazer a diferença.

— Acho que grandes grupos de homens poderosos têm poucas razões para fazer a diferença. — Fez uma pausa. — Mas atrevo-me a dizer que os seus discursos são bonitos.

E eram. Uma vez estivera nas galerias na Câmara dos Lordes quando ele discursara sobre trabalho infantil, sobre aqueles que tinham nascido sem sorte e sem títulos, e a sua indignação íntegra quase a fizera aplaudir de pé. Ela reconhecera-a, semelhante à sua.

Não que alguma vez lho confessasse.

— Bonitos — disse ele —, mas não suficientes.

Ela encolheu um ombro e apanhou mais uma garfada de empada.

— Porquê falar quando há coisas para fazer?

— Confesso que também me sinto assim na maior parte dos dias. — Ele recostou-se na cadeira. — Parece que, afinal, o seu dossiê contém muito acerca de mim.

— Não preciso de um dossiê para saber de si — desdenhou ela. — Só

preciso de uma assinatura do *News.*

— E se fosse contratada para romper um noivado meu? Isso bastaria?

Quem desejaria romper um noivado consigo? Mais uma dentada, pois precisava de tempo para conter a resposta imediata. Mastigou pensativamente. Engoliu.

— Toda a gente tem segredos. Até os heróis.

Algo refulgiu no seu olhar escuro. Algo que fez o triunfo retumbar através de Adelaide, porque se podia tirar a rapariga de South Lambeth, mas não se podia tirar a ladra da rapariga. E o Duque de Clayborn escondia alguma coisa. Um segredo.

— Porque é que se ofereceu para partilhar o seu quarto comigo?

Ela não podia revelar-lhe a verdade. Ele não parecia o género de homem que aceitasse fugir de um inimigo quando podia, ao invés, lutar. De facto, ela vira-o lutar sem hesitação com homens mais fortes e robustos do que ele.

Isso, e a busca solitária por uma rapariga que estava segura nos braços do seu amante, a duas horas de distância, sob uma tempestade, não eram as razões para ela o convidar.

Eu devia ter cuidado melhor dele. Essa história — a forma como Clayborn carregava aos ombros o fardo do irmão. Atencioso. Decente. Havia ali algo de nobre que agradara a Adelaide. Algo de honesto.

Mas ele não fora *totalmente* honesto. Tinha um segredo que valia o bastante para ter sido roubado por Alfie Trumbull e perseguido pelo próprio duque.

Pousando o seu prato na mesa, Adelaide dirigiu-se ao saco de viagem que estava num banco baixo, aos pés da cama. Ciente da intensa atenção de Clayborn, abriu-o e procurou lá dentro, até encontrar o que procurava.

Virando-se para ele, pousou o dossiê do irmão na mesa. Em cima, colocou o cubo de carvalho, antes de levantar o prato. Retomando o seu lugar, comeu mais uma garfada de empada e viu-o resistir à vontade de correr para o seu prémio.

Ele encontrou os olhos dela.

— Trouxe-mo de volta.

Ela inclinou a cabeça.

— Talvez.

A desconfiança inundou-lhe a expressão.

— Por um preço.

— A pura generosidade do meu coração não é uma possibilidade?

Ele soltou uma lufada de ar. Não o suficiente para ser um riso, mas suficiente para ela se perguntar como soaria o seu riso.

— Nem por sombras.

Ela apontou o garfo na direção do cubo.

— Abra-o, e o dossiê é seu.

O humor desapareceu imediatamente do olhar dele.

— Não.

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Interessante. Então, o que quer que esteja lá dentro... é mais precioso do que o dossiê sobre o seu irmão? — *Fascinante.*

Ele hesitou, claramente odiando ter-lhe dado mais informação do que pretendia, simplesmente ao recusar o seu pedido.

— O que está lá dentro é *privado.*

Era a segunda vez que ele usava aquela palavra para descrever o conteúdo do cubo. Ela pousou o prato e pegou na caixa, inspecionando-a, permitindo-se dizer com satisfação:

— E pode ser aberta.

— Sim. — A palavra saiu dele como que puxada à força.

Ela virou a caixa repetidamente nas mãos, procurando algo.

— Nesse caso, tem de haver uma chave.

Ele observou-a por muito tempo, até ficar incapaz de permanecer à distância. Atravessou o quarto para se sentar diante dela.

— Gostaria de uma pista? — perguntou.

— Não sou tola para pensar que ma dará de graça.

Ele inclinou a cabeça.

— Qual é o espanto?

— Nenhum. — Isto, ela compreendia. Um negócio. — E então? Diga o seu preço.

— Responder às minhas perguntas.

Podia sair-lhe extremamente caro. Mesmo assim, ela ganhou coragem.

— Só isso?

— Sim. Por cada pergunta que responder com a verdade, dou-lhe uma pista para abrir a caixa. E quando a abrir, fico com tudo. O que está na caixa e o que está no dossiê.

Ela inclinou a cabeça.

— E eu fico com o quê?

— A satisfação de saber como se abre.

O desejo vibrou através de Adelaide ao ouvir a resposta altiva, dada como se o homem não tivesse dúvidas de estar a oferecer-lhe um prémio fantástico.

Ele não podia estar a falar a sério, a não ser que as perguntas fossem do género a que ela não responderia com a verdade. Mas Adelaide estivera perante um magistrado em mais de uma ocasião na sua curta vida e sabia muito bem como manipular uma pessoa.

— Quantas perguntas?

— Tantas quantas precisar.

Ela assentiu com a cabeça.

— Vamos lá, então.

— Como é que sabe onde está o meu irmão?

— Neste momento?

— Sim.

— Como é que o senhor *não* sabe? Sabia que eles estavam em fuga.

Ele concordou.

— Sim, mas soube muito pouco tempo antes de si. Uma nota escrita à pressa, recebida momentos antes de ser convocado para a Casa de Havistock.

Ela assentiu com a cabeça. Fazia sentido. Helene e Jack tinham partido à pressa, e se o batedor lá em baixo servia de indicação, mesmo a tempo de escapar à perseguição do pai dela.

Em troca da verdade de Clayborn, ela ofereceu um pouco da sua.

— Os casais a caminho de Gretna Green raramente são inteligentes nas suas escolhas. Preferem regularmente a velocidade à segurança, e mal cobrem o seu rasto; é a consequência negativa de se acharem superiores. — Podia ter ficado por aqui, mas acrescentou: — O seu irmão e a Lady Helene tinham meia dúzia de escolhas possíveis para passar a noite. A Quebra-Casamentos dispõe de uma extensa rede que coloca olhos em todas elas. Não são difíceis de localizar. Nós apanhamo-los amanhã.

— Nós? — perguntou ele.

Ela mordeu a língua.

— Eu apanho-os. O senhor também acabará por nos apanhar, tenho a certeza.

O canto da boca dele revirou, e foi exclusivamente por essa razão que ela reparou na boca dele. Não tinha nada que ver com a luz débil e o lume quente e o facto de estarem num quarto sozinhos. Nem com a memória constante da sensação daqueles lábios nos dela quando a beijara.

Eu não devia ter feito isso.

Esforçou-se por recordar as palavras dele depois de a beijar. Ela tinha sido um erro.

Ele ergueu o queixo na direção da caixa.

— Se fizer pressão em dois cantos opostos, poderá rodar um painel exterior.

Uma onda de excitação invadiu-a enquanto revirava o cubo de carvalho, apressando-se a seguir as instruções. Após uma primeira tentativa falhada, encontrou os cantos que ativavam o quebra-cabeças e... rodou. Olhou para ele.

— Fascinante.

Conseguia sentir a atenção dele sobre ela, mais concentrado do que antes.

— Hum. — Não era a primeira vez que ele rugia assim, um som entre a concordância e algo mais... algo como *aprovação.*

Algo que ela não devia apreciar.

Havia demasiadas coisas naquele homem que não devia apreciar. E, contudo, parecia não conseguir evitá-lo.

— Foi o senhor que o fez?

— Não.

— Que vem a seguir? — perguntou ela, procurando na caixa novos truques, interruptores ou botões. E ali, onde não estava nada antes, encontrou um pequeno entalhe. Mal se dava por ele. Emitiu um ruído baixo de deleite e inspecionou-o. Empurrou, puxou.

Teve uma ideia. Pegou no garfo.

— Não. — A palavra foi firme. Insistente. Não era para ser desobedecida.

Ela olhou-o e parou.

— Não?

— Não — disse ele, como se isso fosse suficiente.

Ela pousou o cubo.

— Então?

— Outra pergunta.

— Ou continuar a trabalhar nele.

Ele confirmou.

— Ou continuar a trabalhar nele. Mas não me parece que vá ter muito tempo com ele, agora que sei onde está e estamos aqui trancados toda a noite.

As palavras fervilharam através dela. Não olhou para a cama, apesar da forma como esta a atraía.

Ele recostou-se, cruzando os braços sobre o peito.

— Posso fazer outra pergunta? Acelerar as coisas?

Ela concordou. Só mais uma. Mais uma, e ela poria fim àquele jogo, que se tornava cada vez mais perigoso.

— Sou um livro aberto.

— Não, Adelaide. — O nome dela. Ele tinha dito o nome dela. — A menina é tudo menos um livro aberto. Agora, diga-me, o que aconteceu lá em baixo?

Ela nem estremeceu. Pelo contrário, lançou-lhe um olhar frio.

— O que é que está na caixa?

Ele hesitou — não podia estar a pensar numa resposta e contudo, por um momento, parecia que estava.

— Nada que a fizesse fugir lá de baixo.

— Não percebo o que quer dizer — disse ela. — E eu não fugi.

Ele emitiu um som de censura.

— Não dou pistas em troca de falsidades. Algo naquela sala de jantar a perturbou, Adelaide Frampton. E não me parece ser o género de mulher que se assusta facilmente. O que é que foi?

Ela abanou a cabeça; não podia contar-lhe. Não podia confiar nele. O que Helene tinha visto — o que ainda enfrentava — não podia arriscar que ele se intrometesse no seu caminho, dificultando-lhe a tarefa de encontrá-la e protegê-

la.

— Não foi nada.

Ele saltou da cadeira como um tiro, retomando o seu lugar junto da porta, de costas para ela, por um longo momento antes de perguntar:

— Está em perigo?

Claro que ele tinha de perguntar aquilo.

— Não.

Ele olhou-a por cima do ombro.

— Vai estar?

— Ontem, entre os dois, despachámos meia dúzia de Bully Boys, Vossa Graça. Acredito que um dia voltarei a estar em perigo, sim.

Ele soltou um suspiro de frustração pelo arrojo da resposta, aceitando tacitamente que ela não ia contar-lhe tudo sobre a situação. Virou-se e encostou-se à porta, cruzando os braços diante do peito.

— Então, a senhora é puro caos. — Algo aqueceu dentro dela ao ouvir a descrição — uma que ninguém ainda fizera dela. — E pensar — prosseguiu ele — que se imagina invisível.

— Como é que me encontrou aqui?

— Pensei que era eu que fazia as perguntas.

Ela pousou novamente o cubo na mesa.

— É a minha vez. Como é que me encontrou esta noite?

— Procurei em três outras estalagens primeiro. Estava um frio e uma chuva dos diabos.

Ela inclinou a cabeça.

— E se eu não estivesse aqui? Teria desistido?

— Não, Adelaide — respondeu ele. — Não teria desistido.

A resposta perturbou-a. Abanou a cabeça, como se isso pudesse eliminar a sensação. Eliminar a verdade das palavras.

— Pela sua caixa e pelo seu irmão.

— Hum. — Uma meia concordância. Como uma palavra num pergaminho,

esbatida pela chuva.

— E como conseguiu encontrar-me em Covent Garden? No The Place? — Evitou chamar-lhe a sua casa. Ele não precisava de saber que ela vivia ali. Não queria que ele soubesse que vivia ali, ainda menos num apartamento de dois quartos, apenas com o burburinho da taberna por companhia.

— Considera-se a única com acesso a informação?

Ela semicerrou os olhos para ele.

— Não gosto que informações a meu respeito sejam partilhadas sem permissão.

Ele ergueu uma sobrancelha na direção do dossiê em cima da mesa. As informações sobre o seu irmão, partilhadas com Lady Havistock.

— Que estranho. As outras pessoas adoram.

Ela não fingiu que não compreendia.

— As informações que partilho são para serem usadas contra pessoas que o merecem.

— O meu irmão não o merece.

— Pois não.

Ela surpreendeu ambos com a resposta rápida.

— Quando é que percebeu isso?

— Ontem, em casa do Havistock. — Quando percebera que Jack, Lorde Carrington, tinha recorrido às lutas com mãos nuas para os Bully Boys a fim de manter Lady Helene segura. Um homem decente, fazendo o seu melhor para proteger a mulher que amava.

Decente, como o irmão.

— Não obstante, continua a persegui-los. Para desfazer o seu casamento.

Não era essa a razão.

— Sim.

— Porquê?

Porque um homem horrível perseguia uma rapariga inocente. E porque as *Belles* precisavam de a manter em segurança. E a Quebra-Casamentos era a melhor arma do seu arsenal. Mas estes segredos não eram seus e não podia revelá-los. O melhor que ela podia fazer era...

— Porque o seu irmão não é a parte mais importante deste assunto.

O corpo dele ficou tenso e os seus lábios cerraram-se, os braços cruzados diante do peito como uma armadura, encostado à porta.

— E por isso temos de divergir.

Ela empinou o queixo, ignorando a sensação de que lhe provocavam as palavras simples, destituídas de raiva e cheias de verdade.

— Não será a primeira nem a última vez que divirjo de homens poderosos. — Ela devia deixar as coisas assim. Ele não precisava de saber mais nada. Mas acrescentou: — Passei a vida toda a divergir de homens poderosos.

Esperou que ele argumentasse. Que lhe dissesse que o irmão era diferente. Que ele era diferente. Que eram de confiança. Que a pressionasse para obter mais. Era um jogo que ela conhecia bem.

Contudo, quando ele voltou a falar, tinha um novo guião.

— Esta noite, não.

Ela enrugou a testa.

— Como assim?

— Amanhã recomeçamos. Esta noite, nós não estamos em divergência.

Impossível.

— Porque não?

— Porque estamos aqui, neste quarto, juntos. O que quer que a tenha perturbado lá em baixo... quem quer que a tenha perturbado. Esta noite... têm de passar por cima de mim.

Se lhe tivessem dado 12 hipóteses de adivinhar o que ele ia dizer, esta não estaria na lista. E não pôde negar o quanto lhe agradou a promessa contida nas palavras, uma promessa que nunca ninguém lhe tinha feito.

Protegê-la. Pela simples razão de que podia.

O prazer floresceu no peito dela, sem ser convidado. Indesejado. Quem era este homem? Qual era o seu jogo?

— Não sou uma donzela em apuros.

— Não discordo. Vi a faca que traz amarrada à coxa.

A arma em questão ficou mais pesada na sua bainha.

— Apesar disso, mantém-se alerta, como se eu o fosse.

Outro longo silêncio, tão longo que Adelaide se perguntou se tinham terminado por essa noite. Levantou-se e dirigiu-se novamente ao seu saco, ansiosa por se ocupar sob o seu olhar atento.

— O meu pai gostava de quebra-cabeças.

Tão poucas palavras, mas uma revelação. Um presente do Duque de Clayborn que, mesmo quando falava de amor, não revelava nada acerca de si mesmo.

Ela deteve-se, olhando-o.

— Foi ele que fez a caixa.

Ele não precisou de confirmar. Ela estava certa, e isso explicava uma série de coisas, principalmente porque é que o Duque de Clayborn se aventurara em South Lambeth em mangas de camisa. O que quer que estivesse na caixa, tinha um valor além do material. Era, como ele tinha dito, privado.

— Eu também gosto de quebra-cabeças — acrescentou ele, e ela voltou a assentir com a cabeça. Ele desencostou-se da parede. — Foi por isso que a segui quando saiu do armazém. Até às docas. Até Covent Garden. Foi por isso que a segui até esta estalagem no fim do mundo.

— Estamos a um dia de viagem de Londres.

— Mas as regras aqui são diferentes, não são? — As palavras eram um rumor quando ele se aproximou. — É o mesmo que estarmos do outro lado do planeta.

Ela começava a lamentar tê-lo feito sair do seu lugar junto da porta. Os movimentos suaves e seguros do duque punham-lhe o coração aos pulos, pesados e rápidos, bastando uma simples alteração na sua proximidade para lhe pôr a cabeça a rodopiar. Era um disparate, claro.

Mas ele estava ali, diante dela, alto e musculoso — diferente de qualquer aristocrata que ela já tinha visto. Os aristocratas vinham geralmente em embalagens pequenas, estreitas e macilentas. Esperava-se que se assustassem, acobardassem e queixassem. Ninguém informara o Duque de Clayborn de tal coisa.

Ela ergueu o queixo e tentou, com muito esforço, não revelar a forma como as suas entranhas reviravam.

— Ainda tem fome?

— Tenho. — Contudo, ele não parou junto da mesa. Contornou-a. Até estar junto dela, as suas calças ameaçando roçar-lhe as saias.

Ela levantou-se.

Comida. Comida ela podia aguentar.

— Os legumes assados são bastante...

— Eu reparei. — Ele interrompeu-a. E não se mexeu.

Ela estava a vibrar. Estava a vibrar?

— A sua comida está a arrefecer.

— Gosto de quebra-cabeças — respondeu ele.

Ela deu-lhe um sorrisinho.

— Não se pode comer um quebra-cabeças.

Um dos lados da boca dele ergueu-se num sorriso malicioso. — Mmm...

O som enviou algo pesado e quente bem para o íntimo dela. Suspirou.

Uma sobrancelha negra ergueu-se num arco perfeito, prova de que ele escutara o suspiro.

— Prometi dar-lhe pistas acerca da caixa se me dissesse a verdade... e acho que esse suspiro... pode ser a coisa mais verdadeira desta noite. — E então ergueu a mão e estendeu-lha. Tentando-a.

Ela ficou imóvel, aguardando o seu toque, a respiração superficial e irregular no seu peito.

— O que é que disse lá em baixo? — perguntou ele, em tom baixo e grave. — Está calor aqui? — As palavras eram um código lá em baixo. Adelaide teve a sensação de que também eram um código aqui. Mas um código diferente. Um que ela não compreendia. — Até aí, é verdade — continuou ele. — Está corada. — Os seus dedos roçaram-lhe a bochecha, deitando-lhe fogo à pele. — Aqui. — Percorreu-lhe o queixo com a mão, desceu pela linha da garganta, até à corrente de ouro que lhe pendia, sempre, em torno do pescoço, depois abaixo — mais abaixo, até desaparecer sob o pano do vestido. Demorou-se aí, e ela perguntou-se se ele levantaria a corrente e desalojaria o pendente que jazia, como um segredo, de encontro à sua pele.

Quando o toque dele se moveu de novo para a base do seu pescoço, ela fechou os olhos, muito consciente da velocidade a que o seu coração batia.

— Isto... — pintou um pequeno círculo na sua pele ali, onde o pulso dela latejava, traindo-a. — Isto é o mais verdadeira que já foi.

Ela abriu os olhos, encontrando os dele, a sondar. Aguardando que ela o olhasse. Brilhando com o conhecimento do que lhe fizera. *Raios.*

Depois levantou a mão, interrompendo o toque. *Raios! Raios!*

— A caixa não tem uma chave — disse ele baixinho. — Se a forçar, tranca. Não há forma de aceder à informação que tem lá dentro. Mas isso já percebeu.

Ela assentiu com a cabeça, mal o ouvindo. Perguntando-se o que ele faria se ela lhe pegasse na mão e voltasse a colocá-la sobre a sua pele.

— Podia abri-la — disse ela, mal reconhecendo a sua voz sem fôlego. — Um martelo faria o trabalho.

— Podia — respondeu ele. Estava mais próximo agora? Junto do seu ouvido? As palavras eram uma carícia? — Mas ficaria destruída. E isso é *inaceitável.*

Adelaide estremeceu ao ouvir a palavra, proferida com uma certeza firme e um vestígio de ameaça, como se ele nunca fosse permitir tal coisa.

Ficaram junto um do outro em silêncio, Clayborn quebrando-o finalmente ao dar um passo atrás e desviar o olhar para a comida.

— Peço desculpa. Não devia ter-lhe...

Quando ele se interrompeu, Adelaide disse:

— Não foi... — Não precisou de encontrar as palavras para terminar a sua frase, porque ele interrompeu-a.

— Foi inaceitável.

Como podia uma palavra dita duas vezes em meros segundos ter significados tão diferentes?

— Não devia ter-lhe tocado esta noite. — Mas ela queria. — E de certeza que não a devia ter beijado ontem.

Ela cerrou os dentes e afastou-se, pondo alguma distância entre ambos e detestando o pedido de desculpa. Fez de conta que examinava o conteúdo do seu saco de viagem.

— Não há razões para me pedir desculpa por ontem.

Ele soltou uma espécie de gargalhada sem humor.

— Essa é a mais severa das minhas infrações.

— Não percebo porquê — disse ela. — O senhor não me beijou.

— O quê? — Ele não conseguiu esconder a surpresa. Ela gostou disso.

— Não me beijou.

— Beijei. — Insistência.

— Não beijou.

— Menina Frampton... — Ela *odiava* que ele lhe chamasse isso. — Garanto-lhe que beijei. Eu estava lá.

Então ela olhou para ele e, noutra altura, teria desfrutado da sua surpresa. Mas não nesse momento.

— Não. Eu é que o beijei. É algo completamente diferente. Por isso, não precisa de me pedir desculpa.

Ele emitiu um som áspero.

— A menina...

— O que quero dizer é que não tem de ruminar o seu erro, Vossa Graça — interrompeu ela, apontando para a cama e continuando, rapidamente e com uma falta de emoção pragmática. — Bem, estou cansada e amanhã será um longo dia em perseguição do seu irmão e da Lady Helene. Prefere dormir na cama ou na cadeira?

Outro som, este como se ele estivesse a ser estrangulado. Ela fitou-o novamente, de sobrancelhas erguidas e interrogativas.

— Na cadeira — disse ele.

Claro que escolhia a cadeira. Um cavalheiro, pedindo desculpa por ter sido beijado e por a tocar e por ser, em geral, difícil de tolerar.

— Então, se não se importa, saia do quarto para eu poder... — Apontou para a cama.

Ele virou-se imediatamente de costas.

— Claro. Desculpe. Sim. Claro. — Deu alguns passos na direção da porta e depois parou, como um cão chegando ao fim da trela. Olhou para trás. — Mas, se eu sair...

— Sim?

— Não ficará segura aqui.

Adelaide não conseguiu evitar uma pequena gargalhada.

Ele riu desdenhosamente.

— Acha isso divertido?

— Acho divertido que não me considere capaz de me manter em segurança. — Como se ela não tivesse aprendido desde cedo a ser a sua própria salvadora.

Ele franziu a testa. Sem resposta, partiu, fechando a porta. Adelaide virou-se para a bacia, num canto, dizendo a si mesma que tinha sido melhor assim. O pedido de desculpas. A forma como, claramente, ele ficara horrorizado com o beijo nas docas. Por lhe ter tocado. Afinal, ele era um duque e ela uma ladra nascida do lado errado do rio.

Tudo o resto eram artifícios.

Retirou sabonete e pó dentífrico do saco, tirou os óculos e tratou rapidamente das suas abluções antes de se despir até ficar só em camisa. Atravessando o quarto, foi buscar o dossiê, mas deixou uma vela acesa em cima da mesa, as sombras dançando através da superfície uniforme do quebra-cabeças.

Devolvendo o dossiê ao saco, disse a si própria que ele podia ter segredos. Ela não andava atrás deles.

Era mentira, claro. Cada momento que passava com o Duque de Clayborn, fazia-a desejar descobrir mais acerca dele. O que era perigoso, na verdade, porque conhecer contribuía para gostar. E gostar contribuía para desejar.

E o Duque de Clayborn não era para Adelaide Frampton.

Acordou de manhã e descobriu que o cubo continuava em cima da mesa, ao lado da vela acesa. Do outro lado do quarto, o Duque de Clayborn dormia na cadeira... que colocara de forma a bloquear a porta.

Têm de passar por cima de mim.

Adelaide ignorou o aperto no peito à memória e imagem dele, em mangas de camisa, uma porção de pele beijada pelo sol sob um cobertor de lã que encontrara algures. Vestiu-se em silêncio — anos de prática tornaram-lho possível —, maravilhando-se por ele ter deixado os seus segredos em cima da mesa. Por confiar nela.

Um erro. Era uma ladra, e nascera para roubar.

Partiu antes de ele acordar, com o seu tesouro na mão.

Capítulo 7



O Duque de Clayborn estava de mau humor.

De ombros dobrados debaixo do pesado sobretudo, baixou a aba do chapéu para a testa, apertou as rédeas com força e praguejou contra o vento cortante que mais parecia de dezembro do que de outubro.

Mas não eram as condições meteorológicas que o punham com esta disposição.

Tão-pouco a viagem extenuante naquela carruagem aos solavancos, ao som dos gemidos das rodas sobre uma estrada que ia ficando mais irregular à medida que o sol se escondia no horizonte.

Não, ele estava com esta disposição — amaldiçoando o clima e as estradas e os veículos e um carvalho de troncos suspensos que quase lhe arrancara a cabeça e uma roda partida que o atrasara uma hora inteira enquanto a substituía — desde que acordara nessa manhã, enrolado na posição mais desconfortável que um corpo pode encontrar no sono, numa cadeira dura, num quarto frio na estalagem Hawk and Hedgehog.

Na verdade, o seu humor podia ter sobrevivido ao torcicolo no pescoço.

O problema é que Adelaide desaparecera.

Era impossível, ou pelo menos ele assim o julgara, quando dormira com a cabeça encostada à porta. Quando voltara a entrar no quarto, ela já estava na cama, e foi à luz fraca de uma vela quase gasta que se acomodou o melhor que pôde com um pequeno cobertor, um lume a apagar-se e uma cadeira desconfortável.

Depois de apagar a vela tentou conciliar o sono, tarefa que sabia ser inglória, ciente como estava de que não devia estar a partilhar um quarto com uma senhora solteira.

No escuro, disse a si mesmo que era tudo em prol da sua corrida. O facto de Adelaide não poder sair sem o acordar seria um bónus. Ele manter-se-ia a par dela desde o início do segundo dia de viagem — manter-se de olho nela desde o romper do sol garantiria que não voltaria a perder-lhe o rasto.

O que não passava de uma meia-verdade. Havia outra razão para partilhar o

quarto com ela. Posicionar-se como uma sentinela junto da porta. Queria mantê-la segura.

Procurara o sono durante horas, fazendo o seu melhor para permanecer cavalheiro. Para evitar pensar nela, quente e macia na única cama do quarto. Para evitar perguntar-se se ela teria tirado o vestido antes de se meter na cama. Se soltara o cabelo ruivo. Se este estaria espalhado sobre os lençóis como ele tinha imaginado, quando não devia tê-lo feito, de todo.

Tinha feito uma lista de todas as coisas em que não devia pensar, e a atividade não contribuíra nada para o aquietar. O relógio no corredor lá fora batera as 23 horas. E depois a meia-noite.

Quando soou a 1 hora, cedeu, permitindo-se finalmente ouvir o ritmo suave e até rítmico do sono dela. Contou cada respiração como se contasse carneiros, certo de que acordaria antes dela.

Em vez disso, tinha acordado sem ela.

Nada disso o agradava.

Praguejou novamente, incentivando os cavalos, grato por haver uma parelha rápida e forte à sua espera quando parara para fazer a muda — a única coisa boa que lhe tinha acontecido nesse dia, considerando que estava atrasado na corrida com Adelaide e que não fazia ideia do quanto ela puxaria pelos seus cavalos para perseguir o irmão.

Clayborn tinha feito tudo o que podia para a apanhar, saltando instantaneamente da cadeira em que dormira. Não demorara muito a descobrir duas coisas — primeiro, o quarto tinha uma saída secreta, uma porta perfeitamente escondida na tapeçaria do elaborado papel de parede de um lado da cama, que levava a uma escadaria traseira e daí diretamente aos estábulos. Ele já devia esperar isso — Adelaide Frampton nunca se permitiria ficar presa quando podia ser livre.

E, a segunda coisa, é que ela levara a sua caixa.

Inclinou-se para a frente e encorajou os cavalos com um *yah!*, esperando que eles se sentissem motivados a percorrer a distância que ela deixara para trás.

Ela deixara-o.

Ele confiara nela em relação à caixa, dizendo a si mesmo, enquanto ficava sentado no escuro, que a ouviria se ela fosse pegar-lhe. Não. Isso era um disparate. O que ele dissera a si mesmo fora que ela ficaria e que a caixa, nas

mãos dela ou nas suas, permaneceria com ele.

Mas Adelaide Frampton era, acima de tudo, uma ladra... e escapulira-se ao abrigo da noite, mesmo antes da aurora, segundo o moço de estrebaria que ele aterrorizara com um interrogatório ducal às 6h30 da manhã.

Ele não estava muito atrás, e uma parelha de cavalos robusta podia fazer toda a diferença.

Mas Clayborn sabia que não devia subestimar Adelaide, e quando o sol começou a pôr-se e o frio começou a morder, percebeu que os seus cavalos não tardariam a cansar-se, e perdeu os controlo dos pensamentos — os que prometera a si mesmo manter à distância.

Começaram inocuamente. Um sussurro de lógica. Os cavalos dela também se cansariam, não era?

Ela também teria de parar.

Ela também seria tentada por comida quente. E uma cama mada... Foi esse o seu erro, permitir-se pensar nela numa cama macia.

Lembrar-se de outras partes dela que eram macias. A sua respiração durante o sono. A pele da sua face, que ele tocara na noite anterior. O vibrar da sua pulsação quando a encontrara, rápida e tentadora. Os seus lábios.

E todas as outras partes que ainda não tinha explorado. Uma investida de fantasias esmagou-o, membros longos e seios rosados e a pele das suas costas a arquearem-se para ele. O suspiro que ele lhe arrancava. Aquele cabelo cor de labaredas que ainda não tinha visto, mas que tocara... macio como seda e tentação pura.

A maciez desvaneceu-se, substituída por pensamentos sobre o aperto firme das mãos dela no seu cabelo, a dentada no seu ombro. As exigências que ela poderia fazer.

Gemeu, libertando a frustração em palavrões ao descrever uma curva da estrada, tentando forçar-se a pensar em tudo menos nela — no bater dos cascos, no matraquear das rodas, no chiar das molas ao frio.

Encontrando novamente estrada reta, semicerrou os olhos para a distância, e perguntou-se se a teria convocado com os seus pensamentos. Porque ali, a uma centena de metros de distância, uma carruagem movia-se a grande velocidade. Mas não tão depressa que ele não pudesse apanhá-la.

Apanhá-la.

E era ela. Não tinha qualquer dúvida.

Como se ela o tivesse convocado até si.

Sentiu um triunfo quente e recompensador e deu rédea solta à sua parelha, fazendo-a avançar com um único objetivo — fechar a distância. A mulher queria uma corrida? Ele dar-lha-ia. E quando vencesse... *reclamaria o seu prémio.*

Uma centena de metros tornaram-se cinquenta, depois metade disso. Ele abrandou, guardando alguma distância enquanto se preparava para a alcançar. Ia gritar para anunciar a sua presença, para não a assustar com a sua chegada, mas antes de o fazer ela virou-se e olhou por cima do ombro, nada surpreendida.

Ela sabia que ele estava ali.

Ela ergueu as sobrancelhas e gritou:

— Veio para me dar a corrida que me prometeu?

O prazer percorreu-o ao ouvir aquelas palavras, pela provocação e desafio que continham.

— Podia ter-lha dado mais cedo, se não se tivesse escapulido!

Ela mostrou-lhe um sorriso mais vivo do que qualquer outro que ele já lhe tinha visto. Fresco, honesto e tão bonito que lhe disparou o coração.

— Não suportei a ideia de o acordar, duque... pareceu-me tão confortável!

Ele voltou a atentar na estrada, verificando o caminho dos cavalos enquanto escondia o seu próprio sorriso e gritava:

— Esta noite, tenciono ganhar a cama disponível!

Ela atirou-lhe um olhar.

— Uma verdadeira corrida, então! Até à próxima estalagem!

O olhar dele deslizou sobre ela, o brilho dos seus olhos visível mesmo através dos óculos, o rosado das bochechas, o sorriso aberto como uma dádiva. As mãos enluvadas comandando as rédeas retesadas. Ela usava um casaco, mas o vento da corrida abrira-lhe a parte de baixo, por cima do vestido de viagem, de um verde rico, cor de primavera, o tecido moldado ao seu tronco e pernas.

Pensou que correria com ela até onde ela quisesse ir. Ignorando o pensamento, fez a parelha avançar mais depressa. Ansioso por ganhar... não apenas pelo prémio, ou para se vangloriar, mas para lhe mostrar que era capaz.

Para ganhar a corrida... e a admiração dela.

Ela não lha daria facilmente. Ótimo; ele queria o jogo. Quando fora a última vez que tinha tido um? De facto, alguma vez o tivera?

Ela chegou-se para a frente no banco, encostada às rédeas, o casaco enfunado atrás de si, as saias moldando as coxas fortes. Agora ele estava quase a par dela, incapaz de se impedir de verificar a posição dela num constante avança e recua — a estrada, a carruagem dela, novamente a estrada.

Mais à frente, uma árvore pendia para o caminho, com um ramo folhoso particularmente baixo do lado de Adelaide. Ambos o viram, e ele gritou-lhe que tivesse cuidado.

Não era preciso. Ela chegou-se para trás, baixou-se, passou facilmente pelo galho e retomou a posição a sorrir, com a suavidade de um condutor de quadrigas romano. Ajeitou os óculos e lançou-lhe um sorriso, o seu orgulho arrogante, óbvio e absolutamente perfeito.

Ele podia observar aquela mulher a conduzir carruagens para sempre.

O pensamento ainda mal lhe atravessara a cabeça quando uma rajada de vento varreu a estrada, fria e intensa o suficiente para arrancar o chapéu da cabeça dela. Ela tentou apanhá-lo, com uma exclamação, mas este já fora atirado para os arbustos à beira da estrada, seguido pelo seu riso rico e adorável.

Por um momento, o instinto dominou-o e ele abrandou os cavalos — para parar e ir buscá-lo. Para lho devolver como um prémio num torneio. Ele pretendia parar. Pretendia ser um cavalheiro.

Mas o chapéu não foi a única coisa que o vento reclamou.

O cabelo dela soltara-se, uma nuvem selvagem de seda e fogo. E ele esqueceu-se de tudo, porque não podia desviar o olhar daquele cabelo, finalmente livre, enfunado em torno dela numa rajada desafiadora da gravidade, longo e luxuriante e vibrante e muito mais bonito do que imaginara.

Esta mulher, que ele notara no primeiro momento em que vira, era agora impossível de ignorar.

E foi por isso que ele não viu o buraco na estrada.

— Clayborn! — gritou ela, avisando-o, a preocupação visível por trás dos óculos de aros de metal. — A estrada!

Era demasiado tarde. A roda passou por cima de um buraco, uma porção de estrada esburacada pelos elementos e pelo uso, antes de ele conseguir deter a sua marcha. Mesmo tendo reagido, de forma rápida e competente, puxando as rédeas com força e pondo-se de pé no assento, sabia que fora tarde demais. A carruagem inclinou-se para um dos lados com um estrondo de algo a rachar-se. Um passo em falso no já descontrolado percurso. E quando a inclinação ficou mais pronunciada, mais perigosa, ele percebeu que não tinha escolha.

Confirmando que a carruagem de Adelaide não estava no caminho do que quer que estivesse a acontecer à sua, largou as rédeas e saltou.

Com o ímpeto do salto, dobrou-se e rolou, tentando não partir nenhum osso, porém, quando se estatelou numa valeta à beira da estrada que escurecia rapidamente, sem ar nos pulmões, teve a certeza de não se encontrar inteiro.

Contudo, o chiar do metal, pontuado pelo estrondo de madeira e vidro e os sons selváticos de dois cavalos aterrorizados a tentar arrastar uma carruagem com as rodas no ar, fizeram-no pôr-se imediatamente de pé, testando pernas e braços e descobrindo que tivera mais sorte do que merecia.

No entanto, de alguma forma, não se sentiu muito feliz com a revelação. A carruagem estava destruída, os cavalos em pânico e o seu corpo cheio de nódoas negras.

Para não falar do seu orgulho.

— Clayborn! — Estremeceu quando Adelaide apareceu, tendo parado a sua própria carruagem para ver como ele estava. — O senhor está bem?

— Estou ótimo. — Aproximando-se do local do despiste, fez-lhe sinal para ela não se aproximar, recusando-se a encará-la enquanto tentava acalmar os animais que soltara o mais depressa possível, aliviado ao ver que, por milagre, não estavam feridos.

— O senhor não está bem! — disse ela. — Podia ter *morrido.*

— Mas não morri — retorquiu ele, conduzindo serenamente os animais até uma árvore próxima e voltando para junto da carruagem para examinar os destroços emaranhados do veículo, tombado de lado numa valeta na berma da estrada.

— Quando saltou... — continuou ela chegando ao lado dele, sem reparar na forma como ele cerrava os maxilares ao ouvir as suas palavras, ou no embaraço que o invadia. — Caramba, pensei que estava... — Interrompeu-se, com algo preso na garganta.

Ele olhou-a. *Ela estava preocupada com ele?*

— Pensei que tinha...

Ele não gostou do que viu nos olhos dela.

— Adelaide — disse com firmeza. — Olhe para mim. — Ela obedeceu, baixando os olhos para ele, e ele susteve o seu bonito olhar castanho por um

momento antes de dizer: — Estou aqui.

Ela assentiu com a cabeça e ficou a vê-lo trepar para os destroços, a fim de resgatar a sua bagagem. Demorou mais do que gostaria, separando os detritos. Afinal, era falso que a carruagem fechada fosse o melhor veículo para um cavalheiro moderno, como o vendedor lhe prometera. Desfizera-se como um brinquedo de criança.

— Que aconteceu? — perguntou ela, e ele deteve-se às palavras.

Aconteceste tu.

Não conseguia tirar os olhos de ti.

Continuava a olhá-la fixamente, incapaz de aprender a lição.

— Parece que ganhou a corrida — disse ele. — Porque não apressar-se a continuar e reclamar o seu prémio?

Um quarto para ela. Uma cama macia.

Não. Não continuaria a pensar nela em camas.

— O quê? Não vou abandoná-lo.

Ele continuou a sua busca, ignorando-a desejando que ela fizesse o que lhe pedira. Encontrando finalmente o seu saco, saltou para fora dos destroços.

— Não lhe exijo que se demore.

Ela franziu as sobrancelhas, a luz que esmorecia rapidamente projetando um brilho alaranjado na sua pele.

— Exige-me definitivamente que me demore. Quem mais o levará à próxima estalagem? — Fez uma pausa. — Quem mais o levará ao seu irmão?

— Quer dizer que agora somos uma equipa? — perguntou ele. Uma pausa, e depois ela respondeu:

— Talvez, mas conduzo eu. O senhor não é de confiança.

A provocação irritou-o.

— Este incidente não teve nada que ver com as minhas capacidades de condução.

— Não?

— Não.

— Então qual foi a causa?

— Estava distraído. — Não se permitiria dizer mais do que isto.

— Pelo quê?

Pelo teu cabelo.

— Pelo seu chapéu.

Algo brilhou nos olhos dela.

— Pelo... meu chapéu.

— Exato. Perdeu-o.

Santo Deus. Parecia um idiota.

— Eu perdi o meu chapéu e o senhor espatifou a sua carruagem.

— É uma caleche — clarificou ele, esperando mudar de assunto e acabando por apenas parecer pomposo.

— Isso é relevante para o meu chapéu? — Aquilo era um sorrisinho a despontar nos lábios dela?

— Não vejo nada de divertido nesta situação, menina Frampton.

— Ela estava definitivamente a sorrir. Ele ficou carrancudo. — Estou a dizer-lhe que devia ir — começou ele, virando-lhe as costas antes que lhe revelasse demasiados pensamentos.

Parou quando descobriu que os seus cavalos tinham sido recolhidos por dois homens, um branco e um negro, ambos largos como casas, que pareciam totalmente desinteressados da presença de Clayborn.

— Oi! — gritou, empurrando Adelaide para um lado dos destroços antes de atirar o saco ao chão e correr para eles. — Larguem-nos!

Eles não pararam.

Com mil raios. Doía-lhe o corpo todo, e agora tinha de lutar com aqueles homens.

— Clayborn... — começou Adelaide no momento em que uma voz feminina surgiu das sombras.

— Eu não o faria, se estivesse no seu lugar.

Ele virou-se e viu uma mulher pequenina sair dos arbustos, olhos escuros cintilantes e um sorriso vivo no rosto moreno. Numa mão, segurava uma bonita pistola de prata, refulgindo como fogo sob o sol poente.

— Que raio?

Ele recuou imediatamente para junto de Adelaide, colocando-se entre ela e a arma. Primeiro destruíra a carruagem, e agora ia fazer com que o matassem!

A mulher com a pistola não hesitou.

— Sou uma surpresa, não sou?

Ele pestanejou.

— Quem é a senhora?

— Isso não importa. O que é importante é que o senhor é o Duque de Clayborn, e deu um belo trambolhão, não deu?

As sobrancelhas dele juntaram-se.

— Como sabe quem eu sou?

— O seu brasão está do lado de fora da... — apontou com a mão o que fora a sua carruagem. — Devia mesmo ter um veículo melhor para estas estradas, Vossa Graça. — Antes de ele poder responder às palavras secas, ela acrescentou: — Não lhe tinhas dito isto, Addie?

Claro que ela conhecia Adelaide. Provavelmente encontravam-se todas as semanas para jogar às cartas e debater qual das casas de Surrey tinha as pratas mais fáceis de roubar.

— Para ser franca, não disse — respondeu Adelaide como se estivessem todos a tomar um chá. — Estamos numa competição.

A recém-chegada sorriu.

— Então são boas notícias. Parece que ganhaste. Agora, duque, parece-me um tipo decente, e a Adelaide não deu cabo de si, o que confirma que é um tipo decente — e eles são raros. Então, que tal eu levar o seu saco e aqueles cavalos e o dinheiro que tiver na bolsa, e deixamos as coisas assim?

— Salteadores de estrada, claro.

Ela exprimiu a sua censura.

— Salteadora, se não se importa. — Apontou a pistola na sua direção. — Esvazie os bolsos, por favor.

Ele abriu as mãos.

— E se eu lhe disser que a sua amiga já me esfolou na noite passada? Roubou-me a bolsa mesmo debaixo do meu nariz.

— Ela saberia que está a mentir — disse Adelaide junto do seu ombro. — Eu não lhe tirei o dinheiro. Pelo menos, não lho tirei todo.

— Estás a amolecer, então?

Clayborn lançou um olhar cortante a Adelaide e proporcionou-lhe a sua melhor censura ducal.

— Suponho que trabalhe com esta gente boa?

A salteadora riu-se.

— Parece que ele acha que não somos bons.

— Oh, eu não levaria isso tão a peito, ele acha que a maioria das pessoas não são boas — disse Adelaide casualmente, antes de apontar para a pistola na mão da outra mulher. — Embora a pistola talvez não ajude a tua causa.

— Como se tu não transportasses também uma arma letal.

Ele olhou para Adelaide.

— Não me diga que também tem uma pistola.

Ela abanou a cabeça, mas evitou o olhar dele, preferindo examinar os destroços.

— Não gosto de armas. Normalmente trazem mais prejuízos do que vantagens. Lucia, apresento-te o Duque de Clayborn. Clayborn, apresento-lhe a Lucia. — Apontou na direção dos dois brutos que traziam agora os cavalos de Clayborn para junto deles. — E estes são o Tobias e o Rufus.

Os homens inclinaram os chapéus em resposta, como se tudo o que se passava ali fosse requintado e totalmente legal.

— *Ach* — desdenhou a salteadora. — Foi só exibicionismo. Não estávamos à procura de sangue. Apenas fazemos a nossa parte.

— E que parte é essa?

Lucia dirigiu-lhe um sorriso luminoso.

— Redistribuição da riqueza.

Claro.

Ela levantou o saco no ar.

— Este está trancado, o que me indica que contém algo que vale a pena roubar.

— Provavelmente tem — retorquiu Adelaide. — Os duques não viajam leves.

— O que é que diz, duque? — alinhou Lucia. — Tem aqui uma barra de ouro, ou uma coisa do género? — Olhou para Adelaide.

— Há alguma hipótese de teres as tuas chaves contigo?

— Claro que tenho as minhas chaves comigo — disse Adelaide.

— Mas este não é para roubar, Lucia.

A mulher ergueu uma sobrancelha.

— Está sob a proteção da duquesa?

Adelaide encolheu os ombros.

Uma segunda sobrancelha foi ter com a primeira.

— Sob a tua proteção?

Clayborn estava farto que falassem dele como se não estivesse presente. E decerto que aquilo não lhe agradava, como se ele fosse uma criança a precisar de uma ama.

— Não preciso da proteção de absolutamente ninguém.

— Tem a certeza? — perguntou Lucia. — Os meus rapazes podiam roubá-lo de olhos fechados.

— Sou perfeitamente capaz de lutar — disse Clayborn, ignorando a dor que o impacto do salto para fora da carruagem lhe provocava no ombro. — Fiz boxe na escola durante seis anos.

— Não me diga! — Lucia inclinou a cabeça. — Seis anos de boxe na escola?

— E um nariz tão direito para o comprovar! — De novo aquele sorrisinho nos lábios de Adelaide.

Clayborn lançou-lhe um olhar.

— Talvez tenha o nariz direito por não ter o hábito de perder.

— Será antes por ninguém querer sovar um duque, mas o que lhe der mais conforto à noite, Vossa Graça.

Antes de ele poder voltar a falar, Adelaide olhou para Lucia e apontou a carruagem com a cabeça.

— Não pode ser reparada, pois não?

— Agora não passa de paus de fósforos e metal. É o que o teu duque ganha em vir tão para norte com uma carruagem apropriada para Hyde Park.

— Não é o meu duque — retorquiu Adelaide.

Era verdade, mas ele não gostou da rapidez com que ela o disse, como se ansiasse ver-se livre dele.

Ela desviou o olhar e deu a volta para inspecionar a parte traseira dos escombros, acocorando-se e estendendo a mão para as tábuas partidas, procurando alguma coisa.

— Estamos outra vez zangados?

Ela não olhou para ele.

— Não estamos sempre?

Ele supunha que sim. Mas havia momentos — a noite passada, hoje, enquanto competiam, nas docas, quando a beijara — em que parecia haver outro caminho.

— E contudo, continua a meu lado, em vez de me abandonar... o que quer que isso signifique.

— Um pouco de gratidão não lhe ficaria mal, Vossa Graça, considerando o que a Lucia e os seus rapazes podiam ter-lhe feito.

Virou-se para sorrir aos brutos que se aproximavam. As enormes criaturas devolveram-lhe o sorriso, como se estivessem todos numa feira de diversões e não ao lado de uma carruagem na berma da estrada.

Clayborn cerrou os dentes ao aperceber-se da familiaridade entre o trio. Ele não queria que ela sorrisse a outras pessoas. Queria que sorrisse para ele, com mil diabos. Não importava que a última vez que ela o fizera ele tivesse ficado tão deslumbrado que virara a carruagem.

Não. Na verdade, importava. A mulher era o caos.

Clayborn endireitou-se e olhou-a por cima do nariz.

— Não preciso da sua proteção, menina Frampton.

Tudo parou às suas palavras. Tobias e Rufus detiveram-se. Lucia, que estava a vasculhar noutro saco, este aberto, ergueu o olhar.

— Claro que não precisa. Estava perfeitamente bem aqui, com a sua carruagem tombada numa valeta — disse Adelaide, extraindo uma lanterna do meio dos destroços.

Caramba, ele podia ter feito aquilo.

Ela meteu-lha nas mãos.

— Deixe-me ser clara, duque. Na lista das pessoas que tenho interesse em proteger, o senhor está lá no fundo. Mas a última coisa de que preciso é que a Lady Havistock conte a meio mundo que a Quebra-Casamentos é a culpada de o Duque de Clayborn jazer morto numa valeta. Seria extremamente mau para o negócio.

— E eu a pensar que ia ter saudades minhas caso eu morresse — retorquiu ele, enfiando a mão no bolso para tirar um fósforo e acender a lanterna.

— Lamento desapontá-lo. — As palavras eram cheias de frustração e de algo mais que não lhe agradou.

Mais uma vez, sentiu-se um idiota.

— Adelaide.

Ela desviou o olhar.

— Da próxima vez que decidir fazer corridas com alguém através de Inglaterra, deve escolher um veículo melhor.

O silêncio caiu entre ambos, pesado e desconfortável, e Clayborn nunca se sentira maior gratidão em relação a um salteador — salteadora — do que quando Lucia o interrompeu.

— Precisa de saber, Duque, que o seu irmão passou aqui há cerca de seis horas. Tinha uma rapariga bonita com ele, e olhavam um para o outro como se não houvesse mais nada no mundo. — Olhou firmemente para Clayborn. — É mais bonito do que o senhor.

— É uma década mais jovem.

— Deve ser do nariz partido — acrescentou Adelaide.

Lucia virou as costas, examinando a estrada escura que se transformava em breu fora da poça de luz da carruagem.

Clayborn relanceou Adelaide.

— Nada tema. Entre os Bully Boys e a minha sorte quando estou perto de si, acredito que o meu nariz não tardará a estar partido.

Lucia levantou uma mão.

— Chiu.

Ele calou-se e ouviu um som à distância.

— Cavaleiro solitário — disse Lucia baixinho, sem tirar os olhos da escuridão. — Vem a grande velocidade. É melhor esconderes o teu janota.

— Não é o meu janota — disse Adelaide em surdina, já em movimento, puxando-o para se acocorar atrás dos destroços e estendendo a mão para a faca na bota.

Cada pedacinho do ser de Clayborn lhe resistiu.

— Não preciso de me esconder.

— Neste sítio, com a carruagem em pedaços, também não precisa de ser encontrado — disse Adelaide com mais um puxão.

Ele deixou-a puxa-lo até junto de si, ignorando a dor da queda no seu flanco enquanto introduzia a mão no bolso, extraindo uma faca, que brilhou, afiada e maléfica, à luz.

— Impressionante — disse ela baixinho.

— Devia sentir-me insultado. Achou mesmo que era a única a transportar uma faca?

Ela estava a olhar para os destroços, tão perto dele que quase lhe tocava. Se ela se virasse, estaria bastante perto para fazer mais do que tocar-lhe. Quando respondeu, mal se ouviu o som.

— É muito bonita, duque... mas sabe usá-la?

Ele cerrou os maxilares mas não respondeu, porque o cavaleiro chegou à vista deles, abrandando para observar a carruagem desfeita.

Tobias e Rufus deram a volta pela frente, colocando-se entre o veículo e Lucia, guardas enormes. Clayborn ficou tenso, detestando estar escondido como uma criança. Ele podia ser um aristocrata, mas não precisava de proteção. Ele protegia, caramba!

Tentou levantar-se, contornar os destroços e enfrentar o cavaleiro. Mas, quando este ficou ao alcance da vista — um homem alto, de 20 e muitos anos, capa pesada sobre os ombros, chapéu baixo sobre a esta — tudo mudou. O corpo de Adelaide ficou rígido como uma pedra, e o seu arquejo exigiu toda a atenção de Clayborn.

Ela reconhecera o homem. E não gostava dele.

O que fez Clayborn desprezá-lo absolutamente.

Fitou o homem, memorizando a sua cara de doninha ao tocar no chapéu em cima do seu cavalo alto.

— Azar.

Ninguém do trio se moveu quando a resposta de Lucia ecoou.

— Ou sorte, se estivesses no nosso lugar.

O cavaleiro riu-se, virando os olhos semicerrados diretamente para o sítio onde eles estavam escondidos. Clayborn sabia que ele não podia vê-los, mas Adelaide cerrara o punho em cima da coxa.

Isto também não lhe agradou. Sem pensar, estendeu o braço e pousou a mão em cima da dela. Sentiu o tremor. Nervos.

Não gostou *mesmo* nada.

Entrelaçando os dedos nos dela, segurou com força, desejando que estivessem sem luvas, observando-a. Esperando que ela olhasse para ele. Ela não o fez, mas apertou com mais força e ele ficou grato por aquele ínfimo movimento — pela prova infinitesimal de que ela confiava nele... pelo menos mais do que confiava no recém-chegado.

— Nenhum de vocês se parece com um duque — comentou o homem.

Clayborn rangeu os dentes. Ele reconhecera o brasão.

— Não, mas quem acha, guarda — disse Lucia, com arrojo e vivacidade. — Este saque é nosso; continua o teu caminho.

Uma pausa enquanto o cavaleiro ponderava no que fazer a seguir — loucura, considerando que Rufus e Tobias eram grandes como casas. Ainda assim, parecia que todos os presentes sustinham a respiração.

Finalmente, ele partiu e Clayborn esperou que Adelaide soltasse a respiração antes de fazer o mesmo. Quando ela se levantou, ele fez o mesmo, sentindo o grito da necessidade de protegê-la atravessá-lo.

— Adelaide.

Ela abanou a cabeça, ouvindo a pergunta que ele pretendia fazer antes de esta se formar. A sua resposta foi como aço macio.

— Não.

Lucia contornou a carruagem antes de ele poder perguntar o nome do homem. Insistir nisso.

— Deixa o Rufus levar-te à Hen — pediu a salteadora.

Adelaide ajeitou os óculos.

— Não é necessário. A minha carruagem está a menos de cinco minutos

daqui.

Lucia parecia ter algo a dizer, deslizando os olhos para Clayborn e para as mãos deles, ainda de dedos entrelaçados.

Até Adelaide afastar a sua mão, como se se tivesse queimado, e ele ter vontade de praguejar. Toda a noite estava a escapar ao seu controlo.

Lucia olhou outra vez para ele.

— E o Lorde Seis Anos de Boxe na Escola é o teu guarda-costas?

— Quando foi a última vez que precisei de um guarda-costas?

A outra mulher deu uma pequena gargalhada:

— Esta noite não tens as tuas raparigas contigo, Adelaide Frampton. — Apontou com o queixo para Clayborn. — Ele pode ser a tua melhor aposta.

Ele reprimiu a vontade de enumerar os Bully Boys que derrubara três dias antes.

— Quanto quer, para fazer desaparecer esta carruagem?

Lucia examinou-o por um momento.

— E o brasão?

— Especialmente o brasão.

Ela sorriu abertamente.

— Cinco libras pela carruagem. Mais 10 pelo brasão.

Uma fortuna.

— Suponho que obterei o melhor dos serviços.

— Melhor é impossível, Vossa Graça.

Ele retirou do bolso o pagamento para Lucia.

— Vou levar os cavalos. E o meu saco.

Ela entregou-lhe o saco de bom grado.

— Para que é que eu havia de querer um saco de plastrões e um frasco de sabão da barba?

Ele virou-se para Adelaide.

— A que distância fica a pousada? — Tinha a certeza de que ela sabia perfeitamente onde é que a corrida ia terminar. Também tinha a certeza de que as pessoas lá a acolheriam de braços abertos.

— Trinta minutos.

Ele assentiu com a cabeça, contendo um resmungo. Precisava de um banho e de uma cama e possivelmente de agulha e linha, depois do salto que tinha dado. Não queria passar mais uma hora naquelas estradas. Mas não daria àqueles quatro a satisfação de confessar a sua fraqueza.

— Suponho que esteja apinhada de pessoas bem pagas pela Duquesa de Trevescan e cheia de passagens secretas para a sua fuga? — Ela teve pelo menos a decência de se mostrar incomodada. — Excelente. Sentir-me-ei em casa. Para não dizer que estarei *preparado* para tudo o que vier. — Já farto daquela loucura toda, virou-se para Lucia com um rápido aceno. — Foi um prazer tê-la conhecido, menina Lucia.

Ela ergueu as sobrancelhas com um sorriso divertido.

— Qualquer amigo da Adelaide...

— Ele não é meu amigo — protestou ela.

— Nem pensar — concordou Clayborn. — Estamos zangados.

— Isso mesmo, percebes?

— Sou apenas o homem que ela voltou atrás para salvar, quando podia ter desaparecido na noite e ganhado o dia.

O queixo dela caiu e, se ele não estivesse cheio de dores, teria desfrutado ainda mais da situação.

— Não é...

Arquivando a recordação para futura consideração, pôs o saco ao ombro e olhou os homens à distância.

— E vocês os dois. Obrigado por não me roubarem os cavalos.

Tobias inclinou o chapéu.

Com este assunto resolvido, Clayborn olhou para Adelaide.

— A sua carruagem, se fizer o favor, menina Frampton.

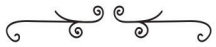
Passou um instante até todos perceberem que o Duque de Clayborn tinha assumido o comando.

— Diria que... — começou Lucia.

— Preferia que não dissesses — interrompeu Adelaide.

—... ele pode ser o primeiro duque de que já gostei.

Capítulo 8



Trinta minutos depois entraram na Hungry Hen e encontraram uma taberna cheia de gente e outra estalajadeira. Mary Bright não era tão abertamente amigável como Gwen, mas servia um excelente *pint*, fazia uma camas maravilhosas e guardava de boa vontade mensagens para Adelaide e outros que seguiam para norte até à fronteira. Mensagens como a que colocou em cima do balcão quando Adelaide e Clayborn chegaram.

Mary era uma nova aquisição para a rede das *Hell's Belles*, tendo herdado recentemente a gerência da Hungry Hen da tia, um contacto antigo da duquesa. Mas foi rápida a pôr-se em ação quando Adelaide se apresentou para recolher a chave do quarto reservado às *Belles.*

A viagem fora silenciosa, Adelaide revendo os eventos da tarde, o prazer da corrida, o terror de ver a carruagem de Clayborn desintegrar-se na estrada.

Não por ele poder ter morrido, claro. Ele podia fazer o que quisesse. Ela não começava a gostar deste homem bonito, que era cada vez menos o aristocrata empertigado que julgara que fosse, negociando com salteadoras e dormindo em cadeiras junto da porta para alimentar um instinto feroz de a manter em segurança. A sua mão na dela, os seus dedos entrelaçados nos dela. Isso alguma vez lhe acontecera? Alguma vez se sentira tão protegida?

Claro que não, e estava muito bem assim. Ela era perfeitamente capaz de se proteger. Era *ele*, afinal, que precisava de proteção. Se ela não estivesse ali, ele teria sido assaltado por Lucia e pelos seus homens ou, pior, por Danny Stoke, o tenente de confiança de Alfie Trumbull, que a procurara na noite em que roubara o armazém dos Bully Boys e continuava a procurá-la aqui.

O que significava que os Bully Boys estavam envolvidos, e ela tinha de se manter fora de vista. Estava ligeiramente surpreendida por Alfie ter mandado Danny sair de Londres para a procurar. Adelaide não tinha o hábito de se ausentar da cidade e, estando ali, não era impossível de encontrar. Mas ser perseguida aqui, a dois dias de viagem a norte da cidade, significava uma de duas coisas: ou ela roubara algo extremamente valioso, ou Alfie Trumbull estava zangado.

Pela forma como Danny avaliara a carruagem — a forma como o seu olhar viajara pelo brasão do Duque de Clayborn, como uma raposa faminta olharia para um galinheiro — ela tinha a sensação de que eram ambas as hipóteses. E embora a maior parte dos Bully Boys fossem mercenários com poucos miolos, Danny era diferente. Danny não era o braço direito do pai por acaso. Sabia o que fazia, e estava mais perto do que lhe agradava.

Afastou o pensamento, introduzindo o dedo sob o lacre e lendo a breve mensagem no interior, perplexa, como sempre. Meros mortais precisavam de descansar, mas a duquesa empregava uma vasta rede de mensageiros que pareciam não precisar de tal coisa. O que, combinado com a vasta rede de tabernas e estalagens de muda de Mithra Singh, fazia com que não houvesse lugar nenhum na ilha da Grã-Bretanha a que as *Belles não* conseguissem aceder no espaço de 48 horas.

Adelaide fechou a mensagem. Helene e Jack estavam seguros. De momento.

— O meu irmão, presumo?

— A uma hora para norte — disse ela. — Mesmo com o seu desvio para uma valeta à beira da estrada, não estamos muito atrasados.

— Eles partiram seis horas antes de nós — disse ele. — Porque é que vão tão devagar?

— Os casais que vão para Gretna têm tendência a demorar-se, se acreditarem que têm tempo para o fazer.

— Porquê? Não preferiam despachar o assunto?

Ela encontrou o olhar dele, o calor queimando-lhe as bochechas.

— Eles querem... despachar outras coisas, também.

Os olhos dele arregalaram ao compreender.

— Ah.

Ela ajeitou os óculos.

— Devíamos trocar de cavalos e prosseguir viagem assim que comermos e descansarmos um pouco.

Os lábios de Clayborn formaram uma linha muito fina.

— Ainda tenciona romper o casamento? Deixar a rapariga solteira e arruinada?

— Tenciono levar a Lady Helene de volta a Londres. — Adelaide procurou como pôde contornar a pergunta.

— Para casa dos seus desagradáveis pais? Quando podia voltar para a do seu marido apaixonado?

Se tudo corresse de acordo com o plano das *Belles*, Helene e Lorde Carrington viveriam o resto dos seus dias numa bênção romântica, com o pai dela enterrado nas entranhas da prisão de Newgate. Mas se Helene se perdesse, o mesmo aconteceria ao plano.

— Para Londres.

Ele soltou um suspiro.

— A certa altura, vai ter de me contar o que tenciona fazer.

Era impossível. Não podia contar-lhe nada sem revelar *tudo*. O homicídio de Havistock. A ameaça para Helene e Jack. O plano das *Belles*.

Quando ela não respondeu, ele emitiu um som do fundo do peito — de pura frustração. Um gemido que não esmoreceu.

Ela contemplou-o, o seu rosto iluminado pelo brilho das velas da taberna, e estremeceu.

— Está... — Hesitou, estendendo a mão para ele, detendo-se mesmo antes de lhe tocar. Tinha um arranhão no cimo da bochecha direita. Uma esfoladela do lado direito do queixo. O cabelo estava despenteado.

— Uma desgraça? — sugeriu ele.

Ela assentiu com a cabeça e disse em surdina:

— E também perdeu o chapéu.

Ele passou uma mão pelo cabelo escuro, admirando o dela, que ela voltara rapidamente a prender nos ganchos depois de saírem da cena do acidente. Algo flamejou nos olhos dele — algo meio excitante, meio perigoso — e Adelaide forçou-se a desviar o olhar.

Pigarreando, examinou a sala, catalogando cada ocupante, procurando Danny. Danny que, ela sabia sem qualquer dúvida, estava a procurá-la, onde quer que estivesse.

— Ele não está aqui — disse Clayborn, num tom baixo e ríspido, o seu olhar azul sério e urgente. — Pensou que eu não iria confirmar? Pensou que permitiria que ficássemos aqui, se ele cá estivesse? Não precisa de parecer tão surpreendida, Adelaide. Nunca o deixaria aproximar-se de si. — Fez uma pausa e depois acrescentou, suave e firme. — Nunca ninguém antes a manteve em

segurança?

Foi poupada a uma resposta quando Mary voltou com a chave do quarto das *Belles.*

Clayborn encostou-se ao balcão de uma maneira muito pouco ducal. Estaria a *seduzir* a outra mulher? A taberneira deu um risinho do outro lado do mogno riscado antes de fazer grande questão de olhar para o livro de reservas.

Resistindo à vontade de fazer má cara à linda cena do par, Adelaide inclinou-se para a frente quando Mary disse:

— Lamento, mas não temos quartos livres esta noite, senhor.

— Absolutamente nada? — Ele debruçou-se mais sobre o balcão, o seu olhar percorrendo as notas no livro. — Hum. — E então, antes que a estalajadeiro lhe sugerisse que arranjasse um fardo de palha nos estábulos, ele virou-se para Adelaide e lançou-lhe um sorriso caloroso, capaz de fazer aumentar a temperatura da sala.

Tão caloroso que, quando estendeu uma mão acolhedora para ela, ela se esqueceu de que não devia aceitá-la. Que não devia deixá-lo puxá-la para si.

Definitivamente, não devia deixá-lo dizer:

— Não faz mal. Simplesmente, terei de partilhar o quarto com a minha esposa.

Adelaide arregalou os olhos.

— A sua quê?

— Só um quarto — disse ele, as palavras fluidas e excessivamente carinhosas. — Mais uma vez, consegue acreditar?

Ela ignorou a excitação que a percorreu quando ele sorriu e levou a mão dela — a mão que a traíra! — até aos lábios para lhe beijar os nós dos dedos.

Aquilo não lhe agradou absolutamente nada.

Mas ela não recusou quando ele, sabe-se lá porquê, o fez uma segunda vez, e dirigiu o sorriso novamente a Mary.

— Recém-casados. Ainda estamos a familiarizar-nos com as formas de tratamento. Pode tratar de uma refeição e um banho no nosso quarto?

— *Nosso* quarto? — Quem é que aquele homem pensava que era? A noite passada tinha sido um caso especial.

— Exatamente — disse ele, dando palmadinhas nos bolsos, a irritação flamejando-lhe no olhar. — E que sorte, diria eu, porque a minha carteira parece

ter desaparecido mais uma vez.

— Foi a Lucia — disse ela, com um sorriso maléfico. Ele merecia-o.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— A sua alma gémea.

— Dedos leves fazem bolsos pesados — respondeu ela simplesmente. — É um trabalho honesto.

— É? — Ele deteve-se. — Os homens dela, o Tobias e o Rufus, são...

— Os homens dela — respondeu Adelaide simplesmente. As sobrancelhas de Clayborn ergueram-se em surpresa. — Embora, se quer saber a minha opinião, sejam mais homens do que uma pessoa precisa.

— Parece que a Lucia tem uma opinião diferente — disse ele secamente.

Adelaide nunca ouvira Lucia queixar-se, isso era verdade.

— Mary!

Adelaide foi poupada àquela conversa por um brutamontes demasiado grande e demasiado ruidoso, gritando do outro lado da sala para a dona da taberna, que teve um sobressalto bem conhecido de Adelaide, endireitando a coluna e baixando o queixo para esconder o desaparecimento do sorriso.

— Traz-me outra bebida!

O homem não precisava de outra bebida. Adelaide tinha a certeza disso, enquanto nuvens de tempestade atravessavam o rosto da outra mulher e ela começava a obedecer. Adelaide já assistira àquela cena; ir contra o rufia não acabaria bem para Mary, nem para qualquer viajante que não fosse rico, poderoso e homem.

Ela pegou no braço de Mary, travando-lhe os movimentos e encontrando os seus olhos. Uma vida inteira de conversas perpassou entre ambas, antes de a outra mulher se afastar e atravessar a sala até junto do bêbedo.

— Quem são aqueles? — perguntou o homem, num tom que se ouviu em toda a sala, mas foi impossível ouvir a resposta murmurada de Mary. — Para de falar com o janota. Tu não és cara o bastante para ele.

O seu riso foi excessivo — o género de gargalhada que os homens davam quando queriam atenção, e não divertimento. Adelaide ficou tensa, os dedos ansiosos por pegarem na faca. Para dar um aviso ao homem.

— Se vai atacá-lo, precisa de um ajudante — sussurrou Clayborn junto do

seu cotovelo. As palavras eram duras como aço.

Ela não desviou a atenção do homem no extremo do balcão. Não conseguia discernir o seu tom, mas não precisava. A forma como os ombros de Mary descaíram um pouco, como se pudesse de alguma forma tornar-se pequena — invisível — era suficiente. Ficou furiosa.

— Está a oferecer-se?

— Depende. Está a evitar ser notada?

O ritmo cardíaco dela aumentou.

— Raramente sou notada.

Ele emitiu um pequeno ruído de incredulidade. Ela olhou-o.

— Que significa isso?

— Um dia, Adelaide Frampton, vai perceber que é absolutamente impossível não ser notada.

Antes de ela poder responder a isso, o homem do outro lado do balcão deu palmadinhas no queixo de Mary — uma ação que podia ser considerada brincalhona se não parecesse tão ameaçadora. Clayborn ficou tenso, fechando um punho em cima do balcão.

Adelaide pousou uma mão na sua manga, sentindo os músculos do seu braço.

— Agora não.

— Porquê?

Ela gostou do fogo nos seus olhos, como se a ideia de não fazer nada fosse um anátema para ele.

— Porque há outros métodos para lidar com homens como este — disse ela. — Métodos silenciosos. E eficazes. — Métodos para enviar este homem para a noite e nunca mais o ver atravessar a porta do Hungry Hen. Porque eles não podiam arriscar receber a atenção que receberiam, com metade dos presentes já a assistir e a outra metade a virar-se para o fazer.

— Oi! — O grito veio do outro lado do balcão. O homem enorme estava a fazer má cara para eles — para Clayborn, que então se levantou, porque, como podia não o fazer?

— Também conheço métodos eficazes, menina Frampton.

Antes de ela poder responder, o bêbedo continuou:

— Tás a olhar para onde, ó janota?

— Raios, Clayborn — murmurou Adelaide. Tinham de ir lá para cima. Rapidamente. — Não diga nada.

Por um momento, ela não soube se ele a tinha ouvido. E então, erguendo a voz, ele disse precisamente isso, com o tom de voz mais superior que Adelaide já ouvira.

— Nada.

O bruto percebeu o insulto e levantou-se, os punhos fechados como rochas.

— Raios, Clayborn!

— Fora! — gritou Mary apontando para o bêbado. — Estou farta das tuas tretas, Billy.

— Lá para fora, então — veio a resposta enquanto Billy começava a empurrar as pessoas à sua frente para chegar a Clayborn.

Adelaide começou também a empurrar, tentando levar Clayborn para a porta. Se se apressassem, poderiam chegar à carruagem antes de os cavalos serem desatrelados.

Mas Clayborn transformara-se em pedra. Inamovível.

Adelaide admoestou-o, hipnotizada pelo homem que avançava.

— Não pode lutar com ele.

— Gostava que parasse com isso — disse ele, a voz serena.

— Parar com o quê? — Raios. Ela ia precisar da faca. Meteu a mão no bolso, procurando a abertura para a faca amarrada na coxa.

— Parar de insistir em que não sei lutar.

O homem enorme estava mais perto e Clayborn nem sequer estava a olhar.

Adelaide protestou.

— Seis anos de boxe na escola não são...

— Recue — interrompeu ele.

Ela pestanejou ao ouvir a instrução fria.

— Não pode estar a pensar em...

— Para ali, junto das escadas.

— Livrai-me dos homens e da sua insistência em lutar sem sentido. — Ela abanou a cabeça, olhando o oponente. — Não. Temos de ir.

— Por uma vez, ouça-me, sua grande harpia. Para junto das escadas. Já!

A ordem foi dura e implacável e, de alguma forma, embora nunca percebesse porquê, Adelaide obedeceu e recuou.

Tal como ele sabia que faria, pois antes mesmo de ela cumprir a ordem, já se virara para enfrentar o inimigo que se lançava a ele.

O bruto nunca teve qualquer hipótese.

O punho de Clayborn voou com uma velocidade sobrenatural, direito à cara do homem, atirando-o ao chão como um saco de farinha.

— Isso é suficiente! — gritou Mary, parecendo meio deliciada, meio aliviada.

— Oh, céus! — sussurrou Adelaide, sentindo algo completamente diferente.

Clayborn dirigiu-se a Mary, de olhos arregalados atrás do balcão, enquanto os comparsas de Billy pegavam no homem tombado e o transportavam para fora da taberna.

— Não é da minha conta, mas este homem não devia ser autorizado a frequentar a sua casa, menina. — Mary pestanejou, mas antes de poder responder, ele virou-se para Adelaide. — Agora, quais são os seus métodos? — Como ela não respondeu logo, Clayborn acrescentou, bastante alto para toda a sala ouvir: — Eu e a minha esposa não queremos ser incomodados.

E então concentrou-se em Adelaide, adotando uma atitude severa e inflexível. Foi com o coração a bater com força, e alguma emoção, que ela o observou a encurtar a distância que os separava, mas não deu um passo atrás, recusando-se a recuar perante o seu avanço.

Não o desejando.

Quando chegou junto dela, ele inclinou-se, o bastante para lhe tocar. Para mais.

Para a beijar.

Ela empinou o queixo.

— Só seis anos?

Uma sobrancelha negra ergueu-se.

— Na escola.

Onde teria ele aprendido o resto?

— Impressionante — disse ela, sendo sincera. Desejando dizer mais.

— Lá para cima. Já.

— Porque é que me chamou aquilo? — Ela não se mexeu, apesar de todos os músculos do seu corpo lhe gritarem que obedecesse. — Sua esposa?

— O que é que teria preferido? Inimiga? Adversária? Castigo?

— São todas mais exatas — disse ela.

Ele suspirou.

— Talvez estivesse à procura da forma mais rápida de a proteger.

— Não preciso de proteção — disse ela imediatamente. Há anos que se protegia a si mesma. E a outros também.

Ele não discordou, mas cerrou os lábios numa linha fina.

— Um caminho de menor resistência, então.

— Resistência a quê?

— Resistência a mim. Não tenho interesse em lutar consigo neste momento.

E foi então que ela percebeu que algo estava errado. Semicerrou os olhos para ele, para a sua postura, ereta e orgulhosa... e apenas ligeiramente inclinada para a esquerda. Não o suficiente para qualquer outra pessoa notar, na verdade, mas Adelaide não era qualquer outra pessoa... e este homem também não. Ela devia ter notado antes, quando ele atirara o saco para a parte de trás da carruagem e subira para o cubículo, que os seus movimentos eram mais rígidos do que alguma vez tinham sido.

Devia tê-lo notado quando ele cerrou os maxilares nos últimos minutos da viagem. Ou quando levantou o saco e caminhou para a Hungry Hen, com os ombros um pouco mais encurvados do que era costume.

Não que alguma dessas coisas o tivesse impedido de atirar um homem ao chão.

Ela franziu a testa.

— Que se passa?

Ele olhou-a.

— Nada de importante. Um salto de uma carruagem em movimento e alguns nós dos dedos magoados podem fazer uma pessoa desejar um banho quente e uma companhia amigável, nada mais.

Ela examinou o arranhão no cimo da sua bochecha. Ele virou-se instintivamente, para impedir o seu exame. Não querendo mostrar-lhe nem um indício de fraqueza.

— Sou perfeitamente amigável.

— Sim, é exatamente assim que a descreveria — disse ele, com um tom de humor, deixando-a pegar-lhe na mão. Deixando-a levantar-lhe o punho e passar-lhe gentilmente o polegar sobre os nós dos dedos, esfolados por terem embatido no bruto.

Quando ele respirou fundo ao seu toque — dor? Outra coisa? — ela disse, quase sussurrando as palavras:

— Para cima, então.

Para cima, para o quarto dela. Para o banho. Para a comida. Para o repouso.

Para os dois, sozinhos.

Ela foi à frente.

O quarto era nas traseiras da pousada, dando para os estábulos e longe do barulho da taberna lá em baixo. No tempo que Clayborn demorara a produzir o caos na taberna, comida e um banho a escaldar tinham sido ali preparados, e quando a porta foi fechada e trancada, eles ficaram sozinhos, além do vapor que se libertava da água.

Inspecionou o quarto arrumado, pequeno e simples, à exceção de uma enorme pintura a óleo numa parede, de tamanho quase natural, representando um grupo de seis mulheres, todas vestidas de um branco diáfano ornamentado a ouro, e todas segurando espada e escudo.

— Porque não me surpreende que lhe tenham atribuído o quarto em que as deusas zelam por si?

— Donzelas-escudeiras — corrigiu ela.

Ele virou os olhos interrogativos para ela. Ela dirigiu-se ao seu saco, ansiosa por se manter ocupada — não desejando considerar como os eventos lá

em baixo tinham mudado a sua opinião sobre o duque, que já não lhe parecia tão ducal.

— Eram elas que decidiam que guerreiros viviam ou morriam no campo de batalha. — Movendo-se rapidamente, foi buscar um frasco de óleo e adicionou várias gotas ao banho quente, agitando a água para libertar o rico aroma de alecrim no ar.

Esforçou-se por se manter de costas para ele, que a observava de junto da porta, encostado à parede. Ela não queria olhá-lo. Não queria pensar no que vinha a seguir.

— O que é isso? — A pergunta era tranquila, como o quarto, mas arranhou-lhe a pele como um toque.

Ela guardou o óleo no saco.

— Essência de louro e alecrim. E casca de salgueiro. Vai ajudar com a dor.

— Então decidiu que devo viver — disse ele. Não negou a existência de dor, e ela admirou-o por isso.

— Para outra batalha, sem dúvida — disse ela. — É melhor meter-se lá dentro. Antes que a água arrefeça.

Ele resmungou e ela afastou-se para junto da janela, olhando para a escuridão lá em baixo, através do vidro que refletia a luz da vela.

— Não há biombo — disse ela baixinho. — Eu não olho.

Ele não pareceu importar-se, e Adelaide foi consumida pelo som dele a despir-se — o deslizar da lã e do algodão, uma tentação lenta e pecaminosa na sala em silêncio. Ouviu-o entrar na água. O seu gemido abafado. Uma inspiração profunda. Uma exalação prolongada.

A pele dela retesou-se, quente e desconfortável sobre músculos e ossos, e ela precisou de todas as suas forças para não se virar e espreitar. Este homem que vinha de um mundo tão diferente do seu — parecia impossível que estivessem no mesmo universo, ainda mais no mesmo edifício... ainda mais no mesmo quarto. Enquanto ele se banhava.

Ele era demasiado para ser olhado.

Como joias ou seda ou peles na montra de uma loja. Demasiado caras.

Rouba-o.

— Obrigado. Pelo banho.

Adelaide ficou tensa ao ouvir as palavras, vasculhando no seu saco à procura de nada.

— De nada — respondeu ela para o brocado escuro.

— Adelaide — disse ele em surdina.

— Não devia chamar-me isso — disse ela, porque sentia que devia dizê-lo.

— Tem razão. Menina Frampton. — Raios. Não lhe agradava que ele concordasse.

— Por outro lado — continuou a sua língua traiçoeira —, se vamos brincar aos maridos e mulheres...

O silêncio caiu quando se interrompeu, e ela desejou que o calor das suas bochechas desaparecesse durante esse longo momento.

— Muitos casais tratam-se pelos títulos.

Ela franziu o nariz.

— Que romântico.

— Não pensei que o romantismo lhe interessasse.

— Não interessa — apressou-se ela a dizer. — Mas deve concordar que os nomes próprios são o mínimo a esperar de alguém que vá ser o nosso parceiro em tudo: atar plastrões, dobrar calças e essas coisas.

Ele deu uma pequena gargalhada.

— Está a falar de uma esposa ou de um valete?

— São assim tão diferentes?

— Acho que isso depende de o casamento ser romântico ou não. — Os seus olhos azuis brilhavam à luz da vela. — Adelaide.

Disse-o como se estivesse a experimentar o sabor.

A que é que sabia? Porque é que ela se importava?

— Se formos brincar a isso, mais vale brincarmos à versão romântica.

Ela deteve-se à sugestão, mais uma oferta. Outra coisa que ela podia roubar. Mas em todo o tempo que Adelaide Frampton, carteirista de dedos rápidos e ladra lendária, operara de ambos os lados do Tamisa, nunca estivera tão perturbada pelo que podia acontecer se cometesse o crime.

— Olhe para mim. — Outra ordem.

O coração dela trovejou dentro do peito, sabendo que, se esta noite aproveitasse a oportunidade de roubar, essa podia ser a sua única oportunidade. Sabendo, também, que o castigo podia ser pior do que qualquer outro que já sofrera.

Ansiosa por algo que mantivesse a distância entre ambos, procurou no saco e tirou a caixa quebra-cabeças. Só então, com o escudo de carvalho na mão, o encarou.

Por regra, Adelaide não achava os aristocratas atraentes. Não gostava do seu aprumo e lisura, nem das roupas impecáveis. Não gostava da forma como os seus cabelos nunca saíam do sítio ou as suas luvas brancas nunca tinham manchas. Não lhe agradava o facto de nunca se rirem demasiado alto e nunca serem apanhados desprevenidos por um espirro e nunca sorverem a sopa. Os aristocratas, na opinião de Adelaide, passavam demasiado tempo a tentar atingir a perfeição e era a imperfeição que dava gosto à vida.

E o Duque de Clayborn era a perfeição personificada. Normalmente.

Tirando que, no banho, com o cabelo desgrenhado e as bochechas coradas das marcas do tombo da carruagem e do calor húmido que se erguia da água, uma nódoa negra no ombro onde levara um soco e a mão direita fletida distraidamente na borda da banheira de cobre, como se pudesse libertar a dor do muno que dera no andar de baixo... nada nele era perfeito.

Oh, o seu queixo era bem delineado e o nariz direito e se ele abrisse aquela boca bonita — porque era empiricamente bonita — ela sabia que falaria com o tom regular e suave de uma vida inteira passada nas melhores casas e nas melhores escolas. O género de homem que Adelaide nunca achara atraente. O género de homem que não era para ela.

Mas ali, numa banheira num quarto minúsculo por cima da taberna da Hungry Hen, algures em Lancashire, os seus olhos azuis nos dela, cheios de calor que ela não se atrevia a identificar, o Duque de Clayborn parecia... rude. Selvagem. Livre.

Como se pudesse ser dela.

Adelaide respirou fundo, mas não falou. Que podia dizer? *Quero-te.*

Foi poupada de falar quando ele viu a caixa, numa contemplação lenta que lhe causou um calafrio.

— Vai devolver-ma?

Apertando o cubo com mais força, ela disse:

— Como sua mulher, ela não me pertence já? Um dos cantos da boca dele revirou.

— E então, descobriu a solução?

Grata pela distração, Adelaide examinou a caixa. Virou-a do avesso. Premiu os cantos como ele lhe ensinara na noite anterior, e depois voltou à base, empurrando um quadradinho num dos lados do cubo, uma espécie de botão que, quando premido, revelou um estreito cilindro com menos de três centímetros.

Encontrou o olhar dele, o prazer vibrando dentro dela ao descobrir a surpresa e — ainda melhor — a admiração que este continha.

Mostrou-lhe o cilindro.

— A solução?

Ele abanou a cabeça.

— Não, mas um passo na direção certa. Estou impressionado. Ela curvou a cabeça.

— Obrigada.

— Eu devia ficar nervoso pela velocidade com que avançou.

Ela dirigiu-lhe um sorriso malicioso.

— Não seria o primeiro a hesitar diante os meus avanços.

Ele não se riu.

— Asseguro-lhe, Adelaide, se fizesse avanços, eu não hesitava. Oh, não, isto era perigoso.

Fá-lo. Avança.

Não podia. Nada de bom resultaria de se deixar levar pelos seus desejos por este homem. Ao invés, pigarreou e abanou o cilindro.

— O que é isto?

Ele abanou a cabeça e ela soube, antes de ele falar, que ia invocar as regras.

— Gostou da nossa corrida?

Perigoso. Esquivou-se.

— Não pensei muito acerca disso.

Era mentira. Adorara a corrida. Ainda sentia a forma como o seu coração disparara ao perceber que ele a tinha encontrado. Apanhado.

Ele semicerrou os olhos, só um bocadinho, com rapidez suficiente para ela saber apenas que ele sabia ao que estava a jogar.

— Gostou.

Ela fingiu inspecionar o pequeno instrumento.

— Está à caça de elogios pelo salto da carruagem e a briga de taberna?

— Também fui bom na briga das docas, não fui?

Tinha sido. *Demasiado bom.*

Semicerrou os olhos para ele.

— Que género de duque é bom em brigas?

— Diga-me que gostou quando a encontrei. Quando competimos.

Verdade por verdade. Que regras estúpidas!

Quando ela não respondeu, ele apoiou ambas as mãos na banheira e disse:

— É justo. — E, antes de Adelaide poder fazer alguma coisa para o impedir, levantou-se. Sem vergonha.

Céus!

Se ela estivesse preparada, podia não ter olhado. Podia ter virado as costas, evitando notar os rios de água que escorriam pelas elevações e ângulos do seu corpo — músculos que nenhum aristocrata tinha. Podia ter evitado a catalogação das nódoas negras no seu tronco — não só do salto da carruagem, mas as que restavam da luta nas docas. A que ele travara por ela. Para impedir que ela caísse nas mãos dos Bully Boys, tal como há pouco tencionara protegê-la de Danny e depois de Billy, lá em baixo.

As nódoas negras não eram uma coisa nova para Adelaide. Passara uma vida inteira a vê-las. A cuidar delas. Eram a norma do mundo em South Bank.

Então, porque é que ansiava tocar-lhes? Tratá-las?

Porque é que parecia que lhe pertenciam?

Porque é que lhe agradavam?

E porque é que lhe *desagradou* tanto quando ele pegou numa toalha e a enrolou em torno das ancas, escondendo o resto dele, as partes privadas ocultas nas sombras que ela não pudera catalogar.

O som da água a escorrer quando ele saiu da banheira, interrompeu-lhe os pensamentos. Acompanhou o gesto das suas mãos grandes e musculosas

ocupadas a dobrar um canto do linho contra o vigoroso tendão da anca. Santo Deus, ele era lindo.

— Obrigado.

O olhar dela voou para o dele, e ele esclareceu, se bem que com um misterioso sorriso, como se lhe tivesse lido os pensamentos.

— Pelo banho. Pelo óleo. Tinha razão, foi benéfico.

Ela fez um gesto de desdém.

— Não foi nada. É o que as esposas fazem pelos maridos, não é? Mas que raio! De onde é que aquilo tinha saído?

— Não sei. Provavelmente, nem todas as esposas.

— Só as falsas. — Foi a resposta pronta de Adelaide.

O som forte da gargalhada dele deleitou-a mais do que gostaria de admitir.

— Envergonha toda a instituição do casamento.

— Não é preciso muito — entoou ela, lamentando imediatamente as palavras quando ele a olhou, atento e curioso.

— Não gosta da instituição do casamento?

Ela encolheu os ombros.

— Sou a Quebra-Casamentos.

— Porquê? — Quando ela franziu a testa, ele acrescentou: — Porquê fazê-lo?

Ela pensou longamente e depois respondeu:

— No princípio, fi-lo porque alguém o fez por mim.

— Ia casar-se?

— Ia *ser* casada — corrigiu ela. — Enquanto única filha do meu pai eu era uma oferenda de paz, feita a um rival nos negócios.

Ele juntou as sobrancelhas, e quando falou foi com um rugido baixo e ameaçador.

— Que aconteceu?

Ela perdeu-se na memória por um instante.

— Foi tudo muito normal, o mesmo que já aconteceu a tantas outras. Nasci

rapariga, por isso o meu valor estava no casamento. Em ser trocada por dinheiro, poder ou paz. Sabia o que se esperava de mim, e preparei-me para isso. Enfiei o meu vestido de noiva e caminhei sozinha para St Stephen debaixo de chuva.

— Sozinha — ele murmurou um palavrão. — St Stephen. Onde é isso? — Ela não queria dizer-lhe. Não queria que aquilo acabasse já. Ele assentiu com a cabeça, parecendo compreender. Sem julgamentos. — Continue.

— O noivo estava ao meu lado e era tudo perfeitamente vulgar. Perfeitamente normal. O pároco começou e...

— E? — incentivou ele.

Ela abanou a cabeça.

— Antes de a cerimónia terminar, foi-me oferecido um novo caminho.

— A Duquesa de Trevescan.

Ele reparara em tanta coisa. Em muito mais do que alguém já tinha reparado.

Adelaide acenou com a cabeça.

— Ela ajudou-me a fugir.

— E o casamento?

Ela percebeu a pergunta. Queria saber se era casada.

— Não se concretizou.

— Graças a Deus por isso.

Agradou-lhe o alívio na voz. Como se ele próprio fosse pedir um decreto do parlamento, caso a resposta tivesse sido outra.

Ela assentiu com a cabeça.

— Depois disso, soube que era isto que queria fazer. Desmanchar noivados nocivos. Oferecer novos caminhos às mulheres. Fazer-lhes ver que o casamento com um homem mau não é melhor do que uma vida inteira sem um. Assegurar que casem de olhos bem abertos e, de preferência, corações cheios.

— Corações cheios — repetiu ele.

Ela assentiu com a cabeça.

— Não pretendo que todos os casamentos sejam casamentos de amor, mas

quando se casar, não desejará uma noiva que chegue junto de si com essa esperança?

Em toda a sua vida, Adelaide nunca imaginara ter uma conversa destas com um homem meio nu. Muito menos um *duque* meio nu. Era melhor que se lembrasse dessa parte. Homens e duques eram sabores completamente diferentes.

Ele hesitou e ela ficou curiosa com a pausa. Com o seu significado. Em vez de perguntar, disse:

— É o mínimo que se pode esperar.

— Um coração cheio — disse ele, saboreando as palavras na língua. — Afinal, parece que acredita no amor.

Ela empurrou os óculos pelo nariz.

— O senhor lá sabe.

— Mmm — respondeu ele. — Então acredita.

— Acredito — admitiu ela, e era verdade. Um ano antes, talvez tivesse dado uma resposta diferente. Mas tinha visto Sesily apaixonar-se loucamente — vira tudo o que a amiga tinha sido capaz de fazer para proteger o homem que era agora seu marido.

Vira o sacrifício, a mágoa e a imensa alegria. Mas isso era Sesily — que nunca na sua vida aceitara um não por resposta.

Só que Adelaide não era Sesily.

— Também acredito que não é para toda a gente.

Ele observou-a por um longo momento, e ela perguntou-se no que estaria a pensar — todas as respostas que descartava antes de se decidir por um simples:

— Concordo.

Concordava?

— Também não é para si? — Porque é que tinha perguntado? Não lhe interessava.

— Não é — disse ele, como se tivesse pensado seriamente no assunto. — Não tenho intenção de me casar.

Ela demorou-se nas palavras, lembrando-se da declaração que ele fizera,

nomeando o irmão como seu herdeiro.

— O senhor não tenciona casar — disse ela. — Mas isso não quer dizer que não tencione amar.

Ele abanou a cabeça.

— Também não está nas minhas cartas.

— Que disparate — disse ela, não conseguindo evitar um tom de censura.

A surpresa brilhou nos olhos dele.

— É?

— É. O senhor é um homem decente, rico, poderoso e aristocrata, e com um propósito, para sermos honestos.

— Parece que somos — disse ele, cruzando os braços diante do peito nu. — Prossiga.

— Basicamente, a lei exige-lhe que se case. De preferência, com alguém que compreenda o seu mundo rico, poderoso e aristocrata, e que lhe proporcione herdeiros ricos, poderosos e aristocratas.

Alguém exatamente do outro lado do mundo em relação a uma rapariga que passara a infância a roubar carteiras de janotas abastados perdidos em South Bank. Alguém que nunca desse por si num quarto escuro por cima de uma taberna de beira de estrada, envolvida numa conversa casual com um homem meio nu. Um *duque*.

Omitiu essa parte.

— O Jack e a Helene vão dar-me herdeiros ricos, poderosos e aristocratas — disse ele, inclinando-se sobre a banheira. — E agora já sabe porque estou tão empenhado em vê-lo casado.

— Por causa dos *seus* herdeiros? — Ela sentiu que estava debaixo de água. Ele podia casar e ter os seus próprios herdeiros e, contudo, deixava essa tarefa para o irmão.

Baixou o olhar para a caixa que tinha nas mãos. *Que segredos guardava aquele homem?*

— Por causa dos seus próprios herdeiros. Por causa do seu próprio casamento de amor. Que foi sempre o plano.

— Então e o seu plano? E o seu casamento de amor? Com a sua mulher perfeita?

Não havia absolutamente nenhuma tristeza nos olhos dele quando respondeu:

— Não há casamento de amor para mim. — Hesitou, depois acrescentou: — E se ela não vier com óleo de alecrim para as minhas feridas, acho que não será assim tão perfeita. — Devia ter sido uma piada. E de facto começara como se fosse. À superfície, as palavras eram perfeitamente cordiais, cheias de gratidão vulgar e cavalheiresca.

Mas tornaram-se doces e baixas quando ele acrescentou:

— Obrigado, Adelaide. — Estas palavras não soaram nada cavalheirescas. Fizeram-na aproximar-se dele, apesar de não dever.

— Não tem de quê.

Ele continuou a falar, a voz baixa e repleta de promessas.

— Esta noite, brincamos aos casamentos, e eu voto pelos que vêm com nomes próprios. Não vale a pena brincar a isto se a única vantagem for ter alguém que me dobre as calças.

— Tu não tens calças.

Os olhos dele escureceram e ele endireitou-se, percorrendo a distância entre ambos.

— És muito perspicaz.

— É um talento muito trabalhado — disse ela distraidamente enquanto ele avançava. Ainda meio nu. Praticamente nu, se ela fosse do género picuinhas em relação a essas coisas.

— Se fôssemos casados, chamar-te-ia Adelaide e não seria um escândalo.

Se fossem casados, ela não estaria tão ardente. Tão tentada. Não estaria a avançar para ele. Cada vez mais perto, até não haver mais para onde ir. Até inspirar o óleo de alecrim da pele dele.

Bastante perto para chegar até ela o calor do seu banho. Para lhe tocar.

— Chamar-te-ia Adelaide, e tu chamar-me-ias... — As palavras eram tão baixas, como um gemido no seu peito. Ela sentiu-as como um toque na pele. Como uma promessa.

Não concluas. Não o digas.

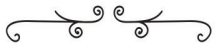
— Henry. — Bastante perto para saborear o seu nome próprio, e proibido, na sua língua.

Bastante perto para ver a forma como os olhos dele escureceram, as pupilas dilatando.

Bastante perto para gostar quando a mão dele pousou na sua bochecha, enquanto ele lhe inclinava a cara para cima e a beijava.

Do que ela gostou ainda mais.

Capítulo 9



Havia pelo menos meia dúzia de razões pelas quais beijá-la era uma má ideia.

Primeiro, aquilo não eram umas férias de lazer. Estavam numa demanda para encontrar Jack e Helene, e deviam estar a preparar-se para mudar de cavalos e não a demorarem-se nas estalagens de muda.

Segundo, Adelaide era uma ladra de valor, em quem ele, ao contrário da coleção habitual de idiotas da sociedade, reparara, e como ela se encontrava neste momento na posse da coisa mais preciosa que ele tinha, beijá-la devia estar fora de questão.

Terceiro, embora ela parecesse não estar *a* mentir-lhe, estava decerto a ocultar enormes quantidades de informação relativamente à sua busca. Só por isso, ele não devia beijá-la.

E a razão mais importante? Adelaide Frampton merecia um homem que a beijasse, amasse e casasse com ela. E Henry não era esse homem.

Porém, nesse momento, enquanto as velas e a lareira projetavam sombras longas e dançantes pelo quarto, e as dores — no ombro... no flanco... na bochecha — se desvaneciam sob a fragrância da sua magia de alecrim e a memória dos seus dedos longos e maravilhosos fazendo círculos na água para, lentamente, infundir o seu elixir, ele não pensou em nenhum desses motivos.

Ao invés, pensou que Adelaide Frampton estava a usar demasiada roupa.

E então ela arquejou, um ligeiro suspiro que a abriu ao seu beijo, e ele não pensou em mais nada. Puxou-a para si, e a caixa caiu no tapete com um suave estalido que o preocuparia se não fosse a louca tentação da boca dela, aberta, macia e tão *bonita*.

Quando voltasse a pensar, recordar-se-ia de todas as razões pelas quais era má ideia beijá-la.

Agora, porém, aqueles lábios bonitos abriram-se e Henry aprofundou o beijo, alinhando a boca com a dela e deslizando a língua ao longo do carnudo lábio inferior, saboreando o gosto dela, doce e pecaminoso, e ela inclinou-se,

deslizando-lhe as mãos sobre os ombros largos, enrolou-lhe os braços no pescoço e colou-se a ele.

Sim. Com um gemido de aprovação, ele aprofundou o beijo, passando a língua sobre a dela, uma, duas vezes, antes de ela interromper a carícia e virar o rosto para o teto, desnudando para ele a longa e pálida coluna do pescoço... uma oferenda.

Ele aceitou-a. Sabendo que não devia. Sabendo que um cavalheiro não a aceitaria.

Sabendo que não era um cavalheiro.

Ela susteve a respiração enquanto ele a beijava ao longo do pescoço até se deter junto à orelha, onde voltou a murmurar o seu nome, «Adelaide», adorando o sabor que adquiria na sua boca. A forma como pronunciá-lo o fazia sentir-se um ladrão que não merecia aquela familiaridade. Ela também adorou, percebeu-o pela forma como os seus dedos se lhe entrelaçaram no cabelo e puxaram, a dor do aperto dobrando-o mais para ela.

Respondeu à dor do toque dela com o seu próprio, tomando-lhe o lóbulo macio da orelha entre os dentes, provocando-lhe a pele naquele sítio até ela tremer de prazer.

Não pôde conter o sorriso.

— Gostas.

— Mmm — disse ela, e o som, baixo e rico, quase o desfez. Ele estava duro e quente e a única coisa que o impedia de a levantar nos braços e levá-la imediatamente para a cama era o desejo de a desfazer também.

— De que mais gostas, Adelaide Frampton?

Os olhos dela abriram-se à interrogação, as pupilas dilatadas de prazer... e algo mais. Como se não tivesse a certeza da resposta. Como se a receasse.

Ele recuou, afagando-lhe a bochecha com o polegar, sentindo algo inesperado a apertar-lhe o peito enquanto aguardava pela resposta. Teria aguardado para sempre.

Ela sussurrou:

— Não sei.

Ele aproximou-se e deu-lhe um beijo suave no canto da boca, demorando-se aí, maravilhado com a sua pele macia.

— Isso é uma verdade. Devo dizer-te o próximo passo para abrir a caixa?

Ela deu uma pequena gargalhada, repousando os dedos na pele nua dos seus braços.

— Espero que não me leves a mal, mas neste momento a caixa não me interessa nada.

Ele ter-se-ia rido se não estivesse tão profundamente grato pela resposta. E, no entanto, avançou com gentileza, como se receasse assustá-la.

— Um jogo diferente, então.

Ela recuou, os seus grandes olhos castanhos cheios de curiosidade e nervos, e algo se apertou no seu peito, inesperado e importante. Ele soltou-a imediatamente, desfrutando da forma como as suas mãos lhe pousaram nos antebraços, apertando-o com força. Talvez para se equilibrar. Embora ele desejasse que fosse para o manter por perto..

Virou-lhe as costas, ela soltou um ruído baixo, questionador, e ele procurou rapidamente as calças — vestindo-as antes de se voltar para ela. Apertou os botões sob o olhar de Adelaide, um olhar ganancioso e bem-vindo na pele que permanecia nua.

— Já... — começou ela, depois deteve-se, considerando a próxima palavra — acabaste?

Caramba, não.

— Só se assim o desejares — disse ele, caminhando de novo na direção dela. Lentamente.

Ela abanou instantaneamente a cabeça.

— Não desejo.

ótimo.

— Só pensei que podias desfrutar mais do jogo se não fosse tão... urgente.

A atenção dela voltou ao seu corpo, demorando-se nas suas mãos na cintura das calças. Engoliu em seco.

— As calças tornam-no menos urgente?

Ele deu uma pequena gargalhada sem humor, a sua extensão dura protestando contra a peça de vestuário em questão.

— Ajudam.

Novamente aquele som baixo — o que indicava que ela estava a considerar a

informação e ainda não tinha decidido como avançar.

Avança, Adelaide, desejou ele.

O olhar dela demorou-se no seu tronco.

— Tens uma ferida feia. Mais do que uma.

Ele não tirou os olhos dela.

— Estão bem.

— Não estão — disse ela. — Podes ter partido alguma coisa.

— Não parti. — Mesmo que tivesse partido, não o admitiria. Não se arriscaria a que ela parasse antes de começarem.

— Como é que sabes? — perguntou ela, e a pergunta tinha algo de feroz. Ela estava frustrada. Inquieta. Incerta. Fora de controlo. O que a deixava aborrecida. Henry compreendia-a.

— Adelaide — reconfortou ele. — Isto vai sarar.

Ela olhou-o nos olhos.

— Tens a certeza?

— Não terás um duque morto nas tuas mãos hoje, querida.

Ela deu uma pequena gargalhada e o som aqueceu-o, antes de as palavras seguintes o aquecerem ainda mais.

— Então acho que deves falar-me do teu jogo.

Sim.

— Vamos descobrir de que é que gostas.

Os olhos dela ficaram grandes como pires.

— Do que eu gosto? — O gemido nas suas palavras era mais sedutor do que devia.

— É um conceito assim tão estranho?

— Não — respondeu ela, a palavra tão arrastada que ele não acreditou. — Mas... nunca ninguém... ou seja... na verdade, eu nunca... eu não...

— Menina Frampton — brincou ele. — Imagine a minha surpresa por ser possível deixá-la sem palavras.

Ela juntou as sobrancelhas.

— Não estou sem palavras.

Henry esticou um braço na direção dela e o mundo louco fora do quarto desvaneceu-se quando deslizou a mão pelo seu pescoço, roçando o polegar na linha do queixo, e lhe inclinou a cabeça para trás, diminuindo a distância entre ambos.

— Então preciso de me esforçar mais. — Ela abriu a boca para argumentar mas ele roubou-lhe as palavras com um beijo longo e pecaminoso, que deixou ambos a arfar. — O facto de nunca ninguém te ter perguntado de que é que gostas é uma maldade inacreditável. Tenciono corrigi-la.

— Pensei que não gostavas de me beijar.

Ele deteve-se. Devia ter ouvido mal.

— O quê?

Ela desviou o olhar por cima do seu ombro. Ele inclinou-se para o seu campo de visão.

— Não, não faças isso. O que é que disseste?

— Tu... — ela hesitou e ele forçou-se a ser paciente. — Disseste que não valia a pena beijar-me.

Mas que...

— Quando é que eu disse isso?

— Na noite passada.

— Tenho a certeza de *não o* ter dito.

Ficara insultado só pela ideia.

— Bem, pediste desculpa por tê-lo feito.

Ele observou-a enquanto aqueles bonitos olhos castanhos baixavam, entre ambos. Para o peito dele. Caramba, aquela mulher tinha pestanas capazes de destruir um homem.

Não que alguma vez Henry tivesse dado muita importância a pestanas.

Porém, voltando ao assunto em questão.

— Pedi desculpa porque não foi cavalheiresco — disse ele. — Não era o momento certo. Tu estavas a ser perseguida e eu aproveitei-me de ti.

Ela olhou-o.

— Não te aproveitaste de mim.

— Garanto-te que sim.

— Não — disse ela. — Eu beijei-te.

— E eu correspondi ao beijo.

— Porque... querias.

Ele assentiu com a cabeça.

— Muito.

Ela exibiu um sorrisinho secreto, um de que ele gostava muito. Ainda mais quando disse, docemente:

— Ótimo. Sei que não sou atraente, mas...

Havia uma dúzia de coisas que ele gostaria de dizer em resposta. Mas começou pela mais importante.

— Adelaide... quem é que te disse que não eras atraente?

Ela deu um salto ao ouvir a pergunta e abanou a cabeça.

— Toda a gente. Ninguém. Ninguém teve de o dizer. Sei o que é bonito e o que não é e... eu tenho outras qualidades.

Ele estava com problemas em encontrar as palavras para lhe dizer simultaneamente que estava errada e não a deixar sair daquele quarto para sempre, e ela deve ter considerado aquela pausa como um incentivo para enumerar os seus atributos.

— Sou forte e sou rápida e sou inteligente...

— Também és todas essas coisas — admitiu ele. — Mas além disso és... — Deteve-se, procurando a descrição certa. — Caramba, não há nada de mal em ti. Tu és... *magnífica.*

Ela corou ao ouvir as palavras, baixando a cabeça, e ele percebeu que ela não acreditava, o que o deixou profundamente frustrado. Tomou-lhe o rosto nas mãos e disse, firmemente.

— Já te disse que não minto.

Ela procurou o seu olhar por um longo momento.

— E achas que vale a pena beijar-me.

Ele riu-se, incrédulo.

— Asseguro-te, Adelaide. Há poucas coisas que valham mais a pena do que beijar-te. — Acariciou-lhe a pele macia da bochecha. Como é que era tão macia? — Neste momento... não sei mesmo se existe alguma coisa mais valiosa do que beijar-te. — Aguardou que ela o olhasse, e disse: — Devo prová-lo?

— Por favor — murmurou ela, e ele ficou impossivelmente duro ao ouvir as palavras suaves — uma tentação maléfica que o deixou determinado a ouvi-las repetidamente nessa noite.

Começou com um beijo, lento e profundo, até ela suspirar e se encostar a ele, os seus maravilhosos dedos longos percorrendo-lhe o peito nu, deixando um rasto de fogo quando ele a levantou, se dirigiu para a cadeira e a sentou ao seu colo. O movimento fê-la arquejar enquanto ele se demorava no seu lábio doce e cheio por um momento. Um bocadinho. Delicioso.

Quando a libertou e encontrou os seus olhos deliciados, perguntou:

— E disto? Gostas disto?

Outro sorrisinho que ele beijou rapidamente nos seus lábios antes de ela responder.

— Gosto. — Os seus dedos longos deslizaram-lhe, levíssimos, pela pele. — Mas não tens frio?

— Céus, não. — Ele estava em brasa. Queimado por ela. Lambeu o ponto onde o pescoço encontrava o ombro, onde a corrente de ouro que ela mantinha escondida no corpete jazia quente sobre a pele macia, escudando-lhe a pulsação, forte e rápida. A satisfação vibrou através dele ao sentir a sua reação. — E tu também não.

— Não, eu estou... em brasa.

— Mmm. Disso, gosto. — Gemeu o seu prazer e inclinou-lhe o queixo para cima. — Mas este jogo é acerca do que *tu* gostas. — Premiu os lábios debaixo do seu queixo, adorando a forma como ela lhe estremeceu nos braços e lhe afundou os dedos no cabelo.

— Isto — sussurrou ela. — Gosto disto.

Ele recompensou a confissão com uma longa e lasciva carícia nas costas, apertando-a mais junto a si antes de lhe deslizar uma mão em torno do seio.

Ambos se detiveram, e Henry recorreu a todas as suas forças para esperar pela aprovação dela.

Os dedos dela apertaram-se-lhe no cabelo e ela baixou os olhos para ele, mais uma vez com aquele sorriso secreto — que já não era tão secreto. Nem tão recatado. Uma mulher que, de repente, sabia exatamente o que queria.

— Acho que...

Ele deixou que o polegar se movesse, um lento deslizar no exterior do seio redondo. Ela arquejou e a sua mão encontrou a dele. Segurou-a com firmeza.

Premiu-a.

— Achas o quê? — Ele gemeu, incapaz de se travar. Caramba, ele queria aquela mulher.

— Acho que... — As palavras interromperam-se e ele pensou que podia perder a cabeça.

E então ela moveu-se, apertando com mais força. Movendo a mão. Usando-a. Usando-o.

Colocando-o onde o queria. Onde ele queria.

— Aqui? — Ele mal reconheceu a palavra que saiu baixa e entrecortada, enquanto as pontas dos seus dedos lhe provocavam o seio, descobrindo o mamilo duro como pedra sob o corpete. Provocando-o até ela gemer no seu colo e estarem ambos a arquejar.

— Gostas disto?

— Sim — respondeu ela.

Ele recompensou-a com um beijo.

— De que mais gostas?

— Quero...

Ele ficou suspenso no silêncio após as palavras. O que quer que ela quisesse, ele dar-lho-ia.

E então, com mil raios, ela levantou-se.

— Aonde é que...

Mas antes de ele poder terminar a pergunta, ela estava a manejar o laço das saias, desatando magicamente, magnificamente, qualquer coisa, e desabotoando outra coisa e essas coisas desapareceram, deixando-a apenas com o corpete do vestido e um par de calças justas de uma luxuosa seda verde. Voltou a subir para o seu colo, como se tivesse feito aquilo uma centena de vezes antes.

— Estou imensamente grato à tua modista — disse ele.

Ela riu-se, os joelhos apoiados na cadeira ao lado das ancas dele quando voltou a sentar-se sobre as suas coxas.

Ele segurou-lhe as ancas e aproximou-a mais, roubando-lhe outro beijo, inclinando-se e traçando-lhe a linha do corpete com a língua, deslizando as mãos sobre a longa linha do seu tronco até que as mãos dela voltaram a encontrar as suas, movendo-as para lhe segurarem os seios, testando o seu delicioso peso.

Ela abriu os olhos lindos.

— Mais.

— Mais, o quê? — brincou ele.

— Mais, por favor.

Não era o que ele esperava mas, felizmente, era o que ele queria. Ficou desesperado por lhe dar tudo, absolutamente tudo o que ela lhe pedisse naquela voz carente e ofegante. Encontrou a abertura no peito do corpete. Abriu as fitas até mal a cobrirem. Segurou a ponta da peça, as costas dos dedos parando de encontro à pele quente dos seios. Torturando ambos.

— Henry — arquejou ela, e o seu nome de batismo foi quase suficiente para o enlouquecer.

Quase.

— Pede outra vez.

Ela olhou-o.

— Por favor.

— Mmm — gemeu ele, e deu-lhe o que ela queria, aquilo por que ambos ansiavam, puxando-lhe o corpete para baixo e encontrando-lhe o mamilo com a boca, aliviando a ponta dura com lambidas suaves, regozijando-se nos suspiros que ela não conseguia esconder-lhe.

— Céus, sim, *por favor.*

E de cada vez que ela proferia essas palavras — decadentes, deliciosas —, sempre que ela lhe pedia, ele voltava a sugar, voltava a lamber, dava-lhe o que ela queria, até ela arfar de prazer, enfiando as unhas nos ombros dele enquanto se balouçava no seu colo, e o calor dela era uma dádiva e um castigo de encontro ao seu pénis duro.

Soltando-a, puxou-lhe o corpete já meio solto pela cabeça, desejando tocar-lhe, ganhar acesso a uma maior porção da sua pele. Ela levantou os braços e concedeu-lha, e ele prendeu-os aí com uma mão, bem por cima da sua cabeça, emaranhados em tecido e fitas, enquanto com a outra lhe acariciava a pele, testando o seu calor, maravilhando-se com a sua perfeição suave.

— Olha para ti — disse ele em surdina, virando-a para a luz da lareira, desfrutando da sua carne e das suas curvas. Pousou um dedo no pendente pesado finalmente revelado, um cilindro metálico entre os seus seios. Ergueu os olhos para ela.

— Cheia de segredos.

— Troco-os pelos teus.

Ele quase concordou. Mas tinha outros planos para essa noite.

— És linda.

Ela abanou a cabeça.

— Fazes-me pensar que podia ser.

Ela estava enganada, claro, e ele decidiu prová-lo, beijando e lambendo e sugando-lhe todo o corpo, acariciando a curva da cintura, a pele macia do flanco, a redondez bonita da barriga.

E ela permitiu-lho, alongando-se no seu aperto, suspirando o prazer quando ele lhe lambeu a parte de baixo do seio, remexendo-se quando a provocou. Ela era tão reativa que ele se esqueceu do que havia do outro lado daquele quarto nos longos minutos em que o deixou explorá-la.

Sentiu a cicatriz antes de a ver, uma linha inchada medindo cinco centímetros, sob as costelas, do lado esquerdo.

Não tencionava demorar-se ali. De facto, assim que percebeu o que tinha encontrado, disse a si mesmo para não dizer nada. Para ignorar. Era antiga e sarada e não era da sua conta.

Talvez o tivesse feito, se ela não tivesse estremecido, como se o seu toque tivesse acordado uma memória. Alguém a magoara. E, embora cicatriz pudesse ter sarado, a dor não.

Henry soltou-a das fitas que a amarravam, atirando o corpete pelo ar até à outra ponta do quarto enquanto ela tapava a marca com um braço. *Quem te magoou? Como? Quando?* Conteve as perguntas e não insistiu para que lhe desse um nome. Não precisava de perguntar para saber que ela não gostaria disso.

E ele queria que ela gostasse disto.

Queria que ela gostasse *dele.*

Chocado com este seu pensamento, fitou-a novamente, prendendo aqueles olhos que viam tudo — que calculavam todos os riscos. Conhecia o suficiente de Adelaide Frampton para saber que ela passava os dias a correr riscos. E ele não queria ser um risco. Queria ser só recompensa.

Olhou-a nos olhos.

— Adelaide?

— Sim. — Uma resposta a uma pergunta que ele ainda não tinha feito.

— Solta o cabelo.

Ela não hesitou, levantando os braços para retirar os ganchos. Tinha uma dúzia, talvez mais, e não foi um processo rápido.

Mas Henry desfrutou de cada segundo lento e demorado, adorando a forma como caracóis errantes começavam a tombar sobre os seus ombros, roçando-lhe as curvas, enrolando-se-lhe nos seios, e então...

Havia tantos, selvagens e livres como uma nuvem de fogo. Ele praguejou, baixo e maléfico, estendendo a mão para lhes tocar, deslizando os dedos por deles, desfrutando da sua textura mada e sedosa.

— Isso — gemeu ele. — Caramba, Adelaide, este cabelo foi hoje quase a minha morte... e acho que pode voltar a ser.

Pegou num longo caracol vermelho e usou-o para lhe desenhar círculos em torno do mamilo, o pénis duro como aço enquanto ela se mexia de encontro a ele, entregando-se-lhe. Quando» não conseguiu manter a boca longe dela por mais tempo, inclinou-se para a frente, para arranhar com os dentes o pico rosado e tenso, antes de o aliviar com a língua. Ela gritou e ele soltou-a, recuando novamente.

— Gosto disso — disse ela. — De tudo isso.

— Eu sei.

Ela deu uma pequena gargalhada e procurou-o — o seu toque como uma dádiva —, inclinando-se para o beijar, o seu glorioso cabelo tombando em torno deles como um cortinado.

— És excessivamente arrogante.

Ela fazia-o sê-lo. Fazia-o querer vangloriar-se junto do vasto mundo.

— Dizes isso como se não tivesse razões para o ser.

Uma bonita sobrancelha ruiva arqueou em desafio.

— Também tens muita confiança em ti mesmo.

Em resposta, ele moveu-se, erguendo-a, virando-a, revertendo as posições e sentando-a na cadeira antes de tombar de joelhos diante dela. Um minúsculo som de deleite saiu dela quando ele se inclinou e a beijou. Ela entrelaçou-lhe os dedos no cabelo, correspondendo.

Beijou-a nos lábios, baixando-a na cadeira até a sentar na ponta, enquanto

ela lhe acariciava o peito e o tronco até à cintura das calças, onde foi a sua vez de agarrar tecido. De se encostar mais.

Abriu as coxas e Henry pensou que podia perder-se ali, na visão que ela era, nua até à cintura, levantando os olhos para ele com delícia e desejo e aquela arrojada e bonita avaliação que o fazia desejar mostrar-lhe todas as suas melhores partes.

— Devo dizer-te do que eu gostaria? — perguntou ele.

— Por favor.

Outra vez aquelas palavras. Seriam a sua ruína.

— Gostaria de te ter nua.

Ela arregalou os olhos de surpresa.

— Eu... Gostarias?

— Muito — disse ele, baixando as mãos para o fecho das calças dela. — E, neste caso em particular, as calças não estão a ajudar.

Ela deu uma pequena gargalhada, mas o som pareceu sobressaltá-la, e uma mão voou-lhe para a boca, como se quisesse calá-lo.

Ele detestou aquilo, que ela mantivesse o seu prazer refreado e, enquanto desabotoava e soltava a seda verde, jurou fazer tudo o que pudesse para lhe mostrar o género de prazer que não seria refreado.

— Um dia, gostaria de passar uma hora ou duas a ver-te com elas. Mas esta noite... — Tendo terminado com os botões, puxou pela cintura, adorando a forma como ela levantou as ancas e o deixou despi-la.

Engoliu em seco ao vê-la exposta diante de si, o lume da lareira projetando sombras sobre o seu corpo nu, sobre as elevações dos seios, os músculos do tronco, a cicatriz na costela, os ângulos das ancas e o tufo de caracóis castanho-avermelhados entre as coxas longas, musculosas e fortes devido a uma vida inteira de trabalho.

Ela era diferente de tudo o que já tinha visto.

Uma dádiva dos deuses.

Sentou-se sobre os calcanhares e esfregou a boca com a mão, distraído pela visão dela, longa e linda.

Não percebera há quanto tempo a olhava até ela se mexer sob o seu olhar, para se cobrir. E só então, quando percebeu o que ela ia fazer, é que ele também se moveu, segurando-lhe as mãos e entrelaçando os dedos nos dela.

— Não.

Ela corou e, de alguma forma, o motim de caracóis vermelhos sobre as suas bochechas tornaram-na ainda mais bonita. Tornaram-no ainda mais afortunado.

— Eu... — Ela procurou as palavras. Decidiu-se por: — Diz qualquer coisa.

Uma dúzia de coisas acorreram-lhe de imediato à mente. Podia ter-lhe dito que era linda. Que o fascinava. Que queria conhecer cada milímetro dela. Podia ter-lhe dito que nunca tinha estado tão duro, que nunca desejara ninguém tanto quanto a desejava e que, sem dúvida, nunca desejara ninguém daquela forma — de uma forma urgente e ansiosa, que o fazia supor que tinha enlouquecido um pouco.

Mas não queria assustá-la. E queria que ela acreditasse nele.

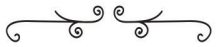
Que confiasse nele.

Então, ao invés de dizer alguma das coisas loucas e inesperadas que se tinham amotinado no seu íntimo ao ouvir as suas palavras, Henry deu-lhe um beijo na pele macia acima das mãos entrelaçadas de ambos e pintou aí um círculo lento e ocioso, até a respiração dela se tornar áspera e entrecortada e os dedos estarem novamente no seu cabelo.

E só então ele falou.

— Vamos ver de que mais gostas?

Capítulo 10



Ela já tinha feito isto. Não muito, mas uma rapariga nascida como ela aprendia rapidamente a não prezar a virgindade. Ela tinha estado noiva, e tinha havido alguns rapazes quando era jovem e zangada. Uma ou duas vezes tinha sido muito agradável. Claro que ela sabia que algumas mulheres consideravam o ato mais do que agradável — um ano a testemunhar o hábito de Sesily e Caleb de desaparecerem e voltarem amarrotados e desarranjados e com um brilho nos olhos tinha-lho provado, mas Adelaide nunca imaginara realmente que pudesse ser bom.

E então o Duque de Clayborn tomara um banho diante dela. E chamara-lhe Adelaide e incendiara-a com o seu toque e beijara-a numa dúzia de sítios onde ninguém a tinha beijado e, de repente, o ato que sempre fora rápido e desastrado e, no seu melhor, *agradável*... parecia poder ser... bem... extremamente *bom.*

E então ele desnudara-a e olhara-a como se estivesse faminto, e ela ficara quente e pesada e mais excitada do que alguma vez estivera, e não só pelo seu toque — embora fosse magnífico —, mas por ele, tão claramente, a desejar.

Ele não queria os seus talentos de ladra, nem acesso ao poder que a rodeava ou às vastas informações que ela possuía sobre os homens de Londres.

Queria-a a *ela.*

E isso agradava a Adelaide acima de tudo o resto.

Porque ela também o queria.

Ele puxou-a ainda mais para a frente na cadeira, deslizando-lhe as mãos grandes ao longo das coxas, incentivando-as a apartarem-se. Ela deixou, maravilhando-se com a sensação — nunca estivera tão quente ou indolente, nunca se sentira tão carente. Não pôde resistir a procurá-lo, deslizando-lhe os dedos pelo peito e pelo tronco, explorando os músculos que admirara há minutos. Demorou-se num hematoma no seu flanco.

— Estás ferido.

Ele segurou-lhe a mão e premiu a palma na sua pele quente.

— Isto ajuda.

Ela também gostou disso. Gostou da forma como os músculos se contraíam ao seu toque enquanto o percorria com os dedos, até ao sítio onde a sua pele encontrava as calças.

Hesitaram ambos então, e houve uma explosão de deleite no peito de Adelaide — uma inebriante sensação de exploração. Regozijou-se no baixo silvo de prazer que ouviu ao explorar a dura extensão dele, que se debatia contra o pano das calças.

— Mostra-me — sussurrou ela, preparada para o que vinha a seguir. Ansiosa por isso.

Ele abanou a cabeça.

— Primeiro, tu.

E abriu-lhe as coxas, movendo-se entre elas para a deixar aberta, exposta, quente e nua para ele.

Quando ela ofegou ele baixou os olhos para ela, com uma expressão séria e focada, como se quisesse memorizá-la. Os segundos pareceram prolongar-se eternamente, até não conseguir suportar mais e procurar cobrir-se. Ele segurou-lhe as mãos antes que o fizesse, pousando-as nos braços da cadeira enquanto a beijava mais uma vez, duro e selvagem. Antes de ela poder devolver a carícia, a sua boca desaparecera, movendo-se para lamber a pele macia do seu ombro, raspar os dentes na elevação do seio, sugar gentilmente, primeiro um mamilo, depois o outro, até ela não se importar por estar desnuda para ele — apenas lhe importava que ele cumprisse as infindáveis ondas de prazer que lhe prometia.

Ela ergueu as ancas, vazia, ansiosa e cheia de desejo.

Como se ela tivesse falado em voz alta, ele desceu os lábios, ajoelhou-se e abriu-a até ela sentir o olhar dele dentro de si.

— Também gostas disto, não gostas, amor?

Outra inclinação nas suas ancas. Outro arquejo.

Ela arfou o seu nome.

— Henry...

O sacana riu-se, o som baixo e cheio de orgulho.

— Em breve — sussurrou, virando a promessa para a pele macia no interior

da sua coxa. Depositando aí um rasto de beijos.

Ele estava claramente a fazer aquilo para a torturar — não podia ser por ele. Ela não se iludia, pensando que os homens desfrutavam de todos os momentos além do verdadeiro evento. E embora ela estivesse a desfrutar daquilo mais do que desfrutara de qualquer outra coisa, deu por si mais do que desejosa de chegar ao verdadeiro evento.

— Podes... — interrompeu-se, sem saber como dizê-lo. — O que quero dizer é... — Outra falsa partida. — É que... — A língua dele descreveu um círculo num ponto mais acima na sua coxa, e o prazer fervilhou dentro dela. Respirou fundo. — Já fiz isto antes.

Henry levantou lentamente a boca, e olhou-a da sua posição aos seus pés, de joelhos. *Oh, céus.* Ela gostava daquilo. Ele era forte e bonito e os seus lábios, que lhe tinham dado tanto prazer, estavam expostos numa curva curiosa, que fez o calor avançar-lhe pelas bochechas, especialmente quando ele se limitou a dizer:

— Eu também.

Ela fechou os olhos. Essa parte era óbvia. A avaliar pela forma como lhe tocava, Adelaide imaginava que ele fosse altamente solicitado por trás de vasos de fetos nos bailes de Mayfair. Provavelmente, por mulheres que se sentiam menos embaraçadas neste cenário em particular.

— O que quero dizer... — Ele dedicou-se novamente à sua coxa. Beijou-a outra vez. Mais acima. Mais perto de onde ela ansiava por ele. *Céus.* — Não é preciso... — Mais beijos. Ainda mais acima. Ela remexeu-se e ele pousou-lhe uma mão pesada na barriga, imobilizando-a. Sem se deter, deu-lhe mais um beijo — este na outra coxa. Uma pequena lambidela. Uma sucção. Ela soltou um leve suspiro. — Podes simplesmente... fazê-lo.

Desta vez, quando a olhou, havia algo novo no seu olhar cerúleo. Algo que extravasava o desejo. Algo selvagem.

— Fazer o quê?

Ela olhou para o teto, desejando poder desaparecer nas sombras lá em cima.

— Eu...

— Não — disse ele, e o seu único movimento era a carícia do polegar sobre a sua pele. — Diz-me. Fazer o quê?

Por um momento, ela ponderou no que diria uma *lady.* E então percebeu que não havia absolutamente nenhuma situação em que uma *lady* dissesse algo

que se aproximasse sequer da resposta à pergunta. Por isso decidiu-se pelas palavras que ouvira toda a sua vida. O que ela sabia que ele queria.

— Podes simplesmente... foder-me.

O ar saiu de dentro dele numa rajada.

Ela fechou os olhos. Tinha sido demasiado grosseira. Raios. Ele ia parar.

Mas não parou. Ao invés, disse:

— Hmm — como se não tivesse considerado essa possibilidade, e moveu-se, as mãos deslizando nas coxas dela e abrindo-as muito. — Obrigado pela sugestão.

— Não tens... de quê — disse ela, as palavras saindo desconfortáveis, enquanto os seus polegares lhe descreviam círculos em pele que nunca tinha sido tocada tão demoradamente.

— Diz-me, posso fazer isto? Tocar-te assim?

— S-sim.

— Gostas?

— Eu... sim. — *Muito.*

Ele subiu a carícia na sua pele.

— E posso beijar-te aqui?

Um beijo na coxa, onde esta encontrava o tronco. Como é que sabia tão bem?

— Sim.

— Gostas?

— Sim.

— Hmm. — Aquele som. Não devia provocar-lhe sensações. Nem sequer era uma palavra, mas fazia-a ansiar. — E importavas-te se eu... — Ele interrompeu-se e soprou uma longa baforada de ar no centro do seu corpo.

— Eu... oh... não... — arquejou ela.

— Gostas disto.

Não era uma pergunta, mas ela respondeu.

— *Sim.*

— Ótimo — disse ele, a palavra parecendo um cumprimento. Aquecendo-a mais. Humedecendo-a mais.

Um rugido suave saiu da garganta dele.

— Mmm... Também gostas disto, não gostas, Adelaide? Quando te digo que és boa? O prazer que me dás ao falar do teu prazer?

— Sim — sussurrou ela.

— Boa menina — disse ele, enviando-lhe um arrepio de prazer pelo corpo.

E recompensou a sua honestidade com uma lambidela longa e lenta que a deixou completamente em brasa. Soltou um grito de prazer pela forma como ele se demorava no ponto mais sensível do seu corpo, e quando ele levantou a cabeça ela estava a arquejar e o seu corpo já não era seu, as ancas erguiam-se para ele, os dedos ansiavam por lhe agarrar o cabelo, para o devolver à sua posição.

Ele bem o sabia, e o brilho no seu olhar era uma promessa arrogante.

— Não tenho intenção de *simplesmente te foder,* Adelaide Não há nada de simples naquilo que pretendo fazer-te. Não há nada de simples nas formas como pretendo tocar-te. Nas formas como tenciono beijar-te.

Céus, a mão dele estava ali, sobre o seu clitóris, e um dedo deslizou através dos caracóis macios que a escudavam, abrindo-a para ele.

— E quando o fizer... também aí não haverá nada de simples. Ela vibrava de excitação, com a sensação da promessa de seda na parte mais íntima do seu corpo. Nunca desejara nada tanto quanto o desejava.

E então ele disse:

— Mas não vou foder-te esta noite, amor.

— Não vais?

Não ia?

— Não — confirmou ele para o centro do seu corpo, acariciando o seu calor húmido, agora com dois dedos, para cima e para baixo em movimentos lentos e excruciantes que lhe deram vontade de gritar, chorar e rir. Introduziu-os dentro do seu calor, dando-lhe um primeiro gostinho daquilo que ela queria. Um indício do que seria estar cheia dele, forte e fundo.

Uma pausa, e então:

— Bem, talvez uma pequena foda.

Como era possível que o sotaque aperfeiçoado em Mayfair e Eton e Oxford

e na Câmara dos Lordes soasse ainda mais ordinário? Ela não conseguiu refrear-se. Meneou-se de encontro a ele, incentivando-o a entrar mais fundo.

— Sim. Por favor.

— É disto que precisas?

Ela fechou os olhos à suave carícia e soltou um gemido de prazer.

— Hmm. — Aquele som, grave e rico, e cheio de descoberta. E então, sem parar de falar, ele acrescentou o polegar, circundando, procurando, encontrando sítios que a faziam arquejar e suspirar.

— Estás tão molhada aqui. Tão mada. — Beijou-lhe o interior da coxa. Suspirou. — Tão doce.

Fez um círculo apertado onde o prazer se acumulava e ela gritou.

— Aí!

— Gostas disto, também. — A resposta dele foi tão arrogante que ela lhe teria de bom-grado dado um pontapé se ele não fosse naquele momento o instrumento da sua ruína.

— Não pares — arquejou.

Ele não parou. Mas perguntou:

— Tens a certeza?

— Céus, sim.

Ele moveu-se mais depressa, apertando mais os círculos, e ela voltou a erguer-se, cavalgando o seu toque, sabendo que mais tarde — muito mais tarde — se sentiria embaraçada pela sua lascívia. Pelo espetáculo que dera com o seu desejo. Contudo, naquele momento, não se importava. Naquele momento, tudo o que ela queria era o seu toque.

Tudo o que queria era ele.

— Tão bonita — sussurrou ele. — Tão perfeita.

Ela sabia que não o era. Mas, naquele momento, acreditou nele.

— Por favor, não pares.

Ficou tensa ao sentir a aproximação do clímax, exatamente quando os dedos dele investiam mais fundo, acompanhando o ritmo das suas ancas, o som *staccato* da sua respiração, áspera e desesperada.

Tão desesperada. Isto não era suficiente.

— Henry... — Não precisou de dizer mais. De pedir mais. Ele já sabia.

— Hmm. — Aquele som que ela acabaria por adorar — o que dizia que ele estava a pensar em todas as coisas maléficas a que poderia sujeitá-la.

E antes de Adelaide poder pensar nessas coisas maléficas, ele estava a fazê-las, pousando a sua boca no lugar mesmo acima dos seus dedos, onde ela ansiava por ele, arrancando-lhe um palavrão.

Deslizando os dedos para o cabelo dele, ela puxou-o para si, e o gemido de aprovação que ele emitiu só contribuiu para a deixar mais selvagem, suplicando por mais, ainda que ele estivesse a dar-lhe exatamente o que queria, a sua boca como uma dádiva. Como o paraíso.

Ele lambia, explorando o calor negro e escuro dela de todas as maneiras imagináveis — quando toques longos e firmes a fizeram arquejar, abrandou a deliciosa tortura que a punha a praguejar e ansiar e suplicar e então, passando-lhe as coxas por cima dos ombros, abrindo as mãos grandes sobre o seu traseiro, erguendo-a para ficar mais perto, acelerou, dançando sobre ela até ela abrir os olhos e olhar para o seu corpo, encontrando o fogo azul dos olhos dele. Um fogo altivo, satisfeito e pecaminoso.

— É isto. — Ele falou para o seu centro, a vibração fazendo-a tremer, agarrar com mais força os cabelos dele. — Aceita-o.

Embora nunca tivesse feito nada daquele género, queria-o. Queria seguir as instruções dele. E então fez o que ele mandava, apertando-o com força junto a si, onde a sua língua trabalhava com um ritmo glorioso, para trás e para a frente, uma vez e outra, enquanto ela se meneava de encontro a ele, arfando, calando os gritos, perseguindo aquele glorioso prazer que estava quase ao seu alcance.

— Por favor — sussurrou. Para ele. Para o universo. — Não posso... por favor.

E então, todo o mundo estava a mover-se. Não... ela estava a mover-se. *Ele* estava a mover-se, soltando-a... não. *Não.* Que estava ele a fazer? Porque é que estava a parar?

Agarrou-se a ele quando a ergueu da cadeira.

— O que...

— Vais gostar mais, linda.

Linda. Que palavra maravilhosa. Que nome maravilhoso.

Antes de ela poder corrigi-lo, fosse na sua cabeça ou em voz alta, estava a cair de costas sobre a cama e ele estava a cair com ela, premindo-lhe as coxas abertas de encontro à colcha. Dando um beijo no botão ardente no seu centro. Sugando-o um pouco e arrancando-lhe um grito.

— Melhor, não é?

Ela encontrou os seus olhos, brilhando de prazer.

— Não. Pior.

Ele franziu ligeiramente a testa.

— Pior?

Ela confirmou com um aceno, não compreendendo o que lhe passara pela cabeça.

— Paraste.

— Ah — disse ele, finalmente compreendendo. — Isso é terrível.

Aquele vestígio de sorriso voltou, e ela acariciou um canto da sua boca bonita com o polegar.

— Gosto disso.

Ele mordiscou-lhe a carne do polegar, passando a língua por ele até ela tremer nos seus braços.

— Da minha boca? Já tinha percebido.

Ela deu uma risada.

— Não. Do teu sorriso. É tão raro. Parece-me precioso.

O sorriso desapareceu e ela arrependeu-se imediatamente das palavras.

— Queres que te diga o que é raro e precioso?

O calor da pergunta era inegável.

— Por favor.

— Isto — disse ele, acariciando-a novamente e pondo-a imediatamente em brasa mais uma vez quando encontrou o sítio onde parecia terminar cada nervo do seu corpo. Descreveu um círculo sobre ele uma vez, duas vezes, enquanto falava.

— Macio e húmido... — Ela emitiu um ruído baixo e empurrou as ancas de

encontro a ele. — E tão reativa. — Inclinou-se e lambeu o botão que excitara. Deteve-se novamente. — Sabes ao verão, ao céu... e ao pecado. — Mais uma sucção. Outra lambida longa, esfregando até ela lhe puxar o cabelo. — E quando me cavalgas... — Ela fechou os olhos às palavras, tão lúbricas na sua voz nobre. — Faz-me desejar que me cavalgues de todas as maneiras. Até te vires.

Estas palavras atearam nela um fogo quente e, antes de conseguir responder, ele abriu-a com dois dedos e lambeu e sugou, acariciando-a em círculos apertados, duros e firmes, não lhe dando trégua. Desta vez ela não teve de lhe pedir que não parasse — ele não o faria. Não teve de lhe dizer do que gostava — ele sabia. De alguma forma, ele conhecia-lhe o corpo melhor do que ela própria, e quando este tremeu de encontro ao dele, descontrolado, permaneceu no dele — as suas mãos dominando-o, controlando-o, acariciando-lhe a pele, confortando-a, deixando prazer e elogio onde quer que tocasse.

Adelaide gritou o seu nome e uma dúzia de outras coisas sem sentido enquanto ele a devorava, imparável, até ela desmoronar e se vir, desfazendo-se sob a sua carícia e os sons urgentes e deliciosos que ele gemia para dentro de si. E quando ela atingiu o orgasmo, duro e rápido, ele permaneceu com a língua plana sobre ela, que estremecia de encontro a ele, sem fôlego nem contenção, e tudo desapareceu, menos ele e o seu toque, devolvendo-a à terra.

E então Henry cobriu-a com o seu corpo, aninhando-se entre as suas pernas, pressionando a sua extensão dura onde ela precisava do seu toque, sabendo, de alguma forma, que ela ainda ansiava por ele, e o tecido grosso das calças era a única coisa que o impedia de estar dentro dela. Rodou as ancas sobre ela, lento e pecador.

— Minha coisa linda. Tens um toque de fogo. Um cabelo de fogo. Ameaçando queimar-me — sussurrou ele. — Onde é que tens estado?

Em lado nenhum. As palavras sussurraram através dela, e ela mordeu o lábio para se impedir de as proferir, se bem que nesse momento, enquanto ele se esfregava no seu corpo, lhe prendia a bochecha com uma mão e lhe lambia a boca com um beijo devastador e profundo que sabia ao prazer dela e, curiosamente, ao dele, ela sentisse que tinha sido reconstruída.

Uma Adelaide diferente. Uma Adelaide que ela não conhecia. Concebida pelo prazer.

Uma Adelaide que não estava em si.

E, ao compreender isso, Adelaide foi consumida simultaneamente pelo medo e por algo muito pior. Algo como a esperança. Algo que a fez imaginar

como seria acreditar nele quando ele terminasse o beijo e lhe tomasse as faces nas palmas das mãos, fitando-a como se ela fosse algo digno de ser olhado. Digno de ser notado. Algo digno de estimar.

Como se houvesse mais entre eles do que aquele momento. Aquele sítio. Aquela noite.

Mas não havia.

Ela era Adelaide Frampton, nascida ladra na margem errada do rio, mais confortável em becos escuros do que em salões de baile dourados. E ele era um maldito duque.

Põe juízo nessa cabeça, moça. A voz que lhe sussurrou vinha com o sotaque de South Bank — aquele que se esforçara tanto por esconder nos últimos anos.

Ela resolveu ouvi-la, estendendo a mão para ele, puxando-o para si, para o beijar também, reclamando-o na esperança de recuperar o controlo de si mesma. Da situação. Do que quer que se seguisse. Dizendo a si mesma que o impulso de prazer que tivera quando ele se lhe entregara, tinha que ver com isso mesmo — controlo — e não com a alegria de saber que ela podia afetá-lo tanto quanto ele a afetara.

Ela tinha de ter controlo da situação. E havia uma maneira certa de o obter.

Adelaide beijou-lhe a bochecha, sobre a áspera barba de um dia, e sussurrou:

— Tens a certeza?

Ele acariciou-lhe o peito nu, o seu polegar circundando-lhe o mamilo até este se tornar um botão duro.

— Certeza de quê?

— De que não vais possuir-me esta noite?

Sem uma palavra, ele pousou as mãos na cama e soergueu-se, procurando o seu olhar, profundo e ardente. Como se conseguisse ver tudo — a sua incerteza, o seu desejo de controlo. Como se soubesse que o pedido tinha que ver com mais do que prazer — tinha que ver com conquista de poder.

— Não, amor. Esta noite, não.

Ela não gostou do que viu ali, nos seus olhos azuis. Algo que podia ser

desapontamento mas mais parecia compreensão, como se ele lhe ouvisse os pensamentos e já estivesse 12 passos à frente neste jogo que jogavam.

Isso deu-lhe vontade de se esconder.

Ela empurrou-o e ele deitou-se de costas na cama. O desapontamento percorreu o corpo de Adelaide. Estava acabado — o que não devia ser dececionante. Era o esperado, não era? Ela sabia que não havia mais nada para Adelaide Frampton e o Duque de Clayborn — nada além deste quarto silencioso nas traseiras da Hungry Hen. Nada além desta noite.

Seria errado ela esperar que a noite não terminasse tão rapidamente?

Ele interrompeu-lhe os pensamentos atraindo-a a si, enrolando em torno dela os braços longos e musculosos e aninhando-a ao seu lado. E embora a sua intenção fosse resistir — afastar-se e enrolar-se em tecido e esconder-se dele até de manhã — não arranjou força de vontade para o fazer. Não quando ele estava tão quente e firme e acolhedor. Não quando as pontas dos seus dedos lhe afagavam o ombro, pintando-o com o seu toque. Não quando ele se virou e lhe beijou a têmpora, segurando-a tão perto de si que ela ouvia as batidas do seu coração.

Ficaram em silêncio por muito tempo, a taberna tranquila lá em baixo, o mundo esquecido lá fora. Adelaide maravilhava-se com a sensação dele e a forma como desmoronara no seus braços, e a forma como este sítio, esta noite e este homem pareciam, de alguma forma, fora do tempo, como se não estivessem em competição para chegar junto do irmão dele, salvar Lady Helene e evadir-se ao seu pai e aos seus homens. Como se ela não fosse Adelaide Frampton, rapariga das ruas, e ele não fosse o Duque de Clayborn.

Como se eles tivessem um futuro.

Como se tivessem todo o tempo do mundo, quando não tinham. Quando só tinham esta noite.

Menos de uma noite, quando ele sussurrou:

— Eu não devia... — Ele parou, mas ela completou a frase de uma dezena de maneiras. *Eu não devia ter feito isto. Não devia ter-te beijado. Não devia ter-te seguido. Não devia estar contigo.*

Não devia ficar.

— Henry — sussurrou ela para o seu peito, finalmente, os seus dedos brincando com os pelos pretos. Não conseguia olhar para ele. Não podia arriscar o embaraço da sua recusa — o embaraço que já despontava. Estivera ali, à beira

da sua consciência, toda a noite — o embaraço que advinha de ser uma mulher sozinha, ocupando demasiado espaço. Pedindo demasiado. — Dorme comigo.

Quando os dedos dele se imobilizaram no seu ombro, o embaraço tornou-se uma coisa viva, andando para trás e para diante na sua jaula, cheio de antecipação, como se estivesse à espera deste momento exato para atacar. Que tola, Adelaide, malnascida na margem errada do rio, oferecendo-se *a* um duque.

Ele recusaria a oferta, claro, e voltaria ao seu papel de cavalheiro responsável e decente. Mudar-se-ia para a cadeira — aquela onde ela se desfizera para ele — colocada junto da porta, e contorcer-se-ia desconfortavelmente para dormir. E ela seria relegada para a cama — para ser devorada inteira.

Mas de alguma forma, mesmo em face desse embaraço, Adelaide acrescentou ao pedido um baixo e sedutor:

— Gostaria muito.

— Adelaide — respondeu ele, em tom baixo e triste.

Ela fechou os olhos com força. *Horrível. Horror absoluto.*

Devia sair dali. Deixá-lo antes de ele a deixar. Entrar na carruagem e partir ao encontro de Lady Helene, que naquele preciso momento estava na cama como um homem que desejava nunca a deixar.

Mas antes de Adelaide poder fazer exatamente isso, a palma da mão dele pousou, aberta, na sua pele, quente e pesada, puxando-a para ele ao mesmo tempo que os cobria com a colcha da cama. Aceitando a sua oferta.

Ficaram em silêncio por muito tempo, os corações abrandando, a respiração tornando-se menos áspera, e Adelaide sabia que devia fechar os olhos e tentar dormir. Não devia, de todo, falar com este homem — este homem que empunhava palavras bonitas como tentações. Ela não devia acostumar-se a conversas com ele.

Não devia acostumar-se a nada que estivesse relacionado com ele.

— Conta-me uma história.

Ela levantou a cabeça.

— Que género de história?

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Uma história lasciva.

Ela sorriu.

— Era uma vez um duque numa estalagem à beira da estrada. O riso dele foi um rugido baixo saído do seu peito quente.

— Gosto dessa.

— Eu também — concordou ela, soerguendo-se para o beijar, lenta e suavemente.

Quando o beijo parou, ela suspirou.

— Conta-me o teu primeiro beijo — pediu ele.

Ela hesitou. Uma rapariga nascida no coração de Lambeth perdia cedo a inocência — mesmo que o seu pai fosse ali um rei. Ou talvez por o seu pai ser ali um rei. A inocência era para as meninas de Mayfair. Não para raparigas como ela.

— Estás à procura de uma comparação? — Ela nunca vira ninguém tão arrogante.

— Acho que consigo suplantá-lo.

Ela não tinha dúvidas acerca disso. Mas sobrepôs as mãos em cima do peito dele e pousou o queixo nelas.

— O Jamie Buck vivia ao fundo da rua. O pai dele trabalhava para o meu.

— Ah. A rapariga na torre.

Não havia torre, mas Adelaide não lhe disse. Ela não podia mudar o sítio de onde tinha vindo, e faria bem a ambos lembrar que o mundo dela tinha sido muito diferente do dele.

Exceto que ela não queria que ele pensasse nisso. Não neste momento. Agora queria que ele conhecesse a rapariga que fora outrora, e por isso contou-lhe mais do que ele precisava de saber.

Ridículo.

— Gosto da ponte de Westminster. — A surpresa transpareceu no belo rosto dele perante a mudança de assunto. — Sei que é estranho, mas gosto. Talvez, se calhar, goste apenas de pontes. Gosto de pontes, de uma maneira geral, mas aquela tem qualquer coisa. Há um poema acerca dela; de Wordsworth, suponho. Acerca de ver a cidade a partir daí. A *cidade agora enverga, como uma peça de vestuário, a beleza da manhã.* Conheces?

— Não — respondeu ele, e ela temeu ter ido demasiado longe na história.

— Mas gostaria de te ver envergar a beleza da manhã.

As palavras derramaram-se sobre ela, disparando-lhe a pulsação, e ocorreu-lhe que podia haver, de facto, algo de fascinante nos poemas escritos acerca de pontes.

— Isso é querido.

— Tu és querida — respondeu ele, de olhos ainda firmemente fechados. — Continua. Que tem Westminster que ver com Jamie Buck?

— Há um torreão a meio caminho, que te permite uma vista gloriosa sobre o Parlamento. Pode pensar-se que essa vista existe em toda a ponte, mas não é verdade. É um torreão em particular, o quarto a contar do lado de Westminster, num ângulo perfeito para ver as salinhas do Parlamento, e se estiveres lá no momento certo, a sensação é... mágica — disse ela simplesmente, desejando poder explicar mais claramente. — Eu era capaz de me demorar nesse pequeno torreão durante horas, desejando... — interrompeu-se.

— Desejando o quê?

Ela devia saber que ele não lhe permitiria interromper-se.

— Desejando que estivesse alguém comigo — disse ela baixinho. — Eu passava a maior parte do tempo sozinha. Não desgosto disso, atenção, mas o meu pai... assustava as pessoas, especialmente os rapazes. E os que não assustava, estavam dispostos a fazer tudo para ganhar acesso a ele, incluindo fingir que eram amigos da filha.

Os olhos dele estavam agora abertos, observando-a como se não desejasse perder uma única palavra, e ela mordeu o lábio, sentindo-se embaraçada e estranha, como se não devesse partilhar partes da sua vida com este homem, que era tão diferente dela — tão para além dela — que quando ele partisse ela não teria esperança de o ter de volta.

— Eu costumava ficar no torreão e desejar um amigo — admitiu ela em surdina. — Desejar algo além do mundo que eu tinha; alguém que não fingisse interesse em mim por ter medo do meu pai ou querer chegar até ele. Alguém que não me visse como um caminho para algo mais importante. Queria alguém que pudesse ser... um parceiro. Que gostasse de mim por mim. Que me *amasse* por mim, suponho.

Ele apertou-a com mais força.

— Continua.

Ela engoliu em seco, desejando de repente que houvesse distância entre eles.

— Uma tarde... eu teria 14 anos? Talvez 15? E estava ali, no meu torreão. O Jamie passou por lá, com um grupo de outros rapazes, claramente à procura de sarilhos. Mas ele viu-me primeiro. — Fechou os olhos. — Ouviu-me primeiro.

— Que estavas a dizer?

Ela arrependeu-se imediatamente de lhe contar a história, mas tinha avançado demasiado para parar.

— Por favor, não te esqueças de que eu era uma garota com uma cabeça cheia de sonhos. Já não sou tão impressionável.

— Já estou desapontado por ouvir isso.

O riso aliviou o embaraço. Um pouco.

— Estava a falar sozinha.

— Acerca de quê?

— Bem, não verdadeiramente sozinha, suponho. Estava a falar com outra pessoa. Alguém que não estava ali. Fingindo que tinha o parceiro com que sonhava. E o Jamie Buck ouviu. Fartou-se de rir...

Henry semicerrou os olhos.

— E?

— E ameaçou contar a toda a gente. O que agora parece uma grande tolice, pois, quem se importaria? Mas naquela altura foi uma ameaça aterrorizadora. Ele conhecia o meu... — Ela hesitou, não desejando revelar o seu passado nesse momento, quando estavam tranquilos e ele estava perto.

Era apenas uma questão de tempo até ele saber tudo. Mas Adelaide nunca deixava de ser uma ladra, e agora queria roubar tempo.

— O meu pai ter-me-ia desprezado — disse ela. — Havia de se certificar de que eu nunca mais voltaria àquele torreão. O Jamie disse que guardava o meu segredo se eu o beijasse.

Henry respirou fundo, e o olhar dela voou para ele, encontrando fúria nos seus olhos.

— Tu tinhas 14 anos. Isso foi o quê, há onze anos?

Ela confirmou.

— Eu devia estar lá. Devia estar no Parlamento. Podia estar a passar nesse

exato momento. Podia ter atirado o jovem Jamie do torreão abaixo.

Ela sorriu.

— Isso parece um pouco exagerado.

Um gemido saiu do fundo do seu peito.

— Não estou divertido, Adelaide.

— Ajuda saberes que ele foi encorajado por meia dúzia de miúdos que estavam a observar da esquina?

— *Não* ajuda. — Ele estava furioso e ela admitiu que aquilo lhe agradava.

— Ajuda saberes que ele beijava como um bacalhau e cheirava a arenque em salmoura? Dois factos que fiz questão de anunciar a toda a gente?

— Bem, eu ia sugerir que me divulgasses a morada atual do jovem Jamie, mas não creio que ele tivesse sobrevivido a essa crítica durante muito tempo. — Fez uma pausa. — No entanto, tenciono levar-te a esse torreão e beijar-te aí como mereces.

Ela sabia que não o faria, mas era uma ideia encantadora. Acariciou-lhe a face, testando a aspereza da barba, desfrutando do ângulo do seu queixo e da forma como a respiração dele reagia ao seu toque.

— Com ponte ou sem ela, Vossa Graça, o seu beijo é muito mais memorável do que aquele.

E então ele provou-o, com um beijo longo, lascivo e delicioso, enchendo-a da sua sensação, do seu sabor e da sua respiração. Quando terminou, beijou-lhe suavemente o queixo e sussurrou *linda* ao seu ouvido, e ela não conseguiu impedir-se de sussurrar as palavras que andavam às voltas na sua cabeça, um enigma que não conseguia resolver.

— Porque não queres casar? — Apesar da ligeira hesitação do toque no seu ombro, ele não respondeu. Ela fechou os olhos, grata por ele não poder vê-la no escuro. — Não devia ter perguntado. Não é da minha conta.

Ele beijou-lhe a têmpora.

— O casamento deve vir com um coração cheio. Não foi isso que disseste?

Ela assentiu com a cabeça.

— Sim.

— E eu concordo. Deve vir com tudo o que é prometido. Família, esperança e uma vida inteira de visibilidade. *Amor verdadeiro,* é o que lhe chamam. Julgo

que é por ser o mais honesto que uma pessoa pode alguma vez ser. — Fez uma pausa, fitando o teto. — Eu não posso amar assim.

Ela queria gritar em protesto. Se alguém merecia amor, era aquele homem — nobre para além das palavras. Honesto até ao limite. Ao invés, inquiriu docemente:

— Porquê?

Ele respirou fundo e ela regozijou-se no som rico e quente no seu ouvido.

— Porque, um dia, ela podia descobrir algo acerca de mim que não lhe agradasse, e depois como seria? Eu, de cabeça perdida com amor, e ela desesperada por se ver livre mim.

Ela compreendeu imediatamente.

— Segredos.

— Já vi o que perder o amor faz a uma pessoa. Não quero isso.

O que poderia ser? O que é que aquele homem notável estaria realmente a esconder?

O peito dele subiu e desceu.

— O meu irmão planeia casar com uma mulher maravilhosa. De facto, apostaria que estarão casados antes do final da semana e a caminho de produzir herdeiros para o meu título.

Ela levantou a cabeça e olhou-o nos olhos, com um sorriso doce.

— Esqueces que raramente fracasso quando tenho uma missão.

— Quer dizer que a nossa corrida continua — disse ele, suavemente, sem desafio.

— Já não há corrida. Falta-nos uma carruagem.

— E assim, venceste. E amanhã? Acordarei com um quarto vazio, uma carruagem destruída e uma carteira desaparecida? Achas que a Mary me dá trabalho?

— É possível. Darias um excelente rufia para manter a ordem.

— Seis anos de boxe na escola — disse ele secamente.

Ela voltou a rir, encostando a bochecha ao seu peito.

— Acho que há espaço na minha carruagem para ti — disse ela, sabendo que não devia estar tão feliz por fazer a oferta. Sabendo que cada momento que estavam juntos era um momento que ameaçava a vida que ela tão cuidadosamente construíra para si própria.

A mão dele deslizou no ombro dela e ele resmungou sob o seu ouvido.

— Estás disposta a partilhar comigo?

Talvez fosse do silêncio do quarto. Do calor da cama. Da aspereza da sua barba quando ele lhe beijou o cimo da cabeça. Mas a pergunta já não parecia ser acerca de carruagens. Não que isso importasse, pois Adelaide tinha a sensação de que a resposta seria a mesma.

— Sim. Gostaria muito.

— Mmm. — Aquele som delicioso, quente e maravilhoso. — Devemos partir esta noite?

Deviam.

Mas Jack e Helene estavam seguros no seu quarto, a uma hora de distância para norte, sob o olho vigilante do batedor da duquesa. Uma hora não era muito. Adelaide e Clayborn podiam partir cedo. Apanhá-los por volta da hora do almoço. Levá-los a Gretna. Mantê-los seguros aí e no regresso.

Ficar afastados de Londres mais algum tempo. Escondidos.

Juntos.

— Suponho que podíamos esperar — disse ela em surdina, sabendo que estava a roubar tempo. Sabendo que era um risco.

Ele apertou-lhe o abraço, demonstrando a sua aprovação, aproximando-a mais, passando-lhe as pontas dos dedos sobre o ombro, para trás e para a frente ao ritmo do seu lento e compassado batimento cardíaco. Ela deixou que os seus pensamentos vagueassem por Jack e Helene e as *Belles* e a Quebra-Casamentos e Alfie Trumbull e Havistock... e finalmente para Henry. E os seus segredos.

Para a ideia de que ele não se casaria — de que ele ia simplesmente... definhar. De que ficaria sozinho. Isso não devia incomodá-la. Ela estava sozinha, não estava? Tinha-o estado toda a vida e esperava estar uma vida mais.

Mas a ideia de ele sozinho... de ambos sozinhos.,.

Havia algo ali. Algo de... livre.

O que é que ele lhe tinha feito?

— Se não te casares — sussurrou ela. Os dedos dele vacilaram na sua pele e

os dela iniciaram um trilho lento no peito dele, brincando com os pelos pretos. — Se encontrares uma rapariga que não tenha planos de o fazer. Que saiba do que gosta...

De alguma forma, no escuro, os planos dele para o futuro estenderam-se diante deles... e Adelaide viu algo mais. Algo como uma possibilidade.

— Estou a ouvir. — Pousou a mão aberta no ombro dela, puxando-a para o seu calor. Ela inalou-o.

— O casamento não é o único caminho.

— Devo deixá-la aceitar-me como amante? — A pergunta foi feita em tom baixo e sombrio e injetada de mais humor do que Adelaide desejava. Talvez. Talvez houvesse um caminho do meio? Um acordo com ela? Um acordo em que ela continuaria o seu trabalho, permaneceria no seu mundo e, simplesmente... adicionaria noites como esta? Com ele?

Teriam, claro, de ser discretos. Ele era um dos rostos mais reconhecidos no Parlamento. Um orador brilhante. Uma mente astuta. Uma voz poderosa.

Mas Adelaide passara uma vida inteira sem ser notada. E se eles arranjassem uma maneira de repetir esta noite? Porque não aproveitá-la?

Ficaram deitados em silêncio, o rumor baixo da taberna tendo cedido a um silêncio tão impossível que agora ela não podia ouvir nada além do seu coração. Ou talvez fosse o dele, batendo num ritmo estável sob o seu ouvido, abrandando à medida que o subir e descer do seu peito se tornava mais pesado e regular e ele adormeceu, com ela nos seus braços.

Adelaide permaneceu imóvel por muito tempo — minutos, talvez horas —, maravilhando-se com a sensação do corpo dele junto do seu. Com a sua pele quente e o cheiro rico de couro curtido pelo sol que se misturava com o alecrim do seu banho. Ela nunca antes notara o cheiro de um homem. Nunca desfrutara de o ter notado.

Nunca sentira o intenso prazer de saber que ele era, ainda que por um momento fugaz, seu.

Nunca se perguntara se existia uma maneira de manter isso perto. De o agarrar com força.

Foi a intensidade do momento — a sua absoluta loucura — que a fez sussurrar para o escuro, «Meu».

Era certamente loucura a palavra dar-lhe ainda mais prazer em voz alta do que nos seus pensamentos. Prazer e triunfo e qualquer coisa entranhada nos ossos a que ela sabia ser preferível não dar nome, sabendo instintivamente que, se a examinasse... se a pusesse em palavras... nunca conseguiria esquecê-la.

Mas... e se?

Pela primeira vez, Adelaide permitiu-se considerar a possibilidade de não precisar de esquecer o Duque de Clayborn, em toda a sua intocável divindade aristocrática. Que talvez houvesse um caminho para eles percorrerem — pouco convencional e limitado, mas um caminho que podiam percorrer... juntos.

Amante, dissera ele. Uma brincadeira em que ela nunca pensara, porque mulheres como Adelaide não eram feitas para serem amantes. Ela não era bonita, divertida, ou lasciva o suficiente para atrair homens à sua cama. Mas, porque não outra palavra? Se ele a quisesse? Porque não *companheira?* Porque não *guardadora de segredos?*

Porque não *parceira?*

Susteve a respiração enquanto os pensamentos tomavam forma. Adelaide Frampton, que passara toda a vida sozinha, enfrentando a dor, o perigo e a solidão, que criara um lugar para si própria no mundo enquanto mulher com um rígido sentido de justiça e vontade de fazer tudo ao seu alcance para o concretizar — deu por si naquele momento, no escuro, arruinada... pela *esperança.*

Estranho e perturbador, o sentimento revirou-se, tornando-se algo mais familiar. Mais fácil de ignorar. Medo. Quem seria ela se se permitisse ter esperança por outra pessoa?

Se se permitisse dar-lhe um nome? Uma cara?

Se o roubasse? Para si mesma?

As respostas ficavam para outro dia. Mas nessa noite, por uma vez, Adelaide permitiu-se ter um sabor do que seria dormir, segura e desejada, nos braços de um amante.

Capítulo 11



Henry acordou com um barulho do outro lado da porta.

O quarto estava na penumbra total que vinha com a parte mais pesada da noite. As velas há muito tinham ardido e o lume estava reduzido a algumas brasas brilhantes na lareira. Ele adormecera com Adelaide nos braços, quente, macia e relaxada pela primeira vez desde que se conheciam. Envolvido pelo cheiro dela, fresco como a chuva, cativo do peso e do calor do corpo dela enquanto lhe desenhava no peito círculos suaves e lascivos, fazendo-o querer comprar a Hungry Hen e nunca sair dali.

Fazendo-o querer mantê-la ali, naquela cama, até ela partilhar consigo cada um dos seus segredos.

Fazendo-o querer contar-lhe todos os seus.

O que, claro, era uma loucura.

Ou não era?

Ela oferecera-lhe um futuro.

Ele sabia, desde os 14 anos, que não se casaria. Que faria melhor em não se apaixonar, como os outros homens. Construíra uma identidade fria e implacável — que não o recomendava junto das mulheres. Junto de ninguém, na verdade. Quando os outros percebiam que o ducado não estava acessível, iam-se embora, pois havia pouca recompensa por ficarem.

Mas, de alguma forma, esta mulher encontrara um meio de se infiltrar, com o seu toque e os seu beijos e aqueles fugazes vislumbres dela que lhe oferecia, como tesouros. Uma boa coisa, também — porque se ela não lhos tivesse oferecido, ele podia tê-los roubado, gostando tanto deles. Pedacinhos da vida dela, do seu mundo, da sua mente. Os beijos dela.

E então, na noite passada, depois de a ter nos seus braços e lhe confessar que o casamento não era o seu futuro, como temia amar uma mulher mais do que ela podia amá-lo, ela não lhe perguntara os seus segredos. Ao invés, oferecera-lhe um novo caminho.

Ser sua amante.

Isso, claro, era impossível. Ele observara Adelaide Frampton durante tempo

suficiente para saber que, com ela, não havia meias medidas. Ela merecia um homem que pudesse dar-lhe tudo. Casamento. Uma casa — um maldito palácio, se ela o desejasse. Filhos que a enchessem de riso. Honestidade. Uma vida sem segredos.

Merecia o tal coração cheio.

Mas ali, nas profundezas da noite, naquela estalagem escura no que parecia o fim do mundo, se ele fechasse os olhos, podia acreditar que talvez pudesse ser ele.

Apesar de saber que não devia, passou um braço em redor dela e chegou-a mais para si. Percorreu com a mão a pele mada das suas costas, parando quando encontrou uma pequena elevação. A marca de outra cicatriz. Mais longa do que a que tinha no flanco.

O que é que o mundo fizera àquela mulher? A raiva inundou-o, quente e impaciente, perseguida por um desejo inebriante de caçar quem lhe tivesse feito mal e destruí-lo. Desejo de a vingar. De a proteger.

Não preciso de proteção, dissera ela lá em baixo, depois de ele se ter atirado ao bruto. E de lhe ter chamado esposa.

E não precisava. Não sempre. Ele vira-a muitas vezes proteger-se a si mesma. Vira-a entrar em confronto, tanto com aristocratas, como com bandidos. Caramba, vira-a saltar para um barco em movimento, como se uma queda no Tamisa não tirasse a vida a qualquer um que tivesse o azar de a sofrer.

Ela não precisava de proteção. E, contudo, ele precisava de a proteger.

O pensamento clarificou-se no escuro, e a porta do quarto abriu-se, indo bater na parede com a força de uma bota pesada.

E então, não havia *necessidade* de a proteger; era mesmo a única coisa a fazer.

Adelaide levantou-se do seu sono, a roupa de cama caindo-lhe até à cintura, e Henry gritou «Fica!» ao mesmo tempo que saltava da cama procurando a lâmina.

— Oh, nem pensar que vou fazer isso — disse ela enquanto ele se punha de pé na cama e saltava pelo fundo, pronto a enfrentar os intrusos, pondo-se entre estes e ela.

À luz do candeeiro do corredor, Henry distinguia dois deles, um alto e magro e o outro grande, largo, e a tresandar a cerveja — reconhecível pela forma

desajeitada de andar. Era o bruto lá de baixo.

— Ah, Billy — disse Henry quando ele avançou. — Devias ter-te mantido à distância.

— Não vou ser derrotado por um janota, isso é que não — disse Billy, com os punhos do tamanho de presuntos erguidos nas sombras. — E por acaso encontrei este homem a precisar da minha ajuda para te dar uma coça.

Henry olhou para o outro homem que se mantinha atrás, nas sombras... e reconheceu-o. O cavaleiro da estrada. Que se mantivera por ali à espreita, como um verdadeiro predador, como se soubesse o que procurava... e o tivesse encontrado.

Ainda bem que tornara mais fácil a Henry livrar-se dele também. Um fósforo foi riscado atrás deles e uma vela foi acesa. Ao ver Adelaide, os olhos de Billy arregalaram-se e os lábios grossos abriram-se num sorriso repugnante.

— Não esperava a vista, lá isso não. A tua mulher não parece nada de jeito quando está vestida.

E foi tudo o que Henry precisou de ouvir.

— É óbvio que não aprendeste a lição — disse com uma certeza fria. — Aquela que ensina a tratar as mulheres com respeito.

Billy olhou-o.

— Trato-as com respeito quando não estão com o rabo de fora. Afinal, até uma *lady* pode parecer uma puta.

E quando virou o seu olhar lascivo novamente para Adelaide, a mente de Henry ficou vazia e fez recuar Billy com um golpe feroz. O outro homem gritou, cambaleando, mas Henry não lhe deu trégua.

— Não olhas para ela — disse ele, uma fúria gélida nas palavras, cada uma pontuada por outro golpe, outro avanço. — Não pensas nela.

Desferiu um último golpe e o bruto voltou a tombar, inconsciente. Antes de Clayborn poder considerar o seu trabalho de mãos, contudo, algo matraqueou na mesa de cabeceira atrás dele. Uma vela, um jarro de água, não chegou a saber. O que quer que fosse, não lhe agradou e quando se virou, sem hesitação, percebeu porquê..

Cometera um erro. Enquanto executara a sua vingança contra um homem demasiado orgulhoso e genuinamente demasiado estúpido para constituir um

perigo real, o outro homem — o silencioso, que ele não tardaria a descobrir que era muito mais poderoso — investira contra Adelaide.

E em vez de gritar por ajuda, como seria de esperar, ela enfrentou-o, alta e muito direita, como se fosse uma guerreira com armadura completa, e não uma mulher embrulhada num lençol que ameaçava deixar cair.

Ela estava nua. Ele despira-a e levara-a para a cama assim, ignorando o facto de ter feito um inimigo lá em baixo. Ignorando o facto de algumas horas antes ter saltado de uma carruagem em movimento rápido, uma ação que não o deixara nas melhores condições físicas.

Deviam ter-se vestido antes de se deitarem, mas ele queria sentir a pele dela contra a sua, ao mesmo tempo que acreditava poder mantê-la a salvo do que quer que pudesse acontecer-lhes. O seu egoísmo — e o seu orgulho —, pusera-a em perigo.

Ia atirar-se a eles, mas deteve-se quando viu a cena completa. Vestida apenas com um lençol, parecendo uma deusa perfeita, Adelaide segurava uma afiada lâmina de prata junto do pescoço do seu potencial atacante.

Quando falou, foi com a serena naturalidade de alguém que, sem dúvida, já tinha ameaçado cortar gargantas noutras ocasiões.

— Não se aproxime mais, Duque. Não quero que me escorregue a mão.

Ele parou, considerando a situação.

— Honestamente, ainda não decidi como me sinto em relação à possibilidade de a mão escorregar. Devia ter tratado dele na estrada.

Ela não olhou para ele — *boa menina, mantém-te focada no teu inimigo* —, mas sorriu para o outro homem.

— O duque sugere que te mate, Danny. Que achas disso?

O homem chamado Danny respondeu com naturalidade, como se não tivesse uma faca encostada à garganta.

— Nunca esteve na tua natureza fazê-lo, Addie.

E ali, na familiaridade do diminutivo, Henry percebeu que aqueles dois não se tinham apenas reconhecido, mas partilhavam uma história.

Manteve-se rígido, observando o jogo de emoções na cara dela. Frustração. Desapontamento. Raiva. E algo mais. Algo como vergonha. Henry cerrou o punho ao lado do corpo, mal sentindo a dor das feridas, tal era a sua raiva ao ver Adelaide envergonhada.

Danny, vários centímetros mais alto e pelo menos dez quilos mais pesado do que ela, abriu os braços e empinou o queixo, expondo arrojadamente o pescoço, como se estivessem lá em baixo a beber cerveja e não ali, no escuro, com uma faca encostada ao pescoço.

— Não importa o que chamas a ti própria, agora que te dás com as pessoas de Mayfair, pois serás sempre Lambeth, Addie Trumbull. — Fitou Clayborn com uma expressão combativa. — Apesar de fornicares com um duque. — Sorriu. — Mas talvez ele goste do esgoto, como muitos aristocratas gostam.

Foi aí que Henry decidiu que ia destruir este homem.

— Muito bem, Danny, encontraste-me. E agora?

Ela sabia que estava a ser perseguida? Por que diabo era perseguida? E logo por este... ser rastejante?

O homem sorriu.

— O Alfie quer falar contigo. Não gostou que fosses ao armazém dele e levasses o que não era teu.

Ela assentiu com a cabeça.

— Já sofri os castigos do Alfie antes.

Ele inclinou a cabeça na direção de Clayborn.

— Agora ele... Não estava à espera *dele.* Tem a cabeça a prémio. Imaginas a minha surpresa quando a carruagem do duque aparece destruída na estrada, no meu caminho para te ir buscar, Addie? O duque, a viajar com a Quebra-Casamentos? Isto é que é um dia de sorte. — Fungou. — Claro que a culpa é do duque, por viajar com um brasão na carruagem, como um sacana real. E um veículo feito para o dinheiro e não para os músculos. — Emitiu um som de censura. — Não foi a escolha mais inteligente, Addie. O teu papá não vai ficar contente.

O papá dela?

— Quem está a pagar pela captura do duque? — perguntou Adelaide.

— O Havistock não gosta de pontas soltas e está a pagar uma fortuna por alguns cadáveres. — Fungou. — E eu tenciono entregar-lhos.

Havistock. Henry sabia que Havistock queria destruí-lo, mas...

— Porque é que o Havistock me quer morto?

Danny encolheu os ombros, mas nem sequer olhou para ele.

— Pouco nos importa. O dinheiro gasta-se por boas e más razões.

— O Alfie aceitou a tarefa de matar um duque?

O homem lançou um olhar arrogante a Adelaide.

— O Alfie aceita qualquer tarefa que eu lhe diga para aceitar.

— Bem, devias mandá-lo diretamente para Bedlam, por aceitar esta — disse ela, o seu sotaque cheio de South London. — Matar um duque vai pendurar-vos numa corda mais depressa do que tu consegues esventrar um homem, *Dan-o*.

— Vou correr o risco. Agora, a minha única pergunta é esta: devolvo-te ao teu pai, como foi pedido, só um bocadinho em pior estado, ou levo-te para Londres, como a Quebra-Casamentos? Há tantos sacanas ricos a querer ver-te morta que podíamos vender bilhetes e ganhar dinheiro para a vida toda.

Ela respirou fundo ao ouvir as palavras, e Clayborn ficou tenso ao detetar a aspereza do som. A preocupação que continha. O segredo dela — aquele que ele conhecia, porque parecia ser a única pessoa em Londres a perceber a luz de Adelaide Frampton — revelado, e nas mãos erradas.

Enquanto ele considerava o que seria necessário para manter o inimigo dela em silêncio, Adelaide falou.

— E então, julgas que pagarei pelo teu silêncio?

— Julgo que não tens escolha — respondeu o homem. — Mas, sejamos honestos, não podes pagar-me nada que se pareça com o que o resto de Mayfair pagará para se vingar da forma como já os arruinaste. Nem que as tuas raparigas esvaziem os cofres. — Olhou novamente para Clayborn. — Nem que o teu duque contribua com uma ou duas moedas. Mayfair odeia-te a este ponto.

— Isso é para me magoar? — perguntou ela.

Ele sorriu.

— Para te sentires bem é que não é, gatinha.

Ela premiu a ponta da lâmina com mais força e uma gota de sangue escorreu-lhe por um lado do pescoço. Quando ele inalou asperamente e o sorriso lhe fugiu do rosto, ela disse:

— Acho que descobrirás que é preciso mais do que a opinião coletiva de homens medíocres para me perturbar, Danny.

— Continuas a ser uma cabra, não continuas?

Antes de Clayborn poder despedaçá-lo devido ao insulto, o homem condenou-se ao inferno, segurando a mão onde ela tinha a lâmina, puxando-a

para trás das costas dela e usando força e velocidade para aproximar Adelaide, passando-lhe as mãos sujas pelo corpo, sorrindo-lhe com a sua boca cheia de dentes podres.

Henry enlouqueceu.

— Tira as mãos de cima dela — rugiu. As palavras vinham de um lugar que ele raramente reconhecia, um lugar fora de controlo. Ambos se viraram ao som, e o intruso moveu-se com a velocidade de um raio, a lua refletida na lâmina que empunhava.

Adelaide susteve a respiração quando esta lhe roçou o pescoço e Henry deteve-se instantaneamente, vibrando de fúria frustrada.

— Ora, ora, não é divertido — disse o homem, com os olhos a brilhar perversamente. — Olha como ele parou rapidamente. Como um brinquedo de criança que ficou sem corda. — Deslizou um braço em redor do tronco de Adelaide, segurando o lençol com uma mão imunda. — Sempre me perguntei se valerias alguma coisa entre os lençóis. Parece que sim.

Henry soltou um rugido baixo e perigoso.

— Larga-a.

— Não, não me parece que largue — disse o homem. — Sabes, andava a perguntar-me como é que te íamos apanhar. Não é todos os dias que se tem oportunidade de apanhar um duque. — Encostou a lâmina à garganta de Adelaide, que fechou os olhos. — Mas aqui estás tu, disposto a fazer tudo para manter a nossa Addie segura, não estás?

Aquele nossa era outra infração pela qual o homem pagaria. Henry estava a registá-las.

— Pagarás cada segundo que lhe tocares — disse Henry, as palavras cruas, com um controlo furioso. Ela estava calada e imóvel, o seu rosto impassível. Mas nos olhos dela, quando encontraram os seus, havia algo que não lhe agradava.

— Ah, não foi nada — disse Danny. — Conhecemo-nos há muito, não é verdade, rapariga? Pintados com a fuligem de South Bank. Não há ressentimentos, pois não, Addie?

— Não mais do que é habitual — silvou ela.

— Quase pensei que ele gostava de ti. Mas não pode ser. Ninguém gosta de ti. Não és ninguém. Não és nada. Nem o teu pai se chateou quando fugiste. Limitou-se a colocar o negócio nas minhas mãos.

Adelaide imobilizou-se ao ouvir as palavras, um instante, apenas, mas o suficiente para Clayborn notar e detestar. Moveu-se, direito ao par, preparado para afastar a lâmina e fazer o que fosse necessário para a libertar. Para a manter segura.

Mas Billy tinha acordado.

Antes de Henry chegar junto dela, o rufia bêbado fê-lo cair, placando-o com uma falta de requinte que só tinha igual na sua falta de bom-senso. Usando o ímpeto da queda, Clayborn rodopiou no chão para encarar o seu anterior inimigo.

— Caraças, Billy. És um autómato.

— Isso é alguma coisa que te vai cortar às tiras? — perguntou Billy, apontando o seu punho enorme à cara de Henry.

— Por acaso, não — respondeu este, esquivando-se no último momento e fazendo o soco de Billy acertar nas tábuas do soalho. Henry rolou para se levantar, mas o seu adversário recuperou, segurando-o pela cintura, atirando-o ao chão e desferindo-lhe vários golpes fortes antes de ele ganhar vantagem, revertendo as posições e, mais uma vez, despachar Billy com facilidade.

— Sempre te digo uma coisa, Addie. Arranjaste um belo lutador. E também faz jogo sujo. Para ele, não existem as regras de Queensberry.

— Seis anos na escola — disse Henry pondo-se de pé, mais devagar que antes.

— Que escola? — perguntou Danny.

— A mesma que garantiu que era melhor teres um plano para me matar, porque depois das ameaças que lhe fizeste, se me deixares vivo, não descansarei enquanto não transformar a tua vida num verdadeiro inferno.

— Quais ameaças! — disse Danny. — É tudo perfeitamente normal. Estou só a ter uma conversa com a nossa Adelaide.

Minha Adelaide. As palavras retumbaram dentro de Henry, tão sonoras que ele teve de cerrar os dentes para não as gritar para a escuridão. *Minha.*

— Eu vou contigo — disse ela.

O quarto silenciou-se. Toda a Grã-Bretanha se silenciou. E Henry não conseguiu reprimir o seu rugido de indignação.

— O quê?

— Continua — disse Danny.

— Vou contigo. Levas-me ao meu pai, denuncias-me como a Quebra-Casamentos, o que quiseres.

Um dos golpes de Billy tinha claramente sido mais forte do que Henry pensara.

— Por cima do meu cadáver.

— Não te apoquentes, duque. Provavelmente será assim mesmo — respondeu Danny.

— Adelaide. Que brincadeira é esta? — perguntou Henry.

Ela abanou a cabeça, encontrando o seu olhar, os seus bonitos olhos castanhos muito límpidos. Cheios de verdade.

— Não é uma brincadeira. Vou com o Danny. Ele leva-me para Londres. Com uma condição... — Fez uma pausa. — Esqueces o dinheiro do Havistock. Deixas a Lady Helene chegar a Gretna com o seu homem. Deixas o Clayborn aqui.

Helene? Que estava a acontecer?

— Com mil raios, Adelaide — disse ele. — Ele terá de me matar para me manter aqui, caso partas com ele.

— Isso pode-se arranjar — respondeu Danny.

Ela abanou a cabeça.

— Tens de encontrar o Jack e a Helene. Tens de a manter segura.

Mesmo através da sua fúria, assimilou aquelas palavras, uma nova peça do quebra-cabeças. Mantê-la segura. Não Adelaide, mas Helene. *Segura em relação a quê?*

Danny pareceu ponderar por um momento — tempo bastante para Clayborn pensar que ficaria louco de fúria por ela fazer isto — por ela não confiar que ele tratasse de tudo. Que seria capaz de os tirar dali.

E, então, o vilão falou:

— Não. Não temos acordo. Mas as palavras foram bonitas. — Fingiu que limpava um lágrima do olho. — Pobre Adelaide, perdendo a cabeça por Mayfair, como sempre, postada naquela ponte de que gostavas tanto e olhando para o Parlamento como se este te pudesse dar uma vida diferente.

No momento em que a soltasse, Clayborn cortaria a cabeça do homem.

Danny emitiu um dramático ruído de censura.

— E isto foi o melhor que conseguiste? Deixares-nos todos para trás em South Bank e acabares na mesma como uma rameira? Duque ou não, no escuro todos os homens são iguais, não são?

E então ela retorquiu, com o intenso sotaque de South Bank na voz:

— Não tenhas tanta certeza, Danny. Alguns sabem o que fazer no escuro.

Danny percebeu o insulto e soltou uma gargalhada cruel, virando-a de frente para si. Henry moveu-se no momento ínfimo do movimento, até a lâmina voltar à garganta dela. Agora mais firme. Uma gota de sangue formou-se-lhe na pele.

Ele conteve um grito.

— Continuas uma puta — disse Danny. — Sabes, vai ser bom levar-te comigo. Ensinar-te uma ou duas coisas que te devia ter ensinado há anos. Sempre pensaste que eras melhor do que eu.

— *Eu era* melhor do que tu. Só me tinha esquecido do quanto. — Ele agarrou-a com mais força. — Mas há coisas de que não me esqueci. — Antes de ele poder responder, ela cuspiu-lhe na cara, depois levantou uma longa e ágil perna e deu-lhe uma joelhada nos testículos. Sem piedade.

Linda menina.

Clayborn estava a avançar quando ela segurou a cabeça de Danny, que se dobrara com a dor, e lhe deu uma joelhada no nariz.

O homem gritou e caiu como uma árvore.

Adelaide já estava a virar-se.

— Temos de ir. — Atravessou a sala, apanhando a caixa que tinha caído ao chão na noite anterior e atirando-a para dentro do seu saco. — Agora. Temos de encontrar a Helene.

— Adelaide — chamou Danny, enrolado no chão. Ela olhou para trás. — As tuas raparigas não podem proteger-te em todo o lado. — A ameaça nas suas palavras era inegável. — E o teu duque também não te vai proteger muito mais tempo. Achas que vai? Os rapazes de Mayfair não acabam com raparigas de South Bank.

Sem um momento de reflexão, Clayborn saltou por cima de Billy e dirigiu-se a Danny.

— Não — disse Adelaide, estendendo a mão para ele. — Não. Ele ignorou-a.

— Henry — disse ela. — Não há *tempo.*

Haveria tempo para isto. Ele arranjaria tempo para isto. *Pararia* o tempo para isto. Inclinou-se e levantou o outro homem pelo peito da camisa, olhando-o nos olhos, quase fechados.

— Diz ao *papá* dela — quase cuspiu a palavra para a cara do outro homem —, e a quem mais pergunte, que Adelaide Frampton está sob a proteção do Duque de Clayborn e que quem se aproximar dela terá de me enfrentar.

Um silêncio pesado caiu no quarto. Passou um segundo. Dois. E então Adelaide disse em surdina, de uma forma que indicava que ele fizera a coisa mais errada possível:

— Clayborn.

— Oh — entoou o canalha. — *Proteção.* — Henry resistiu ao impulso que a ênfase lhe provocou. Ao perceber o que a palavra podia significar. Que Adelaide era paga pela sua companhia. E então Danny olhou para Adelaide e disse: — Deves ser melhor nos lençóis do que eu julgava.

Maldito homem.

Sem hesitação, Henry deixou-o inconsciente.

— Creio que nunca me cansarei de te ver fazer isso — disse Adelaide, arrancando várias fitas compridas das saias que tinha usado no dia anterior e estendendo-lhas. — Usa isto.

— Esperta — disse ele, olhando as fitas garridas. — Lembra-me de nunca desdenhar da retrosaria.

Ela lançou-lhe um sorriso rápido, que logo desapareceu.

— Se temos de seguir as regras do vestuário adequado, mais vale usá-las em nosso proveito.

Eficientemente, Henry atou e amordaçou o par de homens, despojando-os das armas. Enquanto se vestia com uma eficiência tranquila, Adelaide observava-o através dos óculos que já colocara.

Quando ele terminou, foi ter com ela, abraçou-a e inclinou-lhe o rosto para cima, fitando-a intensamente nos olhos.

— Estás bem? Ele magoou-te?

Ela encostou uma mão à dele.

— Não. Estou bem. — Apontou com o queixo as lâminas dos vilões na sua mão livre. — Devíamos levar-lhes também os sapatos.

Ele franziu a testa.

— Os sapatos?

Ela baixou a cabeça, desgostosa.

— Velhos hábitos.

— Que género de hábitos exigem que se roube o calçado dos adversários?

— O género que torna mais difícil o adversário perseguir-te. E que garante que terás um novo par de sapatos, se precisares.

Apesar de todas as dúvidas e incertezas que Henry já experimentara ao longo da sua vida, nunca se preocupara com sapatos. As palavras, uma recordação dura do mundo em que Adelaide crescera, convenceram-no de que merecia todas as dores e sofrimentos que colecionara essa noite.

E eram muitos.

Levou uma mão ao nariz, dorido dos golpes.

— Acho que conseguiste o que querias.

Ela cerrou os lábios, com preocupação.

— O quê?

— Aposto que o meu nariz está partido.

Ela aproximou-se para o inspecionar, virando-se para a banheira, onde uma toalha ficara esquecida depois do banho dele, que parecia ter acontecido há semanas. Mergulhando um pedaço do pano na água agora fria, limpou-lhe o sangue da cara e ele estremeceu.

— Está a aparecer uma nódoa negra feia — disse baixinho. — Mais do que uma.

Ele assentiu com a cabeça.

— O meu rosto terá, finalmente, caráter.

O sorriso dela foi tão suave como o seu toque. Como a sua sedução.

— Finalmente, algo para que valerá a pena olhar.

— Vais contar-me tudo acerca do Havistock — disse ele. — Há algo mais do que um pai indignado, tentando impedir um casamento impróprio.

Ela hesitou.

Confia em mim, Adelaide. Confia na minha ajuda.

Ele não o disse, sabendo que ela não escutaria. Olhou-a nos olhos tanto tempo que esperava que ela encontrasse ali o que procurava. A verdade. Que ele era um aliado.

Finalmente, ela assentiu com a cabeça.

— Quando estivermos em segurança.

Teria de bastar, disse a si mesmo enquanto a examinava também, precisando de se assegurar de que não estava ferida. Não precisou de procurar muito.

— Estás a sangrar.

Ela levou uma mão ao pescoço.

— Um arranhão.

Ele tirou-lhe a toalha da mão. Repetiu os seus movimentos. Limpou o ponto onde a faca lhe picara a pele.

— Quero desfazê-lo outra vez. Por cada gota de sangue.

Ela abanou a cabeça.

— Não esta noite. — Ela tinha razão. Embora ele fizesse tudo para não o mostrar, a luta cobrara uma fatura ao seu corpo já magoado. — Vamos fazer-lhe uma coisa pior — acrescentou.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— O quê?

— Vamos devolvê-lo aos Bully Boys... amarrado como um porco, para receber o castigo pelo seu fracasso. Ninguém castiga melhor um canalha por um fracasso do que os da sua espécie.

— Eu gostava de tentar — disse ele, antes de vacilar e se agarrar à berma da banheira, esperando que ela não reparasse.

Ela reparou. Claro.

— Clayborn?

O título, de volta à sua língua. Ele queria pedir-lhe que lhe chamasse Henry, enquanto o luar entrava pela janela, lançando sombras prateadas sobre a pele que ela cobriu rapidamente. Tinha sido sempre assim tão bonita?

Sempre.

Ele susteve a respiração, ignorando a dor intensa que sentiu no flanco. Precisava de uma cama. De um sono decente. Mas não havia tempo para isso; tinham de encontrar Helene e Jack.

— Tu devias estar vestida. Assim, ele não teria sido capaz de te magoar.

Ela avançou para ele, com a sua camisa na mão, a testa franzida.

— Julgas que não tive tempo de atar um corpete quando os criminosos derrubaram a porta? — Encostou a bola de pano ao peito dele, e ele recuou ao toque. — O que é... — O resto da pergunta ficou-lhe presa na garganta quando dirigiu a atenção para o corpo dele, as mãos seguindo o seu olhar preocupado no escuro.

— Adelaide, por muito que eu goste do teu...

— Oh, cala-te — interrompeu ela.

— Perdão... — *Dor. A mão* dele voou para a que ela lhe pousara no flanco. — Caramba!

— *Merda!* — A expressão dela era mais colorida. — Precisas de um médico. — Levantou o olhar para ele. — Consegues andar?

— Claro que consigo! — insistiu ele, ofendido. — Mas estou perfeitamente bem. Não preciso de um médico. — Baixou os olhos e descobriu um golpe. — O Billy deve ter acertado uma.

— Até um relógio parado... — retorquiu ela, mas ele leu a preocupação nos seus olhos.

— Vou ficar bem. É um arranhão.

— Não é um arranhão — disse ela. — Já vi arranhões e já vi feridas de faca e já vi o que resulta de ambos, e precisas de tratamento. — Pegou nos sacos de ambos e passou diante dele, dirigindo-se para o outro lado do quarto. — Precisas de um médico — repetiu, mais para si própria do que para ele — e precisamos de nos afastar deste sítio o mais depressa possível.

Ele arrancou-lhe o saco das mãos.

— Ou então, o quê?

— Ou o Danny vai recuperar a consciência e juntar-se a nós mais uma vez — disse ela, apontando na direção da porta arrombada.

— O Danny — repetiu ele, não lhe agradando o impulso de raiva que o percorreu. — Tu conhece-lo.

Ela não respondeu, movimentando-se rapidamente para junto da pintura que ele notara ao entrar. O que é que ela lhes chamara? Donzelas-escudeiras. Segurou-a pela moldura e afastou-a da parede.

Não completamente, porém.

Abriu-a, revelando outra porta.

— Mais um túnel — disse ele, cruzando o olhar com o dela. — Demorei vinte minutos a encontrar o último.

Ela ergueu as sobrancelhas enquanto tirava a corrente de dentro do corpete e desapertava o pendente metálico ao mesmo tempo que extraía a caixa de rapé das saias.

— Estou impressionada. A outra era muito mais difícil do que esta.

Ele observou-a atentamente enquanto ela selecionava um item da caixa e o fixava no cilindro. Fizera uma chave mestra. Brilhante.

— Tens passagens secretas em todas as estalagens de Inglaterra?

— Lamento, duque — disse ela, erguendo um canto da sua bonita boca num sorriso que quase não lhe chegava aos olhos. — Não tenho tempo para brincar com a sua caixa quebra-cabeças neste momento.

Ele deixou-a brincar. Ela que guardasse os seus segredos.

Ela era magnífica.

— Conduz aos estábulos — sussurrou ela. — Se tivermos sorte, estaremos fora daqui antes de eles acordarem.

A carruagem dela já estava atrelada quando chegaram aos estábulos, com Mary ao seu lado. Ela agradeceu à mulher.

— Avisa a Lucia. Precisamos que um dos rapazes faça uma entrega. E diz-lhe que preciso dela. Ela saberá onde me encontrar.

A jovem assentiu com a cabeça, lançando um olhar nervoso a Clayborn.

— O Billy...

— O Billy esfaqueou um duque e tem sorte por estar vivo — explicou Adelaide.

— E se eu quiser que ele esteja vivo longe daqui?

— Então manda-o com o outro. O frete está pago, e não voltarás a vê-lo. Temos de ir, este sítio não é seguro — disse ela, abrindo a porta e atirando o saco

para o veículo, indicando-lhe que entrasse.

— Entre, duque. Não temos tempo a perder.

Henry abanou a cabeça.

— Vou lá em cima, também.

— Não. Precisas de te deitar.

— E tu precisas de alguém para te proteger.

— E como farás isso, sangrando para cima deles?

Ele virou-lhe as costas e começou a subir, penosamente, devido à fraqueza. À forma como os seus músculos pareciam já não lhe obedecer. Quando finalmente se instalou, ela inclinou-se sobre ele para lhe examinar atentamente os olhos, visivelmente preocupada.

— Temos de te levar para um sítio seguro.

— Ele conhecia-te. O Danny.

Ela não respondeu, tapando-o com uma manta da carruagem.

Ele pegou-lhe na mão. Apertou-a.

— Ele conhecia-te. Conhece o teu pai.

Ela fitou-o por um longo momento.

— Toda a gente conhece o meu pai.

Ele abanou a cabeça.

— Eu não.

Ela sorriu, mas não havia alegria na sua expressão.

— Tens a certeza?

Ele franziu a testa e uma onda de fraqueza abalou-o. *Raios.* Se não tivesse sido esfaqueado, poderia pensar. Poderia associar as coisas. Quem ela era. Quem era o seu pai. Danny tinha dito qualquer coisa. Porque é que não conseguia lembrar-se?

— Acho que talvez... — Tombou pesadamente no assento, apoiando a cabeça na parede da carruagem atrás de si. — Merda.

Ela já estava do outro lado do veículo, para se sentar ao lado dele.

— Duque?

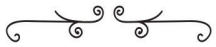
— Não me chames isso — pediu ele, o que era uma coisa ridícula para dizer mas que, de repente, parecia importante. Fechou os olhos. — Na noite passada chamaste-me Henry.

Ela suspirou e deu-lhe o que ele queria, as palavras suaves e doces no escuro, quase como se gostasse delas.

— Está bem, Henry. Temos de te levar para um sítio seguro.

Mas ele perdera os sentidos e já não a ouviu.

Capítulo 12



A cerca de oito quilómetros da Hungry Hen, depois de se percorrerem várias veredas curtas, duas das quais viravam em direção à estalagem, havia uma longa rampa de entrada disfarçada por uma série de cercas e arbustos que tornavam impossível dar com ela se não se estivesse à procura dela. Adelaide estava à procura dela.

Conduziu os cavalos até ao pequeno chalé no cimo da colina — um chalé que estava vazio a maior parte do ano, exceto em noites como esta, quando uma emergência forçava um dos contactos da vasta rede da Duquesa de Trevescan a procurar refugio.

Adelaide conduziu o mais depressa que podia, apenas com uma mão nas rédeas.

Com a outra, aplicava pressão sobre a ferida no flanco de Henry, tentando não pensar na incrível quantidade de sangue — sangue que ensopava a extensão do lençol que ela roubara da estalagem e lhe cobria a mão. Para os impedir, a ambos, de desistir, ela fez a única outra coisa de que se lembrou — falou com ele.

Começou com o ridículo e a exasperação, tendo nascido num mundo que prezava esta reação acima de todas as outras quando enfrentava eventos extraordinários.

— Isto é o que acontece quando se aprende a lutar numa escola para meninos ricos sem nada que fazer, janota — resmungou enquanto deixavam o caminho de acesso à Hungry Hen, inclinando-se sobre o seu corpo inconsciente para ter a certeza de que não eram seguidos.

» Seis anos em Eton não são nada, em comparação com um bandido bêbedo, com o espírito embotado e a lâmina afiada. Claro que estás inconsciente. Nem outra coisa seria de esperar. — Fez uma pausa, depois acrescentou: — No entanto, devo admitir que continuo impressionada com a força dos teus socos.

As ameaças também não funcionaram, pois ele não reagiu a coisas como, «Se não acordares, sou capaz de te atirar para fora da carruagem e de te deixar

desenvencilhar». Ou, «Não tenho tempo nem paciência para o que Vossa Graça está disposto a deixar à minha porta. O que tenho é uma equipa de mulheres mais do que disponíveis para me ajudar a fazê-lo desaparecer».

Tentou também incentivá-lo a acordar.

— Vá lá, Clayborn. Se acordares, deixo-te fazer todas as perguntas. Dou-te todas as respostas. Entrego-te o dossiê, deixo-te ver tudo o que sabemos acerca do teu irmão. Acerca de ti. — Omitiu o facto de que sabiam muito menos do que deviam acerca dele, considerando a capacidade que ele tinha para se fundir com as sombras junto de armazéns e sovar brutos. Tentou uma abordagem diferente: — Deixo-te ganhar a corrida. Deixo os pombinhos casarem. Mas acorda!

E quando nenhuma das outras estratégias resultou, decidiu-se a implorar enquanto seguiam aos solavancos pela colina que levava ao chalé, uma litania simples de palavras que podiam ser uma oração, se orar fosse algo que Adelaide fizesse. Nunca encontrara uma divindade disposta a ouvi-la, por isso rezava a coisas que não eram divindades. Suplicava à carruagem que não perdesse uma roda, e aos cavalos que corressem mais depressa. E rezava para a casa ainda estar bem fornecida de alimentos.

Mas sobretudo, as suas preces eram, supunha, dirigidas a ele. Para o manter a respirar.

— Por favor, não morras — suspirava repetidamente. — Prometeste-me que não morrias. *Por favor.*

Não entendia porque lhe parecia tão pesada aquela súplica. Na sua ainda curta vida já vira morrer muitas pessoas — uma rapariga não crescia onde e como ela crescera sem conhecer o rosto da morte. Mas, por outro lado, a ideia de que Henry podia morrer...

Não devia fazer-lhe um nó na garganta e picar-lhe os olhos. Não devia estar carregada de um tal pânico. Uma tal preocupação.

Por favor, não morras.

E então, na sequência do pensamento silencioso:

Gosto demasiado de ti.

Respirou fundo — sabia que as palavras eram tolas e egoístas. Frívolas. Irrelevantes. Ele viveria ou morreria, e os seus sentimentos por ele eram irrelevantes.

Ele não era para gostar. Não era para ela. Especialmente agora, que sabia que ela não era a menina Adelaide Frampton, prima da Duquesa de Trevescan, com

pequenos delitos como passatempo, mas Addie, filha de um dos piores criminosos de Londres, criada no meio dos gangues de South Bank.

Faria bem em lembrar-se disso — revestir-se dessa verdade e proteger-se do que quer que fosse acontecer com este homem. As emoções eram um luxo a que Adelaide não podia ceder, por isso pôs de lado o desapontamento e a raiva e a frustração e a vergonha e uma quantidade não insignificante de medo, concentrando-se, ao invés, na casa que avistava agora nas sombras, bastante perto para parecer mais escura do que a escuridão à sua volta. Não estava ninguém no seu interior.

Parou os cavalos num sítio fora da vista de alguém que decidisse olhar para o cimo da colina ao passar na estrada, e desceu, implorando:

— Não te mexas.

Quando voltou, alguns minutos mais tarde, depois de acender várias lanternas no interior e pendurar uma do lado oeste, na janela central do piso superior, Henry não se tinha mexido.

Estava quieto como a morte.

E ela fez a única coisa em que conseguiu pensar. Libertou a pressão na ferida e voltou a aplicá-la, com força. Com rapidez. O bastante para o acordar com a dor. Ele gemeu e tentou chegar à ferida, cobrindo a mão dela com a sua. Olhou para ela, a confusão clareando quase instantaneamente... quase. Mais lento do que devia, numa mente tão ágil como a sua.

— Temos de te levar para dentro — sussurrou ela, incapaz de ocultar a súplica e a preocupação da sua voz. Talvez, quando entrassem, ele voltasse a adormecer. Se estivesse inconsciente enquanto ela pensava e cosia a ferida, seria melhor para ambos.

Ele espreitou para a escuridão.

— Onde estamos?

— Num sítio seguro.

— Há aqui outras pessoas?

— Não.

Isto não lhe agradou.

— Então não estás segura, se eu não puder lutar. — Tentou pôr-se de pé mas silvou de dor, levando uma mão imediatamente ao flanco.

— Eu sei tratar de mim. E alguém está a tratar do Danny.

A raiva inundou-lhe o olhar.

— Deixa de lhe chamar isso.

— É o nome dele.

— Detesto que o saibas.

Claro que detestava. Adelaide Frampton não era uma aristocrata — toda a gente sabia disso — mas a ideia de que podia estar familiarizada com verdadeiros criminosos... Era o primeiro tijolo da sua reputação que caía. Quantos mais haveriam de cair?

— Nesse caso, receio bem estar destinada a desapontar-te, duque. — Injetou as palavras de uma falsa bravata apoiando-o debaixo do braço. — Precisas de te concentrar em ficar vivo; tudo o resto pode esperar até estares cosido.

Ele baixou os olhos para ela.

— Quem vai fazer isso?

Ela atirou-lhe um sorriso falsamente alegre.

— Faz tudo parte do serviço que forneço.

— Sabes coser?

— Não acreditas que fui bem treinada nas artes domésticas?

— Tenho problemas em acreditar que arranjaste tempo para as agulhas enquanto treinavas para ser a melhor carteirista do mundo.

Ela ganhara mestria em golpes de faca muito parecidos com o dele, mas preferiu não lho dizer. Ao invés, retorquiu:

— Quer parecer-me, duque, que roubar a sua carteira não exige muito treino.

Ele abanou a cabeça.

— Não estou a falar da minha. Vi-te roubar o Havistock no baile de Beaufetheringstone.

A surpresa percorreu-a.

— Viste?

— Vi — disse ele, estremecendo quando ela apontou a grande tábua de madeira mesmo no meio da cozinha. — Espero que tivesse muito dinheiro.

Tinha sido uma lista das empresas detidas pelo marquês e nas quais ele procurava que outros investissem, apesar de estarem cheias de crianças que trabalhavam por migalhas e muitas vezes não sobreviviam às condições duras.

Adelaide tinha planos para as fábricas.

Abanou a cabeça, a mente disparada, e foi provavelmente por isso que lhe disse:

— Não era dinheiro e tu não devias ter-me visto. Ele não notou. Talvez não tenha sido suficientemente rápida.

— Parecias um relâmpago — disse ele, estremecendo mais uma vez ao encostar-se à mesa. — Mas estou treinado para reparar em ti.

Ignorou o calor que a invadiu ao ouvir a confissão.

Mas era difícil ignorar as palavras que se seguiram. As palavras que lhe saíram da boca.

— Não morras.

— Não morrerei. — Levantou uma mão para a bochecha dela, mas os seus dedos mal lhe roçaram a pele antes de caírem de novo sobre a mesa. Fechou os olhos e acrescentou:

— Prometeste responder a todas as minhas perguntas.

Claro que ele a tinha ouvido na carruagem. Raios.

Ela começou a virar-se para ir buscar as coisas de que precisava para lhe tratar a ferida. Mas ele usou as suas últimas forças para lhe segurar a mão e encontrar os seus olhos, com um olhar límpido e firme.

— Adelaide.

— Sim?

— Quem vai proteger-te se aparecer alguém?

Aquele calor desconhecido novamente.

— Há anos que me protejo a mim mesma, duque. Não te preocupes.

Ele franziu as sobrancelhas negras.

— Não devias ter de o fazer.

Ela forçou um sorriso.

— Tens um enorme golpe no flanco e corres o risco de sangrar até à morte numa mesa de cozinha. Não é o momento apropriado para o amor cortês.

— Quando isto acabar... — As palavras dele estavam a enfraquecer. Tornando-se mais débeis enquanto ele caía no sono.

— Diz — pediu ela, de repente desesperada para o manter acordado. Com

ela.

Não estava preparada para o perder.

— Eu devia ter cuidado melhor de ti — declarou ele, de forma quase inaudível.

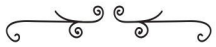
Com um nó no peito, ela dobrou-se sobre ele, considerando a constelação de feridas que ele exibia. As feridas por lutar por ela. As escoriações do acidente de carruagem quando ia atrás dela. Os arranhões no ombro onde lhe cravara as unhas durante o prazer.

Antes de ela poder encontrar as palavras para lhe dizer que ele cuidara dela melhor do que alguém fizera em toda a sua vida, ele prometeu:

— Quando eu acordar... cuidarei melhor de ti.

Ela respirou fundo, resistindo às palavras, mais tentadoras do que alguma vez admitiria. Afinal, ela sabia a verdade. Quando aquilo terminasse, não voltariam a ver-se.

Capítulo 13



Enquanto ele dormia, Adelaide providenciou água quente, lençóis e mantimentos, e acendeu o lume na lareira da cozinha. Mal começara a cortar-lhe a camisa ensanguentada para lhe descobrir o tronco quando soou uma batida na porta e Lucia apareceu.

— Vejo que não perdi a parte boa — notou Lucia, admirando o corpo inerte de Henry enquanto Adelaide lhe puxava a camisa para o lado, revelando o peito largo e musculoso.

Adelaide censurou a amiga.

— Ele está inconsciente.

— Mas ainda não está morto, e eu também não — brincou Lucia, avançando para molhar uma longa extensão de lençol na bacia de água quente que Adelaide colocara ao lado de Henry. Torceu-a e entregou-a a Adelaide. — Nem tu.

Não estava. Mesmo dizendo a si mesma que estava apenas a lavá-lo para ver melhor o lugar no seu flanco onde Billy enterrara a faca — o golpe no tronco onde a ponta da lâmina deslizara até se cravar na pele — Adelaide não conseguia ignorar as elevações e os vales do seu corpo.

— Soubeste alguma coisa pela Mary? — perguntou a Lucia.

A outra mulher fez que sim com a cabeça.

— As tuas entregas já estão a caminho de Londres. Espero que saibas o que estás a fazer, devolvendo o Danny ao teu pai.

— Qualquer hesitação que eu pudesse ter acerca da capacidade e desejo do meu pai de me castigar duramente, desapareceram ao saber que ele mandou o Danny para norte só para me encontrar e me levar para Londres para um castigo similar. O Alfie não gosta de perder. E ainda gosta menos quando os seus Boys são a razão para isso. — Colocou um pano fresco na testa de Henry. — Obrigada pela tua ajuda.

Lucia abanou a mão, como se não tivesse importância.

— Que utilidade teriam o Rufus e o Tobias se não pudesse vê-los a atirar pelos ares homens crescidos? — Apontou o sítio onde uma nódoa negra florescia rapidamente. — O teu homem partiu pelo menos uma costela. E o nariz.

— Já reparei — disse Adelaide, preocupada com os inchaços, os cortes e as nódoas negras visíveis em todo o corpo, que eram responsabilidade dela.

— Imagino que sim — disse Lucia em tom cúmplice.

Adelaide disse a si mesma que fora por notar a costela partida que notara tudo o resto — os músculos e os nervos. E mesmo assim, só o notara porque os duques não costumavam ter corpos assim — eram moles, pálidos e flácidos, devido a vidas de ócio.

— Não me parece que isto seja só do boxe na escola. — Lucia deu voz aos pensamentos de Adelaide.

— Não tinha notado — respondeu.

Lucia riu desdenhosamente, mostrando a sua incredulidade.

— Podes admiti-lo, Adelaide. Só estamos as duas, e estou aqui para te ajudar a salvar o janota. O que não deixa de ser uma deceção, digo-te. Espero alguma moleza em relação aos aristocratas por parte da Sesily, da Imogen e da Duquesa, considerando que são convidadas permanentes do *Almack* ou lá o que é isso...

— Já ninguém dá importância ao *Almack* — afirmou Adelaide, lavando o pano de linho ensanguentado.

As sobrancelhas negras de Lucia ergueram-se num arco.

— Sinceramente. Dói-me ouvir que sabes disso. O que aconteceu à solidariedade entre ladrões?

Adelaide sorriu à outra mulher.

— Não pendurei a lanterna na janela, para te chamar aqui?

— Para salvar um janota, não para o roubar — objetou Lucia, erguendo a garrafa de álcool forte que Adelaide trouxera com o resto dos itens medicinais. — Queres mesmo vê-lo livre de perigo?

— Quero — respondeu, engolindo o nó de emoção que a palavra lhe provocou. — Ele nunca se devia ter envolvido comigo.

E ela devia ter tido o juízo de não lhe pedir mais.

Lucia fez um som de censura a essas palavras.

— Aposto que, se ele estivesse acordado, me diria que esta foi a melhor semana da sua vida. Vamos torná-la ainda melhor, está bem? — Inclinou-se e

gritou ao ouvido de Henry. — Acorde, duque!

Ele franziu a testa.

— Não está inconsciente! — anunciou Lucia. Adelaide empurrou o seu alívio irracional para o fundo do cérebro. — Acho que, se não vamos esfolá-lo, está na altura de o acordar! — Ergueu a garrafa e olhou para Adelaide em busca de permissão.

Concedida.

Ela virou a garrafa e ensopou-o com o líquido claro.

Com um palavrão feroz, ele sentou-se subitamente na mesa, as suas mãos movendo-se imediatamente para o flanco onde, sem dúvida, a dor causada pela bebida forte era excruciante. Adelaide prendeu-lhe a mão.

— Não. Não toques.

— Não toques tu! — rugiu ele. — Mas que raio?

— O que é que eu te disse? Definitivamente, não está morto! — disse Lucia alegremente, e ele virou-se para a olhar.

— A salteadora. Claro. — Fez uma carranca na direção de Lucia. — Já ficaste com o meu dinheiro, agora vieste buscar o meu sangue?

— Está decidido. — Lucia olhou para Adelaide. — Gosto deste duque.

— Henry, por favor... — pediu Adelaide. — Tens de te deitar...

— Ainda estás a sangrar — exclamou ele, as palavras como uma chicotada. — Virou-se de novo para Lucia. — Ela está a sangrar.

— Não é nada. — Adelaide tentou interrompê-lo.

— Ela está a sangrar do pescoço — clarificou ele.

— Sim, já vi — disse Lucia. — E o senhor está a sangrar do flanco. Que par!

— Ela precisa de tratamento. Agora. Antes de seja o que for que vocês as duas me vão fazer.

Lucia lançou um olhar divertido a Adelaide.

— Sabes que este homem está meio louco por ti, não sabes?

— Ele não está...

— Ela está a sangrar. — Olhou para Lucia. — Precisa de ser cosida.

— Não precisa de ser cosida — disse Lucia, como se falasse com uma criança. — É só um arranhão.

— É uma ferida no pescoço.

— Ouça-me, duque. Se eu pensasse, por um momento, que a Adelaide estava em perigo, podia apostar todo o dinheiro daquela bolsa que parece incapaz de manter na sua posse que a trataria antes de alguém tocar em si. Mas além de ela estar bem, há uma forte probabilidade de você não sobreviver a esta noite, por isso cale-se e deixe-nos tratar disto, está bem?

O silêncio seguiu-se à declaração de Lucia e Adelaide ter-se-ia rido da cara chocada do Duque de Clayborn se não estivesse tão preocupada com as desagradáveis probabilidades que a amiga referira.

Ele cheirou o ar.

— Encharcaram-me com uma zurrapa.

Adelaide inclinou a cabeça com um sorrisinho.

— Há quem acredite que ajuda a manter uma ferida limpa.

— Tu acreditas?

— Sim. Alegra-te, porque há outros que pensam que a urina também serve. — Antes de ele poder responder, Adelaide deitou-o de costas mais uma vez. — Não te preocupes. Sou um sonho com uma agulha e linha. Antes de termos a Jane, costumava coser as nossas roupas.

Ele deitou-se.

— Não sou uma peça de roupa.

— Mas pensa no bordado com que vais acordar — retorquiu ela, forçando-se a parecer leve, como se não estivesse aterrorizada com o que podia acontecer.

Então ele estendeu a mão para ela, o polegar áspero na sua bochecha.

— Estás a sangrar.

— É um arranhão.

— Quero que tenha desaparecido quando acordar.

Ela sorriu por causa da arrogância da ordem.

— Não podes obrigá-lo a desaparecer. Isto não é o Parlamento. Não lhe podes fazer um discurso.

— Faz o que quiseres comigo — disse ele. — Mas tu és mais importante.

Ela engoliu em seco. Aquilo não era, nem de longe, verdade, e contudo aquele homem... aquele homem magnífico.

— Tu é que tens de acordar, duque. Tens um mundo para mudar.

— Tu já estás a mudá-lo — disse ele em surdina. — Tu primeiro.

— Oh, gosto dele — disse Lucia docemente.

Sem tirar os olhos dela, respondeu a Lucia.

— Ela primeiro.

— Henry — disse Adelaide, segurando-lhe a mão e apertando com força, permitindo-se fingir, ainda que só por um instante, que havia mais entre eles do que alguns beijos roubados e uma noite de prazer. Que podia haver esperança para o futuro acerca do qual tinham sussurrado no escuro.

Observou a ferida feia, ainda a sangrar. Lucia verteu líquido de um frasco castanho para um pano limpo e estendeu-lho.

Pegando nele, Adelaide devolveu a sua atenção aos seus lindos olhos azuis.

— Perguntaste-me quem me protegeria. — A simples recordação da pergunta serviu para a aquecer. Que coisa estranha e maravilhosa, ter alguém que se preocupasse com ela.

— Eu protejo. — O olhar dele percorreu-lhe o rosto, o polegar acariciando-lhe novamente a bochecha. — És tão bonita.

O coração dela matraqueou-lhe no peito. Este *homem.*

— Esta noite, deixa-me proteger-te.

Percebeu que ele não tinha gostado. Mas antes de poder dizer-lhe o quanto lhe desagradava, Lucia proclamou, encontrando os olhos de Adelaide do outro lado da mesa.

— Está na hora.

Não havia tempo a perder. Tinham de ser rápidas.

Sem hesitar, Adelaide indinou-se e deu-lhe um beijo rápido na boca. Ele levantou a mão até à sua nuca, cerrando o punho no seu cabelo. Ela interrompeu o beijo e disse:

— Até já — e então tapou-lhe o nariz e a boca com o pano que tinha nas mãos, deixando-o inconsciente.

— É notável, esse produto — disse Lucia. — A Imogen mudou mesmo a nossa maneira de trabalhar, não mudou?

Adelaide baixou os olhos para o pano, embebido em algo a que Imogen

chamava éter dórico. Inofensivo e extremamente útil quando se tratava de derrubar vilões. Ou, neste caso, duques que precisavam de ser cosidos.

— É útil ter um génio na equipa — reconheceu Adelaide.

— Aposto que o teu duque não concorda — disse Lucia com uma bonita gargalhada. — Vai ficar furioso quando acordar.

— Ele não é o meu duque — disse ela imediatamente, porque tinha de o dizer. Mas, naquele momento, ele era dela. Era dela, para que se preocupasse com ele. Era dela, para que o protegesse.

— Ah, então agora devemos chamar-lhe o teu Henry? — Adelaide entreabriu um sorriso pela brincadeira da amiga. — Addie — acrescentou Lucia baixinho. — As pessoas sobrevivem a facadas.

Adelaide não desviou os olhos do seu rosto adormecido, magoado e maltratado e, apesar disso, impossivelmente bonito.

— Nem todas.

A febre podia ocorrer de repente. E quase nunca desaparecia.

Houve um longo silêncio enquanto ela trabalhava, fazendo uma fila de pontos regulares no flanco de Clayborn. Quando terminou, cortou o fio e pensou a ferida, besuntando-a com mel antes de colocar a ligadura para a cobrir e à costela partida. Quando terminaram, contemplou o rosto imóvel, a regular subida e descida do seu peito ferido, os seus braços longos.

Finalmente, olhou para Lucia.

— Obrigada.

A outra mulher ergueu uma sobrancelha.

— Pelo quê?

Ela abanou a cabeça.

— Por... — *Por estares aqui.* — Por seres uma amiga.

Os olhos escuros de Lucia viam mais do que Adelaide desejava, mas não colocou a miríade de perguntas que transpareciam no seu rosto bonito. Não questionou a forma como Adelaide segurava a mão do duque.

Em vez disso, comentou:

— Ele estava tão furioso por teres um golpe no pescoço; não me

surpreenderia se acordasse apenas para te vingar.

Adelaide deu uma pequena gargalhada, engolindo em torno do nó apertado na garganta.

Lucia atarefou-se por um momento antes de olhar para ela.

— E a rapariga? Que é feito dela?

Lady Helene, que Adelaide devia estar a perseguir neste momento. Que precisava da proteção das *Belles* mais do que nunca, se o seu horrível pai tinha contratado os Bully Boys para a levarem a casa.

— Está bastante perto da fronteira. Sem o Danny no seu encalço, espero que ela e o Jack cheguem amanhã a Gretna. E se casem. — Fitou Henry, inconsciente. — Por amor.

Jack, que Henry amava desmedidamente. Jack, que Adelaide devia manter em segurança se Henry não pudesse.

— Boas notícias no meio de um caos absoluto. — Lucia fez uma pausa. — Mas têm de ser avisados de que não podem voltar a Londres, ou caem seguramente na boca do lobo.

Um novo genro não impediria Havistock de silenciar Helene. Pelo contrário, este seria outra preocupação para o marquês, que já o pusera na lista das cabeças que pretendia que alguém cortasse por ele, a acreditar em Danny. Lucia tinha razão. Adelaide devia deixar Henry ali. Devia cumprir o plano. Alcançar Helene e Jack e usar a vasta rede das *Belles* para que os recém-casados viajassem em segurança.

Ficar era uma loucura. Não mudaria nada. Ela tinha feito tudo o que podia, e agora só lhes restava esperar. Nem o óleo de alecrim podia ajudar Henry. Vendo o seu rosto, repleto de nódoas negras e um nariz acabado de partir, disse a si mesma que devia partir.

— Preciso de ajuda.

Lucia ergueu as sobrancelhas.

— A Adelaide Frampton, a pedir ajuda? Deves amar muito este homem.

Amor. Seria isso? Aquela necessidade aterrorizada de o ver em segurança, assim como as pessoas que ele amava? Este vazio à ideia de que ele podia não acordar? À ideia de talvez nunca mais falar com ele?

Decerto que não. Isto era horrível.

Afastando os pensamentos, olhou para a amiga.

— Preciso que sejam enviadas mensagens à Helene e ao Jack. E à duquesa.

Mesmo sem olhar sabia que as sobrancelhas de Lucia se tinham erguido de surpresa, mas ficou grata quando a outra mulher falou tranquilamente.

— Combinado.

Adelaide acenou com a cabeça, hipnotizada pela imobilidade dele.

— Que faço agora? — sussurrou.

— Deixas o Tobias carregá-lo para a cama.

— E depois?

Um encolher de ombros.

— Rezas?

Adelaide soltou uma única gargalhada selvagem.

— Tentei na viagem para aqui. Não sou muito boa nisso.

— Felizmente é uma capacidade que não precisa de sofisticação.

A salteadora virou-se para chamar o homem que estava de sentinela do outro lado da porta — protegendo a mulher que amava lá dentro — e Adelaide ficou a vigiar Henry, hipnotizada pelo seu peito e pela forma como este subia e descia, com regularidade, se bem que um pouco depressa demais.

Focada no seu corpo ferido e espancado, e no seu aspeto agora demasiado pálido.

Detestando a forma como observá-lo lhe dificultava a respiração, com o peito pesado pela preocupação, a frustração e os nervos.

Ela passara a vida a fugir deste sentimento. Da forma como a tornava fraca. Vulnerável. Sem controlo.

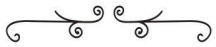
Mas ali, sozinha na cozinha, rodeada pelo silêncio da Inglaterra rural e a luz bruxuleante de uma dúzia de velas e ele, enchendo o espaço mesmo no seu sono, ela não podia continuar a fugir.

Estava fora de controlo.

Fazendo a única coisa que conseguia pensar em fazer.

Dizer *por favor.*

Capítulo 14



O Duque de Clayborn raramente dormia mais de seis horas seguidas.

Oh, ele explicava ao seu valete que não precisava de mais do que algumas horas de sono. Acordava cedo para cavalgadas matinais e trabalhava até tarde à noite, simplesmente levando uma vida que não precisava nem tinha espaço para permanecer, ocioso, na cama.

Era uma linda história, mas falsa.

Henry não dormia porque sonhava. Sonhava com cores vivas e garridas, com sons altos e cheiros intensos — o género de sonhos que deixavam uma pessoa esgotada e exausta ao acordar. E, por vezes, deixavam-no a desejar algo mais do que a sua existência severa e séria.

Assim, treinara-se para ir para a cama tarde e acordar cedo.

Contudo, nessa noite, deitado naquela cama estranha no cimo da colina nos confins do Lancashire, Henry voltou a sonhar.

Nessa noite e na seguinte e na seguinte, dominado, devassado pela febre, os sonhos regressaram, vivos e inelutáveis.

Sombras ominosas. Homens acoitados na sua visão periférica, desaparecendo sempre que tentava vê-los mais claramente. Segredos.

Uma mulher, cabelos como fogo. Olhos como veludo. O nome dele nos seus lábios, como a água fresca na sua testa.

Por vezes, a esta juntava-se outra. Faziam um par — salteadoras de olhos vivos em cavalos imponentes, roubados, parando carruagens para recolher mais membros para o seu bando folião. E a que tinha fogo no cabelo usava saias enormes, que atava à cintura com fitas longas e garridas. Rodopiava e rodopiava enquanto esperavam pela carruagem seguinte, as saias alargando, expandindo-se, até ele poder tocar-lhes do sítio de onde observava, a quilómetros de distância. Mas mal os seus dedos roçavam na seda macia, ela desaparecia.

Uma carruagem partida. Um rapaz numa árvore.

Novamente a mulher de cabelos de fogo, desta vez rindo ao saltar da ponta

do cais para a água azul e fria do lago da sua propriedade no campo, rompendo-a como um espelho. Todavia, era mesmo a propriedade no campo? Não. Era o Tamisa, aquelas saias coloridas espalhadas em redor dela enquanto flutuava para longe, o seu riso ao vento enquanto ele a perseguia, apavorado de a perder para a corrente. Para o lodo. Aterrorizado com a ideia de não ser capaz de a manter segura.

Ele não conseguia apanhá-la; ela não queria ser apanhada.

Mas ele perseguia-a pela margem, primeiro nas docas e depois nos barcos e em seguida entrando na água, dentro da água, frustrado ao tentar em vão gritar o seu nome e, por alguma razão, sem conseguir lembrar-se dele. Estava desesperado por chegar junto dela, sabendo que esta perseguição, por mais que durasse, como quer que acabasse, era tudo o que tinha.

E então, quando a apanhava, por acaso, pela ponta de uma longa fita dourada, ela virava-se para ele e a fita soltava-se, e na ponta ele descobria uma chave brilhante e ornamentada.

Ele guardava-a no bolso, junto do coração, mantendo-a quente, como ela fizera, e flutuavam, a água fria na sua pele quente, os dedos dela acariciando-lhe o braço, enrolando-se nos seus.

— Henry — sussurrava ela.

Silêncio.

A água estava quieta, novamente um espelho. Reparado. O sonho tinha acabado, mas ele não conseguia acordar.

***

Tinham passado quatro noites desde que lhe tinham cuidado da ferida e ele adormecera. Quatro noites a vê-lo retorcer-se na cama. A febre viera em poucas horas, Adelaide dormia aos bocadinhos e inquieta na cadeira ao lado da cama, acordando para lhe enfiar colheradas de caldo pela goela abaixo e lhe mudar os pensos e espalhar sálvia nas feridas.

Na terceira manhã observaram-no a retorcer-se e a virar-se e a pontapear os cobertores lavados para se destapar, e Lucia dera voz à preocupação que Adelaide estava demasiado assustada para contemplar.

Ou, pelo menos, dera voz a uma parte da preocupação, soando mais séria do que Adelaide alguma vez a ouvira.

— Se não baixar em breve...

A garganta de Adelaide embargou-se no pesado silêncio que se seguiu, tentando controlar as lágrimas motivadas pela frustração de saber que Lucia tinha razão.

— Eu sei — disse, mal reconhecendo a sua voz, exausta de preocupação e falta de sono e da constante repetição do nome dele — a única palavra que dizia, pois não sabia que mais dizer.

Pediu a Lucia que localizasse Helene e Jack — que assegurasse que eles encontrassem o caminho para Gretna e estivessem num sítio seguro. Ela podia não conseguir manter Henry seguro, mas podia perfeitamente encontrar o seu irmão. A amiga partiu, aninhada sob o pesado braço de Tobias, prometendo fazer o que pudesse, e Adelaide dedicou-se a Henry, encontrando agora palavras novas. Mais desesperadas.

Não morras.

Não agora... quando acabei de te encontrar.

Ele prometera-lhe acordar, não prometera? Tinha-o dito. *Vou cuidar melhor de ti.* Tinha-o dito como se ela fosse preciosa. Não apenas uma mulher a ser trocada por uma parceria, ou uma ladra a ser usada para um trabalho, ou uma vigia silenciosa num salão de baile cheio de aristocratas horríveis, recolhendo mais informações do que dinheiro. Não apenas uma rapariga de South Bank sonhando com um duque.

Disse-o como se ela fosse digna de ser cuidada simplesmente porque *era.*

E ela queria que fosse verdade enquanto o vigiava, suplicando ao universo que o deixasse viver. Imaginava que ele ia cumprir a promessa. Que ficaria com ela. Que a protegeria.

Que estaria com ela, em vez de ambos estarem sozinhos. Que tornaria as suas fantasias reais.

Como seria isso?

Impossível.

Ainda assim, Adelaide passou os longos e intermináveis dias velando Henry, contando-lhe histórias, desejando que se curasse — aquele homem impossivelmente forte, impossivelmente poderoso, que agora parecia impossivelmente quieto.

Ao princípio, parecia conseguir acalmá-lo com um toque. Com um pano

fresco e um sussurro gentil. Contou-lhe um milhar de histórias nesses dias — coisas em que não pensava há anos. Acerca do gato que tinha tido quando era criança, o que escondera do pai, porque ele achava que os animais de estimação amoleciam as crianças. Acerca daquela vez que roubara fitas para o cabelo numa retrosaria em Croydon. A vez em que se introduzira num teatro em Drury Lane e dera por si numa das entradas do palco.

Esteve quase a contar-lhe as partes piores. Os segredos.

Mas negociou com o universo e todos os deuses que pudessem estar a assistir, e quando isso não resultou, negociou com Henry, prometendo-lhe tudo o que ele pedisse, se acordasse.

Os sonhos tinham parado pouco depois disso, e Adelaide não sabia se era um bom sinal ou não.

Ele parou de se agitar e de gemer e recaiu em algo que o mundo reconheceria como um sono, e para outros, pensou Adelaide, significaria uma dádiva. Mas odiava a imobilidade silenciosa em que ele tombara. Odiava que a sua respiração fosse regular e ele já não se movesse. Odiava que ele já não se virasse para ela quando sussurrava o seu nome. Que já não se virasse para o outro lado quando lhe premia um pano demasiado frio na testa demasiado quente.

Odiou também outras coisas. Não lhe ter agradecido por levar uma facada por ela. Por lutar por ela. Por deixar o bruto partir-lhe o nariz e uma das costelas.

Não lhe ter agradecido a noite em que a segurara nos braços e lhe dera prazer como ela nunca tinha sentido.

Que ele não acordasse, para ela poder fazer essas coisas. Ter mais dessas coisas. Ter mais dele.

Observou-o, imóvel como a morte — que expressão horrível — até não suportar mais. Até ter de se mover, tirar um frasco de sálvia do saco e tratar-lhe as nódoas negras e arranhões que ele sofrera por ela.

O seu nariz. A face. As costelas. A ferida de aspeto doloroso na coxa. O arranhão feio no ombro. Os nós dos dedos esfolados, que ganhara ao enlouquecer para a manter segura.

Praguejou duramente no quarto silencioso. Ele passara menos de uma semana na sua companhia, e isto era o que ela lhe tinha feito. Este era o mundo dela, e ameaçava aquele homem bom e decente a cada um dos seus passos.

O calor na sua testa queimava como chamas. Quanto tempo podia um corpo sobreviver à febre? A questão arrancou-a do seu assento e fê-la atravessar o quarto para molhar outro pedaço de linho, um esforço final.

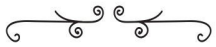
Ele não se mexeu.

— Henry — sussurrou ela, enchendo a palavra com todo o medo e mágoa que nunca exprimiria em voz alta. Não havia mais nada a dizer, a não ser «Por favor».

Ela estava cansada.

E então, com mais um suspiro baixo do seu nome, ela enrolou-se na cadeira, encostou a cabeça à colcha da cama e, com os dedos firmemente entrelaçados nos dele, adormeceu.

Capítulo 15



Quando abriu os olhos, o quarto estava em chamas, e imaginou por um instante que era outro sonho, este mostrando apenas os lindos e brilhantes caracóis de Adelaide enrolados nele como fogo.

Permaneceu quieto por um longo momento, catalogando o espaço — as traves de madeira do teto e o gesso branco das paredes e a janela no extremo oposto, virada a leste, onde o sol nascia, afugentando a noite da terra.

Estava frio, o lume decerto se apagara, a certo ponto, durante a noite. Quis virar-se para a lareira, mas sentiu uma dor súbita no pescoço, como se não se mexesse há dias. Não se mexia há dias? Era de noite a última vez que estivera consciente, mesmo antes de Adelaide lhe ter cosido o flanco. Mesmo antes de o ter posto inconsciente com uma poção, certamente concebida por alguém do seu grupo. Ia ter uma conversinha com ela acerca disso.

Mexeu-se, testando o sítio onde a faca o penetrara. Sentia-se novo, mas não propriamente fresco.

Lentamente, avaliou o estado do seu corpo, a pontada de lado, a dor no pescoço. A sensação simultânea de exaustão e repouso, como se tivesse estado inconsciente apenas um momento e uma eternidade.

A mão na sua.

A mão *dela* na sua.

Olhou para o fundo da cama, por cima da coberta, e ofegando, viu algo que dissipou as dores e o sofrimento: Adelaide estava ali, enrolada numa cadeira, a cara na ponta da cama, de frente para ele, adormecida.

Adormecida e de mão dada com ele, os dedos entrelaçados nos seus, como se o segurasse ali, amarrado à cama. Àquele quarto. À terra.

A *ela*.

E, nesse momento, um pensamento louco invadiu-o.

Talvez ela o *tivesse* mantido ali.

Talvez Adelaide Frampton, apenas pela sua força de vontade, o tivesse

mantido vivo.

Apertou-lhe os dedos, sabendo que não devia. Sabendo que devia deixá-la dormir, mas querendo que ela abrisse os olhos mais do que quisera alguma coisa em toda a sua vida.

— Adelaide — sussurrou. A sua primeira palavra, como um novo começo.

Ela abriu os olhos, arregalados e limpos e imediatamente alerta, mesmo sem os óculos. O choque iluminou-os e uma pequena ruga formou-se-lhe entre as sobrancelhas, como se não acreditasse no que via, e ele não pôde evitar o prazer que sentiu — a ideia de ela poder estar feliz por ele acordar.

Ela soergueu-se, tirando a mão da dele, e ele resistiu à urgência de a perseguir, de a reclamar novamente. De voltar a tocar-lhe.

— Adelaide... — disse ele novamente, em surdina, como se receasse assustá-la ao falar acima de um sussurro.

Ela respirou fundo ao ouvi-lo e endireitou as costas. E então...

Lágrimas. Os seus bonitos olhos castanhos marejados de lágrimas, e ele não pôde conter-se de a procurar e repetir o seu nome.

Sentou-se, ignorando a dor na ferida, a pontada nas costelas, que não importava. Não enquanto ela estivesse a chorar.

— Não devias... — Ela começou a dizer-lhe que não se mexesse, mas parou, abanando a cabeça, ficando silenciosa por um longo momento, uma mão, aquela mão que tinha sido dele momentos antes, fechada num punho e encostada à boca enquanto o olhava, com as lágrimas a rolarem. — Pensei...

Foi com um nó na garganta que ele esperou, enquanto ela se debatia com as palavras. Pousou uma mão no peito, onde lhe ardia a pior das dores, a que vinha da dor dela.

— Amor... Não, não chores.

— Pensei que tu ias... — Deteve-se por um momento, depois acrescentou com urgência, enquanto limpava as lágrimas: — Não estou a chorar.

— Claro que não — disse ele, vendo as lágrimas que ela era impotente para travar, desejando apertá-la contra si e segurá-la e dar luta ao que quer que as tivesse provocado.

Porém, era ele. Era ele que as provocava.

Porque ela gostava dele.

Não que ela o confessasse.

Estava a balbuciar, tentando explicar as lágrimas.

— Não estou a... — Interrompeu-se e tentou recomeçar. — Isto não é...

Ele abanou a cabeça.

— Eu sei.

— Só estou aliviada, percebes? — Ela limpou uma lágrima. E outra. E soltou um risinho que lhe deu vontade de fazer o mesmo.

— Claro — disse ele. — Não querias ficar com um duque morto nos braços.

Outro riso, este mais rico. O género de riso que fazia um homem desejar provocá-lo todos os dias. Durante muito tempo.

— Exatamente — concordou ela. — Tu não és um duque dos piores. Não deves morrer.

E embora ele não gostasse das lágrimas, gostou muito daquele sentimento.

— Não sou um duque dos piores — repetiu. — Vindo de si, é um grande elogio, menina Frampton.

Tentou pôr-se de pé, ignorando os protestos do seu corpo.

Ela atirou-se para a frente.

— Cuidado, vais magoar-te. — Estendeu a mão para ele sem hesitar, e os dedos frios deslizaram pela pele dele para o ajudar, como se ele fosse seu.

O que ele era, com todo o gosto.

Contudo, ela não parecia tão certa disso e soltou-o com demasiada rapidez, afastando-se como se se tivesse queimado.

— Desculpa — disse baixinho. — Eu não devia ser tão...

Ele interrompeu-a, não querendo que ela acabasse a frase. Apesar de ela *dever* acabá-la. Apesar de ele querer que ela acabasse. Sempre que desejasse. Todo o tempo que desejasse.

— Porque estavas aqui?

Ela pestanejou.

— Aqui? Na casa?

— Sim. Neste quarto. Não havia outro sítio para dormires com mais conforto?

Os lábios dela formaram um pequeno O e, por um momento, ele pensou que não lhe responderia. E depois, simplesmente:

— Tu estavas aqui. Neste quarto.

O prazer floresceu-lhe no peito. Ela não quisera deixá-lo. ótimo. Olhou para a cama, com largura suficiente para dois.

— Só há esta cama? — Ela confirmou com a cabeça e ele ergueu uma sobrancelha. — Há uma chocante falta de camas neste país.

Ela deu uma gargalhada límpida.

— Achas que escreva uma carta de reclamação?

E pronto. As lágrimas que ela derramara por ele tinham finalmente desaparecido. Caramba, a forma como o tinham feito sentir, ao mesmo tempo cheio de raiva e cheio de orgulho — era primitivo.

— Não há necessidade — disse ele. — Tenho andado à procura de outro tema parlamentar, e acho que isto é algo que toda a Inglaterra apoiará.

— Camas adicionais? — Os olhos dela faiscaram, brincalhões, e ele inclinou a cabeça para a observar, para se deleitar nela, um bálsamo tão eficaz como uma janela aberta ou um banho quente ou um pouco de pó dentífrico seriam nesse momento.

— Agora que penso nisso, estou bastante satisfeito com o número de camas que encontrámos durante a nossa viagem. — Fez uma pausa. — Há quanto tempo estou nesta, precisamente?

— Hoje é o quinto dia — respondeu ela.

— Santo Deus, a sério?

— Pensámos que tu podias não... — Inalou profundamente para se impedir de derramar mais lágrimas. — Bem, mas conseguiste. Por isso não importa.

— E dormes aqui, nessa cadeira, há quatro noites? — Ele detestava isso.

Ela confirmou.

— Podias ter acordado. Podias ter precisado de mim.

— E acordei? Precisei de ti?

Ele soube instantaneamente a resposta. Lembrava-se dos sonhos, da forma como a seguira, como ansiara por ela. A forma como ansiara por ela aqui, também. Na realidade. Mesmo agora, depois de quatro dias de inconsciência e meia dúzia de dores que eram mais do que um simples desconforto, a forma

como ansiava por ela — a carência cravando-lhe as garras —, era a pior de todas.

— Podia ter acontecido — repetiu ela, dando um passo atrás, como que para colocar distância entre ambos. — Por isso fiquei aqui.

— Apenas uma cadeira — sussurrou ele, permitindo-se finalmente estender a mão para ela. Segurando-lhe a mão, a mesma que segurava quando acordara. Como se fosse a sua casa.

Ela deixou-o segurá-la.

— É um quarto pequeno.

— E uma cama grande.

Ela engoliu em seco.

— Henry, estavas inconsciente.

— Mmm — disse ele. — Mas agora não estou inconsciente e não gosto das tuas lágrimas. Deixa-me abraçar-te. Deixa-me acabar com elas.

— Eu não chorei — insistiu ela, apesar de, miraculosamente, lhe permitir puxá-la para si, colocar os braços em redor dela e absorvê-la, chuva fresca e alecrim.

— Cuidaste de mim — sussurrou ele para o cimo da sua cabeça. — Tal como prometeste.

Ela inspirou profundamente e relaxou nos seus braços, mole e lânguida. A sua pobre rapariga estava exausta, e foi por isso, provavelmente, que confessou:

— Estava assustada.

As palavras não deviam ter causado um motim dentro dele, mas causaram, nesse percurso gémeo de prazer e dor — por ela ter temido pela sua vida e também por ele ter sido a fonte da sua preocupação.

— Peço desculpa — disse ele para os seus caracóis cor de fogo, que lhe caíam em cascata sobre os ombros, apesar de estarem presos na nuca. — Lamento não ter estado contigo. Mas estou aqui agora. Caramba. Cinco dias... — disse baixinho. — Eles chegaram a Gretna.

— Provavelmente. — respondeu Adelaide. — Agora estão a ser seguidos por outros.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Outros dos nossos? Ou outros do Havistock?

Ela lançou-lhe um sorrisinho cúmplice.

— Outros dos nossos. Embora me surpreenda que nos reclames teus.

— Se me for permitido — disse ele. — Nunca tive uma equipa.

Com um aceno de cabeça sério, ela disse:

— Podes experimentar a minha.

Ficaram ali, enrolados um no outro, na certeza de que algo acontecera entre ambos — algo que não podia ser alterado. O que quer que a menina Frampton e o Duque de Clayborn tivessem sido um para o outro cinco dias antes, não era o mesmo que eram neste momento.

Henry maravilhou-se pela revelação, pela mudança.

Pela promessa do que isso podia significar.

Havia um vasto mundo de preocupação fora daquelas paredes. Jack e Helene e os Bully Boys e Havistock e o gangue feminino de Adelaide — havia perigos ao virar de cada esquina. Mas ali, naquele quarto, o sol nasceu e afugentou tudo, deixando apenas os dois.

Por um pouco mais de tempo.

Ela mexeu-se nos seus braços, afastando-se para procurar os óculos, com as bochechas a arder. Ele compreendeu imediatamente — a sua forte, brilhante e solitária Adelaide, que não precisava de nada além da sua inteligência, gostara de ser abraçada.

O que funcionou muito bem, como se não houvesse mais nada de que Henry gostasse tanto como de a ter nos seus braços.

Mesmo assim, ele resistiu à tentação de a puxar de novo para si. De voltar para a cama e levá-la consigo. Talvez não tivesse força para fazer amor com ela, mas decerto tinha a bastante para a abraçar por algum tempo.

Ela enfiou um caracol errante atrás de uma orelha, vermelha como uma brasa, e saber que o que ela estava a pensar a tinha feito corar até às orelhas fez Henry reavaliar a sua força para toda a espécie de coisas.

Perguntou-se onde mais teria ela corado.

Jurou descobrir.

Mas Adelaide não tardou a recuperar a compostura, e era óbvio que tinha outros planos. Virando-se, arrumou a mesinha ao lado do lavatório e, com uma

desculpa murmurada acerca de comida e água fresca apressou-se a sair do quarto, deixando-o entregue às suas abluções.

Enquanto se lavava, examinou as feridas — desenrolou a ligadura em torno do tronco, revelando o golpe profundo que atravessava o abdómen e terminava com mais de cinco centímetros de pontos no flanco. Trabalhinho de Billy, presumiu ele, tal como a maior parte dos hematomas amarelecidos que lhe salpicavam as costelas.

Sem um espelho, não conseguia ver o resto — mas sentia o rosto retesado com o que só podiam ser feridas, e não tinha dúvidas de que levara um murro na cara durante a luta.

Na verdade, era embaraçoso. Só esperava também ter causado bastantes danos.

Ela voltou com um tabuleiro, entrando com uma deliberação silenciosa que ele suspeitou que usava para permanecer invisível. Impossível. Recusando-se a perder momentos preciosos que podiam ser passados a notá-la, ele demorou-se a secar a cara e o peito — estivera em tronco nu na cama — e viu-a atarefar-se pelo quarto, esforçando-se por não o olhar, atiçando o lume na lareira, vertendo água num copo, endireitando-lhe as almofadas e lençóis e abrindo a cama cuidadosamente.

Quando a tarefa ficou concluída, ela endireitou-se, de costas para ele, e ele descobriu que já não lhe apetecia não lhe ver o rosto.

— Obrigado — disse.

Ela não se virou.

— De nada.

— Adelaide?

A coluna dela não podia estar mais direita.

— Sim?

— Estou tão hediondo que não suportas olhar-me? Instantaneamente, ela voltou-se para o olhar.

— O quê? — Antes de poder responder, arregalou os olhos, vendo-o na totalidade. — Tiraste as ligaduras!

Atravessou rapidamente o quarto, pondo as mãos sobre ele ao mesmo tempo que pegava em rolos de linho limpo para refazer o trabalho que ele destruíra.

— Se eu soubesse que bastava isto — disse ele em surdina, incapaz de afastar os olhos dela —, teria tirado as ligaduras assim que acordei.

— Tu não podes simplesmente... tirá-las. Tens uma costela partida.

Ele assentiu com a cabeça.

— Mais do que uma, creio. — Houve uma pausa minúscula nas suas ministrações enquanto digeriu as palavras.

— Isso não parece uma coisa que um janota pudesse saber.

— Talvez eu não seja como os outros janotas.

Ela olhou-o.

— Esqueces-te, duque, que passei muito tempo em salões de baile contigo.

— A observar-me? — perguntou ele.

Ela voltou a atentar nas ligaduras.

— Levanta os braços.

— As tuas orelhas estão a ficar vermelhas, Adelaide.

Ela levantou bruscamente a cabeça.

— O quê? — Levou uma mão à ponta de uma daquelas orelhas perfeitas. — Não sei o que isso significa.

— Em jogos de cartas, creio que se chama uma denúncia.

Ela desviou o olhar.

— Diz-me como sabes das costelas partidas.

— Confessa que me observaste nos salões de baile.

— Observo toda a gente nos salões de baile — retorquiu ela.

— Sim, mas pergunto acerca de mim, especificamente.

— Não o tomes como um elogio — disse Adelaide. — Passei muito tempo a observar-te e a imaginar como seria derrubar-te. Apenas isso.

— Mmm — disse ele. — E olha como acabámos. Tu a cuidares de mim durante a convalescença.

Ela não conseguiu esconder o sorriso.

— Uma tarefa que seria mais fácil se não retirasses as ligaduras.

— Ah, mas nesse caso, como conseguiria que me tocasses?

Ele esperava que ela corasse e se enervasse. Não esperava que o olhasse

através das suas bonitas pestanas pretas, como uma verdadeira deusa, e dissesse:

— Podias tentar pedir com jeitinho. — Ele exalou asperamente ao ouvir as palavras, adorando-as quase tanto como adorou o sorriso maroto nos seus lábios ao perceber que o abalara. — Senta-te, por favor.

Ele obedeceu, baixando-se para a ponta da cama e recusando deitar-se.

— Para confirmar, tu observas-me nos salões de baile.

Ela revirou os olhos, tombando na cadeira diante dele.

— Pronto, está bem. Observo-te.

Porque é que isso o fazia querer cantar de orgulho?

— Agora diz-me como sabes das costelas partidas — acrescentou ela.

— Para ti é tudo uma troca? Respondo a uma pergunta, tu respondes à seguinte?

— A informação é o bem mais valioso que existe, Vossa Graça. Traz poder, segurança e uma garantia de futuro.

— Tu tens todas essas coisas.

Ela abanou a cabeça.

— Nenhuma mulher tem realmente essas coisas. Quando muito, tem aproximações.

— Adelaide Frampton, prometo-te uma coisa: enquanto eu viver vou manter-te salva e segura. — Os olhos dela voaram para os dele, cheios de surpresa e algo que parecia calor. Ele sorriu. — Tu e o teu gangue de mulheres produzem o poder.

Ela descaiu os lábios bonitos. Ótimo. Ela que ficasse a pensar nisso enquanto ele respondia à sua pergunta.

— Disse-te que lutei seis anos na escola. O que não te disse foi que não lutava na escola.

— Que quer isso dizer?

— Quer dizer que eu era um rapaz de 14 anos zangado, à procura de um sítio qualquer para enfiar um punho que não fosse a cara do meu pai. — Ela ergueu as sobrancelhas, mas não falou. — Acreditas que eu não era o único rapaz em Eton interessado em encontrar esse sítio?

Ela deu um risinho.

— Na verdade, acredito. Embora argumente que teriam todos feito um

grande serviço ao globo se tivessem tido coragem para distribuir socos aos homens da aristocracia.

Ele correspondeu ao sorriso dela.

— O meu pai não era um mau homem. Era bom. E generoso.

— Então, eras apenas um rapaz de 14 anos zangado?

— Isso é razão mais do que suficiente para muitos rapazes de 14 anos, mas não... Ele escondera-me um segredo. — Encontrou os olhos dela. — Sabes qual é?

Ela abanou a cabeça.

— Não sei.

Ele acreditou.

— Mas gostavas de saber.

— Claro que gostava.

Porquê? Porque a informação era a sua moeda de troca? Ou porque queria guardar os segredos dele junto dos dela?

— Mas, mais importante — acrescentou ela, sem noção dos pensamentos dele —, contar-me-ias?

Talvez. Mas não nesse momento.

— Não.

Ela sorriu.

— Não tenho dificuldade em imaginar que achaste este segredo bastante importante para frequentares um ringue clandestino durante seis anos. Conta-me o resto da história.

— Eu estava furioso. Gostava de esmurrar outros rapazes para a minha raiva ser menos...

— Raivosa? — ajudou ela.

Ele assentiu com a cabeça.

— Embora, naturalmente, não praticássemos todas as regras cavalheirescas do boxe, tínhamos alguma regras para manter os rostos livres de ferimentos...

— E para manter os narizes intactos?

— E isso — confirmou ele, gostando dela mais do que devia. — Como é que

te parece o meu nariz, a propósito?

Teatralmente, ela ajustou os óculos e examinou-o.

— Parece estar a doer.

Doía, mas ele nunca o admitiria.

— Digo-te uma coisa, o Billy tinha uma direita excelente!

— Não te preocupes, duque. Saíste-te bem.

Na sequência das palavras, Henry recordou a luta, que começou por lhe chegar em pequenos fragmentos até que veio toda de uma vez, com um registo completo do que lhe acontecera.

— Que é feito do Danny?

Ela olhou-o nos olhos e reconheceu ali o brilho da vergonha — e quis que este desaparecesse. Que fosse banido para sempre. Abanou a cabeça.

— Mandei-o de volta para Lambeth.

Ela não estava pronta para confiar nele, e Henry quis rugir de frustração. Agarrara-se a qualquer segredo, qualquer pequena informação. Reunira tudo na mesma imagem. Mas continuava a não ser suficiente.

Quem era Adelaide Frampton?

Não era Frampton.

As palavras sussurraram através dele ao rever as cenas mentalmente, uma vez após outra, tentando recordar todos os momentos. Todas as palavras.

Serás sempre Lambeth, Addie Trumbull. Clayborn arregalou os olhos quando as coisas começaram a encaixar. Trumbull, como Alfie Trumbull.

De repente, tudo começou a fazer sentido.

Alfie Trumbull era o líder dos Bully Boys. E Adelaide...

As histórias que ela contara. O casamento em troca de uma parceria de negócios. Os rapazes na ponte. O pai dela, o rei. A sua familiaridade naquele armazém de South Bank, nas docas, lutando com os rufias de South Bank, o frente a frente com aquele rufia de Lambeth.

Ela não era apenas a Quebra-Casamentos, perseguida por criminosos contratados por monstros de Mayfair. Ela era filha do rei dos Bully Boys, uma princesa de South Bank, entregue a si própria quando fugira do pai. Como é que ele a deixara, simplesmente, partir? Se ela lhe pertencesse, Henry faria tudo o que pudesse para a manter. Para a estimar. Para a amar.

E Alfie Trumbull fizera o oposto. Deixara-a ir, depois mandara Danny ir buscá-la para a castigar.

Danny. O homem tinha sido tão familiar com ela. Havia ali alguma coisa.

— O que é que ele te é?

A garganta dela mexeu-se, e ele queria que ela falasse, contendo as suas desconfianças. Aquilo que sabia.

Confia em mim.

— É o braço direito do meu pai.

Ele aguardou por um longo momento, desejando fazer um milhar de perguntas. Finalmente, desistiu.

— Há aqui um espelho?

Ela abanou a cabeça.

— Não me parece boa ideia.

— É assim tão mau?

Ela sorriu.

— Vais recuperar.

— Mostra-me.

Enquanto ela considerava o pedido, mordiscando a ponta do lábio inferior, Henry resistiu à tentação de se inclinar e a beijar ali. Finalmente, ela assentiu com a cabeça e, após remexer longamente no seu saco, retirou lá de dentro um espelhinho de bolso, mais pequeno do que a sua mão.

Refletia bastante bem, na verdade, e ele fez uma careta ao ver a feia nódoa negra no sítio onde Billy lhe acertara em cheio.

— Caramba. É hediondo.

— Chiu — disse ela, e ele descobriu que gostava do risinho na sua voz. Correspondeu ao sorriso dela.

— A única coisa que posso esperar é que ele esteja pior do que eu.

— Oh, tenho a certeza de que está — disse ela. — Não te preocupes. Em breve as senhoras de Londres vão dar risadinhas e desmaiar ao ver o severo Duque de Clayborn voltar com um lindo alto no nariz.

Ele baixou o espelho, muito consciente do quão feia era a ferida.

— É com isso que as mulheres sonham? Ossos partidos?

— Não é por causa do osso partido, mas sim da ideia de o teres partido... — Parou tão rapidamente como tinha começado.

Ele inclinou a cabeça.

— Continua.

Ela abanou a cabeça. Ele entregou-lhe o espelho e, quando ela ia pegar-lhe, puxou-a mais para si, instalando-a entre as suas coxas.

— Conta-me. Conta-me os hábitos secretos das mulheres.

Ela riu-se e estendeu a mão para entalar o cabelo dele atrás da orelha, quase distraidamente, como se nem tivesse consciência de estar a fazê-lo. O toque suave das pontas dos seus dedos na têmpora ateou um fogo que o percorreu, ansiando por esse toque noutras partes.

— É só que... ficamos a perguntar-nos onde é que o nariz foi partido. Em que circunstâncias. Foste o herói da cena? Ou o vilão? E, se foste o herói... estavas a lutar por outra?

A última pergunta desvaneceu-se, até ser mais respiração do que som.

Ele olhou-a nos olhos.

— Estava.

Ela anuiu com a cabeça.

— Essa fratura... é... — As mãos dela estavam agora nos seus ombros, macias e quentes, e o seu toque era uma tentação. Ela não estava a mexer-se mas, caramba, ele queria tanto. — Não é hedionda — declarou ela. — Não é. É...

Ele daria toda a sua fortuna para que ela terminasse a frase. Passou-lhe as mãos pelos lados do corpo, traçando-lhe as curvas, memorizando a sensação dela. A forma dela. A maneira como a respiração lhe saía entrecortada do peito, como que a traindo.

— Diz-me.

— É minha.

Sim. Era dela.

Ele descobriria em breve como a fazer sua, mas isto era um começo.

Ela estava mais perto agora, e ele estava envolvido no cheiro dela — a menta do seu hálito e aquele maravilhoso alecrim que ele sabia ser produto dos seus cuidados.

— Tocaste-me — disse ele docemente, os lábios muito perto dos dela, testando a sanidade de ambos. Os dedos dela fletiram-se nos seus ombros.

— Sim.

— Eu estava à tua mercê.

Os olhos de Adelaide encontraram os dele, as pupilas negras de ambos dilatadas de excitação e de algo que ele identificou instantaneamente: desejo.

— Pois estavas.

— Notaste os sítios onde eu precisava de ti. Esfregaste-me sálvia nas feridas e colocaste-me panos frescos na testa.

Ela assentiu com a cabeça, um movimento trémulo e perfeito.

— Diz-me, Adelaide Frampton, que me notou em salões de baile durante anos... notaste-me então? Aqui? As partes que não estavam feridas?

Ela fechou os olhos, e o triunfo consumiu-o. Ela não queria admitir a verdade... o tabu.

Ele queria todas as palavras.

— Conta-me — ordenou.

— Notei.

Ele acenou com a cabeça.

— Ótimo. E querias tocar-me?

— Sim.

Ele soltou um palavrão rude ao ouvir a confissão e ela abriu os olhos.

— Desculpa.

— Não. — A palavra foi dura e firme. — Não peças desculpa por isso. Podes tocar-me sempre que quiseres. Onde quiseres. É só que me encontro numa estranha provação.

— Como?

Ele puxou-a mais para si e encostou a testa à dela, inalando-a. Deixando-se preencher por ela.

— Não sei porquê... tenho ciúmes.

— De quem?

— De mim próprio, porque não me lembro.

Ela soltou uma gargalhada de alívio.

— Precisará de mais sálvia muito em breve, Vossa Graça. E espero sinceramente que esteja consciente nessa altura.

As palavras — a promessa que continham — endureceram-no instantaneamente. Ao que parecia, ele já descansara o suficiente. Seria preciso mais do que uma facada no flanco e algumas costelas partidas para deixar de desejar ter aquela mulher linda nos seus braços. Na sua cama. Na sua vida.

— Adelaide?

— Sim.

Caramba. Ela seria a sua ruína. A palavra devia ser uma resposta curiosa. Devia ter sido pontuada por um ponto de interrogação. Ao invés, saiu sem fôlego e ansiosa, e quando o atingiu, estava cheia de todas as coisas que ele queria fazer-lhe.

Como podia ele resistir a beijá-la? Lambeu-lhe a boca, sugando a elevação bonita e cheia do seu lábio inferior até ela gemer o seu prazer. Que bom. Ele queria-a ansiosa. Caramba, ela era doce, macia e quente, e a forma como se inclinava para ele, deslizando os dedos pelo seu cabelo enquanto a língua encontrava a sua... Ela era perfeita.

O beijo continuou por muito tempo, até a tentação os deixar a ambos ofegantes. Henry soltou-a por um instante, pronto para a deitar e lhe fazer tudo o que lhe apetecia. Não conseguia desviar os olhos dela, os olhos ocultos pelas pálpebras, as bochechas rosadas, a boca cheia do prazer cru do beijo. E ali, desmaiados na sua pele, os arranhões deixados pela barba de cinco dias.

Acariciou-lhe a pele com o polegar, detestando aquelas marcas. — Magoei-te.

Ela abanou a cabeça, levando as mãos ao rosto dele, as unhas arranhando por cima da barba.

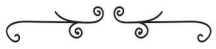
— Nem sequer senti.

— Vais sentir — disse ele, inclinando-se para mais um beijo, este macio e

demorado e tão gentil quanto ele podia. Não era suficiente.

— Então comecemos pelo princípio. — A testa franzida estava de volta e ele não se conteve de se baixar e a alisar com beijos. — Preciso de me barbear.

Capítulo 16



Adelaide era conhecida por ter nervos de aço.

Tinha sido treinada como carteirista e posta à prova nas ruas de Londres, e era notavelmente impávida, o que a tornava uma parceira ideal nas façanhas criminosas e na recolha de informação.

Porém, nessa manhã, com Henry sentado na ponta da cama, novamente consciente e impossivelmente bonito, sorrindo-lhe, provocando-a e fazendo-lhe perguntas que a punham em chamas com uma embriagadora combinação de embaraço e desejo, estava insegura.

Insegura e grata pela forma como ele a abraçou, aproximou mais de si e lhe deu algo a que se agarrar — a sua carne firme e quente. O seu cabelo macio. Aqueles lábios que ela outrora julgara implacáveis mas que, quando a beijavam, eram uma recordação tentadora de que ele estava vivo e, não apenas vivo, mas sendo dela pelo tempo que lhes restasse — até que o mundo voltasse e ele se lembrasse de que Adelaide era uma impostora que fingia fazer parte do seu mundo. Nascida e criada em South Bank, não propriamente o género de mulher adequada para o Duque de Clayborn.

Mas hoje, aqui, no meio de nenhures, o sol nascia sobre os campos e ela permitiu-se imaginar como seria se eles fossem um género diferente de pessoas — o género que vivia numa casinha no topo de uma colina, rodeada por terrenos de cultivo, onde acordavam com a aurora e passavam os dias um com o outro — cheios um do outro.

Qual era o problema de imaginar uma tal coisa? Apenas por um momento.

Apenas até o mundo regressar, e ela perceber que ele não podia alisar todos os sítios onde a marcara — porque tinha marcado demasiados que não podiam ser vistos e que nunca voltariam *a ser* como antes.

Havia de refletir sobre o assunto mais tarde, e isso consumi-la-ia. Mas para já forçou-se a ficar direita, segurando o espelho à frente dele, admirando os círculos rápidos e eficientes do pincel de pelos de javali e catalogando aquele rosto bonito mais uma vez.

Apesar das marcas da refrega era o homem mais bonito que já tinha visto — agora ainda mais do que antes. Ela nunca imaginara que ver um homem a

barbear-se a pudesse afetar de alguma forma, muito menos fazê-la desejar saltar-lhe para o colo e ver mais de perto.

Francamente, Adelaide, o homem estava inconsciente ainda há algumas horas.

Ela encontrara uma navalha na mesa junto da bacia, e ele manejava-a para um lado e para o outro num ritmo lento e hipnótico no seu afiador de couro.

— Em que estás a pensar?

Ela acompanhava os movimentos, ignorando a forma como o seu coração matraqueava a cada um. Ignorando a forma como outras partes de si latejavam.

— Adelaide. — O nome era firme na língua dele, e finalmente ela despertou do devaneio.

— Estava a pensar que isto... isto é... — Ela procurou a palavra. Ele encontrou-a.

— íntimo.

— Sim. — A resposta foi quase inaudível, mais sopro do que som.

Um gemido soou do fundo da garganta dele.

— Caramba, é bonito. Estou a pensar em todas as outras formas de te levar a dizer essa palavra.

Agora ela estava a pensar no mesmo, enquanto ele encostava a lâmina à bochecha. Ao primeiro toque, estremeceu, inalando profundamente.

— Que foi? — perguntou ela. — Cortaste-te?

Ele abanou rapidamente a cabeça.

— Não. É o ângulo. — Virou-se lentamente na cadeira. — É estranho o que descobrimos não conseguir fazer com uma costela partida.

Virou a navalha e ofereceu-lhe o cabo.

— Não te importas...

Ela olhou para a navalha e novamente para ele.

— E se eu te dissesse que nunca barbeei um homem?

— Já o fizeste?

— Já. — Para Alfie, uma filha não era mais do que uma criada cara.

Ele fechou os olhos por um momento — um pouco mais do que o normal, e

quando voltou a abri-los, havia fogo neles.

— Confesso que essa revelação me deixou com alguns ciúmes.

As palavras abateram-se sobre ela.

— Oh.

Ele deu um risinho.

— Agrada-te a ideia? De eu estar subitamente abalado pela ideia de barbeares outro homem? — Ela não precisava de o confessar Ele podia ver o seu prazer. — Diz-me que a lâmina escorregou e tira-me da minha infelicidade.

— Não escorregou. — Ela riu. — E isso é uma coisa horrível para se desejar.

— Quem era ele?

Ela olhou-o nos olhos.

— Se te dissesse que era um amante?

— Suponho que diria que ele perdeu e eu ganhei. — Fez uma pausa, depois acrescentou: — E resistia à necessidade de te arrancar o nome dele para lhe fazer uma visita.

Ela baixou a cabeça para esconder o sorriso.

— Não era meu amante — disse, por fim. — Não sou o género de mulher, que atrai amantes.

Era verdade, e também uma busca descarada por um elogio. Era bem feita se ele concordasse.

Por favor, não concordes.

— Visto ter passado a maior parte dos últimos dois anos a imaginar tudo aquilo que gostaria de te fazer, tenho de discordar. Veementemente.

Ela arquejou.

— Deveras?

— Com grande minúcia. De tal forma que estou ansioso por retomar a minha posição como teu amante atual, por isso vamos despachar isto?

Era difícil pensar em algo mais que a sua confissão franca.

— Que espécie de minúcias?

— Barbeia-me, e eu mostro-te.

Ela engoliu em seco.

— Eu...

— A não ser que estejas farta de mim? — sugeriu ele.

— Não — respondeu ela. — Não.

Ele exalou, mais asperamente do que o normal, como se esperasse exatamente aquela resposta.

— Excelente. Nesse caso, importas-te de te despachar? Porque tenho planos de voltar a beijar-te.

Não teve de pedir duas vezes. Ela pousou o espelho e tirou-lhe a navalha da mão, pondo-se de pé para considerar o ângulo adequado para a tarefa.

— É melhor sentares-te — disse ele, como se lhe lesse os pensamentos, as palavras um pouco rudes. — Terás um acesso melhor.

Ela olhou para o seu colo, para as calças justas sobre as coxas... e sobre outras coisas... A compreensão percorreu-a, seguida pelo desejo. Ele desejava-a.

— No teu colo?

Uma hesitação deliciosa. Depois, num murmúrio:

— Se quiseres.

Ela não devia. Isto não era um jogo. Era uma lâmina afiada na garganta do homem, e ela não era propriamente uma barbeira treinada. Mas a tentação de se sentar ao seu colo, de sentir a pressão dura dos seus músculos no corpo... era demasiada. Sentou-se e uma das mãos dele amparou-lhe a anca para a equilibrar, fazendo o calor fervilhar através dela.

— Isto é... Estás confortável?

Ele não estava mesmo nada confortável. Ela sentia-o, rígido de encontro a ela — as coxas, o peito, o... outras partes. Resistiu à tentação de explorar quão rígido o pusera quando ele disse, tenso e com voz entrecortada.

— Perfeitamente.

Lançando-lhe um olhar dúvida, Adelaide concentrou-se na tarefa, encostando-lhe a navalha à cara e empurrando-a cuidadosamente ao longo da pele.

Exalou de alívio quando chegou ao perfil do queixo e lavou a navalha na bacia. Ele ergueu uma sobrancelha.

— Estás nervosa?

— Não — mentiu.

— Parecias.

— Se estou, é porque tu me estás a pôr nervosa — disse ela, iniciando outra linha de barba.

— É interessante, visto ser eu quem tem a navalha na garganta.

— É por isso que estou nervosa — replicou ela, lavando mais uma vez a navalha. — Não fales, por favor. Como sabes, não gosto de duques mortos.

— Antes de mim, acho que também não gostavas muito dos vivos.

Mais uma passagem com a navalha.

— Quem disse que gosto dos vivos agora?

Ele segurou-lhe a mão que tinha a navalha, encontrando firmemente o seu olhar.

— Gostas de mim.

Porque é que isto era tão importante para ela? E porque é que confessá-lo lhe fazia disparar tanto o coração, como se fosse lançar-se de um penhasco?

— Gosto.

Ele soltou-a e relaxou, torcendo os lábios cobertos de sabão num sorrisinho satisfeito.

— Que bom.

Ficaram em silêncio por um longo momento, o seu olhar bem preso no dela, observando cada um dos seus movimentos até ela se sentir desesperada para se esconder da inspeção. Quando começou a barbear-lhe o pescoço, sussurrou:

— Fecha os olhos.

— Porquê?

— A navalha na tua garganta não é razão suficiente?

— Confesso, Adelaide, gosto tanto de olhar para ti que corro o risco.

Então ela encontrou os olhos dele, aquele profundo azul cerúleo, e abanou a cabeça.

— Não consigo concentrar-me se estiveres a olhar para mim.

Os dedos dele apertaram-se-lhe na cintura ao ouvir a confissão e ele resmungou:

— Só porque quero que isto acabe o mais depressa possível.

Fechou os olhos, e ela aproveitou a oportunidade para o observar. Para guardar uma memória deste momento, das suas pestanas negras e impossivelmente longas, pequenas manchas de sabão a intervalos ao longo do rosto, o alto recém-formado no nariz ferido — mais uma prova de que ele se lançara numa batalha por ela. Que fora dela por um instante.

— Se não posso olhar para ti, ao menos deixa-me ouvir-te — disse ele, arrancando-a à sua inspeção.

— Queres que te conte uma história? — disse ela, permitindo-se provocá-lo. Só agora. Só esta noite.

— Sim. — Ele aproveitou imediatamente a oportunidade. — Conta-me uma centena delas.

Ela sorriu àquele homem novo — tão diferente do duque que ela julgara que fosse — e mergulhou a navalha na água quente.

— Que gostarias de ouvir?

— Conta-me quem eras em criança.

Ela abanou a cabeça antes de se lembrar que ele não podia vê-la. Trabalhando cuidadosamente na parte de baixo do seu queixo, disse baixinho:

— Há demasiadas histórias, e nenhuma é boa para ser contada.

— Isso sugere que há muitas que são, querida. Vá lá... de certeza que consegues lembrar-te de uma.

Que podia contar-lhe que não o recordasse das diferenças entre ambos? A história de como aprendera a roubar carteiras? A história de sempre, mas sempre, se ter sentido sozinha?

A história de ter encontrado um homem com o qual desejava estar sozinha?

Procurando ganhar tempo, recordou-o:

— És tu que me deves uma história. Do teu primeiro beijo.

Ele abriu os olhos e levantou a mão para lhe acariciar a bochecha com o polegar.

— Acontece que não consigo lembrar-me de quaisquer beijos antes dos seus, menina Frampton.

Ela não conseguiu evitar o som que emitiu, algo que apenas podia ser

descrito como uma gargalhada.

— De certeza que isso não é verdade. Fecha os olhos.

— É — disse ele, obedecendo. — Só espero que sejas tão boa a barbear como a beijar.

Ela sorriu, desfrutando da ligeira provocação. Desfrutando dele, enquanto verificava o seu trabalho, procurando pelos que tivesse deixado escapar.

— Não gostaria que ficasses insatisfeito.

— Oh, estou insatisfeito — rugiu ele, baixo e doce e tão próximo. — Tanto que exijo uma restituição.

Ela pegou na toalha que pousara junto deles e limpou o sabão da sua face lisa.

— Restituição de barba?

— Mmm. — Aquele som. Aquele som singular e delicioso. Alguma vez deixaria de ser abalada por ele?

Chegando-se para trás, considerou o seu trabalho.

— Parece que me saí bastante bem. Não será necessária uma restituição.

— Então só me resta pagar. Diz o teu preço.

Beija-me.

Ela nunca chegaria a saber se pensara em voz alta. Não importava. Porque ele obedeceu-lhe, puxando-a para si, lambendo-lhe a boca e dando-lhe o beijo por que ela ansiava, as suas mãos rodeando-lhe a cintura para a manter no colo. Ela enrolou os dedos no cabelo dele, correspondendo ao beijo, reagindo a cada um dos seus movimentos, até o beijo terminar e eles procurarem ar.

— Os meus serviços são mais caros do que isso — provocou ela docemente, procurando-o. Ele foi ao seu encontro, beijando-a até ela sentir que o mundo desaparecera — tudo desaparecera exceto Henry e o seu cheiro a menta, sabão e alecrim.

Quando se separaram ele encostou a testa à dela, ofegante de prazer, e sussurrou um palavrão antes de perguntar:

— Como é possível que ainda não tenhas sido conquistada, Adelaide Frampton? Como é possível que estivesses aqui, pronta para mim, fazendo-me ansiar e ansiando por mim?

Ela colocou as mãos em cima das dele, onde ele a segurava com força.

— Nunca ninguém... — Procurou as palavras. *Me desejou. Me procurou. Me cortejou. Me conquistou.* Não podia dizer nada daquilo, obviamente. Fá-la-ia parecer... carente.

Ela era carente. Precisava dele.

Afastou os pensamentos e terminou a frase.

—... me notou.

Ele abanou a cabeça, lenta e firmemente.

— Já disseste isso. Que não és notada. Não é verdade.

— Prefiro não ser notada.

Ele franziu a testa.

— Porquê?

— Porque, se não me notarem, não perceberão que eu não pertenço. — Deu uma pequena gargalhada. — Claro que isto é uma tolice, não é? Não pertenço a Mayfair. Às vossas festas, onde toda a gente se ri quando os maridos insultam as mulheres. Aos vossos bailes, onde as pessoas fazem tudo o que podem para ignorar os marginalizados. Os que não são bonitos. Os que estão a envelhecer. Os que nunca aprenderam realmente a dançar a quadrilha. — Olhou-o, sentindo seu dever confessar: — Nunca fui boa na quadrilha.

— Não me importo.

— Claro que importas. Notas todas as imperfeições. Disseste-me uma vez que eu tinha *ultrapassado* um limite, quando fui a única pessoa no salão a defender a Lady Coleford depois de o marido ser um monstro.

O suspiro dele foi de frustração... e contrição.

— É verdade.

— Estava furiosa.

Ele assentiu com a cabeça, os seus lábios encurvando num meio sorriso.

— Pois estavas. Foi magnífico.

— Não devia subestimar o poder da fúria de uma mulher, duque.

Ele usou os polegares para lhe inclinar a cabeça e premiu um beijo na parte inferior macia do seu queixo.

— Já a vi em ação, menina Frampton. Não a subestimo nem por um momento.

— Sabes que quando parti, naquela noite, comecei imediatamente a procurar dados para preencher o teu dossiê?

Mais um beijo, este demorado, ainda melhor pela forma como ele o terminou, sussurrando-lhe ao ouvido:

— Posso respeitar a vingança.

Ela segurou-lhe os antebraços, falando muito baixinho.

— Queria destruir-te.

Outro beijo, mais abaixo, onde a sua pulsação latejava. Um movimento com a língua, e depois ele levantou a cabeça e olhou-a bem fundo nos olhos.

— Fi-lo para te proteger. Para que continuasses a não ser notada. Se esse homem... se algum desses homens que desprezas... e com boa razão, acrescento, alguma vez te notasse... Adelaide, não percebes o que te aconteceria?

Ela já tinha visto o que homens cruéis eram capazes de fazer com a sua imprudência. Tinha passado anos a combatê-los, enquanto o mundo fazia vista grossa ao seu comportamento.

— Sei tomar conta de mim, duque.

Ele concordou.

— Isso eu sei. Mas não devias ter de o fazer.

— Prefiro falar a ficar em silêncio. Prefiro lutar a ser protegida. Mas esqueces-te, Henry, que não é o meu discurso que me torna notada. Quando uma mulher fala demasiado alto, luta com demasiada paixão, é quando não se dá por ela. Eles preferem bloquear-me a ouvir-me. — Fez uma pausa. — Preferem que eu me cale e dance a quadrilha.

— Esquece a quadrilha.

— Apostaria tudo o que tenho em como és excelente na quadrilha. — Quando ele não respondeu, ela continuou. — Não és?

— Adelaide. — Ele deu uma pequena gargalhada, como se ela estivesse a ser tola. E talvez estivesse. Talvez estivesse irritável.

Talvez fosse frustração e ela estivesse simplesmente a remoer no facto de não haver futuro para eles. E talvez precisasse disso.

— Não és? — repetiu.

— Sim. Sou bom na quadrilha.

— Aí está. Percebes?

— Garanto-te que não percebo. Mas também não me interessa a quadrilha, porque não tem nada que ver com ser notado. Queres que te diga porquê?

Ela não devia querer. Porém...

— Porquê?

— A única pessoa que notei no baile de Beaufetheringstone não dançou a quadrilha, eis o porquê. Nunca dança.

O coração dela começou a latejar.

— Como assim?

— Ela nunca dança. No entanto, rouba uma ou outra carteira.

As bochechas dela estavam outra vez a arder.

— Por vezes danço.

— Quando?

Havia festas onde não havia danças com os passos rebuscados que ela simplesmente não conseguira aprender nos cinco anos desde que a duquesa a acolhera. E onde também não havia pessoas pretensiosas. A duquesa adorava festas organizadas fora do meio aristocrático. Que aceitavam pessoas de todos os estratos sociais. E aí não havia orquestras e sim bandas. Violinos, flautas, tambores e rigas loucas e barulhentas. E Adelaide adorava essas danças. Mas não podia revelar-lho. Não eram festas para duques.

— Quando não há ninguém a ver.

— Mostra-me.

— Mostro-te o quê?

— Dança comigo.

Ela franziu a testa.

— Não há música.

— Não? — disse ele, e levantou-se, levantando-a com ele. — Tens a certeza?

— Estás doido. É um efeito da perda de sangue.

— Talvez. Devias apiedar-te de mim e dançar comigo, porque pode ser a minha última vez.

Adelaide não tencionava entrar nos seus braços mas, de repente, ali estava ela, embrulhada no seu calor.

— Isto não é...

Ele não a deixou terminar.

— Onde devo pôr as mãos?

Ela estendeu os braços para ele, sabendo que não devia. Pôs uma das mãos dele na sua cintura, e pegou na outra.

— Isto é familiar — disse ele.

Ela aproximou-se mais, até estarem quase a tocar-se.

— Assim?

— Continua a ser familiar — disse ele em surdina. — Já dancei assim.

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Aposto que não foi num baile da Lady Beaufetheringstone.

— Estás com ciúmes?

— Não — disse ela com um sorriso. — Afinal... fui o teu primeiro beijo.

Ele riu-se, um rumor baixo e delicioso, e Adelaide deu outro passo para ele. Ele apertou-a mais, impedindo-a de se afastar.

— E assim?

— Mmm. — Aquele gemido que nunca cessava de lhe liquefazer as entranhas. — Isto é menos familiar.

Ela não conseguiu evitar um sorrisinho.

— E isto? — Aproximou-se mais ainda.

O gemido tornou-se um rugido e o braço dele apertou-a mais.

— Menina Frampton...

— Sim, Vossa Graça?

— Não me agrada a ideia de teres dançado assim tão próxima de outros homens.

— Tens ciúmes? — A pergunta dele, devolvida.

— Ardo de ciúmes — disse ele, as palavras baixas e entrecortadas. — Sei que não tenho esse direito, mas detesto a ideia de estares nos braços de outro.

Ela não devia gostar daquilo. Mas... caramba, gostou. Gostou muito, e

recompensou-o, encostando-se ainda mais.

— Isto ajuda? — sussurrou. — Nunca dancei assim tão próxima de ninguém.

Ele fazia tantos sons. Este era de prazer. E era o preferi o dela.

— Então, é assim que nós dançaríamos?

— Se houvesse música, sim. — Fez uma pausa. Mas notaria, de certeza.

Os lábios dele estavam tão perto. Ele já estaria suficientemente bem para isto?

— Não a mim — disse ele. — Mas notar-te-iam, certamente.

Ele estava tão quente e tão vivo e tão perfeito — era impossível imaginar o vasto mundo a deixar de o notar, ainda que por um momento. Ele era o oposto dela.

— Eu noto-te, Adelaide.

O seu toque na sua pele, a voz no seu ouvido, o calor... embrulhando-a completamente.

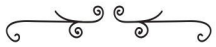
— Noto isto.

Ela agarrou-se a essa jura. À sua impossível verdade. Sabendo que não seria verdade sempre.

Sabendo que acabaria, porque não havia outra opção. Sabendo que cada momento que roubava era apenas isso... roubado. Criminoso. Contrabandeado.

E então ele beijou-a e foi ele que fez o papel de ladrão.

Capítulo 17



Ele estava desgraçado no momento em que ela se sentou no seu colo.

Antes mesmo, na verdade. Quando ela se empoleirara na ponta da cama, com o espelho na mão, e ele notara a tremura dos seus dedos ao tentar não o olhar. Mas ela queria. Gostava de olhar para ele.

Tal como ele gostava de olhar para ela. Tal como gostava de lhe tocar, de testar a curva da anca sobre a sua coxa, do peso dela no seu colo, da seda da sua pele.

O calor dela nos seus braços, quando a fez pôr-se de pé para dançar com ele, incentivando-a a aproximar-se até ficarem encostados, e perguntou-se daí a quanto tempo poderia levá-la de volta para Londres, para a levar a um baile e escandalizar as decanas da aristocracia ao reclamar todas as danças, e escandalizar o resto da aristocracia ao arrastá-la para jardins escuros e fazer com ela o que quisesse.

E escandalizar *Adelaide.* Porque ele começava a perceber que ela gostava de ser escandalizada.

Que se danassem as ligaduras e o bálsamo de alecrim, a sua cura era Adelaide.

Perceber isso foi uma dádiva, como se tivesse encontrado algo que procurava há anos, e agora que o encontrara — a encontrara — uma nova estrada abria-se diante dele. Passara meses a observá-la e dias a persegui-la e apenas algumas horas a descobri-la, mas ali, naquela casa na colina, com o irmão em fuga sabia Deus onde e herdeiros para chegarem, de repente tudo ficou claro e Henry estava livre para a observar e perseguir e descobrir sem pressas.

Ela gostava quando ele a observava. E perseguia. E descobria. Regozijava-se por ele a notar. E ele tencionava dar-lhe mais do que ela queria.

Tudo o que ela pedia. Tudo o que merecia.

Então ele fez o que qualquer homem inteligente faria e voltou à sua cadeira, puxando-a para o colo, para poder dar-lhe atenção completa.

— Assim — sussurrou ele, puxando-lhe as saias até os seus joelhos estarem

um de cada lado das suas coxas e ela o olhar de cima, como uma rainha.

A sua rainha.

— Tem cuidado com as costelas — disse ela, resistindo a colocar todo o seu peso sobre ele. — Não conseguiste barbear-te.

— Não consegui? — perguntou ele, os dedos nas suas ancas, segurando-a no colo. — Não me lembro de nada doloroso na experiência. Não quando tu a tornaste tão agradável. — Ocupou-se então das fitas das saias, brincando com elas. — Estas fitas... a primeira vez que te vi usá-las, quando te livraste das saias nas docas para correres mais depressa... são brilhantes.

O sorriso dela era cheio de orgulho.

— Não apenas para correr mais depressa. Não te esqueças do elemento surpresa.

— Como podia esquecer? Aquelas saias cinzentas desapareceram e, de repente, eu estava a perseguir isto... — Pôs as mãos no rabo dela e apertou. — Glorioso.

Ela respirou fundo.

— Tenho muita sorte por ter uma costureira tão inteligente.

— Mmm — disse ele, puxando a fita apenas para a alargar um pouco. — Quem é ela?

Ela hesitou e ele arrependeu-se de ter perguntado. Não queria fazer o seu jogo de informações neste momento. Não queria ser recordado da existência de numerosos segredos entre eles.

Surpreendendo ambos, porém, ela respondeu.

— O nome dela é Jane Berry. — Até isso, essa informação insignificante, parecia um triunfo.

— Presumo que não tenha uma loja na Bond Street.

Adelaide fez um sorrisinho cúmplice.

— Não. A loja dela é em Croydon.

Longe dos olhos observadores da aristocracia.

— E, contudo, os seus modelos tomam Londres de assalto.

Ela inclinou-se e beijou-o, um beijo rápido, doce e que o distraiu.

Mas não o suficiente. Quando o beijo terminou, ele passou uma mão sobre

o seu corpo esguio, adorando a forma como ela se arqueou sob o seu toque, e disse:

— Aqui, confias em mim. — Não esperou que ela respondesse, detendo-se, em vez disso, no lugar mesmo por cima do seu corpete, onde o coração dela pulsava. — Mas aqui, não. — Enrolando os dedos em torno da sua nuca, aproximou-a mais e, beijando-lhe suavemente a testa, sussurrou: — E aqui também não.

Ela desviou o olhar por cima do seu ombro, como que procurando a forma correta de responder.

— Não é especificamente em ti. Confio em muito poucas pessoas.

— A Duquesa de Trevescan.

Ela confirmou com um aceno.

— Sesily Calhoun. A Lady Imogen Loveless. Maggie O'Tiemen. Lucia.

Mais um aceno de confirmação.

— Outras, presumo — disse ele. — Todas mulheres com capacidade e talento e um forte sentido de justiça.

Ela não acenou, desta vez. Fitou-o, espantada:

— Tens-me notado.

Como alguém nota uma vela na escuridão.

— Sempre que entras numa sala. E, um dia, conquistarei o resto.

As palavras não a levaram a confiar nele, nem ele esperava que o fizessem, mas ela recompensou-o de outras formas, com um rubor no peito e uma luz de desejo no olhar.

Ele esperara uma vida inteira por esta mulher e aceitaria todos os pedacinhos que ela lhe desse, cada indício dos seus segredos, que adicionaria aos seus. E ela confiaria nele um dia, porque ele conquistara a sua confiança.

Aquele, porém, não era o momento para essa jura — não quando Adelaide se escondia tão rapidamente. Por isso Henry voltou às suas fitas, brincando com a bonita seda.

— Quando eu estava com febre... inconsciente... sonhei com estas fitas.

Ela olhou-o.

— Que imaginaste fazer com elas?

— Apanhar-te. Desatar-te.

— Mostra-me.

Ele mostrou, soltando as fitas que mantinham as saias amontoadas entre ambos. Quando terminou, descobriu a costura do tecido e puxou. As saias caíram-lhe sobre as pernas para revelar... Céus!

— Ora, ora, menina Frampton — disse ele, incapaz de impedir os seus dedos de lhe subirem pelas coxas até à curva nua do traseiro. — Isto é... escandaloso.

Sob aquelas saias que se despiam tão facilmente, Adelaide estava nua.

— Não esperava que alguém se interessasse pelo que estava debaixo das minhas saias hoje.

— Foi o teu primeiro erro — disse ele, num gemido lento que não pôde controlar. — Dou por mim interminavelmente interessado no que está debaixo das tuas saias. — Os dedos dele exploraram-lhe a pele macia e quente do traseiro, até à fenda, acariciando a pele sensível, adorando a forma como ela arquejou de surpresa.

Ela balançou de encontro a ele, o seu calor provocando-o através do pano das calças.

— Henry.

— Solta o cabelo — ordenou ele, procurando aquelas ricas madeixas cor de fogo. — Sonhei com isto: com o teu cabelo em torno de nós e tu reinando por cima de mim.

— Não quero magoar-te. — Acariciou-lhe o tronco, até os dedos tocarem na ferida tapada pelo penso, e ele respirou fundo.

— Juro-te, amor. O que sinto quando me tocas não é nada parecido com dor.

Ela levou as mãos ao cabelo e ele acariciou por cima do corpete rendado — a única coisa que restava no seu corpo, o tecido retesado onde os seus seios subiam e desciam num ritmo *staccato* — um sinal claro de que ela estava tão enlouquecida quanto ele.

Ela era tão bonita, em cima dele, os longos braços levantados enquanto retirava os ganchos do cabelo, os lábios inclinados de encontro a ele, as maravilhosas coxas fortes apertando as suas quando os dedos dele encontraram os caracóis de seda macia entre elas e os acariciaram.

— Tão bonita — sussurrou ele, traçando-lhe gentilmente as dobras,

provocando-a, adorando a forma como ela se meneava para ele, implorando o seu toque.

— Henry — disse ela, o seu nome como uma súplica. Queria que ele a tocasse, e ele gostou muito disso.

— Mmm. Aqui? — Outro toque levíssimo. Torturando ambos. — O que é que me disseste nas docas, há uns dias? Quem acha, guarda? Eu achei uma coisa... tremenda. — Observou-a, mais pesado e duro. — Vou guardá-la.

Ela abriu os olhos, encontrando os dele.

— Eu.

— Minha.

Ela retorceu-se de encontro a ele, procurando mais, e ele recuou, recusando-a. Brincando com ela. Ela arfou, e o som, cheio de desejo desesperado, era a coisa mais bonita que ele alguma vez encontrara.

— Vais deixar-me, não vais? Guardar-te?

— Sim — respondeu ela, ofegante. — Como quer que me queiras. Desde que eu também possa guardar-te. — E então todos os ganchos foram retirados e os seus caracóis vermelhos cobriram-lhe os ombros, e ele não pôde evitar tocá-los, passando a mão por eles, maravilhado com a sua suavidade, até voltar a tocar-lhe, uma mão no seu ombro, e outra... — *Ahh.*

Ela encontrou-lhe o pulso, o seu toque firme, segurando-o com força enquanto se baixava para ele, deslizando sobre os seus dedos uma vez, duas vezes, até ele estar ali, no seu calor sedoso, e ambos gemerem o seu prazer.

— Isto — disse ele, quente no seu ouvido, adorando o som das suas respirações entrecortadas. — Vou fazer-te vir assim.

Acariciou-a, suave e lentamente, e ela gemeu, um magnífico som débil que o teria deixado de rastos se ele não tivesse planos para esta mulher. Para este momento. Lambeu-lhe a orelha e passou o polegar no seu botão de prazer, regozijando-se na forma como ela estremecia sob o seu toque.

— E depois vou fazer-te vir com a minha boca.

— Henry... — Duas sílabas transformaram-se numa dúzia.

— Diz, amor.

— Por favor.

Ele ficou incrivelmente duro. Aquela palavra nos seus lábios. Estava arruinado para ela. Dar-lhe-ia tudo o que ela quisesse. Ela só tinha de pedir.

— Olha para mim, querida. — Ela abriu os olhos, os centros negros dilatados no rico veludo castanho. Ele gemeu, esticando-se para a beijar, ignorando o puxão no flanco. — Tenho mais para te dizer.

— Em vez disso, mostra-me. — Ela suspirou, meneando-se na sua mão. — Mais.

— Olha para ti — sussurrou ele, vendo-a dar prazer a si própria sobre ele, pintando pequenos círculos na sua suavidade, encontrando o lugar onde os seus nervos gritavam por ele. Pôs-lhe as mãos nos ombros com um gritinho.

— Henry.

Ele virou a cabeça e mordiscou-lhe o pulso, roçando-lhe a pele com os dentes.

— Que farás depois de cavalgar os meus dedos e língua, amor? Que farás depois de te vires de encontro a mim duas vezes?

— Eu... — Rodou as ancas nos dedos dele. — Vou querer mais.

A confissão quase o desfez. Ele dar-lho-ia. O que ela quisesse.

— Mais o quê?

— O teu... — Deteve-se.

— Tu sabes a palavra. Usa-a.

— Não devia.

— Devias sim, amor. Absolutamente — sussurrou ele, desejando que ela a dissesse. Novamente aqueles olhos, cheios de desejo.

— O teu pénis.

Ele gemeu e reclamou-lhe a boca, lambendo fundo, sugando a profanidade da sua língua.

— Sim — arfou ele, áspero e ansioso quando a libertou do beijo e procurou as fitas do corpete, puxando-as até ficarem bastante soltas para lhe desnudar os seios.

Prendeu-lhe um mamilo rígido na boca, sugando funda e lentamente, enquanto o seu polegar circundava o ponto onde ela precisava mais dele. Quando ela gritou, uma mão emaranhada no seu cabelo, segurando-o junto do peito, ele soube que a tinha, os seus dedos, boca e palavras excitando-a cada vez

mais.

Quando ela suspirou «Por favor...» ele soltou-lhe o seio, apenas o tempo suficiente para dizer:

— Vou deixar-te cavalgar-me.

As palavras catapultaram-na para o orgasmo e ele inclinou-se para trás, para assistir, adorando a forma como os olhos dela encontraram os seus, sabendo que o facto de ele ver era parte do seu prazer. Ele estava devastadoramente duro nessa altura, uma fina película de suor ao longo do tronco, todo o seu corpo numa ânsia singular, desesperado por possuí-la.

Ainda não. Só depois de cumprir as suas promessas.

— Menina linda — sussurrou ele, guiando-a de volta, sobre o seu braço, depositando-lhe beijos ao longo do tronco, sugando-lhe novamente os mamilos. — Tão doce aqui. Tão deslumbrante.

Ela encontrara uma fonte de prazer bastante forte para não ficar embaraçada com o elogio e, pela primeira vez desde que começara a dizer-lhe o quanto era bonita, ela não o negou nem se escondeu.

Foi percorrido por um impulso de triunfo. Se era isto que ele ganhava em fazê-la compreender o quanto era perfeita, dar-lho-ia todos os dias. Para sempre.

Ele demorou-se nas palavras — palavras que raramente considerava, porque «para sempre» exigia uma certeza no futuro que ele não tinha desde rapaz.

Aqui, porém, com esta mulher, ele não fugiu da ideia.

Adelaide. A seu lado.

Uma série de meninas com caracóis feéricos e olhos curiosos, que tudo viam.

Se ela conhecesse os seus pensamentos, fugiria.

De facto, estava a mover-se nos seus braços — teria ele exprimido os pensamentos em voz alta?

— Aonde vais, amor?

Ela inclinou-se e deu-lhe um beijo no peito, demorando-se no músculo aí antes de lamber um dos seus mamilos, forçando-o a soltar um silvo de prazer. Não estava a fugir. Graças a Deus. Estava a levantar-se do seu colo, pondo-se de

joelhos entre as suas coxas.

Ela não estava a fugir.

— Adelaide. — Ele tentou impedi-la, prendendo-lhe o cabelo, guiando-a para o olhar. — Que estás a fazer?

O sorriso dela incendiou-o. Atirou os óculos para cima de uma mesa próxima, imediatamente esquecidos quando deslizou as mãos nas coxas dele, procurando-lhe os botões das calças. Deteve-se ali, o toque dos seus dedos suave e tentador, sondando-o.

— Acho o teu plano para esta tarde extremamente tentador, mas pergunto-me se te importarias que eu adicionasse uma atividade.

Ela era a coisa mais bonita que ele já tinha visto, de joelhos, entre as suas pernas, lasciva e lânguida do orgasmo que lhe proporcionara. Sabendo que ela o observava, Henry sugou os seus próprios dedos, sentindo o sabor dela ali, doce e pecaminoso. Ela arregalou os olhos, cheia de surpresa e desejo.

— Delicioso — disse ele, apenas uma lasca de som. — Porque não voltas e me deixas provar outra vez?

Ele viu-a considerar a ideia e susteve a respiração, esperando que ela escolhesse o seu prazer. Desfrutou daquela pausa, sabendo do seu desejo por ele, pelo seu toque, pela sua boca e pelo seu pénis. Estendeu a mão para o seu cabelo de fogo.

— Vem, Adelaide. Deixa-me dar-te prazer até nos perdermos ambos nele.

— Não — disse ela, pegando-lhe na mão e beijando-lhe a palma, lambendo-lha e depois subindo por um dedo. Ele soltou um palavrão obsceno e cheio de desejo quando ela lhe sugou a ponta do dedo para dentro da boca, a sua língua lambendo-lha como uma promessa.

Ela soltou-o com um sorriso cúmplice, movendo as mãos para os braços da cadeira e enrolando os dedos em torno dele.

— Nada de distrações. Tenho planos.

Ele exalou audivelmente e recostou-se. O seu coração ameaçava com um motim dentro do peito, olhando-a de cima enquanto ela o tomava, explorando-o com as mãos sem hesitação, os dedos dançando-lhe sobre a pele do tronco, os músculos contraindo-se ao seu toque, todo o seu corpo em alerta total.

Nenhuma dor agora. Apenas prazer.

Apenas Adelaide.

Ela moveu-se cada vez mais para baixo, até chegar às calças, até à zona onde a extensão ereta dele era impossível de ignorar. As mãos dela pairaram ali, por cima da protuberância no pano, por um instante. Uma vida. O seu olhar lindo encontrou o dele.

— Posso?

— Foda-se, sim — sussurrou ele.

Outro sorrisinho cúmplice.

— Que linguagem, duque. Como reagiria o mundo se soubesse da boca suja que tem?

— Deixa-me usá-la em ti — disse ele, as palavras rudes, quase uma ordem. — Deixa-me lamber-te uma vez e outra, até esqueceres o teu nome.

Ela recompensou-o com uma inalação forte. Um semicerrar das pestanas negras. Ela queria-o.

Ótimo. Ele tencionava dar-lho.

Mas depois não podia tencionar nada, porque ela estava a tocá-lo, a acariciar e a explorar a coluna dura sob as calças. Ele apertou com mais força os braços da cadeira, a madeira estalando nas suas mãos enquanto ela lhe abria os botões rapidamente.

Graças a Deus. Ele não suportaria lentidão.

Ela debateu-se com um botão e soltou um barulhinho de frustração, e Henry pensou que podia vir-se só por causa daquele som — a prova do seu desejo por ele. Mas não. Não se viria sem ela.

Nem mesmo quando ela afastou o tecido e revelou a sua extensão, dura, quente, ansiosa.

— Oh — disse ela em surdina. — Isso é... — Era grosseiro. Um cavalheiro pediria desculpa por isso. — Lindo — concluiu ela, com uma voz deleitada.

Os olhos dele fecharam-se, o coração matraqueou e a aresta dos braços da cadeira mordia-lhe a carne, e ele tentou ter força para não lhe tocar. Para deixar que ela o tocasse.

Ela ia tocar-lhe?

Um dedo. Um dedo pecaminoso, deslizando-lhe na ponta e descendo pela coluna latejante. Como fogo. Como uma tortura.

— Adelaide. — Tantos anos em que se esforçara para nunca perder o controlo. Para ser um homem decente. Para ser nobre. E, com um dedo, ela

transformava-o num animal. Praguejou, baixo e impudico.

Ela deu-lhe o que ele desejava, segurando mais firmemente, esfregando o polegar na cabeça larga.

Ele soltou uma respiração áspera, atirando a cabeça para trás de encontro à cadeira, o olhar hipnotizado sobre a mão dela enquanto ela o trabalhava com seu bonito punho apertado — para baixo, depois novamente para cima. Ele não seria capaz de se controlar muito mais tempo. Ela não queria que ele a tocasse enquanto fazia isto? Achava que podia resistir-lhe? Teria de o amarrar à cadeira, se o pretendesse.

Com esforço, ele afastou o olhar de onde ela o tocava, para a encontrar à sua espera. Ela não estava a observar os movimentos. Não estava a avaliar o seu desejo a partir da dureza de ferro na sua mão. Ao invés, estava a observar-lhe o rosto. Observando-o a observá-la.

Ele recuperou o controlo.

— Gostas do que vês.

— Gosto.

Outro toque, longo e lento. Outra respiração arrancada do peito dele.

— Vês o que me fazes?

Um sorrisinho. Um sussurro de triunfo.

— Tu queres-me.

Querer era uma palavra demasiado pequena. Ele precisava de quarenta mil letras.

— Quero.

— A minha mão. — Aqueles movimentos suaves e lascivos iam enlouquecê-lo.

— Sim.

Ele fletiu a mão na cadeira.

— Adelaide. Deixa-me tocar-te.

Ela abanou a cabeça.

— Ainda não.

— Porquê?

— Porque... — Fez uma pausa. — Se me tocares, não serei capaz de me concentrar.

— Não preciso que te concentres, amor — disse ele. — Preciso que te deites e me deixes adorar-te. — Ela também precisava disso. Era evidente na forma como as suas bonitas pestanas negras se semicerravam de desejo. — Céus, és linda. Deixa-me mostrar-te o quanto.

Ela abanou a cabeça, inclinando-se e sussurrando para a sua ponta.

— Imaginaste isto?

Qual era a resposta correta? Devia dizer-lhe como o imaginara? Uma dúzia de vezes? Uma centena, ela de joelhos, exatamente assim? As mãos dela nele? Os seus lábios lindos entreabertos, aguardando-o? Como se acariciara e viera em torrentes grossas, desejando que fosse ela a apanhá-las?

Não podia dizer-lhe isso.

Não foi preciso.

— Imaginaste — disse ela, as palavras revelando conhecimento e algo mais. Algo sem fôlego. Como prazer. — Imaginaste-me nesta posição, tua.

— Como podia não imaginar? — admitiu ele num gemido. — Minha.

Ela recompensou-o pela confissão lambendo-lhe a ponta dura e ardente, introduzindo-a dentro da sua boca perfeita, saboreando-a com pequenos toques de língua. Ele exalou asperamente, arqueando muito ligeiramente as ancas antes de usar toda a sua força para se deter. Ele não queria magoá-la. Não queria chocá-la.

E então ela chocou-o, com um zumbido longo e lento de...

Caramba, ela gostava daquilo...

Estava escrito no rosto dela, de olhos semicerrados enquanto relaxava e o tomava profundamente. Prazer, poder e necessidade absoluta. Não. Não podia ser necessidade. Isso era o que ele estava a sentir. Necessidade e desejo e um frenesim absoluto de a tornar sua. Não só aqui, agora, neste quarto, nesta cadeira, nesta cama, mas em todo o lado. Sempre.

Uma mão deslizou-lhe pelo pénis, descendo, enquanto ela o tomava mais profundamente, o seu zumbido tornando-se um suspiro rítmico enquanto o amava com a boca e a língua e as mãos, e ele perdeu-se para a sensação, agarrando-se à cadeira e contando-lhe todas as formas como imaginara que ela o tomasse. *Mais fundo. Mais forte. Sim. Por favor. Adelaide.*

Moveu as ancas de encontro a ela, a sua boca cuspindo palavras sujas e o pénis, pesado e ardendo, aguardando que ela o conduzisse ao alívio enquanto ela encontrava o ritmo exato que pôs ambos a gemer.

Perdido o controlo, estendeu as mãos para ela, afastando o lindo cabelo que caíra em ondas de seda sobre a cara dela e as suas coxas, para poder tocar-lhe... para poder vê-la... a olhá-lo. Céus, ele adorava os olhos dela sobre ele. Adorava a forma como ela o olhava. A forma como o notava. Sempre mais à frente que ele, a interpretá-lo, aquela sua rapariga linda e brilhante.

— Adelaide. — Apertou-a com mais força, fazendo-a recuar, abrandando o seu ritmo irresistível. — Se continuares... amor... vou vir-me.

— Sim — disse ela, os olhos iluminados de um desejo que raiava a ganância. Que deusa! — Sim. — A palavra vibrou através dele numa torrente de prazer. — Sim, quero isso.

E então ela voltou ao comando, tomando-o profundamente, envolvendo-o num prazer firme e quente até ele perder totalmente o controlo e ceder-lhe, gritando o seu alívio para o quarto e para os campos e para o sol.

E, durante todo o tempo, ela observou-o, ardendo por ele, cheia de poder. De domínio.

Ele nunca a deixaria partir.

Inclinou-se para a frente e puxou-a para si, tomando-lhe a boca com um gemido forte que lhe disse o quanto tinha sido boa, o seu orgasmo não dissipando de todo o desejo louco que o consumia, agora que sabia o que era tê-la. Uma mão deslizou pelo corpo dela para lhe apalpar um seio, encontrando o mamilo duro e retesado.

Ela gemeu o seu prazer enquanto ele o manuseava e o seu próprio prazer renascia. Soltou-a e disse:

— Lembras-te do que me disseste na outra noite, amor? Que eu podia simplesmente foder-te? — Beijou-a de novo, as mãos dela emaranhadas no seu cabelo atrás da cabeça.

Soltando-a, levantou-se, uma mão ainda presa nos caracóis, e ajudou-a a pôr-se vacilantemente de pé.

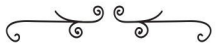
— Agora vês... nada do que fazemos juntos poderá alguma vez ser simples. Se fizéssemos isto um milhar de vezes... nunca seria simples. — Outro beijo, fundo e lento. — Será sempre um terramoto — prometeu ele. — Posso mostrar-te?

— Sim, por favor.

Aquela palavra. Ele dar-lhe-ia tudo o que ela pedisse. Para sempre. E garantiria que ela ia gostar. Para sempre.

A começar naquele momento.

Capítulo 18



Desde que se juntara à duquesa e à sua equipa, Adelaide impedira 43 casamentos, poupando outras tantas mulheres a uma vida inteira de infelicidade com uma miríade de canalhas, brutos e monstros. Além disso, trabalhando com as *Hell's Belles*, destruíra seis condes, dois marqueses, um duque e uma dúzia de cavalheiros titulados e ricos que tinham merecido tudo o que tinham recebido.

Contudo, nesse dia, naquele quarto maravilhoso e quente, naquela casa tranquila sobre uma colina tranquila no tranquilo campo inglês, enquanto Henry lhe cedia o seu poder e perdia o controlo que mantinha tão firme, incapaz de tirar as mãos e a boca de cima dela enquanto se aliviava, ela nunca se sentira mais poderosa.

Também nunca se sentira mais apreciada.

Porque, de alguma forma, mesmo quando ela se ajoelhara e lhe dera prazer de todas as formas que alguma vez imaginara poder, fora Adelaide que se sentira adorada enquanto ele a observava, os seus olhos azuis hipnotizados pelos movimentos dela, o peito a subir e a descer com a respiração entrecortada, e finalmente, quando ele não pôde resistir mais, o seu toque firme e cuidadoso e cheio de calor.

E então ele tomara-a nos braços e levara-a para a cama onde ela o velara por tantos dias, porém, ao invés de a deixar à cabeceira, deitou-a com ele, as suas mãos quentes e seguras na pele dela, os seus lábios tentadores e doces.

— Vem — sussurrou ele, a palavra suave e pecaminosa. — Assim. Sentou-a em cima dele. Ela hesitou.

— As tuas ligaduras...

Ele sentou-se, a mão subindo-lhe pelas costas e baixando-a para um beijo.

— Não te preocupes, amor. Cuidaste bem de mim e agora... vou cuidar de ti.

Ela estendeu os braços para ele, as mãos afagando-lhe o peito.

— Queria que ficasses bem — confessou ela. — Queria-te acordado e em movimento. Detestei a tua imobilidade.

Ele segurou-lhe uma mão e levou-a aos lábios, beijando-lhe as pontas dos

dedos.

— Agora estou acordado. Agora movimento-me. — Ergueu-a, guiando-a por cima do peito. — Deixa-me mostrar-te o quanto me movimento bem.

Ela esbugalhou os olhos enquanto ele lhe mostrava, movendo-a para cima, sobre o seu peito, até ela estar sentada nos seus ombros.

— Henry, que...

— Shh — sussurrou ele, estendendo a mão para ela, abrindo-a e passando um único dedo através do seu calor húmido. — Deixa-me olhar.

— Não posso... — Ela fechou os olhos. Era demasiado. Era demasiado... bom.

Outra carícia e um círculo maléfico onde ela instantaneamente ansiou por ele.

— Tão bonita — sussurrou ele. — É a coisa mais bonita que já vi. Tão húmida e quente e... — mais um círculo com o dedo, e ela respirou fundo — cheia de desejo — concluiu, separando-a e levantando a cabeça para a lamber com uma sucção longa e lenta. Ela gritou e ele soltou-a. Quando falou, todo ele era satisfação. — Desejas-me, não desejas? Aqui?

Antes de ela poder responder, ele estava ali, de encontro a ela. Incapaz de reprimir o gemido, baixou as mãos para ele, enfiando os dedos no cabelo escuro, puxando-o enquanto ela se mantinha imóvel, com a vergonha à espreita apesar do trovão de prazer que ele fazia retumbar dentro dela.

Ele parou, os seus dedos apertando-se-lhe no rabo, e inclinou a cara para lhe dar um beijo no cimo da coxa.

— Sabes a mel e a pecado.

Adelaide fechou os olhos às palavras, à onda de deleite que a percorreu quando as ouviu.

— Vem para mais perto, amor — sussurrou ali, junto do seu centro. — Dá-me mais.

E então baixou-a para poder cobri-la com a boca, lambendo-a uma vez e outra, gemendo de encontro a ela, que perdeu o controlo e se meneou. Só uma vez. Apenas o suficiente para obter...

— Mais perto — rugiu ele, dando-lhe uma palmada no traseiro. Ela gritou, surpreendida pela dor rápida e pelo prazer lento.

Baixou os olhos para ele — Santo Deus. Ele estava a observá-la, os seus

lindos olhos azuis traçando a longa linha do seu corpo, com um brilho maléfico de descoberta. *Gostas disto.*

Não precisou de dizer as palavras em voz alta. Podia ver a verdade.

— Eu... — Ela mordeu o lábio. Mais uma palmada. A mão dele demorou-se no mesmo sítio. Ela gemeu, meneando-se no seu aperto firme. — *Sim. Henry...* — O nome dele saiu num sussurro longo e lento.

— Que boa menina és — sussurrou ele ao longo do corpo dela, puxando-a para si sem desviar o olhar. — Vamos explorar isso demoradamente noutra ocasião. Mas agora...

Recompensou-a com uma lambidela longa e lasciva, bastante para a fazer arquear de encontro a ele e tombar a cabeça para a frente enquanto ofegava o seu prazer. Outro gemido troou de dentro dele, um som quase excessivo.

A sua magnífica boca comeu-a, lambendo e sugando e roubando-lhe o controlo até ela dar por si perdida no seu toque, virando-se, a si e ao seu prazer para ele, os dedos bem firmes no seu cabelo. Ele soltou-a por um instante, apenas o bastante para ordenar:

— É isto, amor. Aceita-o. Aceita-me.

E ela aceitou, incapaz de se impedir. Incapaz de resistir ao seu ímpeto, cada vez mais perto do auge. Não querendo parar enquanto se meneava nele, a língua dele traçando os seus lugares secretos e os dedos deslizando-lhe pelo traseiro, encontrando outro lugar secreto, pintando círculos lentos e lânguidos até ela estar fora de si, ofegando o seu nome e suplicando-lhe que não parasse.

Não abrandou até ela atingir o clímax, numa onda lenta e crescente que viajou através dela, dura e rápida, e a fez gritar.

Nem mesmo assim ele a soltou, parecendo saber do que ela precisava — a sua língua aberta, o peso da sua palma. E depois um deslizar lento pelo tronco, até onde o seu pénis aguardava, mais uma vez duro. Pronto para ela.

Ela hesitou, levantando o peso de cima dele.

— Os teus pensos...

Isto não era... Eles não podiam...

Ele moveu-se, erguendo-a por cima da ligadura de linho, até ela ficar sentada mais abaixo, por cima da sua extensão dura.

— Juro-te, Adelaide, neste momento não sinto qualquer dor. — Não existe

nada além de ti.

— É demasiado — sussurrou ela, apesar de se menear, muito ligeiramente, apenas o bastante para que ambos suspirassem. — É demasiado cedo.

— Passou uma eternidade — respondeu ele, afagando-lhe uma bochecha com o polegar. — Cuidaste tão bem de mim, amor. — Então a mão dele caiu, os dedos encontrando a cicatriz no flanco dela, traçando-a gentilmente. — Agora somos um par.

As palavras debateram-se dentro dela, a ideia de que podia haver um par para si. A mentira, sedutora e tentadora de que podia haver um parceiro para Adelaide, nascida sozinha, criada sozinha. De que ele podia ser o seu par.

Impossível.

As lágrimas chegaram inesperadamente. Indesejadas. Ela limpou-as, mas ele reparou. E interpretou-as mal.

— Não, amor. Eu estou bem. Nunca mais voltarei a fazer-te chorar.

Ela inclinou-se para o toque, os seus olhos fechando-se às palavras. À mentira que continham.

Não havia dúvida de que a faria chorar de novo. Quando a deixasse — fosse no dia seguinte ou um ano depois — talvez ela chorasse para sempre.

Ele não era para ela. Não era para sempre. Mas, nesse momento, naquele quarto, naquele chalé, naquela colina... podia sê-lo.

Nesse momento, em que estava sentada em cima dele e a sua mão lhe descia pelos seios e barriga e subia pelas coxas até ao sítio onde ela latejava e ansiava por ele, ela não chorou. Desfrutou dele, da certeza dele. Da forma como ele tomou o pénis na mão e o massajou nela, deixando-a impossivelmente mais molhada e mais lasciva.

— Henry. — A palavra veio num gemido, desesperada por ele.

— Tu queres isto — disse ele, rude e perfeito.

— Sim — admitiu ela, já a soerguer-se, já a arranjar espaço para ele enquanto ele a abria, posicionando-se na sua entrada.

— Adelaide — disse ele, o nome dela como uma prece.

Ela encontrou os seus olhos.

— Henry... — Baixou-se sobre ele. Muito levemente. Apenas o bastante para ambos gemerem de prazer.

— Sim, amor...

— Isto parece...

— Perfeito.

Ela moveu-se mais um pouco. Um centímetro. Mais. Fechou os olhos e pousou as mãos nas coxas dele, atrás de si.

— És tão... — *Quente. Molhada. Cheio.* As palavras de ambos correram juntas. *Sim. Por favor.* As mãos dele estavam nas ancas dela, segurando-a com força enquanto ela continuava, sentando-se nele.

— És uma rainha — disse ele baixinho. — Reinando sobre mim. — Investiu para dentro dela e ambos gemeram à sensação, as mãos dela indo pousar no seu peito. — Arruinando-me.

Ela ergueu-se, muito pouco, apenas o suficiente para o olhar dele regressar ao dela, cheio de lascívia e ganância.

— Raios — praguejou ele, segurando-a. — Faz isso outra vez. Cheia de poder e triunfo inebriantes, ela fê-lo. Mais uma vez, longa e lenta e languidamente, as ancas rolando de encontro às dele quando voltou a sentar-se.

Ele praguejou, quase inaudível e sombrio, e ela não conteve o sorriso.

— Gostas disto, não gostas? — disse ele, deslizando-lhe a mão pelo corpo, entre os seios, até ao pescoço, onde os seus dedos lhe cobriram a garganta. Sem pressão. Apenas prazer. — Gostas de me possuir? De me controlar?

Ela gostava, mas não precisava de o dizer. Ele sabia e controlou-a, por seu turno, os seus dedos em todo o lado, brincando-lhe pelo corpo, procurando o botão rígido de prazer que ansiava por ele, mesmo estando a cavalgá-lo. Manipulou-o em círculos apertados, lentos e superficiais, depois em ondas circulares, e a mão dela tomou a dele e mostrou-lhe exatamente como tocar-lhe, procurando o seu prazer, meneando-se e suplicando por alívio.

Ele provocou-a, abrandando quando ela chegava muito perto do auge, tornando-se mais gentil quando começava a vir-se, até ela abrir os olhos e o fitar, com uma expressão selvagem nos olhos escuros.

— Basta — disse ela, pondo-lhe as palmas no peito. — Dá-mo.

A exigência, firme e cheia de desejo, provocou-lhe um gemido demorado, vindo do fundo do peito e, abençoadamente, ele obedeceu, tocando o seu corpo como um instrumento, investindo nela, que se baixava para ele, até ela entoar o seu nome e ele suspirar o dela, depressa, e depois mais depressa ainda, os dedos movendo-se em círculos perfeitos até saber que ela estava tensa como uma mola.

— Henry — ofegou ela. — Preciso de ti. Preciso disto.

Ele beliscou-lhe um mamilo com a mão livre.

— Eu sei, amor. Recebe-o. Recebe tudo o que precisares. É teu. Sou teu.

Sou *teu.*

O prazer disparou através dela — a sensação dele, o som das palavras, a promessa que continham — e ela estava ali, e era diferente de tudo o que já tinha experimentado.

— Agora, amor.

Como se ela apenas precisasse da sua permissão, baixou os olhos para ele, percorrida pela surpresa, pelo choque e por uma enorme quantidade de medo, e ele soergueu-se, prendendo-a a si, tomando-lhe a boca num beijo profundo e delicioso, duas vezes, antes de terminar a carícia.

— Caramba. Sim. És a coisa mais bonita que já vi. Vem-te para mim, amor. Agora.

E ela obedeceu, com o olhar preso no dele enquanto a onda de prazer a varria. E só então, quando ela estava perdida, louca e lasciva por ele, é que ele a seguiu para a sua bênção, investindo e acariciando e descrevendo círculos e gemendo, até ela cair em cima dele, os corações batendo em uníssono, e ele segurou-a nos braços como um tesouro.

A certo momento — segundos? minutos? mais? — ela mexeu-se, detestando deixá-lo mas temendo que, ficando, o magoasse. Temendo que, ficando, se magoasse.

No entanto, com o tentador calor dele e o beijo gentil que lhe deu na têmpora, ela descobriu que não tinha força suficiente para o deixar. Embora soubesse que era o melhor que tinha a fazer para proteger o seu coração. Talvez ela soubesse a verdade... Talvez soubesse que era demasiado tarde, e o seu coração já não lhe pertencesse para proteger.

O Sol, agora novamente alto no céu, pintou as paredes com as sombras das árvores lá fora, e eles imitaram os movimentos lá dentro, na pele um do outro. E Adelaide maravilhou-se com o silêncio do quarto. Dos seus pensamentos. Quando é que, pela última vez, ela simplesmente... fora?

Quando é que, pela última vez, se sentira puramente... ela? *Nunca.*

Outra podia ter ouvido aquela palavra sussurrada e imaginaria uma vida dividida em duas — o passado e o futuro. Um novo começo, finalmente compreendendo o que outros queriam dizer quando se afirmavam felizes.

Adelaide sabia o suficiente para não acreditar nisso. Poderia haver um passado e um futuro. Um novo começo. Uma nova compreensão do que podia ser. Mas o que podia ser não era o que seria.

Momentos como este... não eram para sempre.

Se os seus sonhos mais loucos e selvagens se concretizassem, e Henry quisesse ficar com ela — mesmo que por pouco tempo, mesmo que por algumas noites roubadas no seu quarto por cima do The Place, ou breves momentos nas sombras de Westminster, alguns beijos ardentes nas docas — aqui, no coração de Lancashire, no meio de nenhures, solteiros e secretos num lugar só deles — não ia perdurar.

Não podia. E sempre que o contemplava, sempre que ele abria o seu sorriso lindo que lhe suavizava as linhas rígidas do rosto perfeito e aristocrático, ela teria de se recordar... *ele não é teu. Não verdadeiramente.*

Não para sempre.

Conseguiria viver com isso?

Ficou tensa com este pensamento, com a forma como lhe apertou o peito. A forma como lhe picou a garganta, mesmo quando ele virou a cabeça e lhe beijou novamente a têmpora, inalando-a. Roubando mais dela. Partes que ela nunca recuperaria.

Já perdidas para si, prometidas a ele, como o resto dela.

Ele podia não ser dela, mas ela seria sempre dele.

— Adelaide — sussurrou ele, e ela fechou os olhos, tentando memorizar a palavra. A forma como soava na sua respiração. Na sua língua. No seu sotaque perfeito, aperfeiçoado em escolas caras e nos corredores do Parlamento, onde falava pelos que não tinham voz.

— Henry — sussurrou ela, estremecendo pela forma como a sua emoção revelava a verdade. Os empedrados irregulares de Lambeth. Os degraus tortos de South Bank. A educação crua dos milhares de bolsos que tinha pilhado.

O passado podre e sujo estendia os seus tentáculos para lhe recordar que nunca poderia ter um *para sempre* com alguém como ele. Que isto — o que quer que fosse ou viesse a ser — o mancharia se alguma vez se tornasse público. A filha do líder do maior bando de criminosos de Londres, nascida no esgoto e criada nas ruas, tendo por maior orgulho os dedos ágeis — uma carteirista de South Bank. E um *duque.*

Era risível.

Não te rias, pediu-lhe em silêncio. *Ainda não.*

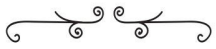
Dá-nos mais algum tempo.

Ela estava perdida para ele e para aquilo, para os seus raros sorrisos e os seus ombros fortes e o seu orgulho e a sua bondade.

Depois de tanto tempo, Adelaide encontrara um homem bom. E preferia um momento com ele do que uma vida inteira sem ele, sem hesitação. Ficaria com ele por todo o tempo que ele a quisesse, e dar-se-ia por feliz por habitar ainda que apenas um cantinho secreto da sua vida. E quando o momento chegasse, deixá-lo-ia ir, livre e desimpedido, e ignoraria o buraco que ficaria no seu peito no lugar do coração.

Com a decisão tomada, a mão dele desceu-lhe pelas costas, o seu toque abraçando-a como um sopro. E então ele perguntou: — Onde está a minha caixa?

Capítulo 19



Enquanto ali estavam deitados, a luz movia-se pelo quarto, à medida que a manhã dava lugar ao brilhante sol do meio-dia. Maravilhado pelo sossego do campo, Henry inspirou os aromas do outono no mundo do outro lado das janelas, perguntando-se quanto custaria comprar aquela casinha, naquela pequena colina, naquela pequena cidade, para ali morar com Adelaide durante o tempo que fosse necessário para a convencer a ser sua.

Ele segui-la-ia para onde ela escolhesse ir — dar-lhe-ia tudo o que ela desejasse. Viveria no seu alojamento por cima do The Place, se ela quisesse — se Maggie O'Tiemen tolerasse um duque como inquilino.

O que Adelaide quisesse, seria dela. Ele garanti-lo-ia.

Abriu a boca para lhe fazer a oferta. Para lhe pedir que fosse sua, que passasse a vida ao seu lado. Contudo, o que estaria a oferecer-lhe? Não gostava do termo *amante* nem da forma como acarretava um sentido de propriedade e de impermanência. Não havia nada de impermanente naquela mulher gloriosa.

Quanto à propriedade, ele não tinha a ilusão de poder ser dono dela. Sobretudo quando ele era tão completamente dela.

Sabia o que ela pensava da sua vida em Lambeth. Sabia que a considerava uma mancha prejudicial. Nunca daria a Adelaide um momento sequer para acreditar que não era digna de tudo.

Casamento. O título. Uma bela coleção de bebés — de preferência, meninas, com cabelos como o fogo e olhos de veludo e um intenso sentido de justiça.

Com uma dor profunda e acutilante, soube que queria tudo aquilo com Adelaide. E soube que não podia tê-lo.

Contudo, não queria que existisse qualquer mal-entendido entre eles acerca das suas razões.

Então, chegara o momento de ela abrir a caixa.

Quando ele lha pediu, ela arregalou os olhos de surpresa, como se fosse a última coisa no mundo que esperava que lhe pedisse, mas não hesitou. Colocou no rosto os óculos que deixara na mesa de cabeceira, saiu da cama e deixou-o a ansiar por ela enquanto atravessava o quarto para a ir buscar.

— Podias ter-ma tirado a qualquer momento — disse ele quando ela voltou.

— Acreditas que estive distraída com outras coisas?

Ele sorriu, um batuque de prazer arrogante a matraquear através dele.

— Comigo. — Mas ele tinha visto as lágrimas nos olhos dela ao acordar. Segurara-a nos braços quando ela tremera de alívio. Esta mulher sentia alguma coisa por ele. E ele não ia recusar isso.

Ela estendeu-lhe a caixa, e ele abanou a cabeça.

— Vais tu abri-la. Eu ensino-te.

A cautela nos olhos dela era inconfundível e ele sabia que estava preocupada com as verdades que podia exigir-lhe em troca de pistas para abrir o cubo, mas antes de ele poder falar, Adelaide dirigiu-lhe um pequeno sorriso incerto e disse:

— Como te disse quando começámos, sou um livro aberto.

Henry tinha posto fim ao jogo, apesar de ter uma vontade desesperada de o jogar. Tinha absorvido porções ínfimas dela, momentos fugazes de revelação, compostos por saias amarradas com lindas fitas e passagens secretas atrás de quadros de donzelas-escudeiras e beijos em pontes. Ela gostava da ponte de Westminster. Ela comprar-lha-ia, raios.

Mas essas gotas de informação sobre ela já não eram suficientes. Ele queria banhar-se nela.

Primeiro, ia mostrar-lhe que nunca lhe pediria mais do que ela estivesse disposta a dar. Que seria a única pessoa à frente de quem ela não precisava de representar. Ergueu o queixo na direção da caixa na mão dela.

— Mostra-me do que te lembras.

Ela trabalhou rapidamente o mecanismo, recordando cada passo sem hesitação, até chegar ao ponto em que estivera antes, com um pequeno cilindro na mão.

— Não abre — disse, mais para si própria do que para ele. — Pensei que isto podia ser uma chave.

— Não é assim tão simples — respondeu ele, desejando mantê-la a falar. Louco com a forma como ela refletia no quebra-cabeças.

E então, a sua brilhante mulher tocou com a ponta do cilindro de obsidiana no exterior da caixa. E deu um gritinho.

— É um íman!

Ele queria beijar o deleite dos seus lábios.

— É.

Com um foco supremo, ela passou-o por cima da caixa.

— Prende em alguns sítios, mas não noutros. — Olhou-o com os olhos brilhantes de triunfo. — É um labirinto. A chave está lá dentro.

Não demorou quase nada a encontrar o lugar onde o íman atraiu um objeto no interior do cubo, nem a traçar a grande letra C que enchia um dos lados do cubo com lenta e segura paciência, até chegar ao fim da curva e soar um pequeno estalido. Os lábios dela torceram-se no sorriso mais bonito que ele já vira, triunfante e doce e o bastante para o fazer desejar atirar a caixa para o outro lado da sala e levá-la para a cama.

Ela encontrou outra tranca, uma costura ao longo da aresta da caixa, que abria, permitindo-lhe deslizar ali um pedaço de madeira e libertando o que parecia ser o topo do cubo.

— Tem cuidado. — Ele não conseguiu impedir-se de ajudar.

Ela procurou o olhar dele por um momento, em busca de pistas. Ele não lhas deu. Ao invés, deu-lhe uma dúzia de outras coisas — esperando que ela as compreendesse. Orgulho. Prazer. Adoração. Desejo. Uma promessa de que, quando ela terminasse o quebra-cabeças, se o pusesse de lado e lhe pedisse para fazer amor com ela, ele o faria sem hesitação.

Porque, nesse momento, ele pertencia-lhe. Ela estava a descobrir os seus segredos, tanto quanto os segredos da caixa. E, pela primeira vez na sua vida, Henry achava seguro partilhá-los. Ela continuava a manobrar a caixa, com o seu toque gentil, curioso e macio, o suficiente para ele desejar que ela estivesse a manobrá-lo a ele. Quando levantou o painel, este revelou uma segunda parede lá dentro, uma peça macia de carvalho, pintada como um campo de estrelas, que à primeira vista parecia ser uma manobra de diversão.

Mas não era. Havia três pequenos círculos gravados na madeira pintada, lindamente decorados: um sol marcado com um rodopiante L, uma lua com um C, um planeta rodeado por anéis com um H. Não eram apenas círculos. Eram botões.

— Cuidado — repetiu ele, a palavra como aço.

Ela compreendeu imediatamente.

— O botão errado destruirá o conteúdo.

Os seus olhos azuis encontraram os dela e o seu orgulho foi suplantado por outra coisa. Admiração. Fogo. Ela pensou por um momento, tamborilando com a ponta do dedo no lábio inferior, fazendo-o desejar inclinar-se para a frente e tomá-lo entre os dentes, beijá-la até ela ofegar de prazer. Inconsciente da direção dos pensamentos dele, ela percebeu rapidamente o que via.

— Tinta?

Ele confirmou.

— Rapariga inteligente.

— O benefício de uma vida inteira como ladra. Já vi armadilhas deste género. — Franziu o sobrolho. — Não queres fazer-me uma pergunta?

— Quero fazer-te um milhar delas. — A verdade. — Mas não agora.

— E então, fico a dever-te?

A pergunta irritou-o. Quem lhe ensinara aquilo? Que cada momento com outra pessoa era uma transação? Quem a fizera acreditar que tinha de ceder pedaços de si mesma aos outros?

— Adelaide — disse ele em surdina. — Não me deves nada. Compreendes? Salvaste-me a vida. Trataste-me e velaste por mim enquanto eu recuperava, e ainda pensas que vou pedir-te um pagamento por um pedaço de mim. Não me deves *nada*.

Ela abanou a cabeça.

— Não compreendo.

Então ele beijou-a, roubando a carícia, lambendo-lhe a boca, bem no fundo, antes de retirar a língua para lhe lamber, longa e demoradamente, o lábio inferior.

— Estás tão perto — sussurrou ele. — Acaba.

Por um instante, ela pareceu considerar beijá-lo novamente em vez de trabalhar no quebra-cabeças, e Henry ponderou interromper a atividade para fazer exatamente isso. Mas antes de poder sugerir que concretizassem os desejos dela, ela falou, a ponta do dedo mal pousando na caixa.

— H é de Henry.

Ele confirmou.

— Mas não é a minha caixa.

— C é de... Clayborn?

— O meu pai. Mas também não é a caixa dele.

Ela inclinou a cabeça e examinou-o, a caixa quase esquecida nas suas mãos.

— De quem é esta caixa?

De repente, ele sentiu mais compaixão pelo pai do que tinha sentido numa década. Mais do que isso.

— Era da minha mãe. Ele fê-la para ela. Para guardar o que está lá dentro.

— Henry — disse ela, o quebra-cabeças esquecido quando levantou uma mão para a cara dele, passando-lhe o polegar pelas maçãs do rosto. — Lamento tanto.

— Eu tinha 10 anos quando ela morreu. Demasiado tarde para a esquecer, demasiado cedo para me lembrar verdadeiramente dela. Ela é sombras e emoções e calor e beleza nas minhas memórias. Mas não consigo realmente alcançá-las.

Ela acenou com a cabeça.

— Não conheci a minha mãe, mas por vezes penso que me lembro dela.

Sim. Era exatamente isso. Ele agarrou-se às palavras — à verdade que continham e ao pedacinho que ela acabara de partilhar. Apontou a caixa com o queixo.

— Prime L, de Laura.

Ela fê-lo, e o topo abriu-se.

— Henry — disse ela baixinho. Um tom diferente de antes, quando falara com piedade. Agora parecia-se notavelmente com admiração. — É lindo.

Ela era linda.

— Todos os nossos aniversários ele construía uma caixa nova e guardava qualquer coisa dentro.

Ela virou-se para o encarar, os olhos iluminados de interesse, pousando o cubo destrancado, mas fechado, na cama, entre eles.

— Por vezes levavam horas a abrir. O Jack ficava sempre frustrado e ia-se embora.

Ela sorriu.

— Mas tu não.

Ele abanou a cabeça.

— Eu não. Adorava o seu mistério. O desafio. Adorava a forma como revelavam os seus segredos assim que eu ultrapassasse a prova. — Olhou-a. — Ainda adoro. — Não disse mais nada. Não lhe contou que faria tudo o que fosse necessário para ultrapassar a prova com ela. Ela sabia-o. Tinha de saber.

— O que é que estava dentro delas?

— Bugigangas. Uma moeda. Uma medida de fio de pesca novo. Um saco de rebuçados de limão. — Deu uma pequena gargalhada. — Era por isso que o Jack desistia sempre. Achava que verdadeiros presentes eram os que estavam embrulhados em papel com laços.

— Tu já sabias.

— Nunca me interessei pelo que é fácil. — Indicou a caixa. — Esta foi a mais complexa que ele fez. As nossas nunca tinham medidas de segurança.

Porque continha um segredo que ele nunca queria ver revelado. Ela empurrou a caixa alguns centímetros na direção dele.

— Obrigada por me ensinares.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Não queres saber o que está lá dentro? O que é tão valioso para um famoso gangue de ladrões ser contratado para o roubar? Que género de segredo pode destruir o Duque de Clayborn?

— Não — disse ela. — Alguns segredos não são para mim.

Este, porém, era. Este, ele queria que ela o soubesse — a prova de que ficaria com ela, ao seu lado, enfrentando tudo, enquanto ela o aceitasse. Prova, também, de que não podia casar com ela.

Ela compreenderia, quando visse. Empurrou a caixa na direção dela.

— Abre-a.

Algo refulgiu nos olhos de Adelaide. Algo honesto e urgente.

— Henry... se o fizer... preciso que saibas... seja isto o que for... nunca o utilizarei.

— Eu sei. Mas mesmo que o fizesses eu não me arrependeria de to ter dado. Não me arrependeria deste momento. Deste tempo, aqui, neste lugar.

— Mas... Eu negoceio com segredos.

Ele tomou-lhe a bochecha na mão e inclinou-se para a frente, arrancando-lhe o sussurro dos lábios com um beijo.

— Este vem sem encargos.

Ela abriu a caixa tal como ele fizera uma centena de vezes antes dela, maravilhando-se com a pequena bandeja lá dentro, suspensa sob um frasco de tinta azul que se teria partido ao meio se ela tivesse premido o botão errado, tornando ilegível o quadrado de papel que aí repousava.

Ele observou-a a inspecionar o mecanismo, e adorou o seu sorriso de espanto ao perceber como funcionava. Quando ela declarou que era um mecanismo muito inteligente, Henry sentiu que queria que ela sentisse o mesmo acerca dele, e jurou fazer o seu melhor para a impressionar todos os dias, desde que ela o aceitasse.

Removendo o papel, ela ergueu a bandeja para revelar um compartimento minúsculo, apenas com tamanho suficiente para conter uma segunda caixa de madeira, esta gravada com um elaborado L em filigrana. Hesitou e durante essa pausa algo se apertou na garganta de Henry. Pelo respeito dela. Por ela compreender que o que estava lá dentro era a coisa mais valiosa que podia dar-lhe.

— Continua — disse ele, as palavras saindo entrecortadas.

Ela encontrou os olhos dele, os seus cheios de preocupação, mas obedeceu, erguendo a caixa e abrindo-a, revelando a aliança de casamento da mãe, um aro fino das mais verdes esmeraldas que Henry já tinha visto.

— É deslumbrante — disse ela, passando os dedos sobre as joias.

— Esmeraldas para os seus olhos... uma das poucas coisas que recordo dela — disse ele. — Os seus olhos verdes. Como a primavera, *todos os minutos*, dizia o meu pai.

Adelaide sorriu à pequena história.

— Quando dizes acreditar no amor, é por causa deles.

Ele apontou o papel que ela retirara, e susteve a respiração enquanto ela desdobrava cuidadosamente o pergaminho quadrado, com 36 anos. Ele sabia o que ela lia. Tinha-o lido tantas vezes que o memorizara.

Minha Querida L

Esta não é provavelmente a carta que gostarias de receber ou, pelo menos, não é do remetente que gostarias que fosse. E, contudo, é imperativo que te escreva para te dizer tudo o que queria dizer-te esta manhã. As coisas que não me deixaste oferecer-te — na tua crença errónea de que eu estava a agir por excesso de cavalheirismo.

O que sinto agora, neste momento, não tem nada de gentil. Estou cheio de raiva pela forma como foste abandonada. Cheio de raiva pela forma como foste magoada. E cheio de esperança pela forma como poderás sarar.

Conheci-te durante toda a minha vida. Amei-te durante toda a minha vida. E agora, se me aceitares, desejo passar toda a vida ao teu lado, como pai dos teus filhos. O que tenho, ofereço-to — uma casa, um lar e um futuro.

Nunca dei muita importância ao título; sempre defendi que a maneira como um homem vive é muito mais valiosa do que aquilo que o mundo lhe chama. Mas estou disposto a utilizar todos os argumentos possíveis, na esperança de que aceites a minha oferta. Se é terra que desejas para o bebé, ou riqueza, ou o título, essa será a minha oferta. Considera-o lá, contigo, já meu herdeiro. Já com um pai que se encherá de prazer a cada uma das suas concretizações.

Em resumo: poderás ter tudo o que é meu, se o desejares. A única coisa que desejo é um futuro a que possamos, juntos, chamar nosso.

Teu, sempre,
Clayborn

— Clayborn — disse ela, quando chegou ao fim, passando um dedo sobre a assinatura, outrora forte e apaixonada e agora desvanecida pelo tempo.

— O meu pai — explicou ele, embora não precisasse. — Bem, não o meu pai verdadeiro, mas o pai que me criou.

— Não. O teu *pai verdadeiro* — insistiu ela, levantando da carta os olhos cheios de lágrimas.

A dor no peito de Henry aumentou quando estendeu a mão para ela, desejando travar as lágrimas, uma das quais lhe rolou pela face, deixando marcas na sua bonita pele.

— Amor, não...

Ela abanou a cabeça.

— Desculpa. Isto é tão...

Ele anuiu com a cabeça.

— É lindo.

— Ele amava-a tanto. — Voltou a baixar os olhos. — E tu... meu Deus, Henry, a forma como ele te amava... ainda antes de nasceres.

— Eu não sabia — disse ele. — Não houve um único momento da minha infância em que ele não fosse meu pai. Nem mesmo quando o Jack, o filho do seu sangue, nasceu.

— Tu eras tanto dele quanto o Jack. Esta carta não é mais do que uma prova disso — disse ela com um sorriso. — Imagino que tenha sido um pai insuportável, gabando o seu rapaz aos quatro ventos, depois de nasceres.

Ele permitiu-se rir.

— Pelo que ouvi dizer, comecei a andar aos 4 meses. E a ler aos 6.

— Claro que sim — disse ela, voltando a fitar a carta com um olhar nostálgico que o fez sentir o mesmo — melancolia por um passado que nunca conheceria.

Por um futuro que nunca imaginara.

Até ela.

— Ela casou com ele, claro.

Ele confirmou.

— Era filha de um proprietário de terras com quem o meu pai tinha negócios, numa cidade não muito distante da propriedade rural. Acreditou num homem que lhe prometeu nunca a abandonar. E abandonou. — Não foi a primeira a acreditar em palavras bonitas. Nem será a última — disse Adelaide.

— O meu pai... ele amava-a o suficiente pelos dois. Fez a caixa para ela quando eu nasci — explicou em surdina, desejando que ela compreendesse. — Para poder manter a sua promessa segura. Para que ela se lembrasse sempre de que ele tinha cuidado de nós.

— Fez uma pausa. — Devíamos tê-la destruído. Mas...

Ela abanou a cabeça.

— Eu nunca me livraria dela. É demasiado bonita.

— A última coisa que tenho deles, juntos. — Ficou em silêncio por um momento, as memórias abatendo-se sobre ele. E depois: — Não sei quem é o

meu pai. Podia ser qualquer um.

— Gostarias de saber?

Ele já pensara nisso, naturalmente.

— Ao longo dos anos, perguntei-me algumas vezes se poderia encontrá-lo. O que lhe diria, nesse caso.

— E?

Ele abanou a cabeça.

— Tive um pai, e trocaria todas as perguntas que tenho para o homem que me gerou por mais cinco minutos com o que me criou.

— Fez uma pausa. — Gostaria de saber se se orgulhou de mim.

Ele nunca dissera aquilo a ninguém, nem sequer a Jack. Curiosamente, com Adelaide, saiu-lhe com facilidade.

Talvez por querer que ela também se orgulhasse.

— Orgulhou — disse ela sem hesitar. — Tenho a certeza de que se orgulhou muito de ti antes de morrer. E agora... se ele te pudesse ver como o mundo vê... como eu vejo... — Sorriu. — O seu rapaz. A sua família. Não nascido do sangue, mas nascido do amor. Do cuidado.

— Não sou o único com uma família assim — concordou ele. — A tua também é. Nos últimos anos, vi o género de amigas que fizeste. A duquesa, Maggie O'Tiemen, Gwen. Lucia.

Ela concordou.

— Tenho muita sorte por ter criado uma família de amigas nos anos depois de sair de South Bank. No entanto...

Ele esperou que ela terminasse, sabendo que não devia pressioná-la.

Finalmente, ela baixou os olhos para a carta nas suas mãos — aquela com que o seu pai mudara um destino.

— Isto... ela era o sol dele.

Como Adelaide podia ser para Henry.

Como já era.

E, com isso, ele compreendeu. Viu a vida que o pai levara, com perfeita

claridade. Viu, também, como a mãe o abençoara. Abençoara todos.

Como ele seria, também, abençoado.

— Que dádiva que ela lhe concedeu — disse ele. — Uma família para amar. De quem se orgulhar.

Adelaide concordou.

— E a dádiva que ele te concedeu. O seu amor. O seu apoio. — Beijou-o levemente nos lábios.

Deixa-me conceder-te o mesmo.

Contemplaram-se durante muito tempo, e ele daria tudo para ouvir os seus pensamentos antes de ela finalmente falar.

— Não admira que sejas o homem que és. Tão vocal no parlamento. Usando toda a voz que tens para falar pelas crianças que não tiveram tanta sorte.

— Acho que qualquer pessoa decente e com sensatez e um resquício de humanidade faria o que eu fiz, se visse as condições em que essas crianças vivem.

Ela abanou a cabeça.

— Muitos veem e não dizem nada. Não fazem nada.

Ele clareou o nó que tinha na garganta, o alívio por alguém, finalmente, compreender.

— A minha mãe teria sido ostracizada. Pela família. Pela comunidade. E eu com ela. Podíamos perfeitamente ter acabado numa instituição, e não numa casa ancestral. Eu podia perfeitamente não me ter tornado duque. — Uma pausa. E depois: — E há, é claro, o facto de eu não ser, realmente, um duque.

— Que significa isso? Não realmente? Tens o nome e o título, as cartas de patente.

— E outra carta. Uma que diz a verdade. Que, apesar de eu ter nascido de pais casados, não sou filho do meu pai.

Uma trovoada flamejou nos olhos dela.

— Disparates. — Ela ergueu a carta. — Acredita, como alguém que passou a infância com um pai que me via apenas como dinheiro nos cofres, a ideia de um pai reclamar os seus filhos com tanta certeza, com tanta... *devoção*... Henry,

o que é que podia ser mais legítimo? — Os seus enormes olhos castanhos estavam sobre ele, cheios de uma preocupação urgente. — Este homem amou-te incondicionalmente. E a tua mãe também. Que gloriosa verdade para estimar.

— Quando ele me disse... — começou ele, e depois parou, a memória desse dia chegando com uma onda de vergonha. — Fiquei furioso.

Ela ficou quieta, observando-o sem julgamento, e ele continuou.

— Eu tinha 14 anos, e estava de férias da escola. Um monstro absoluto. Arrogante e fanfarrão e com a certeza de saber tudo o que havia para saber acerca do mundo.

— Um aristocrata em formação — disse ela com uma provocação gentil.

— O meu pai não era nada assim. Ele era... — Procurou a palavra.

Ela levantou a carta na mão.

— Eu conheço-o.

— Conheces — concordou ele. — Essa carta... É o coração dele. E eu fiquei zangado ao vê-la. Fiquei tão furioso com ele... culpei-o por nos mentir. Por nos dizer. Por me sobrecarregar com a verdade e com a consciência de que, se alguém descobrisse, isso nos mancharia para sempre.

— Mas não é assim. Eles eram casados quando nasceste. Eras filho dele. — Fez uma pausa. — És. És filho dele.

— Ele morreu três anos depois de me contar. E eu ainda estava zangado. Porque os segredos dele eram meus, e tornaram-me uma fraude.

— Claro que não — disse Adelaide, tão alto que o sobressaltou. Ele encontrou os seus olhos, flamejando de frustração e indignação moralista. — Acho que fizeram de ti mais duque do que qualquer dos outros que se passeiam pelos corredores da Câmara dos Lordes. Acho que fizeram de ti forte e nobre e bom e decente. — As palavras eram suaves, mas cheias de força, e parecia que, se alguém discordasse, Adelaide seria capaz de lhe arrancar a cabeça antes de o convidar a sair. — Acho que passaste a vida a tentar provar que eras digno de um título que não é, nem de longe, digno de ti. E acho que o homem que escreveu esta carta ficaria muito orgulhoso de ti, Henry Carrington, Duque de Clayborn. Filho. E irmão. Príncipe entre os homens.

Ela era magnífica na sua fúria, e ocorreu a Henry que alguém que tivesse Adelaide ao seu lado — na batalha ou na vida — seria imensamente afortunado.

— Lamento que ele não tivesse podido ver aquilo em que te transformaste — disse ela, estendendo a mão para ele, roçando-lhe a pele, descendo-lhe pelo

braço até à mão, onde entrelaçou os dedos nos dele, o movimento carregado com toda a verdade que as palavras transportavam.

Ele levou a mão dela aos lábios, beijando-lhe os nós dos dedos.

— Obrigado.

Ela deixou-o demorar-se ali por um momento, vendo-o adorar as suas mãos, antes de acrescentar:

— A única coisa que não compreendo é porque é que não queres casar.

— A tempestade que se abateria sobre mim num tal cenário, Adelaide... embora não perdesse o título, perderia tudo o resto. Reputação. Comunidade. Respeito. Qualquer mulher lamentaria amar-me quando isso acontecesse.

— Porque o mundo te acharia um duque inferior, porque o teu pai era um homem superior?

— Isso não é tudo.

— Conta-me o resto — pediu ela, praticamente a vibrar com a afronta. Ele estendeu a mão para ela, atraído pela fúria que ela sentia em seu nome, os dedos deslizando para os caracóis que a faziam parecer um anjo vingador.

— Quando eu tinha 10 anos, nasceu o Jack. Ele é a imagem do meu pai.

Ela ficou imóvel, compreendendo imediatamente.

— Henry.

— Não — disse ele. — Sei o que vais dizer.

— E devias ouvi-lo. *Tu és Clayborn. A* lei afirma-o. Os teus pais eram casados quando nasceste. O teu pai registou-te como seu. Isso torna-te legítimo. — Brandiu a carta. — Este homem... ele teria querido que o reclamasses.

— Compreendeste mal — disse ele em surdina. — Não é que o meu pai não me quisesse para seu herdeiro. Ele queria.

Era o melhor dos homens, e nem por um momento duvidei do seu amor, por isso fiquei tão zangado quando me revelou a verdade. Ele nunca me ostracizou. Fui eu que me ostracizei.

Ela abanou a cabeça.

— Porquê?

— Porque o Jack... — Suspirou, procurando as palavras certas. — Não lhe passo o título devido às circunstâncias do meu nascimento. Passo-o devido às circunstâncias do dele. — Desviou o olhar dela. — O Jack é deles. Nascido do

amor. Não é essa a melhor forma de continuar a linhagem?

— Henry — disse ela em surdina, segurando-lhe a mão com força. — Ele nasceu do seu amor, e tu foste criado nele. — Beijou-o, suave e docemente. Continuava ali, rodeando-o, mesmo depois de os seus segredos serem revelados. — E então? Tu não mereces filhos nascidos do amor?

Outra vez os bebés. Aquela coleção de meninas de óculos e cabelos de fogo. Um ou dois rapazinhos à mistura.

— Não pensei muito neles até recentemente. Até tu chegares. Algo refulgiu nos seus enormes olhos castanhos. Algo doce e rapidamente bloqueado.

— Também pensei neles recentemente. — Ela encostou os lábios aos dele, depois sussurrou: — Mas não posso prometer-te filhos. Apenas posso prometer-me a mim própria. Pelo tempo que nos servir a ambos.

Era uma oferta. Ela fizera-a primeiro.

O casamento não é o único caminho.

— E então, escondemo-nos do mundo?

Para sua surpresa, ela riu-se.

— A única coisa que fiz desde sempre foi esconder-me do mundo, Henry. — Ele não gostou, mas antes de poder exprimi-lo, ela continuou. — Pensa nisso. Não estaríamos a prejudicar ninguém, e não me parece que seja imoral que dois adultos que se querem, se tenham. Não preciso de um benfeitor. Não há necessidade de qualquer dinheiro trocar de mãos. Tenho o meu próprio rendimento, trabalho que não desejo abandonar: um mundo para mudar a partir de Covent Garden. — As suas raparigas. As suas donzelas-escudeiras. — E tu... — continuou ela. — Tu tens um vasto mundo para mudar a partir do Parlamento. E desta forma podemos saborear tudo.

A ideia era tentá-lo.

Decerto, muitos homens tinham jogado este jogo ao longo dos anos. Tinham tido parceiras em segredo. Tinham amado e envelhecido e criado as suas próprias famílias. O mundo dava muitas oportunidades aos homens de fazerem isto. Mas para Adelaide, que passara a vida no torreão da ponte de Westminster, tratando de manter-se segura, trocando pedacinhos de si própria por medo de ser ostracizada — isto não era suficiente.

Ela merecia muito mais do mundo.

Dele.

— Vivo em dois mundos distintos, Henry, um pé na lama de Lambeth e outro nos salões de baile de Mayfair. Nenhum deles me serve. — Encolheu um ombro. — É uma estranha meia vida, que nunca pareceu ter um caminho que conduzisse a isto. Mas este caminho, posso percorrê-lo.

Contudo, havia outro caminho. Ela podia conhecer um homem decente que lhe desse um futuro completo. Um coração completo. Tudo o que merecia.

E, apesar disso, ele ambicionava-a, querendo dizer sim. Querendo tomar tudo o que pudesse dela. Quaisquer pedacinhos que pudesse arrancar-lhe.

Acumular.

Antes de poder encontrar as palavras para explicar, Adelaide estava mais uma vez perdida na caixa.

— Espera. Eu roubei a caixa. Roubei-a, com a carta lá dentro, aos Bully Boys, que ta roubaram... a mando de alguém. O Alfie Trumbull não rouba quebra-cabeças por desporto — e não creio que se interessasse minimamente pela verdade acerca de ti, tirando para te chantagear até te ter depenado. Mas esse não é o desporto favorito do meu pai. O que significa que alguém o contratou para o obter, e pagou bem para ser roubado de Mayfair. Ele não gosta de atrair a atenção da Scotland Yard.

Ele concordou com a cabeça.

— Havistock. — Ela encolheu-se ao ouvir o nome, e ele continuou. — O Marquês de Havistock era amigo de infância do meu pai. *Amigo* — falou como se cuspisse. — O meu pai era um homem decente, demasiado levado pela bondade. Acreditava demasiado nos outros. Achou que o Havistock era o género de amigo em quem podia confiar e mostrou-lhe a carta. A caixa. O anel.

— *Não* — disse ela. — Um homem como o Havistock... usá-la-ia para obter tudo o que quisesse. Para sempre. — Abanou a cabeça. — Mas não há nada disto no dossiê do teu irmão. Por muito que o Havistock desdenhasse dos teus pais nunca mencionou isto.

— Acho que não lhe interessava. Até recentemente.

— Porquê agora? — Ele não precisou de responder. Ela adivinhou a resposta mal a pergunta lhe saiu dos lábios. Era a sua vez de ser inteligente. — Trabalho infantil. Queria que parasses a campanha que ameaça as suas instituições de trabalho.

Ele não devia ficar surpreendido e, contudo...

— Como sabes disso?

— O Havistock também tem um dossiê. E não está cheio de dívidas de jogo e tolices. É da grossura do meu polegar e está repleto de um conjunto de atividades que, embora não sejam ilegais, são certamente imorais.

— Incluindo empregar crianças nas suas fábricas — disse ele.

— Sim, se bem que *empregar* não seria a palavra que eu usaria para a forma como as trata e o pouco que lhes paga.

— E não há nada que se possa fazer. Não é ilegal. Mas será — jurou ele. — A não ser que o Havistock arranje maneira de virar o Parlamento contra mim.

— Envolvendo-te num escândalo.

Ele confirmou.

— Eu não perderia o título, mas perderia toda a influência que este implica. A causa regrediria anos. Mais que isso.

— E a única razão para não ter sido revelado ainda...

Ele olhou-a nos olhos.

— É porque tu o roubaste.

Ela ajeitou os óculos, incapaz de resistir a brincar.

— Podes agradecer-me a qualquer altura.

Eles não deviam brincar. E, contudo, ele gostava demasiado dela para não o fazer. E ela também gostava demasiado dele. Ele lançou-lhe um sorriso.

— Tenciono fazê-lo. Minuciosamente.

Ela inclinou-se e beijou-o, longa e docemente, como um tesouro, inebriando-o com a sua maciez e o seu cheiro, tomilho e chuva fresca. Quando se separaram, ele disse:

— Tive medo dessa caixa, do seu conteúdo, durante tanto tempo. Pensei em destruí-la um milhar de vezes, sabendo que a sua mera existência era um risco. Mas não consegui, porque ela provava que o amor existiu. Que era bom, digno e verdadeiro. Por isso, corri o risco. — Beijou-a outra vez, incapaz de resistir a mais um momento com ela. Outro pedacinho dela aqui, neste lugar mágico. — Durante todo esse tempo, pensei que a verdade dessa carta seria um grande peso quando fosse divulgada. No entanto... por tua causa... estou livre disso.

Fitando-o intensamente nos olhos, ela perguntou:

— Porque me deixaste ficar com a caixa? Porque me deixaste abri-la? — Ele tivera várias oportunidades para retirar a carta de dentro da caixa, ela estava

ciente disso. — Porque é que deixaste a carta lá dentro?

Ele fizera a mesma pergunta a si próprio muitas vezes. Dissera a si próprio que era por a carta estar mais segura ali do que com ele. Mas não era verdade.

— Queria que tu soubesses — disse, finalmente. — Queria confiá-la a alguém. E queria que fosses tu.

Ela abanou a cabeça, e ele soube o que ia dizer antes de ela falar.

— Sou uma ladra.

Ele estendeu a mão para ela, desejando que ela compreendesse a maravilha que era.

— Pensas que não sei disso? — perguntou. — Roubaste-me naquele primeiro dia, nas docas. Da primeira vez que me beijaste.

Ela encostou a testa à dele e fechou os olhos.

— Tencionava devolver-te.

— Impossível. Nunca o permitirei.

— Tão imperioso. — Algo flamejou no olhar dela, apesar de sorrir. Algo que ele queria banir dos seus pensamentos. Algo que queria banir do tempo que passavam juntos.

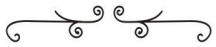
Então ela beijou-o, longa e lascivamente, e ao mesmo tempo com tristeza e urgência — um beijo que lhe deixou o peito apertado de medo por poder ser o último. E quando terminou, ele disse a única coisa que restava para dizer a esta mulher que lhe tinha roubado o coração.

— Deixei-te ficar com a caixa porque confio em ti. — Outro beijo, como uma recompensa. — Deixei-te ficar com ela porque queria que tivesses um pedaço de mim que nunca ninguém tivera. — E outro, como uma tentação.

Tentando-o a dizer-lhe tudo.

— Adelaide, deixei-te ficar com ela porque te amo.

Capítulo 20



A confissão foi crua e bela, e Adelaide não sabia o que fazer com uma tal dádiva, por isso fez o que fizera toda a sua vida: escapou-se. Saiu da cama, recordando-se de que precisavam de comer e beber.

Na cozinha, encheu uma travessa com presunto e queijo, maçãs e colheradas de mostarda e pickles que tinham sido deixados na despensa, tentando esquecer o que ele tinha dito. Como as suas palavras tinham enviado uma corrente de excitação através dela.

Como a tinham feito acreditar num futuro com ele.

Em toda a sua vida, Adelaide nunca tinha sido cobarde. Mas quando voltou ao quarto com a comida empilhada na travessa e encontrou Henry já de pé, lavado, com a camisa vestida escondendo ligaduras e músculos, não conseguiu encará-lo. Estava demasiado sobrecarregada de emoções, nenhuma delas agradável, e temia que, se ele as visse, se apropriasse delas. As derrotasse. As afugentasse.

Tola Adelaide; ele apropriou-se dela na mesma. Atravessou a sala no momento em que ela entrou, aliviando-a do peso da travessa e puxando-a para si, inclinando-lhe o queixo para cima, de modo a ver-lhe os olhos através dos óculos e a ler-lhe os pensamentos. E então, sem uma palavra, puxou-a para o colo, recusando-se a deixá-la esconder-se.

Curiosa e incrivelmente, ela não se importou, pois Adelaide nunca estivera interessada em esconder-se dele, desde o primeiro momento em que o conhecera. Por isso o enfrentara diretamente dessa primeira vez. Por isso o observava nos bailes de Mayfair, desejando que ele a visse. Por isso o beijara nas docas e o desafiara para uma corrida através do país, e ficara naquela casa quatro dias, esperando que ele acordasse. Esperando que ele a visse.

Coisa que ele fizera desde o início.

Então ela deixou que ele a puxasse para o seu colo e a abraçasse com força, enquanto comia a refeição que ela lhe preparara. Claro que deixou. Porque, entre todas as emoções estranhas, desconfortáveis e maravilhosas que ele lhe provocava, a única que ela conseguia identificar — queria identificar — era

desejo.

Ela desejava-o. Assim. E não da maneira que fora treinada para pensar em desejo. Não com olhares cobiçosos, rápidos e excitados. Ela desejava-o numa corrente fresca e estável, como um bálsamo. E era um bálsamo quando ele lhe tocava, aliviando dores que ela não notara, até então, que tivera toda a vida.

O apetite dele voltara, e Adelaide deleitou-se ao vê-lo comer, adorando saber que, ainda que de uma forma ínfima, o nutria — dando a este homem magnífico um pouco dela, arriscando.

Isto não pode durar, tentou recordar-se, uma e outra vez, mas as palavras de aviso desvaneciam-se sempre que ele parava para a servir de pequenos mimos, os melhores pedaços do seu prato, como se ela fosse um prémio a conquistar. Um tesouro a estimar.

Como se fosse ele que a nutria.

Ele amava-a.

Então ela contemplou aquele homem magnífico, junto de quem também se sentia magnífica, e disse:

— Quero confiar em ti. Quero saber como é.

Ele deteve-se, com um pedaço de queijo a meio caminho da boca. Os seus olhos encontraram os dela, sérios e interrogadores, e um músculo na bochecha dele estremeceu, como se tivesse um milhar de coisas para dizer. Finalmente, decidiu-se por uma.

— Por favor.

Ela tomou-lhe a mão na sua, aceitando a comida que ele lhe ofereceu, usando o tempo que demorou a comê-la para ponderar na forma de lhe dizer tudo o que desejava que ele soubesse, mesmo sabendo que a sua história acabaria, indiferente ao que quer que ela tivesse sonhado.

— Perguntaste-me acerca de informação. Os motivos de eu a recolher. Porque é que sinto que as conversas comigo deviam ser compradas e pagas.

Ele abanou a cabeça, passando uma mão nas costas dela.

— Não precisas de explicar.

— Eu acho... — Fez uma pausa. — Acho que quero.

Para baixo e para cima, os dedos roçaram o pano fino da camisa dela,

indiferentes à marca que ela sabia que ele podia palpar, que sabia que já tateara. Ele não era tolo; não ficaria surpreendido por descobrir que fazia parte da sua história. De facto, foi Adelaide que ficou surpreendida, pois nunca se imaginara a falar disso a ninguém.

— Não sei por onde começar.

A mão dele continuava ali, nas suas costas, acariciando.

— O teu pai é o Alfie Trumbull.

O olhar dela voou para o dele.

— Como é que tu...

— Os nossos visitantes na Hungry Hen.

— Tu estavas meio-morto.

— Desculpa, mas não estava.

Ela olhou-o de esguelha, mas não o contradisse.

— Podia não estar nas melhores condições, mas a minha audição estava excelente.

Ele já sabia. Durante todo este tempo, sabia quem era o seu pai. E, no entanto, tinha feito amor com ela. E, no entanto, tomara-a nos braços, alimentara-a, acariciara-a e escutara-a. Confiara nela.

Amara-a.

Impossível. Ele não devia estar a compreender.

— O Alfie não é só o proprietário de um armazém em Lambeth. É o líder dos Bully Boys. O gangue foi literalmente batizado por ele.

— Dois gangues rivais, reunidos por um líder temível. — Ele também sabia isto. — A escumalha do Sul de Londres. Acredites ou não, foram mencionados no Parlamento uma ou duas vezes.

— E prestaste atenção? — Ele mostrou-se realmente ofendido. — Desculpa — disse ela instantaneamente. — Claro que prestaste. Tu és tu.

— Por isso, e porque o meu irmão esteve em dívida para com eles em mais de uma ocasião.

Ela abanou a cabeça.

— O teu irmão não é muito inteligente.

— Tenho esperança de que a sua noiva resolva isso. — Serviu-lhe uma fatia de maçã. — Mas ele é o irmão bonito, tem pelo menos isso.

Ela sorriu.

— E tu, de facto, és bastante feio. — Mesmo ferido e ensanguentado e cheio de marcas meio saradas, era a coisa mais bonita que ela já tinha visto.

— Já não.

— Não?

Ele abanou a cabeça.

— Não, agora que o meu nariz está partido.

Ela riu-se e o momento foi uma dádiva — uma acalmia antes da tempestade que ela estava prestes a desencadear.

— O meu pai era... um rei. Nunca possuiu uma única coisa que não pensasse vir um dia a vender por mais do que pagou. Tudo tinha um preço, e o objetivo de Alfie Trumbull era pedir o mais elevado. Sempre. Tudo o que tinha na sua posse, toda a gente que empregava. Se não tivesse valor monetário, não servia para o Alfie. — Fez uma pausa, depois acrescentou: — Isso incluía-me.

O toque dele vacilou no caminho descendente pelas suas costas, apenas levemente. Apenas o suficiente para ela o olhar de novo, encontrando os seus olhos nublados com algo de que poderia gostar, se quisesse pensar nisso.

— Eu ser filha dele, não era suficiente. Precisava de trazer vantagens.

— Então tornaste-te uma carteirista.

Ela confirmou.

— Sim, tal como muitas raparigas; quando se é pequena e rápida, há uma hipótese melhor de pilhar uma bolsa e não ser notada.

— E eras boa.

Ela não conseguiu evitar um sorriso orgulhoso.

— Ah, pois — disse, deixando o South Bank transparecer nas palavras. — Os dedos com mais cola de todo o Sul de Londres. Mayfair não sabia o que aí vinha.

Ele riu-se.

— Mereceram tudo o que tiveram, garanto-te.

— Os janotas nunca contam que aconteça dentro dos seus próprios círculos. E deixa que te diga — enfatizou ela —, há meia dúzia de pessoas com títulos que são, eles próprios, carteiristas.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Deveras?

Ela contou pelos dedos.

— Oxford. Tillborn. A Lady Weatherby.

Ele estava perplexo.

— E são bons?

— Não, são péssimos. Em Lambeth seriam esfaqueados em dois minutos. Mas, como eu disse, os janotas nunca esperam isto dentro dos seus círculos. Além disso, ao contrário do resto de nós, os aristocratas nunca são apanhados.

Ele apertou-lhe a anca com mais força.

— Tu foste apanhada?

— Não se chega a ser a melhor ladra de South Bank sem saber o que acontece quando se falha.

— Conta-me.

Ela arriscou relanceá-lo, para o encontrar ali, a observá-la. Por um momento, examinou o olhar dele, certa de que veria censura. Ao invés, encontrou-o a ele, aberto e acolhedor. Um homem que partilhara os seus próprios segredos, que considerava sombrios. Não sabendo o que um segredo podia ser.

— A luz do Sol é inimiga da maior parte dos criminosos, mas foi sempre minha amiga. Roubava a maior parte das bolsas de manhã, quando o Sol começava a espreitar sobre os telhados, transformando aquela lixeira em ouro. Os bolsos estavam mais leves depois de noites passadas a beber, mas eram mais fáceis. Pessoas bêbedas e cansadas tornam-se estúpidas. E aprendi cedo a aproveitar-me disso. — Fez uma pausa. — Além disso, se completasse a minha quota logo de manhã, podia passar o resto do dia a fazer o que quisesse.

— Explorar as pontes de Londres?

— Cada uma delas — confirmou. — Claro que foram as pontes que me

meteram em sarilhos. — Tirou um pedaço de comida da travessa e mordiscou-a, aproveitando o pretexto para pensar. — Enganei-me ao achar que o princípio da manhã em Mayfair seria igual ao princípio da manhã em Lambeth.

Ele respirou fundo, apesar de ela dar uma pequena gargalhada.

— O tipo apanhou-me no segundo em que cortei a bolsa.

— Quantos anos tinhas?

— Oito.

Ele ficou duro como pedra, cada músculo do seu corpo tenso, e ela olhou-o.

— Henry...

— Quero o nome dele. — As palavras saíram raspadas, como rodas de carruagem em cascalho.

— Para quê, para o punires?

— Sem dúvida.

Ela riu.

— És tão moralista.

— Eras uma criança.

— E tu sabes melhor do que a maioria que isso não importava. Com os olhos escurecidos de fúria e as palavras entrecortadas, perguntou:

— Que aconteceu?

— O magistrado teve pena de mim.

— Libertou-te.

Ela olhou-o.

— Não. Deu-me dezasseis dias.

— Dezasseis... — Ele parou, cerrando os punhos. — Caramba, Adelaide. Na prisão. — Ela confirmou. — Vou encontrar esse canalha e destruí-lo. Vou acabar com ele e com o amigo que decidiu levar uma criança de 8 anos perante o magistrado.

Ela não pôde evitar o calor que a inundou ao ouvir as suas palavras zangadas.

— Tencionas destruir toda a gente que já me fez mal?

— Sim. — A resposta foi instantânea e categórica.

Como teria sido a sua vida com este homem ao seu lado desde o início? Que parceiro que ele teria sido. Seria. Que pai.

Teve uma visão, uma fila de catraios de cabelos escuros e olhos azuis, todos tão amados. Tão cuidados, com o pai, o duque, a zelar por eles. O pai, e a mãe, que seria sua parceira em todas as coisas. Bonitos e perfeitos e imaculados — nascidos com graciosidade e temperamento doce. O contrário de Adelaide.

— Onde estava o teu gangue? — perguntou ele, ignorante do motim de pensamentos na cabeça dela. Ela engoliu em torno do nó na garganta. Concentrada na história.

— O Alfie estava lá fora quando fui libertada.

— O teu pai apareceu quando foste libertada? Não antes?

— Que podia ele ter feito?

— Eu teria deitado o edifício abaixo, pedra por pedra, até te soltarem.

Ela sorriu.

— E eles ter-te-iam deixado fazê-lo, duque.

Talvez ele não merecesse a lembrança gentil da sua posição, mas Adelaide fê-lo, apesar disso, para o recordar da distância que os separava. Para se lembrar a ela própria, terminou a história.

— O Alfie estava ali para me dar o meu segundo castigo. — Ele gelou, mas ela continuou. — O castigo por ter sido apanhada.

Os dedos dele encontraram a longa cicatriz nas suas costas. Permaneceram aí.

— Isto?

— Não. — Ela abanou a cabeça. — Isso foi da segunda vez que fui apanhada — disse ela. — Fui gananciosa. Um regalo de pele. Queria-o para oferecer no Natal à mulher do meu pai, a única pessoa que alguma vez foi boa para mim. Ele trocara-a por uma rapariga nova e ela estava inconsolável. Achei que um regalo a faria feliz.

O peito dele apertou.

— E?

Ela sorriu.

— É difícil esconder um regalo de pele na saia de uma menina. — Ela parou.

— Quinze chicotadas pela segunda infração, e dois meses dentro.

— Raios, Adelaide... A prisão não é lugar para uma criança.

— A prisão não é lugar para a maior parte das pessoas que são para lá enviadas — replicou ela. E ela estivera na secção da cadeia reservada às crianças. — Após a minha segunda estadia, jurei nunca mais voltar. — Deu-lhe um sorrisinho. — Também jurei que acabaria por chegar a Mayfair, o peixe graúdo que estava determinada a apanhar.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— E olha onde estás agora.

— Roubando beijos e segredos a duques — sussurrou ela, embora fosse ele a roubar o beijo que se seguiu a essas palavras.

— E corações — acrescentou ele, num gemido, quando a soltou.

— Não me dês o teu coração — pediu ela docemente. — Não sou bastante virtuosa para o devolver.

Ele tinha de compreender. Se pudessem concordar que estarem juntos lhes traria mais problemas do que felicidade, ela podia pôr este pequeno idílio para trás das costas e deixar que o resto da sua vida começasse. Ele tornar-se-ia uma dor surda — do género que se sentia num osso partido há muito, quando o tempo mudava. Uma memória distante de quando ela se apaixonara loucamente por um homem que não podia ser seu.

Forçou-se a acrescentar:

— Então, aqui tens; o pior da história.

Agora sabes porque é que não deves amar-me. Porque é que, para nós, não existe «para sempre».

Ele acenou gravemente com a cabeça por um momento, e depois disse:

— Agora conta-me o melhor da história.

Ela franziu o sobrolho.

— O... melhor?

— Conta-me a tua memória mais feliz.

Alguma vez lhe tinham perguntado aquilo? Pior, porque é que era tão difícil dar uma resposta? Pensou por um longo momento antes de se decidir.

— Não desgosto da memória desta manhã. — O nome dela na língua dele. O seu toque na sua pele. O corpo dela no dele.

Ele sorriu e beijou-lhe a têmpora.

— Eu também não. Mas conta-me uma que tenha acontecido antes de nos conhecermos.

— Não — disse ela baixinho, furtando-se a ceder mais um pedacinho de si. — Não compreendes. Não podes saber mais acerca de mim.

— Porquê? E se eu quiser saber tudo acerca de ti?

Ela abanou a cabeça.

— Não podes... não podemos. Não percebes? — Sentia-se frenética, como que perdida num beco escuro. Ou, pior, sob a luz brilhante de Mayfair. — Não posso.

Ele ficou silencioso por um longo momento, considerando as palavras. *Por favor, Henry,* implorou ela em silêncio. *Por favor, compreende. Tenho de guardar o suficiente de mim para me aguentar quando partires.*

Contudo, quando ele repetiu o pedido, ela não teve poder para resistir.

— Uma memória feliz. Dá-me isso, pelo menos.

Fê-lo parecer como uma coisa insignificante, impossível de recusar, apesar de ambos saberem a verdade. Que, cada vez que ela descascava uma camada de si própria e a partilhava com ele... era mais difícil imaginá-lo a partir.

Ainda assim, ela pensou por um momento, procurando o género de memórias felizes de que os outros falavam. Festas de Natal e presentes de aniversário e férias à beira-mar. Mas ela tivera pouco dessas coisas, e as que tivera tinham sido transações — pagamentos do seu pai por um espólio decente ou uma boca calada. Então, nenhuma delas era realmente feliz, porque não tinham sido de graça.

Decidiu-se por uma.

— Tive um gato.

Ele aninhou-a e pousou-lhe o queixo no cimo da cabeça.

— Tinha um nome?

Ela sorriu.

— *Rabinho.*

— Um nome muito vulgar — brincou ele.

— Era preto, com pequenas meias brancas e um pedacinho branco no cimo da cauda — explicou ela. — E um nariz cor-de-rosa em forma de coração. — Ele

sorriu com a descrição. Por um lado, desnecessária para a história, por outro lado, extremamente importante para ele. — Uma vez, os rapazes do meu pai foram contratados para roubar uma carga de *bourbon* ilegal de um navio nas docas, e quando chegou, havia uma série de caixotes que não continham *bourbon*, mas sim livros. — Ele fez um som de incentivo. Ela abanou uma mão. — Cavendish, Austen e os mitos nórdicos.

— As donzelas-escudeiras.

— Entre outros. O meu pai não queria saber de livros; não tinham valor para ele.

— Então, deu-tos?

— Claro que não. Ele nunca me daria alguma coisa que eu estivesse disposta a trocar. Esses livros podiam ter-me custado mais uma dúzia de bolsas pilhadas. — Pausou. — Foram a primeira coisa que roubei do seu armazém.

— Mmm — fez ele, um som que a aqueceu com a sua aprovação. — E essa é a memória mais feliz? Roubar livros debaixo do nariz do teu pai?

Ela deu uma risadinha.

— Não era para ser, sinceramente, mas agora que falas nisso... Não posso dizer que não me agradou.

— Claro que agradou. Ficaste livre dele. Das suas regras. Livre para desfrutar sem teres de pagar por isso. — Ela assentiu com a cabeça, olhando para ele. — Adelaide — disse ele, acariciando-lhe a bochecha com o polegar. — A tua alegria... devia ser grátis. Devia vir sem taxas nem tarifas.

Então ela encostou a cabeça ao peito dele, com medo de enfrentar as palavras. Com medo da verdade — medo de que, se ela pedisse, Henry lhe desse tudo o que ela quisesse. Livre de taxas.

Ele suspirou, sendo essa respiração pesada o único sinal do seu desapontamento por ela não o encarar. Mas não havia qualquer sinal dele quando perguntou:

— E que aconteceu ao *Rabinho?*

As pontas dos dedos dela acariciaram-lhe o braço, brincando com os pelos ásperos.

— O *Rabinho* é uma memória feliz. Levei aqueles livros para o meu quarto como um tesouro, e pu-los debaixo do colchão. E, à noite, acendia uma pequena vela e devorava-os, enquanto o gato ficava deitado no meu peito a ronronar. —

Fez uma pausa, perdida na memória daquelas noites, quando os livros a transportavam para fora do mundo real, das suas ameaças e promessas.

Uma das mãos grandes de Henry deslizou-lhe pela coluna, quente, pesada e perfeita.

— Um livro, uma cama e um gato, é quanto basta, não é?

Ela aninhou-se melhor.

— Em último caso, um duque também servia. — As palavras saíram antes de poder impedi-las. Antes de ela poder impedi-lo de a inalar, os lábios na sua testa e o nariz no cabelo.

— Obrigado — sussurrou ele ali. — Por partilhares isso comigo.

Ela queria partilhar mais com ele. Tudo o resto. Cada ínfimo momento de alegria. Sempre que fora a primeira num nevão. O sabor dos bolos de limão na padaria ao lado do Palácio de Lambeth. O arrepio de um roubo bem sucedido. Mas não o disse.

— Essas noites com livro, gato e cama foram as mais felizes que tive. Antes de me tornar uma... — Fez uma pausa, o resto da frase surpreendendo-a.

— Uma...?

Ela remexeu um ponto coçado da camisa que usava e considerou as repercussões das palavras seguintes. Ele confiara-lhe o seu segredo, não confiara?

— Uma *Belle.*

Ele exalou, mais um som de alívio do que de surpresa.

— Então é verdade o que dizem os jornais: esse gangue feminino existe.

— É verdade. E podes censurar-nos?

— Suponho que isso explica os dossiês.

— A Quebra-Casamentos serve vários propósitos.

— Deixa-me adivinhar.

Ela ficou calada enquanto ele pensava, ansiosa por vê-lo adivinhar. Desejando que ele fosse um dos poucos que compreendia.

— Há a parte óbvia. O teu grupo de mulheres, derrubando os piores dos homens, aqueles com poder total e sem qualquer moralidade.

— Não teríamos de o fazer se Westminster o fizesse por nós — replicou ela.

— Como não faz, vocês são chamadas ao serviço. E colocam-se a vocês próprias em perigo. — Franziu o sobrolho. — Tens consciência de que, se alguma vez forem apanhadas... Se forem alguma vez identificadas como as *Hell's Belles*... — afastou-lhe um caracol de cabelo do rosto. — Caramba, Adelaide. Terei de repensar o parlamento. Vocês precisam de um guarda-costas.

Ela sorriu.

— Já te provaste um belo rufia.

A frustração transpareceu no seu rosto bonito.

— Não brinques. O jogo que vocês jogam...

Ela inclinou-se e beijou-o, lenta e docemente, como ele merecia, este príncipe entre os homens.

— Eu sei que jogo jogamos, Henry. Mesmo que não fôssemos extraordinariamente boas neste jogo, joguei-o sozinha uma vida inteira.

— Mas já não.

Ela ficou irritada.

— Esperas que aguarde que os que estão no poder se policiem a si próprios? Que mudem as regras? É uma bonita sugestão, duque, mas enquanto tu fazes os teus discursos, o mundo real continua a girar. E as pessoas reais são apanhadas no movimento. — Ia sair do colo dele, mas Henry segurou-a. Manteve-a.

— Não, Adelaide. Não era nada disso que queria dizer. — Ela voltou a olhar os seus lindos olhos azuis, límpidos e honestos. — Quero dizer que já não estás sozinha. Agora tens-me a mim. — Adelaide susteve a respiração. — Prometo-te a minha espada, minha donzela-escudeira. Deixa-me lutar contigo. Por ti. Ao teu lado.

Oh.

Este homem.

Acabaria por desfazê-la, se ela não tivesse cuidado. Destrui-la-ia com as suas juras e promessas e os seus lindos olhos e o seu toque quente e a forma como reparava nela.

Ela quase acreditou nele e na sua promessa. Deus sabia o quanto o queria.

Mas ela sabia a verdade — fora um extraordinário golpe de sorte para ela tê-lo aqui, agora, por algum tempo. Como um sonho.

Devia mandar um cartão de agradecimento a Danny.

— Henry... — começou ela, mas ele interrompeu-a, como se soubesse o que ela ia dizer.

— Conta-me o resto. Para destruir esses homens, derrubá-los dos seus pedestais... precisas de acesso à informação acerca deles. Alguma provém das tuas amigas, decerto. Mas os jantares de sociedade não dão acesso a segredos. Pelo menos, aos importantes.

Ela confirmou, permitindo-lhe mudar de tópico.

— Ninguém tem a língua mais solta do que uma mulher tentando escapar de um mau casamento.

— Então tu constróis os dossiês acerca dos noivos mal escolhidos... como o Jack... e coliges os verdadeiros segredos?

— Há segredos e segredos — disse ela, desejando que ele compreendesse que as circunstâncias do seu nascimento não eram o que as *Belles* perseguiam. — Procuramos segredos que possam derrubar um homem. Os que provocam ruína. Construir um dossiê sobre o Jack foi bastante fácil, além de nos dar acesso à Helene, que... tem o seu próprio segredo.

Ele ficou ainda mais atento.

— Que género de segredo?

Ela abanou a cabeça. Não podia contar-lhe tudo. Pelo menos, antes de saber que Helene estava em segurança.

— Do género que manda pares do reino para a prisão.

Ele ficou tenso, identificando imediatamente o vilão.

— Adelaide, não podes enfrentar o Havistock num frente a frente. Ele é um monstro. Aquilo que dantes escondia, aquilo que escondeu do meu pai, mostra-o agora em plena luz. Ele vê o mundo a mudar e sabe que está a viver um tempo de empréstimo. Está encostado à parede... e vai destruir-te, se tiver hipótese.

Ela concordou.

— É precisamente por isso que temos de o enfrentar, não percebes? Mais ninguém persegue esses homens. Mais ninguém os apresenta à justiça.

Ele sabia que ela tinha razão, era patente nos seus olhos. Na sombra de

frustração que ali havia.

— O Havistock construiu uma fortuna às custas dos piores dos nossos pecados, todos eles legais e todos eles corruptos — disse ela. Ele sabia disso. Ele via os esforços que o mundo fazia para manter Havistock e os seus congéneres fora da alçada da lei.

Ela prosseguiu.

— Mas os homens assim... não se ficam pelo que é legal.

E o nosso trabalho é encontrá-los aí, quando pisam o risco. Pelo menos, quando a nossa justiça é cumprida, somos capazes de proteger inocentes.

— Esposas e filhos — clarificou ele.

— Mais frequentemente, filhos. Como a Helene. As esposas... — inclinou a cabeça. — São mais complicadas.

— A proximidade ao poder é uma droga dura.

— Muitas não conseguem ver a verdade. Não é invulgar que uma mulher trabalhe a par de um marido canalha. Contra os seus melhores interesses.

— O longo prazo nunca tem tanto poder quanto o curto — disse ele. — Estás a falar com um reformador parlamentar.

— Uma vez li um dos teus discursos. No *News.* Sobre a prisão de Newgate.

— Sobre fechá-la. Para sempre. — Fez uma pausa, perdido em pensamentos. Depois disse: — Destruía-a completamente, se pudesse; passaria a minha vida a apagar as memórias, se tu me deixasses.

Ela abanou a cabeça.

— Não as quero apagadas.

— Não?

— Não, Henry. Não vês? Elas são o combustível. — Ele não tinha percebido, mas as palavras dela ajudaram-no a compreender. — Foram elas que me forjaram — disse ela em surdina. — Uma rapariga de Lambeth, que devia ter casado com um bruto e criado uma geração deles. E, ao invés...

— Um novo caminho.

— Um estranho caminho — disse ela. — Sem pátria, metade de um lado do rio, a outra metade, do outro. E, por causa disso, sempre desligada de ambas. Já não sou uma carteirista do Sul de Londres, mas ainda não sou uma queridinha do Norte.

— És a minha queridinha do Norte de Londres — disse ele docemente,

roubando um beijo.

Ela sorriu, permitindo-lho.

— É estranho. Logicamente, sei que tenho o meu lugar junto das *Belles.* Elas são a minha equipa, a minha família. Todavia, no meu íntimo, por vezes temo que a qualquer momento decidam que não sou digna do seu tempo e energia. Como se pudessem lembrar-se de que eu não pertenço.

Tal como tu te lembrarás um dia. Odiou o pensamento, a forma como este se moveu para trás e para diante através dela, como um animal selvagem.

O silêncio caiu entre eles — bastante longo para ela, finalmente, o encarar.

Henry parecia furioso.

— Não seres digna do seu tempo? Adelaide... — Conteve o que ia dizer. — Tu és maravilhosa de uma dúzia de maneiras. De uma centena. O teu valor... não pode ser quantificado. Nem em tempo, nem em energia. A enormidade disso... Santo Deus, Adelaide, que tu não possas vê-lo dá-me vontade de arrasar todo o império do teu pai, para o castigar por não to mostrar todos os dias.

— Já ouvi ideias piores. — A voz vinha da ombreira da porta. — E decerto que se pode arranjar. Mas agora temos um problema maior e mais premente.

Adelaide e Henry ficaram imediatamente alerta, virando-se para a porta e vendo a Duquesa de Trevescan ali, alta, loira e bela, nas suas luxuosas saias cor de malva que quase não aparentavam indícios da viagem de dias que deviam ter suportado para ir ao encontro deles.

Chocada, Adelaide ia pôr-se de pé, mas Henry segurou-a e não se mexeu.

— Não estou certo de que não mereça também um castigo, duquesa.

A outra mulher fitou-o, com surpresa no olhar.

— Confesso-me agradavelmente surpreendida pela sua ferocidade. Não sabia que estava na sua natureza. — O seu frio olhar azul examinou-lhe as feridas e ligaduras. — Embora já tenha tido melhor aparência, Clayborn.

Entrou na sala, revelando que não estava sozinha. Imogen e Sesily seguiram-na.

— Oh! — Imogen ergueu as sobrancelhas e Adelaide imaginou o que as amigas viam — ela vestida apenas de camisa e óculos, no colo de Henry.

— Oh! — Sesily lançou-lhe um sorriso deleitado. — Bom trabalho, amiga!

Ignorando a declaração excitada e o rubor das bochechas, Adelaide falou diretamente para a impávida duquesa.

— Qual é o problema premente?

A duquesa atravessou a sala e ergueu a caixa quebra-cabeças agora aberta, inspecionando o mecanismo interior.

— O Lord Carrington e a Lady Helene.

— Espero que estejam de volta, agora como Lorde e Lady Carrington — disse Henry. — Na verdade, estive acamado por cinco dias.

— Acredito — retorquiu Sesily de junto da porta.

A duquesa lançou-lhe um olhar antes de falar.

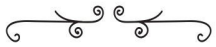
— Na verdade, não estão de regresso.

Adelaide imobilizou-se, a preocupação amotinando-se dentro dela.

— Que aconteceu?

— Desapareceram. — Bateu as palmas uma vez, firmemente. — Acho que tens de estar convenientemente vestida para isto.

Capítulo 21



Da última vez que Henry estivera nas cozinhas desta casa, Adelaide deixara-o inconsciente. Ali, de pé, rodeado por um grupo de mulheres que ele sempre achara temerárias e agora sabia serem também temíveis, não tinha a certeza de que a inconsciência não fosse mais uma vez uma possibilidade.

Não lhe escapara que Adelaide estivera prestes a fugir do quarto em numerosas ocasiões desde que abrira a caixa quebra-cabeças, e não tinha dúvidas de que o trio de mulheres que chegara não hesitaria por um momento em ajudá-la a partir, se ela o pedisse.

De facto, nos dez minutos que ele demorara a vestir-se e a descer as escadas para as cozinhas, a sua equipa tinha-se situado de modo a protegê-la e ela estava no extremo da divisão, junto do fogão, com a duquesa. Entre elas e a porta, Lady Imogen e Lady Sesily estavam sentadas à mesa. À sua entrada, as mulheres viraram-se como um batalhão de guerreiras protegendo um prémio. Donzelas-escudeiras, prontas para arrasar no campo de batalha.

Adelaide podia não compreender a mensagem que enviavam, podia não acreditar que era por causa dela, mas Henry percebia: se quisesse chegar perto dela, tinha de passar pelas outras.

O que ele faria.

Mas, primeiro, sentir-se-ia grato por ela as ter ao seu lado. Além disso, tinha perguntas que precisavam de resposta. Dirigindo-se às quatro, perguntou:

— Onde está o meu irmão?

— Não é a primeira vez que o perde, pois não? — retorquiu a Duquesa de Trevescan, o seu gélido olhar azul sobre ele. — Nem é a primeira vez que ele desaparece com a Lady Helene a reboque.

— Duquesa... — disse Adelaide num tom agudo de aviso. — Preciso de frisar que o Henry esteve inconsciente nos últimos quatro dias e que não merece a tua censura?

— Então e tu, Adelaide? — replicou ela. — Mereces a minha censura? Afinal, foste tu que deixaste a rapariga avançar enquanto ficavas para trás a proteger o *Henry*...

Adelaide semicerrou os olhos para a outra mulher.

— Julguei que estivessem em segurança. Cometi um erro de julgamento.

Henry não gostou daquilo.

— Tu não cometes erros de julgamento — respondeu a duquesa, as palavras frias enfurecendo Henry.

— Não se lhe dirija nesses modos — disse ele.

Seguiu-se um silêncio durante o qual as quatro mulheres o observaram, com uma variedade de emoções nos olhares.

Finalmente, a duquesa falou.

— Não faça confusão, duque. A Adelaide escolheu ficar para trás e mantê-lo vivo. A minha questão é: será digno disso?

— Provavelmente não — disse ele, erguendo uma sobrancelha em direção à mulher que toda a Londres adorava. — E, contudo, aqui estou eu.

— Voltamos então ao erro de julgamento de Adelaide. — Ela fez uma pausa, depois acrescentou: — Caramba, isto é o que acontece quando metemos homens ao barulho.

Henry devia ter ficado chateado. Ao invés, teve a sensação de estar a ser iniciado. E isso não o chateava nada.

— Basta, duquesa — exclamou Adelaide lançando um olhar ardente à amiga, que nem estremeceu.

— O meu irmão é muitas coisas — disse Henry, incapaz de evitar um tom de frustração. — É um lutador medíocre, absolutamente terrível nas cartas e demasiado confiante no mundo em geral. Deus sabe que cometeu uma série de erros, mas falta-lhe artifício, e se ia para Gretna com a senhora, ia para Gretna para casar. Está a dizer que não chegaram lá?

— Chegaram — disse a duquesa. — Temos meia dúzia de testemunhas que o afirmam, incluindo o próprio ferreiro que os casou. O seu irmão e a noiva passaram ali a noite, na estalagem, e iniciaram a viagem de regresso na manhã seguinte, há três dias. Mudaram de cavalos, almoçaram a menos de cinco milhas daqui, e depois desapareceram.

O coração de Henry começou a matraquear. Jack estivera a cinco milhas de distância, em apuros, e ele não o auxiliara. Não conseguira protegê-lo.

— Eu devia ter estado lá. — As palavras de Adelaide ecoaram as do seu coração, e ele virou a atenção para ela, encontrando o seu olhar castanho do

outro lado da sala. Havia tristeza nos olhos dela. — O meu cálculo foi que eles ficariam seguros assim que se casassem. Fiquei aqui, quando devia tê-la seguido.

— Para quê? — replicou ele. — Para seres levada com eles?

A raiva e frustração que sentia pelo desaparecimento do irmão ter-se-ia tornado uma raiva de pânico. Já ameaçava sê-lo, à mera ideia de que ela podia ter partido e ele pudesse não saber onde estava.

— Ninguém me teria levado. Mesmo que merecesse a pena levar-me, tenho uma faca e sei usá-la.

Ali estava outra vez. *Mesmo que merecesse a pena levar-me.* Como se ela não merecesse tudo.

— Raios, Adelaide...

— Por muito que gostasse de assistir ao desenrolar deste espetáculo — interrompeu a duquesa —, temos de encontrar a Lady Carrington. E o seu lorde, suponho.

Por toda a sala, as mulheres puseram-se ao trabalho, as suas palavras fluindo rapidamente, como se já tivessem jogado aquele jogo uma centena de vezes. Adelaide começou.

— Quem é que os tem? Os Bully Boys?

— É o que supomos — respondeu Sesily, virando-se para procurar nos armários. — Há comida?

Henry lançou um olhar a Adelaide quando ouviu a pergunta, e ela abanou uma mão.

— Ignora. Ela está sempre com fome — disse, antes de voltar à discussão.

— O Danny esteve aqui.

— Já soubemos — retorquiu a duquesa. — Foi deliciosamente devolvido ao armazém do Alfie, atado como um porco premiado, juntamente com um bruto muito grande de quem a Mary nos pediu que tratássemos.

— É o Billy — disse Adelaide. — Esfaqueou o Henry.

— Ah — disse Imogen, olhando para Henry. — Bem, ele não será problema. Vai a caminho da Austrália, tanto quanto sei.

Henry pestanejou.

— Excelente.

— Mas o Danny comunicou algo muito interessante antes de o Alfie lhe dar

uma reprimenda pública! — Sesily virou-se, triunfante, para o grupo, mostrando uma lata de sardinhas. — Parece que és a amante do duque.

Henry remexeu-se ao ouvir a palavra, trazida do mundo exterior. De Londres, através de uma doninha que ele devia ter mandado de volta para o seu criador. Não gostou do som da palavra, lascivo, como se o que tinham feito fosse para ser sussurrado e partilhado em bisbilhotices, como se ela fosse uma paragem no caminho para outra coisa, que o mundo considerava mais valioso.

E não lhe agradava o facto de ter sido ele a fazer-lhe isso — pôr o seu nome e o que ambos tinham feito nas bocas de criminosos que faziam parecer que estavam nas sombras, quando estar com Adelaide apenas o fazia sentir-se em plena luz do Sol.

Como se ela fosse sua igual em todos os aspetos.

Era isso que ele ia dizer-lhe agora. Pedir-lhe desculpa pela confusão que tinha arranjado, quando ela falou:

— Não sou.

— Não és amante dele? — procurou clarificar Imogen.

— Não sou — repetiu Adelaide. — Isto não é...

As sobrancelhas das mulheres ergueram-se em grupo.

— Parecia, decerto, que estavam... — Imogen apontou o quarto lá em cima.

— Estávamos — confirmou Adelaide, as palavras denotando um ligeiro pânico. — Mas... não estávamos...

Dissesse o que dissesse, sem dúvida que *estavam*, e ele não gostou da sugestão de que o que acontecia entre eles não era para sempre. Se não houvesse uma palavra para aquilo, eles inventariam uma. Parceira. Companheira. Amor.

Ele nunca a deixaria ir, ela não percebia isso? *Merda.* Ele não queria as coisas assim. Não queria que toda a cidade de Londres ouvisse rumores acerca dele antes de ter uma oportunidade de a convencer a viver com ele à luz do dia. Não queria segredos. Nem uma amante, nem um amor secreto, nem nada à média luz que ela quisesse oferecer-lhe. Queria-a a *ela.* Com ele. Para sempre.

E faria o que fosse necessário para o conseguir.

As palavras do pai sussurraram através dele: *Poderás ter tudo o que é meu, se o desejares.*

A única coisa que desejo é um futuro a que possamos, juntos, chamar nosso.

Tudo o que ela quisesse. Ele dar-lho-ia.

Antes de ter tempo de pedir às amigas que saíssem da sala para lhe prometer isso, Adelaide falou.

— Não preciso de um patrono nem de um benfeitor. Não sou amante dele.

— Nesse caso — perguntou a duquesa do seu lugar no extremo do quarto. — Ele é o teu?

Adelaide deu uma pequena gargalhada.

— Não tenho dinheiro para o sustentar.

Sesily também encontrara uma caixa de biscoitos duros e estava a mastigar um.

— Precisas de um empréstimo?

— Não!

Sesily olhou para Imogen.

— Talvez o beijo nas docas a tivesse inspirado a... recolher algumas amostras.

Foi a vez de Henry erguer as sobrancelhas, e não resistiu a olhar firmemente Adelaide, cujas orelhas bonitas tinham ficado vermelhas.

— Não há nenhuma recolha de amostras.

— Calma! O senhor era o homem nas docas! — anunciou Sesily, como se tivesse inventado a roda. — Não o reconheci sem a barba. Está muito bem barbeado, a propósito. Então, não estão a recolher amostras e ela não é sua amante... está a pensar fazer da nossa Adelaide uma mulher honesta?

Um pequeno gemido saiu da garganta de Adelaide.

— Sesily!

— Alguém tem de fazer o papel de irmão mais velho, Adelaide.

— E achas que és apropriada para o papel? — interrompeu Imogen. — Tu? Sexily Talbot?

Henry ergueu as sobrancelhas. Ouvira pronunciar aquele nome em clubes masculinos e salas de fumo, mas chocava-o ouvi-lo em voz alta junto da mulher em questão.

— Vocês são sempre assim?

— Sempre — respondeu Imogen.

— Vai acostumar-se quando fizer da nossa Adelaide uma mulher honesta — disse Sesily com um sorriso.

— Ninguém vai fazer de mim uma mulher honesta! — Toda a gente na sala se calou e virou para a olhar. — Não tenho intenção de casar, e ele também não.

Um facto anterior que de repente não parecia tão verdadeiro. Ele arquivou a ideia.

— Tudo muito certo, mas é preciso perguntar, Adelaide... — começou Lady Sesily, com uma deliciosa provocação no seu tom.

— Na verdade, não é preciso perguntar nada — interrompeu Adelaide.

— O duque está a aproveitar-se de ti? — Foi Imogen quem completou a pergunta.

E ali estava. A abertura de que ele precisava.

— Estou.

Todas as presentes na cozinha olharam para ele, cada uma com uma expressão diferente. Admiração. Deleite. Surpresa... e no rosto da única mulher que importava...

Horror abjeto.

— Não estás nada.

— Estou — insistiu ele. — Só há uma solução.

— Não há solução nenhuma — insistiu ela.

— Então, admites que há um problema.

— Com o teu juízo? Sim, deste-lhe folga. — Virou-se para as amigas. — Não há problema nenhum. Ele não está a aproveitar-se de mim. Quando muito, sou eu que estou a aproveitar-me dele.

— *O quê?* — Ele não gostou daquilo. — Calma.

— Estou. É claro para todo o mundo. — Ela ajeitou os óculos. — Eu sou eu e tu és... tu. E tu pareces-te... contigo... e eu pareço-me... comigo... e tu foste bom para um...

— Passeio rápido? — sugeriu Imogen.

— Sim. Certo. Pode ser isso. — Adelaide abanou uma mão para Imogen. — *Um passeio rápido.* Por isso, sou eu que estou a aproveitar-me dele.

Todas se calaram depois destas palavras, e se ele fosse capaz de desviar o olhar da mulher que amava, teria notado que todas o seguiam, de olhos arregalados, vendo-o atravessar a cozinha, ignorando-as, para se pôr diante de Adelaide.

Alta e bonita, ela empinou o queixo, um desafio nos bonitos olhos aveludados por trás dos óculos, quando disse:

— Alguém tem de te libertar das minhas garras.

— Escuta, Adelaide Frampton — disse ele, uma tranquilidade de aço nas palavras. — És a pessoa mais notável que já conheci. Forte, brilhante e com mais coragem do que já vi em qualquer outra. E mais bonita do que qualquer outra pessoa pode ser. Não tenho interesse em ser libertado das tuas garras.

E então, perante aquelas mulheres que eram suas parceiras e amigas, que claramente a amavam tanto quanto ele, Clayborn atraiu Adelaide para si e beijou-a, rápida e lascivamente, até ela se agarrar a ele e não haver dúvidas quanto às suas intenções.

Quando levantou a cabeça, ele encontrou o seu olhar e disse:

— Podes prender-me nas tuas garras sempre que quiseres, amor.

— Oh, isto é tão romântico — disse Sesily com alegria.

As palavras soltaram Adelaide, que o fitou com uma expressão deslumbrada e o fez sentir-se grande como uma casa.

— Não o incentives. Isto não faz sentido — disse ela, saindo do seu abraço. — E é irrelevante para a nossa situação atual.

Ele mordeu a língua, tentado a suspender temporariamente toda a conversa e levá-la para a cama um bocadinho, mesmo sabendo que Jack e Helene eram mais prementes.

Porém, no momento em que estes fossem encontrados... ele levá-la-ia para um passeio rápido até ela estar demasiado débil de prazer para lhe negar o que pedisse.

Que seria o *para sempre.*

Ela olhou para a duquesa.

— Então, são os Bully Boys que os têm.

— Acreditamos que sim. Mas não avisaram o Havistock — disse a duquesa. — O que é... estranho.

— Porquê? — Henry olhou de uma mulher para outra. — Quer dizer que os Bully Boys vão pedir um resgate pela Helene e pelo meu irmão ao pai dela?

A duquesa virou-se para Adelaide.

— Não lhe disseste.

Ela abanou rapidamente a cabeça.

— Não lhe podia contar um segredo que não é meu.

— Que segredo? — perguntou ele. No silêncio que se seguiu, as coisas começaram a encaixar. — O Havistock. Disseste que ele tinha um dossiê. — Adelaide confirmou. — Grosso como o teu polegar, foi o que disseste. Pensei que te referias às fábricas.

— Como se isso não fosse suficiente — interrompeu Imogen. — Mas nós vamos cuidar disso.

Ele ignorou as palavras.

— Adelaide?

— Há mais uma coisa.

— O quê? — Ele parou, a mente disparada. — Tu estavas na casa como Quebra-Casamentos. Mas não para impedir o casamento da Helene com o Jack. Isso não te interessa.

— Não. O Jack é imperfeito, mas não é um monstro. Estava lá para saber mais sobre o paradeiro da Lady Helene.

Ele avançou, explodindo de irritação. Ela escondera-lhe uma coisa. Uma coisa importante. Algo que afetava a sua segurança, além da do irmão.

— Porquê? Porque é que ela é importante? O que é que vocês sabem? As crianças nas fábricas... Não é ilegal.

— Não, até que faças com que seja.

Ele fá-lo-ia. Faria o que fosse preciso. Mas isso não significava que não estivesse cada vez mais frustrado com ela.

— O mais depressa possível — interrompeu Imogen, algo que Henry queria muito discutir, mas a duquesa interveio, e tudo mudou.

— A Lady Helene viu o pai matar o Lorde Draven.

Draven. Henry franziu a testa ao ouvir o nome. O conde tinha sido

empurrado de uma varanda durante um baile, algumas semanas antes. Tinha sido vista uma mulher a fugir do local do crime. Um grupo delas.

— Pensou-se que tinha sido o vosso grupo.

— Francamente, duque — disse Sesily. — Agora temos um nome.

— E também temos demasiado requinte para atirar um conde de uma varanda durante um baile — acrescentou a duquesa.

— Não foram também vocês que fizeram explodir a Scotland Yard? — perguntou Henry.

— Ninguém pode prová-lo — respondeu Lady Imogen com satisfação.

O orgulho encheu o olhar de Adelaide, como se tivesse estado à espera de que ele encaixasse todas as peças do quebra-cabeças.

— A Lady Helene veio ter connosco para pedir ajuda, sabendo que, se fosse a outro sítio, não acreditariam nela. Claro que concordámos. Ela precisava de fugir da casa do pai e arranjar um esconderijo o mais depressa possível, enquanto nós estivéssemos a resolver a questão da sua prisão.

— O que não é fácil, tratando-se de um par do reino — disse ele.

— Precisamente, por isso urdimos um plano elaborado: o encontro da Lady Havistock com a Quebra-Casamentos pretendia ser uma manobra de diversão para a fuga da Lady Helene. Mas ela e o seu irmão fugiram sem nos avisar dos planos.

— Embora não fosse o que pretendíamos, decidimos que podíamos virá-lo a nosso favor. O pai dela acreditaria que ela tinha fugido por esse motivo, e ela estaria protegida pelo Jack. Nós só tínhamos de a seguir até à fronteira e acolhê-la. Ela estaria casada e livre das grilhetas do pai. — Adelaide fez uma pausa. — Não esperávamos...

— Não me esperavam inconsciente no vosso esconderijo durante cinco dias. — Praguejou, cheio de sentimentos de culpa. — Devias ter-me dito. — Estava furioso. Tinham estado todos em perigo. Adelaide, Jack, Lady Helene. — Devias ter-me dito por que razão íamos para norte. Por que motivo era importante encontrá-los.

— Não tinha de o dizer — disse Adelaide, avançando e sentindo a sua frustração. — Sabíamos onde eles estavam a cada passo do caminho... até tu seres ferido. E então... — Interrompeu-se.

Ela ficara por ele. Porque gostava dele.

Porque ansiava por ele tanto quanto ele ansiava por ela.

— Nós estávamos a vigiá-los — interrompeu a duquesa. — Sabíamos onde estavam. Cada pernoita. Cada muda de cavalos. Cada paragem para comer ou descansar. Não é por tua culpa que eles desapareceram, Adelaide. Algo correu mal.

— Estão mortos? — Henry deu finalmente voz à pergunta que não lhe saía da cabeça desde o início da conversa. O seu irmão estivera tão envolvido naquela confusão que morrera por isso?

— Não nos parece — respondeu a duquesa. — Primeiro, qualquer pessoa disposta a aceitar dinheiro para matar, não um, mas dois aristocratas, não é suficientemente inteligente para o fazer com discrição. Estamos a falar de homens incapazes de pilhar uma bolsa sem regalarem meio mundo com as histórias da sua grande aventura.

— E segundo?

Ela procurou no bolso das saias e extraiu um pequeno cartão.

— Isto.

O olhar de Adelaide fixou-se no quadrado de cor crua.

— Que é isso?

— Foi entregue na Hungry Hen ainda não há duas horas. Dirigido a uma tal Adelaide Trumbull.

***

Adelaide ficou gelada a seguir às palavras da duquesa.

Trumbull.

Não Frampton. Não o nome que ela usara durante anos, enquanto se reconstruía.

Pegou no cartão.

— O que é que diz?

— Não sei — respondeu a duquesa.

Adelaide tremia quando passou o dedo sob o lacre vermelho-sangue, o coração latejando ao perceber a gravidade do momento. Ao perceber o que esta pequena missiva significava. Como, ainda antes de a ler, o mundo de que

escapara anos antes voltava para ela sem apelo nem agravo.

Como é que esta recordação fria do seu passado — de onde tinha vindo e quem fora outrora — enfatizava todas as razões para ela nunca se estabelecer neste novo mundo, nesta nova vida. Como passara os últimos cinco anos a viver uma meia vida. Por medo disto — de ficar demasiado ligada ao mundo a norte do rio *e*, mesmo assim, não passar de uma rapariga de South Bank.

Abriu o papel e leu, reconhecendo a caligrafia irregular. A ortografia criativa de um homem com cabeça para os números, mas que aprendera a ler e a escrever sozinho.

Recebi a tua encomenda. Bom trabalho, Addie.
Tenho o rapaz e a moça dele. Está na hora de voltares para casa.
Traz esse duque com quem andas a dormir.

Adelaide gelou com as palavras, voltando a dobrar o papel num quadrado rígido. Destroçada, cravou os olhos em Clayborn, que a puxara para os seus braços, quentes, firmes e seguros. Por um instante, Adelaide permitiu-lho. Apesar de saber a verdade. Que o fim tinha chegado.

Ele inclinou-lhe o rosto para cima. Examinando o seu olhar.

— Conta-me.

— O Jack e a Helene estão vivos. Por enquanto.

Ele soltou a respiração e ela ouviu ali alívio. Ele não percebera que não havia causa para alívio.

— Onde? — Oh, não. Ela abanou a cabeça. Não podia dizer-lhe. Não podia suportar a ideia de ele ir com ela a Lambeth, a sua estrutura altiva a ter de se rebaixar pelos becos estreitos e escuros, as suas botas brilhantes a trilhar o cascalho sujo onde ela crescera. — Adelaide — disse ele firmemente, atraindo o olhar dela para o seu, como se estivesse presa por fios. — O que quer que seja — começou ele, afagando-a, um toque seguro e verdadeiro, e por pouco ela não encostou o rosto à sua palma quente e se entregou. — Devemos enfrentar isto juntos, tu e eu. E a tua liga de mulheres aterradoras.

A atenção dela passou para as mulheres em questão. Não eram aterradoras. Eram maravilhosas. Estimadas. E fortes como o aço, uma fila de guerreiras na expetativa, prontas para fazerem o que fosse necessário para manterem Adelaide

segura. Mas, a que custo? Demasiado.

Não as *Belles*, que tinham uma batalha mais difícil e mais vasta em mãos.

E não Henry; o belo e forte Henry, honrado, bom e bastante poderoso para vergar metade do mundo à sua vontade.

Mas não este mundo. Este mundo comportava-se segundo regras diferentes. Diferentes poderes.

E se Henry entrasse nele... se alguma delas entrasse — seriam destruídos por ele.

Adelaide, porém, tinha sido forjada neste fogo.

Estava na hora de ir para casa.

***

Juntos, elaboraram um plano. Passaram a maior parte a noite a tentar definir o que se seguiria e como iam lutar. Decidiram partir ao romper da aurora, para poderem avançar o mais rapidamente possível nas carruagens de que dispunham.

Estabeleceram em que lugares poderiam comer, ficar em segurança e arranjar cavalos rápidos, numa viagem sem paragens até Londres, usando um mapa aberto na mesa gasta da cozinha onde ela e Lucia tinham salvado a vida de Henry.

E ao mesmo tempo, enquanto as pessoas que ela amava planeavam entrar em guerra por ela, Adelaide fazia o seu próprio plano... para as manter a todas em segurança.

Porque, se ela permitisse que esta magnífica equipa entrasse no covil do pai e fosse rodeada pelos homens do pai, nunca dali sairiam vivos.

Nessa noite, recolheram às suas camas e Henry levou-a para a sua, fazendo com ela um amor lento e silencioso, sussurrando-lhe o seu amor ao ouvido, ao bico do seu seio, ao redondo da barriga e ao seu centro ansioso e quente. Deu-lhe uma última noite para imaginar que eles eram possíveis. Para a amar.

Para a deixar amá-lo, embora ele fizesse todo o esforço para não o dizer, temendo que, se o pronunciasse, nunca mais pudesse recuperar o que dissera.

Enquanto ele dormia, Adelaide deslizou para fora dos seus braços, ignorando a dor que sentia por perdê-lo. Pegando no seu saco, saiu para o corredor, vestiu-se rapidamente e desceu as escadas, planeando estar a milhas de distância antes de alguém na casa dar pela sua falta.

Saiu pela porta das traseiras para a noite fria e dirigiu-se aos estábulos, atrelando os cavalos e atirando o seu saco para a carruagem — quase

conseguindo fazê-lo antes de ouvir a voz da duquesa.

— Escapulires-te ao abrigo da noite é uma espécie de cliché, não achas?

Adelaide parou, não muito surpreendida por ter sido apanhada.

Afinal, a duquesa já a apanhara antes. No dia do seu casamento, enquanto gangues de rua em Lambeth combatiam por posição e poder. Oferecera a Adelaide uma nova vida, e nem vacilara quando ela a ameaçara com uma Bíblia. Era o género de mulher que encontrava sempre aquilo que procurava.

Adelaide virou-se e fechou a porta para encarar a duquesa, encostando-se à porta da carruagem, com os braços cruzados diante do peito, tentando afugentar o frio.

— Porque é que me escolheste? — perguntou finalmente. — Não foi pela minha idade nem pela minha posição.

— Não — concordou a outra mulher.

— Nem por quem eu era, ou de onde vinha.

Olhos azuis brilharam à luz da lanterna.

— Não teve nada que ver com o sítio de onde vinhas, de facto... mas teve tudo que ver com quem tu eras.

— A filha do Alfie Trumbull. — Fez uma pausa. — Mas nunca me pediste para voltar. Em cinco anos, esta foi a única vez que me mandaste a Lambeth.

A duquesa acenou com a cabeça, concordando.

— Um erro.

Não. Tinha sido perfeito!

— Não foi.

A outra mulher encurvou os lábios.

— Por causa do Clayborn.

Por causa de Henry. Ela teria voltado a Lambeth. Passaria o resto da vida em South Bank, se isso significasse passar um dia com ele. Uma hora.

Era exatamente o que ia fazer.

A duquesa abanou a cabeça e avançou para junto dos cavalos, diante da carruagem, verificando os arreios.

— Não te convidei para te juntares a mim por seres filha do Alfie Trumbull. O Alfie podia ter uma dúzia de filhas, e eu não as teria convidado para se

juntarem a mim. — Fez uma pausa. — Ou melhor, poderia convidar, mas apenas se elas tivessem o teu sentido de justiça.

Adelaide deu uma pequena gargalhada.

— Eu era muitas coisas, mas serva da justiça não era uma delas.

— Não era? — perguntou a duquesa com casualidade.

— Era uma carteirista de Lambeth; vi o interior de mais do que uma prisão de Londres.

— Bem, há justiça e há *justiça*, não achas? O género de justiça que leva um homem a construir uma prisão, e o género de justiça que atira uma miúda lá para dentro. — A duquesa ficou calada por um momento, o seu cabelo loiro brilhando à luz da única lanterna. — Prestas um mau serviço a ti própria, Adelaide. Tu não eras apenas uma carteirista; eras um génio. Podias ver uma moeda num bolso a vinte metros. Mas, mais do que isso, sabias ler os sinais. E nos dois anos em que te observei ali, em South Bank, nunca te vi roubar ninguém que não tivesse poder na margem norte do rio. — Acariciou o pescoço de um cavalo cinzento. — Não estou enganada.

— Não.

— Então diz-me, Adelaide Trumbull — o nome antigo fê-la estremecer. — Porque é que a única vez que tens um duque a oferecer-te gratuitamente a sua fortuna, tens tanto medo de a aceitar?

As palavras, ditas no tom mais doce e gentil que a duquesa já usara, provocaram as lágrimas de Adelaide. Ela abanou a cabeça.

— Ele ia arrepender-se. No fim.

— Porquê? Porque nasceste uma coisa e te tornaste outra? — A duquesa abanou a cabeça. — Minha amiga, não é essa a história de todos os que são dignos de ser amados?

Adelaide encolheu os ombros.

— Ele é um duque e eu sou uma ladra.

— A única coisa que isso me diz é que um de vocês teve de trabalhar por aquilo que tem, e o outro nasceu com o mundo ao alcance da mão.

Adelaide refreou-se de fazer notar que o seu trabalho não era propriamente honesto. Ou que Henry vivera toda a sua vida sabendo que não merecia o que lhe

tinha sido dado por nascimento. Embora ela suspeitasse de que a duquesa lhe diria alegremente que nenhum aristocrata merecia o que lhe fora dado por nascimento.

— Ele valeu a pena — confessou num sussurro. — Valeu a pena ficar com ele. Tratá-lo. Valeu a pena.

Não havia censura nos olhos da duquesa quando assentiu com a cabeça.

— Lá dentro, disseste que ele era demasiado caro para ti.

— Não sou aquilo de que ele precisa.

— Porquê?

Por um momento, ela pensara que podia ter uma hipótese. De ser sua parceira, e talvez até de amor. Um caso tranquilo e secreto, fora das franjas da sociedade, da família e dos amigos.

Privado.

Mas agora que o seu passado a apanhara, Adelaide percebera que a vida — a que concebera aqui, no meio de nenhures — nunca seria deles. Ele seria sempre um duque, com educação, dinheiro e poder, e ela seria sempre...

— Sou uma rapariga convocada a casa, em Lambeth.

Tinha sido um sonho lindo, os dois juntos partilhando pedacinhos da sua vida e de si próprios, e fingindo que tinham um futuro sem nome.

Mas o sonho tinha acabado.

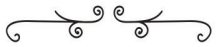
Estava na hora de ela acordar.

A duquesa observou-a por muito tempo antes de suspirar e se aproximar.

— Adelaide, não vês? Não és uma rapariga convocada para casa. És uma heroína que se dirige à batalha. E um dia aprenderás que nunca terás de lutar sozinha.

Eram palavras bonitas. Mas nessa noite, enquanto subia para o banco do condutor na carruagem, ela sabia a verdade. Esta era a sua batalha. E, sozinha, era a única forma de a vencer.

Capítulo 22



— Disse-te para trazeres o teu duque.

Adelaide nem estremeceu quando o pai se lhe dirigiu, com um bastão na mão, emergindo da ombreira da porta da capela de St Stephen, ainda uma fortaleza dos Bully Boys, cinco anos depois de a sua vida ter mudado de curso para sempre dentro das suas paredes.

Viajara de noite, pagando principescamente a um cocheiro no primeiro sítio onde mudou de cavalos, o que lhe deu a oportunidade de parar apenas para novas montadas no caminho de volta a Londres. Tivera de viajar depressa, pois sabia que, no momento em que Henry descobrisse que ela tinha partido, segui-la-ia — e teria as *Belles* a reboque.

O sono viera intermitentemente até que, na segunda noite, entraram na cidade ao crepúsculo, e ela dispensou o cocheiro com moedas suficientes para este ir para onde quisesse. Sabia que não devia levar um estranho para território do pai e não queria ninguém envolvido na confusão em que estava prestes a meter-se.

Adelaide empinou o queixo e enfrentou o pai, que a fitava de cima, os olhos dois buracos castanhos no rosto ainda mais enrugado pelas sombras do fim do dia. Ele não gostaria do desafio no olhar dela. Não gostaria que ela chegasse sozinha. O seu olhar semicerrou-se no dela, examinando-lhe o cabelo penteado com ganchos e a capa forrada e as saias roxas e as botas de couro que ela usava e que não tinham sido roubadas a outra pessoa.

— Pareces um deles.

Era o pior dos insultos. Do género que era proferido antes de uma boa sova nas ruas — um desdém por alguém que pensava que era superior e melhor do que este sítio. E se ela tivesse 12 anos, ou 16, ou mesmo 20, as palavras podiam tê-la atingido como um golpe.

Obviamente, se fosse há três semanas, isso também podia ter acontecido.

Mas as coisas tinham mudado, e Adelaide Frampton, *née* Trumbull, não tinha planos de se deixar intimidar pelo pai nesse dia.

— Onde estão eles?

Alfie Trumbull não gostava de insolência, e não gostava de ser tratado como um qualquer — os reis autoproclamados raramente gostavam.

Semicerrou os olhos para a única filha que alguma vez assumira e disse:

— O teu duque, Addie. Disse-te especificamente para o trazeres.

Não era o duque dela.

Era uma mentira, claro. Ele seria sempre o seu duque. Mesmo quando casasse com uma maravilhosa mulher bem-nascida e tivesse uma porção de maravilhosas crianças bem-nascidas... para Adelaide, ele seria sempre dela.

— Porquê? Isto não tem nada que ver com ele. — Esta era a jovem Addie, regressada a casa, ao terreno que a criara, para lutar.

— Caramba, Addie. Sempre que tenho um plano, tu apareces e estragas tudo. — Fez uma pausa. — Mas não faz mal. Nós vamos buscar o homem. — Gritou para a rua. — Tragam-me o maldito janota. — Voltou a olhar para Adelaide. — O Danny diz-me que ele anda atrás de ti como um cão com cio, por isso não há de ser difícil.

O medo sussurrou através dela, e ela afastou-o.

— Onde estão o Jack e a Helene?

— Lá dentro — disse Alfie, apontando a capela por cima do ombro. — Achei que estava na altura de este sítio ter uns recém-casados que se aguentem um ao outro.

Passando por ele, ela entrou na capela, quase à espera de ainda a encontrar virada do avesso — intocada desde o dia em que o seu casamento descambara numa guerra por território com vários homens mortos, incluindo o noivo. Claro que não havia evidências do passado — nessa noite, a capela estava arrumada. Algumas velas a arder na sacristia, de um dos lados do espaço, o cheiro forte do incenso no seu nariz, uma luz tão débil que teve dificuldade em ajustar a visão. Ficou parada por um momento, deixando o espaço banhá-la.

— Onde?

— Então, Addie, isso é maneira de tratar o teu velho pai? Há anos que não nos víamos!

— Mentiria se dissesse que não estava desapontada por não podermos continuar sem nos vermos — retorquiu ela, movendo-se rapidamente pelo espaço vazio, à exceção deles. Marchou pelo corredor central, procurando no chão e nos bancos. — É arriscado estares aqui sozinho, Alfie.

Ele riu desdenhosamente.

— Achas que davas três passos fora desta igreja se me fizesses mal?

Ela observou-o por um momento.

— Acho que ficaria bem. As pessoas daqui sempre acharam que eu era o melhor de ti.

Um instante. Algo nos olhos dele que ela nunca tinha visto. Algo estranhamente parecido com... nervos? Antes de ela poder ter a certeza, ele riu, alto e descarado.

— Ah, gosto disso. Mayfair não te tirou a minha influência, pois não? — Ela não respondeu, aproximando-se do primeiro banco. — Mas não vives em Mayfair, pois não? — continuou o pai do seu lugar ao fundo da igreja. — Nunca foste bem acolhida aí, admite. Certo, tens as tuas senhoras, e agora aquele bruto americano que mandou o coitado do Timmy Crouch para a reforma...

— Caleb Calhoun — disse Adelaide. Caleb tinha espancado um dos Bully Boys mais importantes um ano antes, por ele ter posto as mãos em Sesily.

— Pois, esse. O Timmy era um dos meus melhores rapazes, sabes. Agora tem um ombro aleijado e gosta de se queixar por causa disso. Ainda está ressentido com ele.

— Eu digo-lhe — respondeu Adelaide secamente.

— Mas não se trata disso, Addie. Trata-se de, realmente, não seres um deles, e o saberes. Eles também o sabem, rapariga. Vi-te a viver em quartos por cima daquele sítio em Covent Garden e a frequentar bailes como se fossem de máscaras, sempre a fingir que não tinhas sido batizada aqui, na minha lama.

— Sei perfeitamente de onde venho — disse ela, levantando a ponta de um banco e empurrando-o para a frente, revelando o painel cortado no chão por baixo dele, com uma tranca incrustada na madeira. — É impossível esquecê-lo.

— Ótimo — disse ele. — Não deves esquecê-lo. Eu dou-te o mundo, e tu foges na primeira oportunidade que tens? Onde está a gratidão?

Adelaide levantou o olhar, parando de fixar uma das suas chaves ao pendente do colar.

— Gratidão! Porquê? Por me obrigares a trabalhar por comida, por roupa, por... — *Amor.* Conteve a última palavra. — Por me venderes como noiva ao John Scully?

— Ora, Addie. Não podes estar zangada por causa disso. É assim que as

coisas funcionam. Chama-se consolidação do poder — disse Alfie, encolhendo os ombros. — E de que é que te queixas? Nessa noite fugiste. Deixaste o teu pobre pai sozinho. Como achas que me senti?

Adelaide revirou os olhos e contornou o banco.

— Acho que ficaste grato por ganhares um quarto livre em casa.

Alfie meteu as mãos nos bolsos e inclinou-se para trás, apoiado nos calcanhares.

— Ora, ora. Um homem gosta de ter o seu espaço. Mas o mais importante é isto: não te trouxe para casa nessa altura. Podia tê-lo feito. Podia ter feito de ti um exemplo para mostrar às pessoas o que lhes acontece quando me abandonam sem permissão. Mas não o fiz. Deixei-te juntar àquela duquesa que não se comporta como nenhuma senhora janota que já conheci, mais ao seu maldito exército.

Como é que ele sabia da duquesa?

— Estás surpreendida? Achas que não te vigiei? Sangue do meu sangue?

— De facto, estou — disse ela, virando-se para se acocorar sobre o alçapão. — Nunca mostraste qualquer interesse por mim enquanto vivi aqui.

— Isso é porque quando vivias aqui não eras uma maldita lenda. — Apontou a porta da capela. — Metade do meu território está pejado de miúdas que sonham ser como a Addie Trumbull.

— Sair daqui.

— Imaginas o trabalho que tive a fazer parecer que desejei para ti a tua vida janota em Mayfair? Caramba, Addie. Estás em dívida comigo. E estamos bem, mas não posso permitir que voltes aqui para arranjar sarilhos.

— Vamos considerar que aprendi a minha lição, Alfie — disse ela, procurando a chave apropriada para abrir o alçapão.

Ele deteve-se, vendo-a trabalhar com o colar.

— Continuas a ser a melhor ladra de Lambeth, Addie Trumbull.

— Agora tenho ferramentas melhores — disse ela, indiferente ao orgulho no tom do pai. Reconhecendo-o como aquilo que sempre fora: manipulação. Inseriu a chave na tranca e abriu-a. Olhando a salinha por baixo do santuário, notou meia dúzia de caixotes onde estava escrito *Explosivos*, *e* outra pilha deles

que continham, provavelmente, armas.

E ali, sentada no chão sujo ao lado das munições, estava uma jovem pálida, linda como uma pintura, com um maravilhoso vestido cor-de-rosa e uma touca a condizer pendurada no pulso. E ao seu lado um lindo homem louro, com um olho negro e a face inchada. Os dois olharam para cima, com olhos esbugalhados de preocupação.

Adelaide olhou fixamente para Alfie.

— Porque é que este homem tem um olho negro, Alfie?

— Não me posso responsabilizar pelo que acontece quando as minhas encomendas são... desagradáveis.

Com um olhar de repugnância para o pai, ela voltou a atenção para o buraco.

— Jack e Helene?

O casal fez que sim com a cabeça e Jack empurrou Helene para trás de si, ou o máximo que pôde.

— Quem és tu?

Protegendo-a. Como o seu irmão faria.

— Sou... — Havia uma dúzia de maneiras de se apresentar, e não percebeu porque escolheu: — Uma conhecida do Duque de Clayborn.

Ele franziu a testa.

— Henry?

— Trumbull! — O grito soou à distância, no exterior da capela, e Adelaide fechou os olhos, reconhecendo a voz de Henry, grave, sonora e zangada, ecoando nas pedras do estreito beco ao fim do. qual se encontrava a capela de St Stephen.

Fechou os olhos. *Não.* Ele não podia estar aqui. Estando aqui, Alfie tinha todo o poder.

— Parece que ele está aqui — disse Jack, olhando para Helene, que sorriu pela primeira vez desde que Adelaide abrira o alçapão. — Eu disse-te que ele vinha. E aposto que está furioso.

— Eu não apostaria contra si — disse Adelaide, ajustando os óculos,

desejando que o seu coração parasse de matraquear. *Ele estava ali.*

Homem enfurecedor.

Homem maravilhoso.

Mantendo a sua atenção nos recém-casados, perguntou:

— Estão feridos? Além do... — Apontou o próprio olho. Quando eles negaram, ela disse: — Fiquem aí. O Trumbull tem guardas em todo o lado. Em breve estarão seguros.

— Alfred Trumbull! — Outro grito lá de fora, parecendo que tinha chegado um professor de elocução de Oxford.

Ela endireitou-se e virou-se para o som, enquanto o pai erguia as sobrancelhas.

— Olha, olha! Ele chama-me *Alfred!* Mesmo como um janota.

— Verificando ostensivamente a pistola no coldre, Alfie puxou a cintura das calças para cima e encaminhou-se para a porta da igreja, deixando Adelaide sem mais escolha do que segui-lo, não sem antes retirar a sua própria faca da bainha na coxa.

Henry teria vindo sozinho? Para este sítio? Em território inimigo?

Claro que sim. Porque para Henry, Duque de Clayborn, território inimigo era coisa que não existia. Ele nascera num mundo em que podia ir aonde quisesse, sem repercussões.

Mas não aqui. Aqui, havia repercussões.

— Vamos lá dar uma olhadela ao teu rapaz.

— Ele não é um rapaz — disse ela, arrependendo-se das palavras mal lhe saíram dos lábios, fazendo-a parecer uma criança petulante.

— Claro que é. Nunca teve motivos para crescer e ser um homem, pois não? Deram-lhe tudo quando nasceu com o rabo virado para a lua. — Ficou junto da porta, relanceando o beco, e Adelaide juntou-se a ele, o coração batendo num ritmo caótico enquanto fitava o beco vazio. Que, claro, não estava vazio. Estava cheio até às costuras de curiosos e meia dúzia de brutos pagos para estarem sempre perto de Alfie e manterem a sua segurança. Adelaide só se aproximara — e Henry igualmente — porque tinham sido requisitados. De outra forma, teriam sido postos inconscientes muito antes de ali chegarem.

Alfie levantou o bastão, ajustando dramaticamente a forma de lhe pegar. Recordando-a de que Henry ainda podia ser deixado inconsciente, se não se

comportasse.

Ela apertou com mais força o cabo da faca que escondia nas saias e susteve a respiração, detestando não poder ter a certeza de que o pai e os seus guardas não dessem uma sova a Henry. Ou pior. Talvez aquilo fosse um ardil para Havistock obter tudo o que queria. A filha, o noivo dela e o seu inimigo, todos de uma assentada.

Mas não podia pedir ao pai que o mantivesse em segurança. Revelar-lhe que se importava com a segurança de Henry era garantia de que o pai o maltrataria, só para troçar dela. Então, em vez de lhe suplicar pela segurança dele, desejou mentalmente que ele ficasse bem, observando-o, sem se mexer e quase sem respirar.

Uma donzela-escudeira, a contemplar o seu guerreiro.

E ele parecia um guerreiro, com o crepúsculo tombando sobre a cidade e projetando sombras longas no beco, transformando-o num campo de batalha. Pronto para lutar, com o seu nariz partido e cara ferida e os nós dos dedos com ligaduras, ombros direitos e fortes, barba no queixo — não se barbeara durante a viagem — um chapéu rígido e o sobretudo enfunado atrás de si.

Ele viu-a assim que ela apareceu à porta, o seu olhar intensificando-se sobre ela enquanto as suas passadas alongavam e caminhava mais depressa. O resto do mundo estava fora do seu foco, e Adelaide susteve a respiração, detestando que ele não olhasse para os telhados, onde um atirador furtivo estava posicionado. Para as escadarias e passagens superiores, onde outros vigiavam, de armas a postos.

Ele não se importava com nada disso.

O coração dela matraqueava-lhe no peito.

Ele só se importava com ela.

Tinha vindo por ela.

A compreensão vibrou dentro de si, causando-lhe dor, frustração, prazer e um fio de esperança louca, apesar de saber que não merecia os dois últimos sentimentos. Apesar de saber que podia ser a última vez que o via.

Sentia uma gratidão dolorosa por isto — um último momento, como água fresca.

E então recordou-se de que ele não pertencia ali.

Detestava que ele estivesse em Lambeth.

Sim, já o tinha visto ali antes, em South Bank, no dia em que roubara a caixa que lhe pertencia, porém, de alguma forma, não era a mesma coisa, fosse por ela não esperar vê-lo, fosse porque ainda não o conhecia, desconhecendo o seu coração bom e decente, que estava tão *deslocado* num sítio como aquele. Por isso, ao vê-lo desta vez, a sensação fora menos de horror e mais de... uma espécie de dádiva. Como encontrar uma planta a florir entre o empedrado do beco.

O problema é que as plantas que floriam não pertenciam aos becos de Londres, e o Duque de Clayborn não pertencia a Lambeth, e nessa noite, enquanto ele abria caminho sobre as ruas empedradas em direção a St Stephen, não parecia uma dádiva. Parecia um risco.

As memórias da sua juventude ali, à noite, quando toda a espécie de carteiristas e ladrões saíam à rua para encher os seus cofres, gritavam dentro dela, e embora dissesse a si mesma que não havia nada de vergonhoso nas suas origens, sabia que não era verdade.

O pai deu voz aos seus pensamentos.

— Julgas que ele te quer? Uma ladra de Lambeth? Ai, Addie. Nunca foste capaz de parar de sonhar com Mayfair. Lembra-te disto: roubar a janotas nunca te trouxe nada que não fossem sarilhos. — Enfiou as mãos nos bolsos e balançou sobre os calcanhares antes de acrescentar. — Bem, vamos ver, não é?

Um arrepio de frio percorreu-a, devido à curiosidade indiferente das palavras, como se aquilo fosse um jogo e não toda a sua vida a aproximar-se. Mas tinha sido assim que Alfie fizera a sua fortuna e construíra o seu império fuliginoso, cheio de criminosos — tratando cada momento como um jogo. Nada de importante. Nada que não pudesse ser desapegado, ou deitado fora, ou trocado.

E esse jogo era impossível de ser jogado por alguém que se importava.

Como Henry.

Amo-te, sussurrara-lhe ele na outra noite. *Fica comigo.*

Adelaide engoliu em seco a essa memória enquanto ele se aproximava, forte e furioso, sabendo que o que quer que acontecesse — fosse qual fosse o teste que o pai dela tinha concebido — poria em jogo as emoções de Henry. A sua decência. A sua bondade. A sua honra. E, por causa disso, ele não o ultrapassaria. Tensa como uma corda esticada, preparou-se para isso. Para salvar Jack e Helene. Para o salvar.

Era esta a única forma em que podia amá-lo, este homem que merecia o

mundo. Era o que podia dar-lhe.

— Porque é que nunca foste buscar-me? — perguntou, sem tirar os olhos de Henry.

— Tu escolheste o Norte ao invés do Sul. O que é que eu podia fazer? Arrancar-te daqueles quartos que alugas por cima da taberna da O'Tiemen? Trazer-te de volta? Uma traidora da tua casa? Do teu pai?

Ela semicerrou os olhos quando ele referiu o The Place, a taberna que concedia refugio a qualquer mulher que precisasse dele.

— Mandaste os teus rufias destruir o The Place uma dúzia de vezes desde que vivo lá. — Ela própria lutara com os Bully Boys dentro da taberna em mais de uma ocasião.

— Ora. Não foi nada de pessoal, rapariga. Aceito os trabalhos que me aparecem.

— Devo acreditar que não te agradou aceitares esses trabalhos?

— Agradar não é o mesmo que ordenar. Francamente, devias agradecer-me por não dar cabo do teu grupo. É um trabalho que renderia muito dinheiro.

— Nesse caso, porque não o fazes?

Ele fungou e olhou por cima do ombro, para o beco que escurecia rapidamente.

— Não me parece certo destruir os nossos.

— Além de que lutamos melhor do que esperavas.

Ele inclinou a cabeça, os lábios revirando para baixo num reconhecimento silencioso de que ela podia ter razão. Num dia diferente, ela podia ter desfrutado dessa revelação.

— Quer dizer que não estou aqui para ser castigada nem transformada num exemplo. — Ela virou-se de frente para o pai. — Nesse caso, porque me chamaste?

— Porque, Addie, há mais na vida do que castigos. Porque não confias no teu velho pai? — As palavras causaram-lhe um medo profundo, mas não conseguiu pedir que a esclarecesse. Alfie já gritava, por cima do ombro dela, para a rua lá em baixo. — Vossa Graça, meu rapaz! Que bom que tenha vindo!

Respirando fundo, ela virou-se para encarar Henry, para o olhar do cimo dos degraus da igreja. Por um momento louco, a sua mente pregou-lhe uma partida e ela imaginou outro cenário, outra vida, quando ela podia estar nos degraus da

igreja olhando-o com felicidade, alegria e esperança no futuro que se estendia diante deles.

A visão dissipou-se como fumo antes de ter oportunidade de a apreciar e susteve a respiração perante a ferocidade nos seus olhos e a tensão no seu maxilar. Perante a forma como ele não a olhou. Não cruzou o olhar com o dela. Não olhou para nada, a não ser o seu pai.

— Não acharás que é bom quando te atirar ao chão, Trumbull. Atrás dele, as sombras mexeram-se. Os guardas de Alfie.

— Ora, ora. É assim que ensinam a tratar os mais velhos em Mayfair? — Alfie estendeu as mãos. — Nem sequer nos conhecemos! Porque é que acha que mereço uma sova hoje?

— Não é só hoje — disse Henry, fletindo as mãos ao lado do corpo. — Mereceste uma sova quando arrancaste o meu irmão e a mulher da lua de mel para os usares como isco.

— Não me pode censurar por isso, duque. Não podia esperar que viesse com a Addie tomar chá. Eles estão perfeitamente bem, ali dentro. — Apontou a igreja.

— É verdade — acrescentou Adelaide, querendo que ele olhasse para ela. Ansiando por isso.

Ele não olhou, e o músculo na sua face tremia de raiva pelo seu pai. E talvez, só um bocadinho, por ela.

— Merecias uma sova por uma vida inteira a cometer crimes. Pelas armas que tens usado. Os pais que roubaste aos filhos. Os maridos às mulheres. Os muitos homens horríveis que te emprestaram os músculos.

— Um homem tem de comer, duque. Não nascemos todos ricos e titulados.

— E diz-me, os homens que têm de comer, atiram as filhas de 8 anos para a prisão?

Adelaide ficou gelada, depois quente ao entender as palavras, ao perceber a fúria que continham. Pela forma como o punho dele se cerrou, preparado para voar.

— Oh, então é por isso? — O desdém dominou o tom de Alfie. — Está horrorizado pela forma como tratei a minha filha? Ensinei-a a sobreviver. Vocês, janotas pesos-pluma não ensinam nada às vossas raparigas, depois atiram-nas aos lobos, e eu sei-o porque depois contratam os meus rapazes para fazer o trabalho sujo de cobrirem os vossos erros.

» Ensinei à minha rapariga a verdade acerca do mundo. E olha para ela. Agora é ela que vos diz a verdade. E vocês pagam-lhe pelo privilégio de a ouvir.

Fez uma pausa e olhou para Adelaide, com um brilho que alguns julgariam de orgulho nos olhos.

— Que alcunha é que eles te deram, Addie? Era como? A Quebra-Casamentos?

Ela não respondeu, mas ele continuou.

— Muitos deles querem a tua cabeça, rapariga. Mas esqueceste-te da parte mais importante da verdade. Aquele mundo do outro lado do rio? Não é teu. E este — olhou para Henry com desdém — *duque* não é para ti, nem por sombras, pois não?

Ela abanou a cabeça.

— Não.

— Adelaide... — disse Henry, mas foi a vez de ela não olhar para ele.

— Claro que não é. Mas qual foi a primeira regra que te ensinei? Toda a gente tem um preço. E este... o dele, é alto. Ele e o irmão sabem coisas que não deviam saber. E a jovem, lá dentro? Viu coisas que não devia ter visto. É uma pena, porque aquele lixo do Havistock está disposto a pagar bom dinheiro para a ver despachada. — Olhou para Henry. — E eu é que sou mau pai.

A duquesa tinha razão desde o início. O Havistock não queria Helene devolvida. Queria-a morta. E encomendara o serviço aos Bully Boys.

Alfie ainda estava a falar.

— Vamos lá a ver. Embora eu ache que isso é uma coisa suja, que vai mandar o homem diretamente para o inferno assim que encontrar o criador, o problema não é meu e dinheiro é dinheiro.

— Então a ideia é traí-lo — disse Adelaide. Alfie Trumbull não perdia tempo se não houvesse um negócio em perspetiva. — Vais libertar a Helene e o Jack.

— Está a ver? — Abriu muito os braços e olhou para Henry. — Esta é a minha rapariga esperta. Herdou os miolos diretamente do pai.

Henry não se mexeu.

— Disseste que havia um preço.

Alfie mostrou-lhe o seu maior sorriso.

— Claro que há, duque. Tal como deve haver. A Addie sabe. Tudo o que é

feito por generosidade do coração é perigosamente dispendioso.

Ele tinha-lhe ensinado isso. Que tudo na vida era uma transação. Um bem ou serviço para ser comprado ou vendido. Mas não era verdade. Ela vira bondade de coração um milhar de vezes ao longo dos últimos cinco anos. Tinha visto o que as *Belles* podiam fazer apenas por bondade. Tinha visto o que Henry podia fazer. O que Jack fizera para proteger Helene. O que o pai dele tinha feito — amando a sua mulher. Os filhos. Criando homens decentes e honrados, que faziam coisas decentes e honradas... apenas por bondade de coração.

Mas talvez Adelaide não se pudesse dar ao luxo de tais coisas. Não havia lugar para isso em South Bank, onde os pobres penavam e lutavam por tudo o que tinham, e para ascenderem... para vencerem... não havia espaço para o bem.

— Continua, Alfie. Diz qual é o preço para os libertar todos.

Ela pagá-lo-ia. Fosse o que fosse. Mesmo sabendo, sem qualquer dúvida, que seria ultrajante. Que exigiria mais dela do que ela alguma vez tinha dado.

— Addie, minha rapariga, estamos a consolidar poder. — Uma ameaça fria chicoteou-a, e ela percebeu instantaneamente. Todo o plano. O enorme preço.

— Não. — Abanou a cabeça, virando um olhar agonizante para Henry. *Não. Assim não.*

As palavras já estavam fora da boca do pai.

— Vais finalmente ter o teu casamento.

Frustração, raiva e pânico absoluto inundaram-na enquanto encarava o pai, que parecia uma raposa que acabara de encontrar um galinheiro. Praguejou violentamente e virou-se para Henry, preparada para lhe dizer que não tinha nada que ver com aquilo. Que ele podia... não, que ele *tinha de* recusar. Que arranjariam outra maneira, uma maneira que não maculasse o legado da sua família amorosa e o seu próprio futuro com a ganância insuportável do pai dela.

Mas ele voltara a desviar os olhos dos dela. Voltara a olhar apenas para Alfie, os seus olhos azuis refulgindo sob o sol a desvanecer-se.

Ele arrepender-se-ia. Instantaneamente. Adelaide sabia, na sua alma, que este homem se arrependeria instantaneamente de casar com ela. De se ligar a ela. A este sítio. Ao pai dela, que recorreria de imediato a todas as armas do seu arsenal para os manipular e controlar.

E o trabalho dele? E o seu futuro? E o seu legado?

Não era este o plano. Ela nunca quisera nada disto.

Por ele. As palavras sussurraram através dela, e ela detestou a sua verdade. Não importava que ela pudesse ter desejado aquilo. Ele era a única coisa que importava.

— Não. Não faças...

Não faças as coisas de forma a arrependeres-te de me amar.

Não faças as coisas deforma a esquecer que me amaste.

E então Henry deu a sua resposta.

— Sim.

Um grande sorriso abriu-se na cara de Alfie.

— Diz outra vez, rapaz.

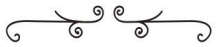
— Sim — repetiu Henry, a palavra firme e calma e sem qualquer dúvida. — Sim, aceito a proposta, com uma condição.

— Oh! Uma condição! — Alfie balançou para trás e para diante sobre os calcanhares. — Diz lá, então. Sinto-me com uma disposição generosa.

Só então Henry se virou para ela, e ela susteve a respiração quando leu os seus lindos olhos azuis. Triunfo.

— Fazemo-lo esta noite.

Capítulo 23



Henry nunca conhecera um medo como o que sentira ao ser acordado, duas manhãs antes, por Sesily Calhoun, aos pés da sua cama como uma espécie de espetro.

— Não há tempo para cerimónias, duque. Levante-se. A nossa rapariga foi-se embora.

Ele saltara da cama, vestira-se em minutos, o medo e a fúria combatendo pelo seu domínio. Ela abandonara-o. Partira para a batalha sem ele. Sem as suas irmãs de armas.

Ela tomara o assunto nas próprias mãos, nunca percebendo que não era assim que ia acabar. Não seria ela contra o mundo.

Se ela ia contra o mundo, ele estaria com ela!

Nos dois dias que tinham demorado a chegar a Londres e até ele encontrar o caminho para ali, para aquela igreja nas entranhas de um labirinto em Lambeth, fora consumido com dois objetivos:

1. Encontrar Adelaide.

2. Fazê-la sua. Para sempre.

Fora capaz de voltar a respirar quando descera a rua e a vira nos degraus da igreja, alta e linda, o cabelo ruivo brilhando à luz da lanterna. Tinha-a encontrado. E não estava ferida. E o mundo, que estivera a girar fora de controlo, endireitara-se.

Sim, estava furioso com ela por o ter deixado. Por se colocar em perigo. Por se esquecer de que lhe pertencia, caramba, tal como ele era dela, e iam ter uma longa e séria conversa acerca disso... assim que a convencesse a casar com ele.

Esta não era decerto a forma que ele planeara de casar com ela, mas cumpriria a função, e ele podia passar o resto da vida a compensá-la com flores e almoços de casamento e quartetos de cordas e vestidos novos. Tudo o que ela quisesse seria dela, e ele passaria toda a vida a dar-lho.

Porque é que tinha chegado a duvidar de que podiam ter tudo — o tempo juntos, os filhos, o futuro... o amor? O que quer que lhes restasse juntos, eles

resolveriam, assim que ele conseguisse metê-la numa carruagem, levá-la para casa e continuar com a tarefa de a amar, esquecendo os planos loucos de Alfie Trumbull para o futuro.

Quaisquer que fossem, Henry e Adelaide enfrentá-los-iam. Combatê-los-iam. Triunfariam.

Juntos.

Afinal, Henry vinha com um ducado, e Adelaide vinha com um batalhão de mulheres guerreiras. Uma vez unidos os esforços de todos, Alfie não tinha hipótese.

E assim, nos degraus fuliginosos da capela de St Stephen, ao crepúsculo daquela quinta-feira, depois de dois dias a atravessar Inglaterra a toda a velocidade, furioso por a mulher que amava preferir caminhar diretamente para o perigo em vez de o deixar colocar-se a seu lado... as coisas estavam a melhorar.

Até ao momento em que ela o recusou.

— Não.

Ele virou-se para a olhar. Para explicar. Para a persuadir.

— Adelaide.

Era como se ele não estivesse ali. Ela não desviou os olhos do pai enquanto desferia o seu golpe.

— Não casarei com ele. Tens de escolher outra coisa. Isso não farei.

— Mas por que raio? — perguntou Henry. Ela não via o que eles podiam ter? O que aquilo podia ser?

— Não tens escolha, rapariga — respondeu Alfie. — O preço é este.

— Que haja outro, então? Quanto é que eles te pagam para raptar a rapariga? Qual é o preço pela sua cabeça? Ou pela do irmão dele? Ou pelo Clayborn? Tenho amigos ricos, Alfie, e o que quer que te paguem, posso pagar mais.

— Eu pago as minhas próprias dívidas, obrigado — disse Henry com maus modos, sentindo que estava tudo a escapar ao seu controlo.

— Muito bem — disse ela, ainda sem o olhar, mas pelo menos reconhecendo a sua presença. — O duque paga por si. E eu dobro tudo. É suficiente?

— Isso é muito dinheiro, rapariga. Vais endividar-te até ao pescoço para o pagares.

Seria exorbitante. Alfred Trumbull era, acima de tudo, um negociante astuto,

e conhecia o preço do silêncio. Sabia, também, que um tal preço aumentava com o perigo, o crime e uma ameaça a uma família e a um futuro. O que quer que Havistock estivesse a oferecer, seria uma quantia enorme. E sem garantia para o futuro de Adelaide.

Porém, se ela casasse com ele, Henry garantiria o seu futuro. Imediatamente. Para sempre.

Raios, ele garantir-lho-ia, mesmo que não casasse com ele. Mas a escolha entre passar a vida com a mulher que amava e passá-la sozinho, sofrendo pela dor da rejeição — não era escolha nenhuma.

— Adelaide, vamos casar-nos — disse ele, as palavras como aço.

— Não, não vamos. — Virou-se para ele. — Vamos lá dentro e vais tirar o teu irmão e a noiva do buraco onde o meu pai os enfiou, e vais levá-los para longe daqui.

— E tu? — disse ele, subitamente furioso. — Raios, Adelaide, um dia tens de parar de te pôr fora da equação. Vou levar-te daqui também.

Ela abanou a cabeça.

— Porque é que não vês?

Henry respirou fundo.

— Eu vejo, amor. Vejo-te.

Vê-me. Confia em mim.

Por um instante, ele pensou que ela podia, quando os seus olhos castanhos refulgindo por trás dos óculos fitaram os seus. Mas depois ela desviou o olhar para o pai. Para os telhados. Para o beco sujo. E, em vez de responder, encaminhou-se para a porta da igreja, deixando Henry nas escadas, frustrado e furioso.

Olhou para o pai dela.

— Espero que tenhas uma equipa de brutos ali dentro, Trumbull.

— Tenho um ou dois — disse Trumbull. — Porquê?

Henry fechou o punho ao lado do corpo.

— Porque estou ansioso por uma luta.

Alfie examinou-o por um longo momento, e disse:

— Todo este tempo, pensei que ela se tinha apaixonado por si, duque... e aqui estamos nós... o senhor é que está doente de amor por ela, não está?

— De facto, estou. Doente o suficiente para até te acolher na família.

— Isso não tem preço. — Alfie sorriu abertamente. — Não há dinheiro nos cofres do Havistock que consiga competir com isso. Ora esta! O sangue de Alfie Trumbull numa linhagem ducal!

E ali, enquanto um dos mais empedernidos criminosos londrinos alardeava o seu deleite por a filha casar com um duque, ocorreu a Henry que o seu pai, um duque que não pensara duas vezes em escolher o amor em detrimento da linhagem, teria achado toda aquela tarde muito divertida.

E teria sentido muito orgulho no filho, por seguir as suas passadas.

Subindo os degraus, Henry seguiu a mulher que amava para a igreja onde tencionava, sem qualquer dúvida, casar com ela, despachar alguns dos rufias de Alfie, extrair o irmão e a cunhada de um buraco e levar a recém-noiva para casa, onde ficariam na cama uma semana inteira — ou o tempo que fosse necessário para a convencer de que casara com ela porque a amava, apesar da sua superior capacidade para o enfurecer.

Uma semana talvez não fosse suficiente, mas Henry era muito persistente, e o seu plano era flexível.

Dentro da igreja, Jack e Helene já não estavam num buraco. Estavam sentados nos degraus que conduziam ao altar, Lady Helene — Lady Carrington, corrigiu-se Henry — aninhada sob o braço do irmão, enquanto Jack a afagava com devoção. O alívio por ver o irmão bem não tardou a ser substituído por uma pontada de inveja. Jack, pelo menos, encontrara uma mulher que queria casar com ele.

O casal estava guardado por dois Bully Boys, ambos enormes e com punhos do tamanho de presuntos. Jack ergueu os olhos quando viu o irmão.

— Henry!

Henry ficou carrancudo ao ver o olho negro de Jack.

— Estás ferido?

— Estou fantástico! — disse Jack com um sorriso alegre. — Quase não sinto nada! — Apontou a rapariga bonita ao seu lado. — A minha mulher!

Lady Helene fez-lhe um pequeno aceno e uma cortesia.

— Olá, Vossa Graça.

Era uma estranha sequência de eventos, mas a educação de Henry assumiu o

comando e fez uma pequena vénia à jovem.

— Parabéns, minha senhora — disse, antes de devolver a atenção ao irmão. — Jack, ainda não estamos em segurança, por isso...

— Está bem! — afirmou Jack, virando-se para instalar Helene de volta nos degraus antes de cerrar os punhos ao lado do corpo.

Com essa parte resolvida, Henry atentou no resto da igreja. Em Adelaide, parada a meio caminho do altar, recusando-se novamente a olhar para ele. E para os outros presentes — as mulheres que se tinham recusado a deixá-lo vir sozinho.

Distribuídas muito casualmente pela pequena capela estavam a Duquesa de Trevescan, Imogen Loveless e Sesily Calhoun, cada uma sentada num banco diferente, saias garridas em tons de pedras preciosas brilhando à luz das velas, como se estivessem num musical e não na companhia de vilões em South Bank.

— Oi! — disse Alfie atrás dele, marchando pelo corredor. — De onde é que vocês todas saíram?

— Sinceramente, também estou curiosa acerca disso — disse Adelaide. — Porque é que as pessoas não conseguem ficar onde eu as deixo?

— Não temos a menor intenção de te deixar sozinha, Adelaide. Creio que deixei isso claro. Aonde uma de nós vai, vão as outras. Por isso... — A duquesa retirou uma partícula invisível de cotão das saias e virou-se para Trumbull. — Aqui estamos. Há uma entrada nas traseiras desta igreja, Alfred. Decerto que o sabe.

— Claro que sei! Mas como é que passaram? Está lá um guarda.

— Tenho a certeza de que ele é, em geral, um excelente guarda — continuou Sua Graça. — Mas a verdade é que os homens ficam frequentemente desconcertados quando têm uma mulher à frente. Trumbull virou-se para ela.

— Está a dizer-me que levaram a melhor ao meu guarda?

— Eu não, na verdade. — A duquesa apontou para Imogen Loveless. — A Lady Imogen.

— Oh, eu não me preocuparia com isso — comentou a mulher em questão. — Ele só vai ficar inconsciente por uma hora ou duas. Trumbull ficou perplexo por um instante, até parecer lembrar-se da razão de estarem ali.

— Muito bem. Embora, em situações normais, eu ficasse muito desagradado com uma coisa destas, é o dia do casamento da minha Addie, por

isso vou deixar passar.

— Casamento! — exclamou Sesily Calhoun.

— Devo dizer que não esperava isso — acrescentou Imogen. — Pensem no que seremos capazes de fazer com duas duquesas!

— Isso é fantástico! — exclamou Jack, parecendo não compreender completamente o perigo da situação. — Está mais do que na hora de assentares, Henry, se queres saber a minha opinião!

Henry não tinha a certeza de que o casamento com Adelaide pudesse ser definido como *assentar,* mas aceitaria o que ela lhe desse.

A Duquesa de Trevescan permaneceu em silêncio, de olhos fixos em Adelaide.

— Lamento, mas não haverá casamento, Jack — disse Adelaide.

— Duquesa, preciso de um empréstimo.

A duquesa ergueu uma sobrancelha loura, mas respondeu inequivocamente:

— Com certeza.

— Será decerto uma grande quantia, e posso não ser capaz de a pagar.

A amiga assentiu com a cabeça.

— Apesar disso, se precisares, o dinheiro é teu.

Então as três mulheres levantaram-se, e foram pôr-se ao lado de Adelaide, como uma equipa de tenentes bem treinados, enfrentando Henry, como se o inimigo fosse ele e não Alfie Trumbull, o verdadeiro criminoso empedernido ali presente. Todas pareciam dispostas a proteger Adelaide com a própria vida. E Adelaide ainda pensava que o mundo não a valorizava!

— Obrigada. — Acenou com a cabeça e virou-se para o pai. — Diz o teu preço, Alfie. Pagarei ainda mais que isso.

Trumbull olhou para Henry.

— Estou à espera.

— Receberás o teu dinheiro, qualquer que seja o preço do Havistock... — disse Adelaide.

— Não basta, rapariga — disse Alfie.

— Por isso é que ainda não terminei — disse ela, a irritação já a notar-se no seu tom ao repetir-se. — *Recebes o teu dinheiro...* e recebes-me a mim. Devolvida.

Houve gritinhos pela sala e o calor explodiu dentro de Henry. Ele reduziria Lambeth a cinzas antes de permitir isso.

— Nem pensar!

Algures, a duquesa falou.

— Mas que raio?

Alfie levantou as sobrancelhas.

— Devolvida.

— Ainda sou a tua melhor carteirista — disse ela, olhando apenas para o pai. — E agora tenho ligações a Mayfair e à aristocracia. Sou uma boa ladra. Uma das melhores de Londres e tu bem o sabes, porque te roubei à luz do dia. Não arranjarás melhor. — Fez uma pausa, respirando fundo. — A oferta é esta. O dinheiro e eu. Pelos recém-casados. E pelo Clayborn.

— E pela minha promessa de nunca mais voltar a trabalhar para o Havistock — adivinhou Alfie astutamente.

— Depois de deixares a Lady Helene ir com a duquesa, nunca mais terás oportunidade de trabalhar com ele — disse Adelaide. — Mas quero a promessa de que nunca mais vais atrás de nenhum deles.

— Com mil raios, Adelaide. — Henry estava farto. Sem esperar pela decisão de Trumbull, avançou para ela, disposto a atirá-la por cima do ombro e levá-la para fora daquela igreja, e resolver o assunto do irmão só depois de ter amarrado Adelaide Frampton a uma maldita cadeira. — Que mulher mais doida! — Não olhou para Trumbull quando acrescentou: — Alfie, vou usar pessoalmente todas as ferramentas ao meu dispor para te destruir e ao teu gangue, caso aceites essa oferta. O que não puder fazer sozinho, trago a maldita Guarda Real para acabar.

— Adelaide, isto é... ouve-o. — Sesily Calhoun concordava com ele, mas Henry não tinha tempo para pensar nas opiniões das amigas dela, cada uma, provavelmente, preparando-se para a batalha.

Henry chegou junto de Adelaide e puxou-a para os seus braços, resistindo à urgência de lhe inculcar algum juízo.

— Deito este sítio abaixo antes de te deixar ficar aqui, compreendes?

Ela afastou-se dele.

— Caramba, Henry! Esta é a única maneira de resolver o assunto. A única maneira de vos manter a todos seguros. Ao teu irmão. À Helene. A *ti.*

— Manter-me seguro em relação a quê?

— Queres ficar preso a mim? A este lugar? — Ela abarcou o espaço com um gesto. — Isto vai arruinar-te!

— E tu?

— Para mim é diferente. Nasci aqui. Conheço isto. Não suporto a ideia de te ter aqui. Sabendo o que estarias a sacrificar por mim.

— Qual sacrifício? Pensas que não conheço o teu passado? Já estive aqui antes, Adelaide. Contigo! Derrubei meia dúzia de homens do teu pai e persegui-te através deste maldito sítio!

— Não é a mesma coisa! *Nessa altura eu não te amava!*

A frase gritada ecoou pela capela, o alívio explodiu no peito dele, misturado com fúria.

— Tu amas-me? — repetiu ele.

— Sim! — Não havia nada de doce na resposta. Ótimo. Ele também não estava a sentir-se doce.

— Não o suficiente.

Ela arregalou os olhos e praticamente vibrou de fúria.

— Que disseste?

— Claramente não me amas o suficiente, se queres deitar tudo fora.

— Deitar fora? — As palavras dela eram sonoras. Furiosas. — Não percebes o que estou a tentar fazer? A dar-te?

— Não o quero. — Ele fechou a distância entre ambos. — Escuta-me, Adelaide Frampton, Addie Trumbull, Quebra-Casamentos, maldito caos — não quero nada que signifique amar-te à distância.

Comigo, louco de necessidade de ti, revirando Lambeth do avesso para te encontrar. Para te conseguir. Para te manter segura. Esfregou o peito com uma mão porque lhe doeu a memória de acordar e descobrir que ela tinha partido.

— Não sou uma donzela em apuros!

— E eu sou?! — Henry praticamente rugiu a pergunta. — Caramba, Adelaide, achas mesmo que és uma das tuas bonitas donzelas-escudeiras, escolhendo sozinha quem vive e quem morre no campo de batalha? Tu não tens de escolher isto. Não tens de te colocar à minha frente como um escudo. Eu estou aqui, e disponho dos meios para lutar por mim próprio. E, raios, ainda tenciono salvar o dia!

Fez-se silêncio e, atrás dele, alguém disse:

— Santo Deus! Vocês ouviram isto? — Talvez fosse Lady Sesily.

— Eu gosto dele. Com aquela barba mal-amanhada, eu própria ponderaria casar com ele. — Esta era Lady Imogen.

Henry não se importava muito com quem gostava dele nesse momento, porque estava ocupado a perder a cabeça.

— Julgas que vou deixar-te aqui? Cases comigo ou não cases. Ames-me, ou não me ames. Passes o resto da tua vida comigo, ou não. Mas não penses, nem por um segundo, que te vou deixar aqui. Sozinha.

— Arre! — gritou Adelaide, a sua frustração palpável. Ótimo. Deixá-la estar furiosa. Ele também estava. — O problema é esse. Tu és demasiado nobre! Pensas que o amor é suficiente. Não percebes que este não seria um casamento real; seria uma transação. Pensas que podes derrotar Alfie Trumbull no seu próprio jogo. Pensas que me queres. Mas não queres. Queres salvar o teu irmão e a esposa, e é o que deves fazer! Isso é bom e decente, e deves querer fazer tudo o que puderes para os salvar. Mas acredita quando te digo que casar comigo não é a solução. Casar comigo torna tudo pior. Traz-te para aqui. Para Lambeth. Para o crime e a lama e o meu *pai* — cuspiu a palavra —, que nunca na vida foi bom ou nobre ou decente.

— Então!? — interrompeu Alfie.

Adelaide continuou.

— Ele é um criminoso. Um ladrão. Tal como... — A voz dela falhou e Henry estendeu-lhe a mão. Desejando segurá-la. Remediar as coisas. Ela afastou-se, rejeitando-o. Deu um passo atrás e terminou. — Tal como eu. — Abanou a cabeça. — Uma vez disseste-me que nunca casarias por amor, porque tinhas medo do que os teus segredos podiam fazer à tua mulher.

— Tu libertaste-me disso — disse ele. — Quero casar. Tenciono casar. Tenciono casar contigo, raios!

Ela abanou a cabeça.

— O teu segredo... É o melhor de nós. É honra, é esperança, é amor. É aquilo a que todos aspiramos. Mas o meu... — Adelaide abriu os braços. — Pensas que um dia não vais olhar para trás e perceber que casares comigo é o pior de nós? Ganância, mentiras e crime. Vou arruinar-te, Henry. E eu... — interrompeu-se.

— Continua.

Os seus lindos olhos encontraram os dele, aveludados e cheios de lágrimas,

e ele soube o que ela ia dizer. Soube, também, que isso era tudo quanto queria.

— Di-lo, Adelaide.

— Como sobreviverei ao ver o homem que amo afastar-se de mim? Como sobreviverei a ser a pessoa que te arruína?

As palavras foram um golpe, ameaçando derrubá-lo.

— Arruinar-me? Caramba, Adelaide, tu construíste-me. Uma e outra vez, de todas as formas que importam. Sem ti, não sou nada. Um homem que aprendeu demasiado tarde o que o seu pai tentou tanto ensinar-lhe: que o amor é tudo o que existe. Tudo o que importa. Que tenho de fazer para te mostrar que casar contigo seria uma dádiva? Que passei as duas últimas semanas — mesmo durante o tempo em que estive inconsciente, devo acrescentar — a imaginar como seria seguir-te para a batalha com aquelas mulheres loucas, que te amam tanto quanto eu?

— Elas não são loucas.

— Oh, não te preocupes connosco, não nos ofendemos nada — disse Sesily à distância.

— A verdade é que somos um pouco loucas — disse Imogen.

— Fala por ti. — A duquesa.

— E é uma boa coisa que elas também te amem — continuou Henry obstinadamente. — Porque, se não amassem, eu teria pavor delas, porque sabem tudo e parecem estar em todo o lado ao mesmo tempo.

Adelaide deu uma pequena gargalhada.

— Sem dúvida que elas não se vão ofender com isso.

Henry inclinou-lhe o queixo para cima, embevecido pela impossível maciez da sua pele, as maçãs do rosto definidas, o veludo dos olhos por trás dos óculos. O ligeiro franzido da sua testa, que ele tencionava passar o resto da vida a alisar.

— Adelaide. Tu queres-me.

— Sim. Obviamente.

Ele sorriu pela resposta seca.

— Amas-me.

Ela abanou a cabeça.

— Não o devia ter dito. Isso não importa.

— Claro que importa, amor. É a única coisa que importa. Tu amas-me.

— Sim — confessou ela. — Mas não basta.

— O amor... é suficiente. — Ele puxou-a mais para si. — Claro que é suficiente. Tu, este mundo louco em que vives, estas mulheres loucas que fazem parte do pacote, tudo isto... é muito mais do que eu imaginei. É tudo. — Ele fez uma pausa, beijando-lhe os nós dos dedos até ela suspirar. — Então. Tu amas-me e eu amo-te, e estamos numa igreja perfeitamente agradável.

— Há tantos explosivos escondidos debaixo dos bancos que estamos a um fósforo de distância de arrasar South Bank — retorquiu ela.

— Há? Então vamos casar depressa e sair daqui. — Ele estava inclinado para ela, o polegar acariciando-lhe a pele macia da bochecha, o cheiro de chuva fresco rodeando-os, mesmo ali, naquela igreja antiga. — Casa comigo. Não porque o teu pai quer. Não porque fizeste uma troca. Casa comigo porque te amo. Porque me amas. Porque aqui, desta forma, nós vencemos.

Ela pegou-lhe na mão, encostando a bochecha à sua palma, e ele teria dado tudo o que tinha nesse momento para saber o que lhe ia na cabeça. Mas ela virou o seu olhar indecifrável para o pai e disse:

— Eu caso com ele e tu libertas o Lorde e a Lady Carrington. Imediatamente.

Henry exalou, firme e esperançoso. Era isto. Ela ia ser sua.

O sorriso de Alfie escancarou-se.

— Com certeza!

Ela semicerrou o olhar para o pai.

— Imediatamente, Alfie.

— Não duvides. — Virou-se para os guardas perto de Jack e Helene. — Linus, vai buscar o padre. — A sua vontade satisfeita, virou-se de novo para eles. — Só há mais uma coisa.

Claro que havia.

— Diz o que é.

— Uma coisa pequena, na verdade. Apenas o bastante para garantir que esta... — abanou uma mão entre eles — nova parceria não vai por água abaixo no momento em que saírem de South Bank.

Henry aguardou, perguntando-se qual seria o pedido final de Alfie.

— Quero o que está na caixa.

Adelaide ficou tensa ao lado de Henry, que perguntou:

— Qual caixa?

— Ora, não se faça de parvo comigo. Sei muito bem que não é burro. A Addie roubou-me uma coisa que lhe pertence. Algo por que o Havistock estava disposto a pagar uma boa quantia. E eu quero-o. Sabe, por uma questão de segurança. Para o caso de começar a pensar em anulações.

Henry ficou irritado pela sugestão de que não cumpriria os seus votos maritais — votos que tencionava honrar a cada momento de cada dia, para o resto da sua vida.

— Não — disse Adelaide para o pai, a palavra enfática e fria.

— Aquilo não é para ti.

— De facto é, visto que ma roubaste.

— Tu roubaste-lha primeiro.

— E aquele que acha, guarda — disse Alfie.

— Acho que queres dizer que *aquela* que acha, guarda.

— Não importa — disse Henry, procurando no bolso e extraindo a carta antiga do pai, que guardara no bolso antes de vir lutar por esta mulher que amava. Tal como o seu pai fizera. — Já não.

Ela estendeu uma mão para o travar.

— Henry. Não. Não é para ele. Não é para ninguém além de ti. — Franziu a testa, cheia de preocupação. — Esta memória é tua.

Provava que o amor existia, dissera-lhe ele acerca da carta e porque é que ninguém a tinha destruído. *Que é bom, valioso e verdadeiro.*

Mas agora ele não precisava disso. Agora, a sua prova era Adelaide, e a forma como ela o libertara do medo que sempre sentira do que estava naquela carta. Levantou-lhe a mão e beijou-lhe os nós dos dedos.

— Podes ter tudo o que é meu, basta que o desejes.

As lágrimas rolaram-lhe dos olhos bonitos quando reconheceu as palavras do pai dele para a mãe.

Respondeu, docemente.

— Tudo o que desejo é um futuro a que possamos, juntos, chamar nosso.

— Sim — disse ele, inclinando-se e beijando-a cuidadosamente, até Alfie resmungar e Jack e Helene baterem alegremente as palmas, e Sesily Calhoun berrar um «viva!» entusiasmado.

Quando terminou o beijo, Henry entregou a carta a Alfie, apesar dos protestos dela. Trumbull abriu-a, leu-a em silêncio e, impávido, dobrou o pergaminho e guardou-o no bolso do casaco.

— Vocês, os janotas, perdem mais tempo do que nós a preocuparem-se com o sítio de onde vêm. Não era melhor prestarem atenção ao sítio para onde vão?

Antes de ele poder responder, o guarda que Alfie mandara ir buscar o padre voltou com o homem a reboque.

— Muito bem! — Alfie bateu as palmas, aproximando-se de Jack e Helene e do altar.

— Gostaria de notar que este palerma concordou em fazer 12 lutas, e ainda está em dívida comigo. Espero ser pago. Vou considerar isso o meu dote.

Adelaide lançou-lhe um olhar.

— Os dotes normalmente funcionam em sentido oposto, Alfie.

O pai arregalou os olhos.

— O quê? Devia pagar-lhe por te tirar das minhas mãos?

— Bem, não é que eu estivesse nas tuas mãos nos últimos anos, mas sim.

— Nem pensar — disse ele. — Eu cá não vou fazer isso.

— Imagina a minha surpresa — disse ela secamente, enquanto os presentes formavam um pequeno círculo em torno do padre.

— Gosto de um casamento — disse Sesily.

A duquesa suspirou.

— Mais um homem adicionado ao grupo, suponho. Tanto trabalho. Tantas emoções.

— É melhor ter um marido numa ilha no meio do mar, não é? — atirou Adelaide por cima do ombro para a duquesa.

— É melhor não ter marido nenhum — retorquiu esta. — Mas, se tiver de ser, este duque não parece ser a pior das opções.

Henry inclinou a cabeça na direção da duquesa.

— Elevado elogio, Vossa Graça.

— Parabéns pelas suas núpcias — foi a resposta dela.

Henry pegou na mão da noiva, virou-a para si e pôs-lhe as mãos no rosto, inclinando-o para que ela o olhasse.

— Amo-te. Minha carteirista de South London. Minha queridinha de North London.

Algo diferente flamejou nos olhos dela, algo novo e perfeito. Aquilo por que ele ansiara desde o início. Algo honesto e límpido e cheio de esperança de um futuro. E ela estendeu uma mão para a enrolar no seu pescoço e puxou-o para um beijo.

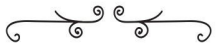
Quando terminou, ela abriu os olhos e sorriu-lhe, e uma onda de calor percorreu-o, até ele apenas querer casar e levá-la para casa. Para a cama deles.

Atrás dele, a porta da igreja abriu-se, sonora e agoirenta. O olhar de Adelaide voou por cima do ombro de Henry, e tudo mudou.

— É demasiado cedo para eu falar agora ou me calar para sempre?

Todos se viraram para o fundo da igreja, onde se perfilava Danny, triunfante como se tivesse ganhado nas corridas. E, ao seu lado, pistola na mão, o Marquês de Havistock.

Capítulo 24



Da última vez que estivera nesta igreja, Adelaide usava um vestido roubado e demasiado pequeno, e estava desarmada. Desta vez estava preparada, junto das mulheres que estavam ao seu lado desde que saíra de South Bank.

E do homem que jurara amá-la para sempre. Partilhar um futuro com ela.

Porém, agora que tinha Henry ao seu alcance, Danny e o Marquês de Havistock tinham chegado para arruinar mais um casamento seu.

Adelaide estava farta disso, e não era a única. Na sequência das palavras, toda a assembleia se virou e mudou de posição, lançando mão da arma mais próxima. Mãos deslizaram para dentro de bolsos, de casacos e, no caso de Adelaide, para a faca amarrada na coxa. Segurou o cabo de marfim e esperou enquanto o pai empunhava o bastão e fitava Danny.

Henry foi o primeiro a falar.

— Devia ter-te arrancado a cabeça quando tive oportunidade, Danny.

— Traído por um maldito traidor — rosnou Alfie. — E depois de eu te ter tratado como um filho.

Danny abriu muito os braços e sorriu à assembleia.

— Não é nada de pessoal, Alfie. Junto-me com o homem que é mais merecedor do meu tempo. Como tu já foste. — Fez uma pausa. — Mas cometeste um erro, porque esta história não acaba com a tua preciosa rapariga a casar com um duque.

— Já chega, Daniel — disse o Marquês de Havistock, claramente aborrecido por Danny estar a receber mais atenção do que ele. — Eu trato disto a partir daqui. — Levantou a voz para ser ouvido através da igreja. — É verdade o que se diz, não é? Que, se queres alguma coisa feita, tens de ser tu a fazê-la.

— Pai! — O honor e o desdém eram inegáveis na voz de Lady Helene.

— Oh, cala-te, Helene. Não estaríamos aqui se não fosses tu, minha rameira.

A rapariga arregalou os olhos e Jack deu um passo para diante dela, parecendo de repente muito mais velho do que os seus 26 anos.

— Não fale com ela assim!

— Falo com ela como eu quiser, rapaz. E tu farás melhor em respeitar os melhores que tu.

Com Helene debaixo das vistas de Havistock, Jack transformou-se completamente, a voz baixou, os punhos cerraram e o afeto sedutor transformou-se em ameaça total.

— Devemos achar que é melhor do que nós? O senhor, que alegremente assassina o seu parceiro de negócios à vista de Londres?

O olhar de Havistock semicerrou-se sobre a filha, atrás do braço estendido de Jack.

Ela empinou o queixo.

— Eu ouvi tudo. Ouvi o Lorde Draven dizer que estava preocupado com a situação das fábricas. Com a forma como tratava as crianças que lá trabalham.

— O Draven lucrou centenas de milhares de libras com essas fábricas — desdenhou Havistock. — E depois descobriu que uma consciência limpa não o livrava de uma morte precoce. E pensar que, se tivesses calado a boca, também podias ter evitado uma. — Levantou a pistola e apontou-as aos recém-casados.

No extremo oposto da igreja, Imogen procurou nos bolsos escondidos das suas saias verdes.

Notável. Não é todos os dias que um homem faz uma confissão de homicídio diante de uma dúzia de pessoas — disse Henry na sua voz mais tranquila e aristocrática. — No entanto, nunca achei a tua lógica normal durante os debates, pelo que não devia estar surpreendido.

A arma de Havistock apontou diretamente para o peito de Henry, e Adelaide começou a procurar no espaço instrumentos para acabar com o homem. Como se atrevia a ameaçar o seu quase marido!

— Clayborn. — A palavra do marquês saiu com desdém. — Sempre tão elevado e poderoso. Igual ao teu pai. Mas... não é bem assim, pois não? Não há uma gota de sangue aristocrático em ti. E aí estás, pontificando sobre o que é justo e correto na Câmara dos Lordes. Que hipócrita, agora que te fazes acompanhar por mulheres — cuspiu. — És uma vergonha, e devias agradecer a Deus por eu ir acabar com vocês todos. — Virou a pistola ferozmente, apontando-a para a duquesa e para Sesily.

Não. Nenhuma pessoa que Adelaide amava ia morrer nesse dia.

— É bastante arrojado, ameaçar uma sala cheia de pessoas apenas com a

ajuda do Danny, é o que lhe digo — disse Adelaide, injetando no seu tom toda a bravata que conseguiu.

Henry ficou tenso ao lado dela quando a pistola de Havistock a encontrou.

— Talvez comece por ti. Aquela com quem ninguém se rala. Sem dinheiro, sem nome, sem relações, sem valor. Posso devolver-te à lama de onde vieste. — Soou um rugido baixo, e Havistock olhou para Henry. — Oh, o Clayborn não gosta disto.

— É melhor fazer boa pontaria, senhor — disse Adelaide, empinando o queixo. — Porque, se falhar, garanto-lhe que vai saber o que é estar na lama. Regalarei toda a gente em Londres com a história de como o odioso marquês de Havistock acabou às mãos de uma coligação de mulheres poderosas e um senhor do crime de South Bank.

— Fizeste o teu dinheiro às custas dos pobres e dos fracos. — Henry deu um passo em frente, na direção da arma. — A maré está a virar, e olha para ti. — A sua voz baixou com desdém. — Tremes de medo.

Estava a lançar um isco a Havistock. E, se o olhar enlouquecido do homem servia de indicação, o isco resultaria. O marquês estava vermelho de raiva pelas palavras dela, pela afronta que continham. Adelaide sabia que estava a correr um risco. Ele ficaria descontrolado, sabendo, daquela maneira estranha que os homens encurralados tinham de saber, que não havia saída para ele aqui. Não podia matá-los todos. Não podia sobreviver a isto. Mas esforçar-se-ia bastante para levar alguns deles consigo.

Havistock semicerrou os olhos para Henry.

— Ouvi dizer que desceste ao esgoto com a rapariga. Diz-me, como achas que a aristocracia vai reagir à descoberta de que a preciosa prima da Duquesa de Trevescan não passa de uma bastarda de Lambeth? — Olhou para a duquesa. — Acha que alguém irá às suas festas quando descobrirem as suas mentiras?

A duquesa nem hesitou.

— Acho que metade de Londres só existe por causa de mentiras. Basta olhar para si, Havistock. A ideia de que o nascimento nos torna nobres, é a maior mentira de todas.

O ódio fervilhou dentro dele.

— Vou gostar de pôr uma bala em cada um de vocês.

— É esse o seu plano idiota? — disse Helene, claramente farta do homem. — Matar toda a gente?

— Farei o que tiver de fazer.

— Não, sem os meus músculos não o fará — disse Alfie, apontando para um homem junto da porta da igreja. — Agora está no meu território, Marquês, e entreguei a minha lealdade a outro.

— Claro que sim. Não esperaria mais do que isso: uma absoluta falta de honra — escarneceu Havistock. — Contudo, como vês, trouxe o meu próprio capanga, e tu tens um problema, Alfie. Há uma nova geração pronta para assumir o comando.

Danny sorriu e tirou da cintura uma faca de aspeto ameaçador.

— Está na hora de os Bully Boys terem uma nova liderança. Uma que não se ponha a si mesma acima da missão.

Alfie riu desdenhosamente.

— Não, rapaz. Se queres ser o rei, diz-me que queres o meu trono. Mas não me digas que é por gostares do aspeto da minha coroa. — Acenou para o guarda junto da porta, que partiu de imediato, provavelmente para chamar reforços. — Os rapazes não te seguirão se não confiarem em ti, e nunca confiarão em ti se acharem que estás a vender-lhes mentiras. Assim, não serás melhor do que o janota a quem entregaste a tua lealdade. — Inclinou a cabeça. — E acompanhares com títulos ricos também não é a melhor maneira de ganhar a confiança dos rapazes.

Danny riu desdenhosamente ao ouvir as palavras, proferidas com a certeza calma de um homem que já vivera um milhar de vidas e sabia com que linhas se cosia. Exatamente quando parecia que os dois iam iniciar a luta, Imogen encontrou o que procurava.

— Está calor aqui, não está? — gritou ela lá do fundo. As *Belles*, sabendo o que se seguiria, viraram-lhe as costas. Uma luz forte acompanhou um estrondo do outro lado dos bancos que distraiu Havistock e Danny por um momento muito breve.

Mas suficiente.

— Venha! — Sesily pegou na mão de Helene e puxou-a para a nuvem de fumo criada, em direção à porta traseira da igreja — a que Adelaide sabia que permitiria uma fuga rápida, pois ela própria a usara, anos antes.

— Depois disto, Lady Helene, precisamos de discutir o seu pai — disse Sesily.

— Depois disto — retorquiu Lady Helene, com um aço inesperado no seu

tom ao seguir Sesily para fora da igreja —, terei todo o gosto em discutir o meu pai.

Entretanto, Jack corria direito ao marquês, afastava a arma do caminho e atirava-o ao chão. A pistola disparou-se quando caíam, ecoando na igreja escura e agora cheia de fumo.

— Adelaide! — Henry virou-se para ela no momento em que ouviu o tiro, encostando-a firmemente ao seu peito, escudando-a contra a violência.

Quando se fez silêncio, ele abrandou o aperto e tatearam-se, com igual preocupação.

— Estás...

—... ferido?

Percorreram com as mãos o corpo do outro, em busca de sangue ou novas feridas.

— Caraças... — Henry inclinou-se e deu-lhe um beijo rápido e duro. — Fica aqui.

E desapareceu, de volta para a refrega, a que se juntou meia dúzia de brutos de Alfie chegados da rua, atraídos pela explosão, assim como um punhado de outros — provavelmente esperando o triunfo de Danny. Henry deu um soco e esquivou-se a um apontado à sua costela partida.

Adelaide estava cheia de indignação por alguém pensar que podia magoá-lo. O seu duque.

— Nem pensar que ficarei aqui — proferiu, pegando na faca e seguindo-o.

— Raios, Adelaide! — gritou ele, atirando mais um opositor ao chão com um soco. — Há armas por todo o lado e a tua amiga fez explodir a igreja!

— Não foi propriamente uma *explosão* — gritou Imogen alegremente à distância. — Não é danoso. Foi só uma pequenina que... — o fumo dissipou-se um pouco e ela sacudiu uma fina camada de poeira do vestido — criou uma deliciosa confusão!

— Estou ansioso por discutir os pormenores dos seus explosivos noutra ocasião, minha senhora — disse Henry, atirando um banco para o lado. — Mas a certa altura estes brutos vão lembrar-se de que, apesar de esta escaramuça ser entre eles, a guerra envolve as *Hell's Belles.*

Essa parte era clara, e Imogen concordou.

— Já vão ficar bastante irritados quando descobrirem...

Henry ficou subitamente atento a ela.

— Descobrirem o quê?

Adelaide foi distraída da resposta por um movimento na sua periferia; aproveitando a confusão, Alfie dirigia-se à porta. Ela cruzou o olhar com o dele, olhos tão castanhos como os dela mas muito menos honestos, e disse:

— Planeia a luta e prepara a fuga, não é, pai?

Ele nem sequer se mostrou desgostoso.

— Não vale a pena morrer por isto. Aquele rapaz não vai parar enquanto não casar contigo, por isso consigo o que quero, de uma maneira ou de outra.

Dois rufias atiraram-se a Adelaide por trás, empurrando-a para o peito de Alfie. Segurando-se ao seu casaco, ela endireitou-se.

— Não o fará, se os teus capangas o apanharem.

— Ora! — Ele apontou. — Esta noite, estão do teu lado.

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Os Bully Boys, lutando pelas minhas raparigas?

— Eu disse *esta noite*, Adelaide. Chama-lhe um presente de casamento.

Um grito soou por cima do ombro dela e Adelaide virou-se para ver Henry atirar um dos rapazes de Danny ao chão. Quando olhou de novo... o pai tinha desaparecido. Claro.

— Imogen!

Viraram-se todos para a chamada áspera da duquesa e encontraram-na acocorada sobre Havistock, ajudando Jack a amarrar o marquês assassino, que continuava a debater-se.

A duquesa olhou para o seu cativo e disse:

— Por acaso trouxeste um pouco daquela poção maravilhosa que usas para impedir os homens de falarem?

— Oh, não saio de casa sem ela! — pronunciou Imogen, e procedeu a deixar o homem inconsciente.

Henry ergueu uma sobrancelha na direção de Adelaide.

— Devo preocupar-me?

— Só se alguma vez nos chateares — respondeu ela alegremente, acenando com a cabeça e voltando à sua luta.

— Porque haveria de vos chatear? Agora faço parte da equipa, não faço?

Nesse momento, enquanto o caos reinava em torno dela e as palavras de Henry assentavam, maravilhosas e honestas, Adelaide percebeu que, com luta ou sem ela, estava muito feliz pela maneira como as coisas se desenrolavam. Lady Helene estava em segurança, Lorde Havistock estava prestes a ser capturado e, incrivelmente, impossivelmente, o Duque de Clayborn estava ao seu lado. Um parceiro.

E talvez ela pudesse ser uma carteirista de South Bank e ser, ao mesmo tempo, uma duquesa.

A família era aquilo que nós construíamos, dissera ela uma vez a Henry, quando ele lhe revelara a verdade acerca do seu pai. Ele escolhera o amor, porque não o escolheria ela? Porque não o reivindicaria e enfrentaria as consequências?

Afinal, ela tinha-o encontrado. Talvez não fosse terrível guardá-lo.

Era estranho encontrar paz a meio de uma refrega, mas, de alguma forma, parecia apropriado para uma rapariga criada como princesa entre os ladrões.

— Dava jeito mais uma corda aqui — disse Imogen, e Adelaide avançou para junto das amigas, puxando uma das fitas das saias. Olhou para baixo, perdendo a perspetiva da sala por uma fração de segundo, já sem reparar na multidão ou na localização de toda a gente lá dentro.

Uma fração de segundo foi quanto bastou.

Um braço pesado enlaçou-a pela barriga e encostou-a firmemente a um corpo alto e malcheiroso.

Danny.

— Não tenhas tanta pressa — disse ele. — Devias ter continuado desaparecida.

— Adelaide! — Henry gritou do outro lado da sala e começou a aproximar-se, com uma pistola nova na mão. — Larga-a, Danny.

— Nada disso — disse Danny. — Acho que não vou largar. Sabes quanto tempo tive de ouvir o Alfie a lamentar-se por ter perdido a sua melhor ladra? A sua melhor carteirista? Como a Addie era a única capaz de abrir uma fechadura com rapidez e limpeza? Sabes quantas vezes uma rapariga de olhos sonhadores

me pergunta se conheci Addie Trumbull? — A sua respiração era quente e azeda no ouvido dela e a lâmina da sua faca estava encostada à garganta dela. — Vou gostar de garantir que, desta vez, desapareces para sempre.

Henry estava a aproximar-se, olhos brilhantes de fúria, e Danny nem se importou, encostando-a mais a si.

— Baixa a tua arma, duque.

A pressão da lâmina intensificou-se e mordeu-lhe a pele. Adelaide cerrou os olhos, enfrentando a dor. Quando os abriu, Henry estava agachado alguns metros diante deles, os seus olhos azuis fitos nela, pousando a arma no chão.

— Lady Imogen?

— Sim, Vossa Graça? — Sempre casual, mesmo sob pressão.

— Está calor aqui, não acha?

A respiração de Adelaide prendeu-se-lhe no peito. Um sorriso abriu-se no rosto de Imogen.

— Um calor terrível.

Adelaide virou a cabeça, quando Imogen pontuava as palavras com outra luz brilhante e um estrondo enfumarado. Sem conseguir ver, Danny relaxou o seu aperto e Adelaide libertou-se, saindo do caminho antes de... um tiro ecoar.

— Ele atingiu-me! — gritou Danny do chão enquanto o fumo se dissipava, revelando Henry, de pistola na mão. — O canalha atingiu-me!

— Estava mais do que na hora, se queres a minha opinião — disse a duquesa, como se estivesse num jogo de *croquet e* não numa escaramuça na igreja.

Henry tomou Adelaide nos braços e pôs-lhe uma mão na face.

— Estás ferida?

— Não. — Ela abanou a cabeça. — Agora não, porque estou contigo.

Ele beijou-a, firme e rápido.

— Não acredito em ti. — A preocupação enrugava-lhe a testa enquanto os dedos lhe desciam pelo pescoço até ao ponto onde a lâmina de Danny fora pressionada contra a sua pele. Fez uma carranca ao que viu ali, um músculo a tremer-lhe na bochecha enquanto a desviava para o lado. Para ir atrás dele. Para terminar o trabalho.

Adelaide segurou-o.

— Não.

Henry não gostou — claro que não gostou, o seu guerreiro, prometendo-lhe a sua espada. Ele olhou para Danny, que se retorcia no chão, com a mão na coxa.

— Dá-me uma razão para o deixar viver.

— A razão é que South Bank não gosta de traidores, pois não, Danno? — E então ela tirou uma longa fita das saias e ofereceu-a a Henry. — Em vez disso, sugiro que deixemos um presente ao meu pai.

Danny era a luta derradeira e, enquanto Henry lidava com ele, Adelaide considerou o caos que tinham deixado na capela nesse dia: bancos virados, um candelabro tombado, fumo ainda a dissipar-se da explosão de Imogen, uma dúzia de homens inconscientes ou a prepararem-se para uma noite a desejar estarem inconscientes.

No meio de tudo isto, a duquesa e Imogen estavam a garantir ao padre que não apenas pagariam pelos danos nas alcovas como fariam um donativo generoso para reparar o vitral, que estava partido desde que Adelaide se lembrava.

Depois de serenar o padre com esta informação e com a promessa de poder usar a melhor carruagem do Duque de Trevescan para visitar a irmã na província, nesse mesmo dia, a duquesa virou-se para o resto do grupo, do fundo do corredor, e disse:

— Considerando que a Imogen causou dois estrondos bastante ruidosos, acho que devíamos fazer os possíveis por escapar enquanto podemos.

— Perdão — começou Imogen. — Quero enfatizar que esses estrondos ruidosos salvaram o dia.

— É bem verdade — disse Henry docemente, aninhando Adelaide debaixo do braço e beijando-lhe a têmpora enquanto percorriam a coxia. — Estou muito grato por isso, Lady Imogen. Permite-me que lhe compre um presente?

Imogen saltou para o corredor por cima de um banco tombado.

— Gosto de químicos.

Ele fez uma expressão surpreendida e Adelaide riu-se, sentindo-se leve, o coração cheio de alegria.

Henry deteve-se ao ouvir o som, virando-se e beijando-a até ela suspirar e lhe ceder. Quando interromperam o beijo, ele encostou a testa à dela e disse, em tom baixo e perfeito:

— Vou casar contigo, Adelaide Frampton. E vou passar o resto da minha

vida a amar-te.

Ela fechou os olhos e sussurrou:

— Diz-me outra vez a última parte.

Outro beijo gentil nos lábios.

— A parte em que te amarei para o resto das nossas vidas?

Ela assentiu com a cabeça, lágrimas a brilhar-lhe nos olhos. Susteve a respiração. Alguma vez se acostumaria àqueles olhos lindos? Teria uma vida inteira para tentar.

— Amo-te, Adelaide Trumbull. — Beijou-a, rápido e doce.

— Frampton.

Outro beijo.

— Carrington. — Um último. — Duquesa de Clayborn.

Ela abanou a cabeça e deu-lhe um sorrisinho, impossivelmente cheio.

— Esses ainda não.

Não era verdade. Ela já usava esses nomes no coração dele. E no dela, também.

Henry e Adelaide saíram de mãos dadas da igreja para encontrarem Imogen e a duquesa apertadas na carruagem que Sesily chamara.

Henry tinha outros planos — um passeio através do labirinto de ruas de Lambeth, mais lento do que o normal, devido a todos os beijos longos que lhe deu enquanto atravessavam as docas e a ponte de Westminster até ao quarto torreão do lado de Westminster.

— Não é de manhã — disse ele baixinho. — Mas espero que sirva.

A lua nascera e o rio tinha um brilho prateado — uma beleza diferente para os envolver.

— Diz-me outra vez o que desejavas — disse ele, puxando-a para si.

— A ti — disse ela, erguendo o rosto para o dele. — Desejava-te a ti. — Ele prendeu-lhe a cara nas mãos grandes e inclinou-a para a fitar nos olhos. — Desejava-te a ti, forte, nobre e bom, ao meu lado. Protegendo-me. Amando-me.

Ele acenou com a cabeça, sério e severo ao luar.

— Que mais?

Ela abanou a cabeça.

— Mais nada. Ele ter-me-ia amado. Era só o que eu queria nessa altura.

— E agora? Agora, o que é que desejas, Adelaide?

— Agora... — Ela encontrou os seus olhos, tão azuis. Tão honestos. E deu-lhe, em troca, honestidade. — Agora só te quero a ti. Seja qual for a forma. — Abanou a cabeça. — Mas parece impossível. Que tu possas amar-me assim. Mesmo conhecendo todos os meus segredos. O meu passado. O que acontecerá quando o mundo souber que casaste com uma ladra de Lambeth? Que conseguirás fazer, então? Que leis farás aprovar?

Ele abanou a cabeça com um sorrisinho.

— Esquece o mundo. Se não me deixarem aprovar as leis, lutarei ao teu lado para mudar o mundo de outra maneira. Tu, mulher gloriosa, brilhante e forte. Passarei o resto da minha vida a tentar ser digno de estar ao teu lado.

Outra lágrima rolou pela face dela ao ouvi-lo, por causa da sensação de, finalmente, acreditar nele. Esticou-se até aos seus lábios, beijando-o atentamente, e sussurrou o seu amor.

Apanhando-a tão perto de si, ele rouquejou ao seu ouvido.

— Quase me destruíste quando me deixaste. Não voltes a deixar-me.

— Não volto a deixar-te, prometo.

Ele acenou com a cabeça e extraiu uma pequena caixa do bolso. Adelaide ofegou quando a reconheceu, linda, em carvalho e filigrana. O anel brilhou ao luar quando ele o retirou da caixa e lhe pegou na mão.

— Queres casar comigo?

— Sim — murmurou ela.

Ele introduziu-lhe o anel no dedo.

— Quando?

Ela sorriu.

— Agora. Para sempre.

Outro beijo, e depois:

— Uma vez disseste que a minha mãe era o sol do meu pai. — Ele fez uma pausa. — Acho que tinhas razão. Antes de ti, eu não sabia o que era a luz.

Não parecia possível que aquele fosse o seu homem. Que iam casar e viver e amar e ter uma casa cheia de crianças e animais. Que iam discutir e rir e amar... e construir um futuro juntos. De corações cheios.

— Leva-me para casa, Adelaide Frampton.

Ela abanou a cabeça.

— Os meus quartos não são para duques.

— Visto pertencerem a uma futura duquesa, sou forçado a discordar.

Ela estremeceu ao ouvir as palavras.

— Vou ser uma duquesa terrível.

— Não me parece. Acho que serás o género de duquesa que usa o seu poder para mostrar um espelho ao mundo.

Os olhos dela perderam-se na ponte.

— Gostaria disso.

Ele beijou-a na testa.

— *Gostarei* disso.

Ela olhou-o nos olhos.

— E eu gosto de ti.

O beijo que ele lhe deu foi intenso, sombrio e pecador. Como um tesouro roubado. E quando terminou e ele encostou a testa à dela e murmurou o seu nome, Adelaide mal conseguiu respirar.

Quando finalmente o fez, foi para dizer:

— A propósito dos meus quartos... precisas de saber que... só tenho uma cama.

— Excelente. Estou a pensar deitar fora todas as camas extra na minha casa, também.

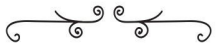
Ela riu-se enquanto ele a puxava para si, com um brilho malicioso nos olhos.

— Cadeiras, como já ficou bem demonstrado, basta-nos uma. — Beijou-a mesmo por baixo da orelha, fazendo-a arrepiar-se ao sussurrar: — E a carruagem. Só temos uma, já que deste cabo da outra com a tua beleza.

Ela riu-se, enrolando os braços no pescoço dele enquanto ele lhe prometia o mundo — tudo o que ela quisesse. Desde que ela casasse com ele. O mais depressa possível.

E ela, que não era tola, concordou alegremente.

Capítulo 25



O inspetor Thomas Peck estava a ter um dia mau. Nesse ponto, ainda nem se podia considerar um dia completo, mas Tommy já tivera a sua dose de maus dias e sabia, sem dúvida, que quando uma manhã começava com um agente a bater à porta do seu quarto alugado em Holborn, acordando a sua senhoria e pondo-a a proferir o seu sermão favorito — *As Pessoas Decentes Não Fazem Visitas Antes Do Pequeno-Almoço* — vinha aí um dia mau.

A confirmação veio quando entrou na capela de St Stephen, em Lambeth, onde, segundo múltiplos relatos, tinha havido uma batalha na noite anterior. A única prova eram alguns bancos virados, dois dos quais revelavam *bunkers* vazios por baixo, como se alguém tivesse levado os produtos armazenados à pressa.

O padre atribuído à capela estava, aparentemente, de visita à irmã em Nottinghamshire, por isso Tommy ficou a inspecionar o local sozinho, tendo descoberto um terceiro alçapão sob um banco frontal, que fora deixado torto.

Acabara de se baixar para o abrir quando alguém gritou do outro lado da igreja:

— Inspetor! Olá!

Soube antes de se virar o que ia encontrar: Lady Imogen Loveless — filha de um conde qualquer, irmã de demasiados lordes e amiga de algumas das mulheres mais poderosas da aristocracia. Pouco mais de um metro e meio, roliça, bonita e pandemónio absoluto.

Mordeu a língua. Esta mulher, não. Não hoje. Abanou a cabeça e apontou a porta, indicando-lhe que devia sair.

— Não. Fora.

Ignorando-o ostensivamente, ela continuou a sua aproximação, lançando um olhar curioso ao alçapão junto dos pés dele.

— Olha que buraco tão bem escondido. Foi o senhor que o fez?

Ele rangeu os dentes.

— Não.

— Ah. O que é que está lá dentro?

— Nada.

— Como sabe, se não o abriu?

— Lady Imogen, não há outra pessoa que possa ir visitar esta manhã?

Ela deixou passar um instante.

— De facto, não há.

Era o que ele temia.

— E suponho que será demais perguntar porque é que está precisamente no sítio onde me pode visitar a mim?

— Não é nada de mais — retorquiu ela. — Normalmente sei onde é que o senhor está.

Aquilo não lhe agradou.

— E porquê?

— Ora, para poder visitá-lo em caso de necessidade. — Pousou o saco num banco próximo que não tinha sido virado e abriu o fecho. — Gostaria de saber o que fiz na semana passada?

Nem pensar.

— O que é que fez na semana passada?

— Inventei um novo tipo de explosivo.

Que raio andava aquela mulher a tramar? E porque é que ele não conseguia ignorá-la quando ela estava por perto?

— Ocorre-me, Lady Imogen, que uma tal declaração pode ser considerada uma confissão.

— Oh, não se preocupe. Ainda não fiz nada.

Ele ficou calado por um momento, e depois:

— Ainda.

— Bem, a não ser que conte cobrir o meu laboratório de projéteis brilhantes inesperados.

Ele pestanejou e inclinou a cabeça.

— Projéteis inesperados.

— Não, os projéteis eram esperados. Obviamente, tratando-se de um explosivo — disse ela, abanando uma mão enluvada numa elaborada renda branca. — O que foi inesperado foi serem tão brilhantes. Sabia que seriam muito pequenos, mas isto... foi uma surpresa maravilhosa. Extremamente difícil de limpar, mas linda. Mais irritante do que perigosa.

— Não consigo imaginar como seria deparar-me com algo assim.

Ela sorriu-lhe, mas ele recusou-se terminantemente a ficar deslumbrado.

— Sinto-me muito lisonjeada por pensar assim.

— Eu... — Ele ia dizer-lhe que não queria dizer que ela era linda. Mas... ela era linda. Da forma selvagem, aterrorizadora e imprevisível que as tempestades e as leoas a caçar são lindas.

Antes de ele conseguir encontrar as palavras, ela falou.

— Contudo, está enganado. Eu sou muito mais perigosa do que irritante — disse ela alegremente, extremamente deslocada aqui, em Lambeth, no território dos Bully Boys.

Porque é que esta mulher, regularmente, o fazia sentir que tinha levado uma paulada na cabeça? Ela estava mais perto, agora, tão perto que, se ele estendesse a mão, podia tocá-la. Não que ele alguma vez a tocasse. Era provável que tivesse a roupa encharcada em veneno por causa de alguma experiência maluca.

— Lady Imogen... Que faz aqui?

Ela parou e olhou para ele, o seu bonito rosto redondo emoldurado por um halo de caracóis pretos.

— Trouxe-lhe um presente!

— Não. — Da última vez que recebera um presente desta mulher, este encontrava-se no cimo dos escombros da sua cela.

— Francamente, inspetor — repreendeu ela. — Eu até podia pensar que estava a ser deliberadamente rude. Pensei que nesta altura já apreciasse os meus presentes. Da última vez, transformei-o num dos solteiros mais elegíveis de Londres! Não é isso que lhe chamam no *News*?

— Não faço ideia — mentiu ele.

— Tenho a certeza de que é — disse ela. — Li que as mulheres solteiras de Mayfair adoram chamar a Scotland Yard a casa, na esperança de que apareça um certo inspetor. É uma espécie de jogo. E tem um nome. — Ele olhou para o teto. *Não o diga. — A Peek of Peck!*

Ele cerrou os dentes.

— Não presto atenção aos jornais.

— Deveras? — perguntou ela, com um brilho perigoso no olhar. — Isso é muito curioso, considerando como tem sido citado em algumas entrevistas acerca de... — Fez uma pausa, sem dúvida para o irritar. — O que é que chama àquelas senhoras? As *Hell's Belles?*

Tommy era capaz de apostar um ano do seu salário em como aquela mulher era uma *daquelas senhoras.*

— Não dei tal entrevista, Lady Imogen. De facto, acho esse nome ridículo.

— Oh, eu não — disse ela. — É mesmo perfeito. Faz-me desejar ter uma espada flamejante.

— Para sua sorte, é difícil pegar fogo ao aço.

— Bem, com essa atitude, decerto que é.

Antes de ele poder implorar à mulher que não deitasse *fogo* a South Bank, ela vasculhou naquele saco de viagem disparatado que levava para todo o lado, como se de repente pudesse precisar de montar acampamento para passar a noite.

Observou-a dobrada sobre o saco porque, a qualquer momento, ela podia destruir alguma coisa. Não por gostar de perceber o seu traseiro amplo debaixo das saias. E ainda menos por se perguntar como é que aquele amplo traseiro ficaria sem saias.

A mulher era o caos; ele não estava interessado no traseiro dela. Quando ela se endireitou e se virou para o olhar, brandindo um pequeno pacote embrulhado, não foi desapontamento o que o percorreu. Nem por sombras.

— Nada tema, apesar da sua ingratidão, vou dar-lhe na mesma o seu presente.

Ele não tencionava aceitá-lo, mas parecia incapaz de não aceitar, pequeno, redondo e quente através do papel que o envolvia.

— Que é isto?

— Uma sanduíche de bacon — disse ela com simplicidade. Como se fosse

uma coisa perfeitamente normal para entregar a um polícia no meio de uma igreja.

Desconcertado, ele disse:

— Fez todo o caminho até Lambeth para me trazer uma sanduíche de bacon.

Ela sorriu, e lá estava outra vez aquela sensação de ter sido golpeado.

— Percebi que foi chamado aqui antes de poder tomar o pequeno-almoço. Uma pessoa nunca deve apanhar vilões de estômago vazio.

— Como é que... — começou ele, depois deteve-se. — Lady Imogen, não devia estar aqui. Este não é um sítio para pessoas decentes.

— Francamente, inspetor, é uma casa do Senhor. — Voltou a vasculhar dentro do seu saco.

— Tenho a certeza de que é uma casa do Senhor que esteve até recentemente pejada de munições. — Lançou um olhar ao alçapão fechado. Possivelmente ainda cheio. Ela tinha de sair dali.

Ela dirigiu-lhe um sorriso vivo.

— O senhor é muito inteligente. Mas alguém tratou de resolver o problema por si, não é verdade?

— Preferia saber para onde é que as levaram.

— Oh, eu não me preocuparia — disse ela. — Estou certa de que terão uma boa utilização.

Ele semicerrou os olhos para ela quando um pensamento louco, impossível, lhe ocorreu.

— Lady Imogen?

— Sim.

— Não foi a senhora que removeu as armas, pois não?

— Oh, Céus, não — disse ela, com os olhos esbugalhados de inocência. — Consegue imaginar-me a carregar caixotes de explosivos pela cidade? Ia de certeza arruinar o meu vestido.

Ele não devia ter olhado para o vestido em questão, fino veludo da cor da floresta perene. A capa estava aberta, revelando o decote do corpete, tão

apertado que lhe revelava os seios amplos, para os quais ele, definitivamente, não devia olhar.

— Claro.

— Tenho pessoas para fazerem essas coisas.

O quê?

— Homens muito grandes e fortes — acrescentou ela, e Tommy descobriu que não gostava da imagem que aquelas palavras evocavam. Antes de poder responder, ela brandiu um dossiê azul com um sino índigo bem por cima da sua cabeça.

— Quer ver o seu verdadeiro presente?

Ele conhecia aquele dossiê. Já tinha visto um, deixado nos escombros quando alguém fizera explodir uma das suas celas na cadeia que ficava por baixo da Scotland Yard. Naturalmente, esta mulher tinha estado no edifício imediatamente antes de isso acontecer.

Ela encostou o dossiê ao peito e ele forçou-se a manter o foco nos seus olhos.

E foi quando ouviu. Um som, abafado e urgente. E humano.

Lady Imogen Loveless também o ouviu, e virou os olhos esbugalhados para o alçapão fechado aos seus pés.

— Inspetor, não acha que deve abrir essa coisa?

Ele apontou para o fundo da igreja.

— Vá para ali.

Ela seguiu a sua indicação.

— Para quê?

Esta mulher ia ser a ruína dele.

— Para prevenir.

— Prevenir o quê? — perguntou ela, mas continuou a recuar pela coxia. — É muito atencioso da sua parte, mas sou perfeitamente capaz de me defender, se for necessário.

Sem dúvida que a mulher tinha um garrote à mão. Virando-lhe as costas, ele agachou-se, tirando uma faca da bota.

— Oh, isso é uma ótima ideia — disse ela encorajadoramente.

— Obrigado — respondeu ele, como um verdadeiro idiota, antes de abrir o alçapão com um movimento ágil.

Ali, no buraco, amarrado e amordaçado com fitas de seda coloridas, estava...

— Santo Deus. É o Marquês de Havistock? — Ela estava de volta, junto do seu ombro, ou melhor, do seu cotovelo, espreitando para a cave. — Que surpresa!

— É estranho, Lady Imogen, que na verdade não pareça absolutamente nada surpreendida.

De facto, a fita que amarrava as mãos do marquês era exatamente da cor do vestido de Lady Imogen.

— Sim, bem, vou ser honesta. Sempre achei que o homem devia estar num buraco. Mas o senhor não disse que este armazém era para munições? Ele não parece uma caixa de munições. Será apenas uma munição, no singular?

Tommy olhou para ela.

— O quê?

— Adiante. Recomendo-lhe que leia o dossiê antes de o libertar. — Deu-lhe uma palmadinha no braço. — Quanto às munições desaparecidas, não receie. Hão de acabar por aparecer, mais cedo ou mais tarde, de uma maneira ou de outra.

— Hum — murmurou Tommy, abrindo o dossiê para descobrir um testemunho assinado por uma tal Lady Helene Carrington, *née* Granwell, única filha do Marquês de Havistock. Aparentemente, o marquês não só estivera envolvido no que quer que tivesse acontecido ali na noite anterior, como também assassinara o Conde Draven, e a sua filha testemunhara o crime. Tinham deixado o endereço dela para futuro interrogatório. Por baixo do depoimento assinado, um conjunto de dados adicionais — tratamento questionável de empregados nas fábricas do homem, livros de contas estranhos, crianças desaparecidas e mais.

Fechou o dossiê e passou os dedos pelo sino azul. Outra pasta cheia de provas, outro aristocrata criminoso deixado para ser encontrado por ele.

Outra vez as *Belles.*

E só então, no meio da sua surpresa, as palavras de Lady Imogen tiveram eco nele.

As munições terão uma boa utilização.

— O que é que disse?

Ela tinha desaparecido, e o ficheiro na sua mão era a única prova de que

tinha estado ali.

Voltou a olhar para o aristocrata amarrado aos seus pés e praguejou, a linguagem feia pontuada pela porta da igreja, um pesado eco que atraiu a sua atenção para o jovem agente de olhos esbugalhados e sem fôlego, que parou imediatamente ao ver Tommy.

— Inspetor.

Tommy acenou-lhe.

— Entra.

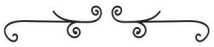
Ele assim fez, tirando uma carta do bolso.

Abrindo-a, o inspetor examinou o texto.

Relato de explosões ao princípio da manhã em todas as cinco fábricas de Havistock. Sem feridos nem testemunhas. Volte a Whitehall para reunião.

E desta forma, o dia de Thomas Peck foi de mal a pior.

Epílogo



O Duque de Clayborn acordou com o sol matutino, ao lado da mulher que amava, tal como acontecera todas as manhãs desde que juntos, em Lambeth, tinham lutado ombro a ombro pelo seu futuro. Enquanto a luz se infiltrava pela janela do quarto, banhando-o de um brilho dourado, o mundo do outro lado ainda carregado da serenidade da manhã, ele demorou-se a contemplá-la, como fizera tantas vezes no último ano. Como faria tantas vezes durante o resto da sua vida.

Respirando fundo, passou uma mão pela dor familiar no seu peito — uma parte de alívio por a ter encontrado, uma parte de alegria por ela ser sua, uma parte de incredulidade por ter sido tão abençoado que podia chamar sua àquela mulher.

Incapaz de lhe resistir por mais um momento que fosse, indinou-se e beijou-lhe a face quente, suave e rosada do sono. Quando ela suspirou, ele não conseguiu evitar o pequeno gemido de prazer no seu peito ao voltar a beijá-la, na linha do queixo, abaixo da orelha, no ponto de encontro do pescoço com o ombro, macio e doce e cheirando a tomilho e a chuva fresca. Acaridou-lhe o flanco, encontrando a barriga redonda, cheia com a criança que nasceria em breve.

Espreguiçando-se ociosamente, com um sorriso de satisfação, ela virou-se para o seu abraço, enrolando-lhe os braços no pescoço e encostando-se a ele, longa, quente e perfeitamente mada, antes de dizer, de olhos ainda fechados:

— Feliz aniversário de casamento, marido.

Ele roubou-lhe as palavras dos lábios.

— Igualmente, esposa.

Embora os planos de Alfie Trumbull não tivessem corrido bem e não tivesse assistido ao casamento da filha com um duque naquela noite na capela de St Stephen, Henry e Adelaide voltaram a Lambeth no dia seguinte, depois de o Duque de Clayborn ter usado todo o seu poder para conseguir uma reunião especial com o próprio arcebispo. Casaram, graças *a* uma licença especial, na

capela do Palácio de Lambeth. Como testemunhas estiveram presentes Jack e Helene, assim como a equipa de Adelaide — a Duquesa de Trevescan, Lady Imogen Loveless, Lady Sesily e o Sr. Calhoun, e Maggie O'Tiemen, que logo a seguir abrira o The Place para uma efusiva boda. A manhã cedera lugar à tarde e depois a uma noite cheia de celebração e felicitações e muitas danças.

E ninguém em Mayfair teria acreditado que o duque de Clayborn, conhecido pelo seu severo autodomínio, um homem que mostrava paixão apenas na tribuna da Câmara dos Lordes, passara a noite com a mulher nos braços, segurando-a escandalosamente encostada a si, enquanto desfrutavam um do outro e da promessa do seu futuro.

Nessa noite, exaustos e felizes, tinham tropeçado pelas escadas até ao alojamento de Adelaide — até à única cama nos seus quartos, cheios de livros e despojados de quase tudo o resto — e fizeram um amor lento e demorado para assinalar o primeiro dia do resto das suas vidas.

Desde então, os dois dividiam o seu tempo entre Covent Garden, onde os quartos que alugavam por cima do The Place estavam cheios de tecidos ricos e memórias ainda mais ricas e do riso de amigos e família, e a sua casa no campo, onde passavam os dias a explorar a propriedade, longe dos olhos curiosos da aristocracia, e as noites na cama, explorando-se um ao outro.

E Henry não conseguia acreditar na sua sorte — esta mulher linda, brilhante e magnífica... era sua. Para sempre.

Com mais um beijo, ele sussurrou:

— Lamento. Não queria acordar-te.

Adelaide arqueou-se para ele.

— Não lamento que me tenhas acordado. — Emaranhando os dedos no seu cabelo, olhou-o nos olhos e disse: — O que é que estavas a fazer?

— Estava a... — Ele fez uma pausa, descendo um dedo pela sua bochecha. Pelo pescoço. Pelo peito, onde um feérico caracol vermelho lhe emoldurava o bico de um seio. — notar-te.

— Tu notas-me sempre.

— É verdade — concordou ele em surdina, mergulhando no seu olhar de veludo. — Quando te ris com as tuas amigas, na tua carruagem como um cocheiro, enquanto lutamos juntos... — Porque eles lutavam juntos. Quando escreviam os seus discursos e defendiam as ideias dela, embora de momento

fizessem ligeiramente mais do primeiro e menos do segundo, até à chegada do bebé. — E hoje... enquanto dormias, embrulhada na beleza da manhã. Minha mulher.

Ela puxou-o mais para si, hesitando mesmo antes de o beijar.

— Meu marido.

Fazendo-a rolar e interrompendo a carícia, Henry fitou-a, tão cheio dela... do seu amor por ela, que mal conseguia fazer sentido disso — desta sensação que nunca esperara. Esta parceria com que nunca sonhara.

— Que sortudo sou — disse ele baixinho —, por te amar tão bem.

— Que sortuda sou — respondeu ela, acariciando-lhe a face —, por me amares tão bem.

Outro beijo, longo e demorado. Desta vez foi ela que o interrompeu, deslizando da cama ao som dos seus protestos enquanto vestia o roupão imaculado de seda branca e atravessava o quarto.

— É cedo, meu amor. Volta — chamou ele, recostando-se nas almofadas e observando-a, a luz projetando listas douradas sobre o seu corpo longo e maravilhoso. Provocando-o com o que se ocultava sob a peça de vestuário.

Ignorando-o, ela abriu uma gaveta e retirou uma caixa, virando-se para a levar para a cama.

— Não queres o teu presente?

Os olhos dele iluminaram-se de deleite.

— Um presente?

Ela riu-se.

— Pareces um menino, desesperado por um brinquedo novo.

— Tu és o único brinquedo de que preciso — informou ele, puxando-a para o seu colo, adorando o gritinho dela, antes de acrescentar: — Mas não quero ser considerado rude.

Quando ela pousou a caixa de mogno na cama, ele não lhe mexeu. Era plana — teria uns vinte centímetros de comprimento e apenas dois de fundo, decorada com uma bela filigrana. Duas letras, gravadas a ouro, entre um soberbo trabalho de escultura em madeira: A e H.

— Adelaide e Henry — disse ele, passando os dedos pelo desenho antes de perceber em que segurava. Encontrou os olhos dela com outro sorriso. — É um quebra-cabeças.

Ela confirmou.

— Muito menos complicado do que o que nos juntou, mas achei que tu...

Ele já trabalhava no quebra-cabeças, encontrando botões e alavancas e fundos falsos e imanes, e dez minutos depois fizera deslizar uma gaveta oculta e descobrira uma familiar pasta azul, com um intrincadamente detalhado sino índigo. E ao fundo, uma etiqueta que dizia: *Clayborn, Duque de.*

Ergueu as sobrancelhas em reconhecimento. Era um dossiê das *Hell's Belles,* provavelmente coligido e preparado pela própria Quebra-Casamentos. Lançou a Adelaide um olhar malicioso.

— Há quanto tempo tens isto?

Ela encontrou o seu olhar por um momento antes de voltar a atenção para o dossiê nas suas mãos. As suas orelhas estavam a ficar vermelhas?

— Adelaide?

Ela falou para o dossiê nas suas mãos.

— Compilei-o enquanto voltava para... o meu pai. Tencionava dar-to naquela noite. Mandá-lo entregar em tua casa, depois de ter lidado com o Alfie. De ter lidado com tudo.

— Depois de *termos* lidado com tudo, queres tu dizer.

Na sequência dessa noite, Havistock tinha sido julgado e condenado por matar um par do reino, Danny fora entregue a um cirurgião e depois levado às docas, onde pôde escolher entre ficar em Lambeth e lutar com Alfie ou partir para a Austrália e começar uma nova vida. E Alfie... continuara como chefe dos Bully Boys — uma pedra no sapato de Adelaide e Henry, mas mais fácil de gerir, agora que procurava respeitabilidade... e herdeiros.

— Depois de termos lidado com tudo — admitiu ela. — Mas nunca me parecia o momento ideal para revelar... o que está lá dentro.

Ele observou-a com um olhar curioso.

— E hoje, é?

Ela sorriu.

— É. Parece... apropriado.

— É justo. — Sem hesitação, abriu o dossiê, encontrando lá dentro duas folhas de papel. Reconheceu imediatamente a primeira, contendo um pequeno

grito na garganta ao retirar a carta do pai para a mãe, passando os dedos pela caligrafia antiga.

— Como é que tu... — começou ele, e depois parou. — O Alfie Trumbull é que a tinha. Dei-lha naquela noite.

Ela sorriu, como um gato diante de uma tigela de natas.

— E eu roubei-lha do bolso.

Ele franziu a testa.

— Quando?

— Nem dez minutos depois de ele a guardar lá.

Ele riu, um riso sonoro e deliciado.

— Imagino que ele não tenha gostado disso.

— Não foi em vão que criou a rainha dos carteiristas.

Ele abriu a carta e leu-a. Recordando-se de que tinha cumprido as expetativas do pai para ele. Tal como Jack, bem casado com Lady Helene, e já pai.

Adelaide pousou-lhe os dedos no braço enquanto ele fitava o papel.

— Feliz aniversário, meu amor — sussurrou. — Ao futuro a que possamos, juntos, chamar nosso.

— Sim — disse ele, erguendo os olhos para ela. — Juntos.

— Juntos — murmurou ela, antes de apontar para o dossiê. — Tens mais uma coisa.

Ele seguiu as suas instruções e levantou a segunda folha de papel.

— Essa é para ti.

Henry baixou os olhos e leu o texto, com o coração a bater loucamente no peito:

O *Duque de Clayborn dará um marido perfeito.*

Assinado,
A Quebra-Casamentos

Henry levantou os olhos, inundado de prazer, ainda que, lá no fundo, o incomodasse uma dúvida com um ano. Encontrou-a a fitá-lo, atenta à sua reação. Nos olhos dela leu uma série de emoções.

— Tencionavas dar-me isto... e partir?

Ela confirmou.

— Pensei que poderias tomar a decisão de procurar o amor, se soubesses como és... perfeito.

— Adelaide. — Puxou-a para si, encostando a testa à dela. — Não percebes que nunca teria procurado o amor fora de ti? Não havia mais ninguém. Nunca haveria. Amor... eu não sou perfeito. Apenas sou perfeito contigo. — Beijou-a de novo. — Caramba, amo-te... para além da razão. — Abanou a cabeça. — Não, não é verdade. Há uma dúzia de razões. Uma centena delas.

Ela sorriu, pura felicidade.

— Há?

— Queres que as enumere? — Ele devolveu a atenção ao pescoço dela, dando-lhe beijos na garganta enquanto a puxava para o colo e começava a sua lista... uma lista que podia continuar por mais um ano... por mais cinquenta. — A tua mente brilhante... o teu espírito rápido... a forma como arrombas uma fechadura, conduzes uma carruagem, produzes um dossiê... a forma como aterrorizas os homens de Mayfair e orgulhas as raparigas de Lambeth... os teus lindos olhos... o teu cabelo fascinante...

— Mmm — disse ela, os braços enrolando-se no seu pescoço. — Todas excelentes razões.

— És minha, Adelaide Frampton — sussurrou-lhe ao ouvido, baixo e intenso como uma dádiva. — Como alguém me disse certa vez, quem acha, guarda.

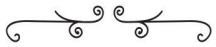
— Mmm — disse ela, enfiando os dedos no seu maravilhoso cabelo macio. — Mas fui eu que te encontrei, caso não te lembres.

Ele beijou-lhe o sorriso dos lábios até ela suspirar de prazer, e disse:

— Está bem, então. Tu é que me encontraste... mas eu vou guardar-te...

Qualquer argumento que ela pudesse ter apresentado perdeu-se noutro beijo. E noutro... E noutro...

Agradecimentos



Dois anos depois do início de uma pandemia global, não é demasiado dizer que foram as novelas românticas que me ajudaram a avançar. Não é surpresa para ninguém que me conheça fora dos meus livros que a parte principal da minha alegria vem deste género que adoro. Ler novelas dá-me uma recordação diária de que o mundo se alimenta de esperança, e a escrita destas novelas românticas — as Hell's Belles em especial — ao longo dos últimos dois anos foi um escape constante e esperançoso para um mundo onde pessoas bonitas, brilhantes e profundamente extraordinárias conseguem viver vidas bonitas, brilhantes e profundamente extraordinárias.

Mas a coisa mais extraordinária é esta: em todos os meus anos de escrita de novelas históricas, nunca tive uma ideia que não pudesse encontrar pelo menos um vislumbre de evidência na História, e as Hell's Belles não são exceção. Há alguns anos descobri as Forty Elephants, uma associação criminosa feminina e o maior círculo de carteiristas que o Reino Unido alguma vez veria. As Forties nasceram num mundo que as ensinou cedo a roubar para sobreviver — e as que ascenderam através das suas fileiras, não só sobreviveram como prosperaram durante quase um século.

Sem as loucas e maravilhosas histórias das Forty Elephants, nunca teria imaginado as Hell's Belles, com a sua vasta rede de batedores e espiões que sabiam lidar com salteadores (e salteadoras), brigas dentro de igrejas e carteiristas. Os Bully Boys são inspirados pela metade masculina das Forty Elephants — o gangue Elephant and Castle — anterior às Forties, excluindo as peles, a moda ou uma rainha. Para saber mais sobre ambos os gangues, não percam, *Alice Diamond and the Forty and Gangs of London,* de Brian McDonald.

A própria Adelaide foi inspirada pela maravilhosa coleção de fotografias de Horace Warner, Spitalfields Nippers, coligida e publicada pela Spitalfields Life Books. A caixa quebra-cabeças do pai de Henry foi inspirada pelas belíssimas caixas produzidas por Craig Thibodeau, a quem estou muito grata por horas de vídeos e explicações.

Como sempre, tenho uma tremenda dívida para com o Museu de Londres, a British Library e a New York Public Library por intermináveis tocas de coelho

para investigação... mesmo durante uma pandemia global. Abrace o seu bibliotecário de investigação mais próximo.

O ano de 2021 deixou-me ainda mais grata pelos bons amigos, ao lado dos quais lutarei de boa vontade sempre que precisarem. Primeiro, agradeço a Kate Clayborn e Megan Frampton pelo generoso uso dos seus nomes — são as maiores das maiores, e espero que tenham ficado orgulhosas. Este livro não existiria sem Louisa Edwards, Sophie Jordan, Jen Prokop, Adriana Herrera, Joanna Shupe, Christina Lauren, Meghan Tiemey e Erin Leafe — pois cada uma delas acreditou nele antes de mim. Um agradecimento especial a Kennedy Ryan, que me arrastou sobre a linha de meta... *mais uma vez.*

Agradeço à fantástica equipa da Avon Books, que continua a fazer os bons livros acontecerem, apesar da falta de papel, dos atrasos de impressão e da pandemia. Agradeço a Carrie Feron, Asanté Simons, Brittani DiMare, Brittani Hilles, DJ DeSmyter, Jennifer Hart, Eleanor Mickuki, Jeanne Reina, Liate Stehlik, Bridget Keamey, Christine Edwards, Carla Parker, Andy LeCount, Kristine Macrides, Fritz Servatius, Rachel Levenberg, Stefanie Lindner e Jessica Montany.

A completar este gangue de excelência estão Holly Root, Kristin Dwyer, Alice Lawson e Linda Watson — estou tão grata por cada uma de vocês.

Agradeço aos meus amores, V e Kahlo, que são doces e divertidos e nunca se cansam de me animar sempre que preciso, e a Eric, que tolera sempre o meu caos e por vezes até o acha encantador. À minha irmã, Chiara, que está no meu sofá neste momento, enquanto escrevo isto, a mais paciente das visitas — agora podes finalmente lê-lo!

E tudo isto antes de chegar a si, Caro Leitor! Os livros são só palavras até que vocês os leiam... obrigada por darem vida a Adelaide e Clayborn. Mal posso esperar que vejam Imogen e Tommy incendiar as páginas no próximo ano!